

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em Antropologia**  
**Área de Concentração em Arqueologia**



**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**CRÔNICAS DE TERRA E ÁGUA: ARQUEOLOGIA ESPACIAL E PAISAGENS  
COSMOLÓGICAS DOS ABRIGOS/GRUTAS COM SEPULTAMENTO JÊ DO  
SUL**

**Luiz Phellipe Silva de Lima**

**Pelotas, 2020**

**Luiz Phellipe Silva de Lima**

**CRÔNICAS DE TERRA E ÁGUA: ARQUEOLOGIA ESPACIAL E PAISAGENS  
COSMOLÓGICAS DOS ABRIGOS/GRUTAS COM SEPULTAMENTO JÊ DO  
SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, área de concentração em Arqueologia, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof Dr Cláudio Baptista Carle

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Louise Prado Alfonso

Pelotas, 2020

L732c Lima, Luiz Phellipe Silva de

Crônicas de terra e água : arqueologia espacial e paisagens cosmológicas dos abrigos/grutas com sepultamento Jê do Sul / Luiz Phellipe Silva de Lima ; Cláudio Baptista Carle, orientador ; Louise Prado Alfonso, coorientadora. — Pelotas, 2020.

291 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação

em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Arqueologia Jê do Sul. 2. Abrigos e grutas com sepultamento. 3. Arqueologia espacial. 4. Arqueologia funerária. 5. Cosmologia. I. Carle, Cláudio Baptista, orient. II. Alfonso, Louise Prado, coorient. III. Título.

CDD : 930.1

Luiz Phellipe Silva de Lima

**Crônicas de Terra e Água:** arqueologia espacial e paisagens cosmológicas  
dos abrigos/grutas com sepultamento Jê do Sul

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 25 de Novembro de 2020

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle (Orientador)

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Loredana Marise Ricardo Ribeiro

Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Verônica Wesolowski de Aguiar e Santos

Doutora em Ciência (Saúde Pública) pela Fundação Oswaldo Cruz

Dedico esta pesquisa àqueles os quais este passado arqueológico apresentado nesta dissertação pertence: os Jê do Sul. Do passado, presente e do futuro.

Também dedico àquele que me dedicou todo o seu amor e sempre me apoiou: Cosmo Ricardo de Lima, meu pai.

## **Agradecimentos**

Não posso começar os agradecimentos sem dedicar àquele que sempre esteve ao meu lado, não importasse o momento: Cosmo Ricardo de Lima. Muito obrigado por ser um pai perfeito, muito melhor do que eu merecia. Agradeço o destino por ter me permitido ser seu filho, fazer parte da sua jornada e por ter me dado o prazer de poder ter segurado sua mão em variados momentos. Obrigado por ser a minha melhor parte, a minha metade, meu melhor amigo, meu porto seguro, por ter me feito a sua maior paixão, por ser o meu tudo. Muito obrigado por ser o meu pai. Estaremos juntos hoje, amanhã e para todo o sempre, não importando as distâncias que nos separam fisicamente.

Muito obrigado ao Cláudio Carle e à Louise Prado Alfonso. Pelas conversas, correções, ideias, pela ajuda, orientação e pela parceria acadêmica. Obrigado por todo apoio, por me encorajarem a fazer a pesquisa que eu idealizei e amei realizar. Esta pesquisa me deixou feliz como arqueólogo e espero que possa ajudar as pessoas. Obrigado por terem sido meus orientadores nessa jornada importante que foi o meu mestrado e, principalmente, por terem acreditado em mim e em meu trabalho.

Agradeço à Camila Abel da Costa por ter sido minha parceira e companheira nessa jornada. Por ter estado ao meu lado nas frustrações, alegrias, nos momentos bons e ruins e, principalmente, por ter me aturado, o que não é uma tarefa nada fácil, acredito. Por ter me permitido compartilhar esse período da minha vida com alguém tão especial, sempre com muito amor e carinho. Muito obrigado por ter estado ao meu lado durante a etapa de pesquisas em São Leopoldo.

Agradeço também ao Ricardo, meu irmão, e à Vânia, minha madrinha. Por estarem ao meu lado, sempre me apoiando e me guiando a seguir o melhor caminho, seja profissionalmente ou como ser humano.

Muito obrigado à Danielle, minha prima e por ser a melhor prima do mundo. Por todas as conversas e momentos, que ajudaram a me moldar como pessoa, com certeza, uma pessoa melhor. Também agradeço por ter me presenteado com a câmera fotográfica que fez parte das minhas etapas de

campo, que auxiliou na obtenção dos dados para esta dissertação. Sem a sua ajuda, grande parte da minha dissertação não seria possível.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia que tive o prazer de conhecer e conversar, que ajudaram a me tornar um arqueólogo melhor, mais crítico e indagador. Um agradecimento em especial ao professor Rogério Rosa e à professora Loredana Ribeiro, por todas as conversas e discussões que me deram boas ideias para a escrita deste trabalho e que contribuíram para a continuidade da minha pesquisa.

Um agradecimento especial aos meus amigos e camaradas de caminhada arqueológica Cristiano e Yuri. Conhecemo-nos em 2013, no meu primeiro ano de arqueologia, em minha primeira escavação, e o destino fez questão de nos juntar, novamente, em 2018, como colegas de classe em um mestrado acadêmico. Obrigado pelas risadas, conversas, pela parceria e amizade. Desejo todo o sucesso do mundo para eles. Agradeço também à Vanessa, por ter estudado junto comigo em 2017 para o Processo Seletivo da UFPel, por ser tão diferente academicamente de mim e ainda assim me entender muito bem como arqueólogo. Desejo boa sorte em sua jornada.

Graciele Tules de Almeida, muito obrigado por ter se tornado uma grande irmã no ano de 2018, por ter dividido o apartamento comigo na Rua Garibaldi, por ter confiado em mim, por ter ouvido meus desabafos e por ser uma grande amiga. Minha jornada em Pelotas foi muito melhor, mais feliz e fraternal com a sua amizade.

Obrigado ao Sady por ter sido meu melhor amigo nessa jornada em Pelotas. Obrigado pelas conversas, risadas, cervejas, amizade e, principalmente, por ter sido aquele grande parceiro nos jogos do Mengão! Um grande obrigado também a Gabriel de Oliveira, por ter sido um amigo e um grande parceiro de jogos do Flamengo.

Agradeço aos meus colegas de Pós-Graduação: Danusa, Thiago, Carla, Luciano, Cícero e Marielda. Muito obrigado por todas as conversas (apesar de, infelizmente, ser sempre sobre arqueologia), pelas cervejas e alegrias que me proporcionaram. Desejo sempre o melhor a esses meus colegas.

Agradeço àqueles que se tornaram bons amigos ou fizeram a amizade aumentar, que compartilharam bons momentos comigo durante a minha

jornada em Pelotas: Ana, Tamara, Victória, Gabriel Arena, Paloma, Jaime, Raffale e Jonas.

Um obrigado mais que especial ao Claudio, à Jane e à Nicole. Por terem me adotado como um filho e irmão, por terem virado minha segunda família e por serem superpacientes por me hospedarem durante esse período de pandemia. Sou eternamente grato. Claro que não poderia deixar de agradecer a Nina, por ser a cadela mais fofa e companheira que existe.

Obrigado ao Bruno Labrador e ao Jonas Gregório, pelas conversas e por compartilharem parte de seus bancos de dados. Muito obrigado também ao Henrique Kozlowski por ter dialogado bastante comigo sobre arqueologia espacial e, principalmente, ter me auxiliado e ensinado a confeccionar os mapas da pesquisa.

Agradeço àquelas instituições as quais me permitiram fazer minha pesquisa de campo. Um obrigado ao Instituto Anchieta de Pesquisas e, em especial, ao Padre Ignácio Schmitz, por ter compartilhado comigo grandes histórias de sua vida, suas ideias, ter ouvido meus questionamentos arqueológicos e por ter dado a ideia de tirarmos uma *selfie*. Agradeço ao Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC, em especial a Luciana Zanenga Scherer. Agradeço também ao Colégio Catarinense e à Roberta Marques Porto.

Obrigado ao Lucas e ao Vinicius, por serem os irmãos que a vida me deu e por estarem ao meu lado por quase 15 anos da minha jornada neste mundo.

Agradeço também ao Gustavo Wagner e ao Lucas Silva, pelas ideias que me deram durante a minha banca de qualificação. Um grande obrigado à Loredana Ribeiro (olha só, mais um agradecimento!) e à Verônica Wesolowski, por terem aceitado serem membros da banca de defesa.

Obrigado ao Corteletti por compartilhar seu banco de dados e apontamentos sobre a minha pesquisa.

Se me esqueci de alguém, desculpe-me, mas sintam-se agradecidos também.



*There's got to be  
Just more to it than this  
Or tell me, why do we exist?  
I'd like to think that when I die  
I'd get a chance, another time  
And to return and live again  
Reincarnate, play the game  
Again and again and again and again*

Infinite Dreams – Iron Maiden

*Mas os outros Ainur olharam para esta habitação disposta dentro dos vastos espaços do mundo, que os Elfos chamam de Arda, a Terra; e seus corações regojizaram com a luz, e seus olhos, contemplando muitas cores, ficaram cheios de contentamento; mas, por causa do rugir do mar, sentiram uma grande inquietação. E observaram os ventos e o ar, e as matérias da quais Arda era feita, de ferro e pedra e prata e ouro e muitas substâncias; mas, entre todas essas, a água é que eles mais grandemente louvaram. E diz-se entre os Eldar que na água vive ainda o eco da Música dos Ainur, mais do que em qualquer outra substância que há nesta Terra; e muitos dos Filhos de Ilúvatar escutam ainda insaciados as vozes do Mar e, contudo, não sabem o que ouvem.*

O Silmarillion – J. R. R. Tolkien

*Uma vez Flamengo, sempre Flamengo  
Flamengo sempre eu hei de ser  
É o meu maior prazer, vê-lo brilhar  
Seja na terra, seja no mar  
Vencer, vencer, vencer  
Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer!*

Marcha do Clube de Regatas do Flamengo – Lamartine  
Babo

## Resumo

Esta dissertação tem como propósito ser um estudo unificado dos sítios em abrigos e grutas com sepultamentos no contexto da arqueologia Jê do Sul. A partir da revisão bibliográfica de 51 jazigos arqueológicos e os dados levantados sobre eles, tratando-os como uma unidade, as cronologias desses cemitérios foram analisadas em comparação à ocupação Jê do Sul. Criei mapas para realizar análises espaciais e da paisagem desses sítios através do geoprocessamento. Realizo analogias etnográficas para entender o contexto dos artefatos nas práticas funerárias. E, por último, identifico como esses sítios e suas paisagens configuram e materializam as cosmologias Kaingang e Laklãnõ. Esses grupos supracitados são os descendentes diretos desse passado arqueológico. A análise cronológica e espacial indica que, no período anterior ao ano 1000 A.D., esses cemitérios estão concentrados na região da borda oriental do Planalto Meridional, configurando uma prática Jê do Sul oriental, que são os ancestrais diretos dos Kaingang e Laklãnõ e, indica também que, após 1000 A.D. há a dispersão desses grupos, demonstrado pelos sítios arqueológicos, rumo ao ocidente do território. Aparecem nesses vestígios do período posterior a 1000 A.D. mudanças nas práticas funerárias, como: o aparecer do fogo e da cerâmica no contexto mortuário. Conforme os estudos espaciais e da paisagem, verifiquei que em 88% dos casos há cascatas, rios ou arroios *in situ* ou próximos, demonstrando a agência dessas paisagens e a intencionalidade na busca por esses fatores na paisagem para configurar o lugar como cemitério. Ao estudar as cosmologias Jê do Sul, em relação aos Kaingang, o contexto dos abrigos e das grutas presentifica a morada de Kamé e Kanhru, seus heróis mitológicos e fundadores, além de serem também fronteiras sociais entre os vivos e os mortos, assim como representam entradas para o *nügme*, mundo dos mortos Kaingang. A água materializa as águas diluviais e da morte, que, principalmente, mataram Kamé e Kanhru no dilúvio mítico. Este contexto na paisagem também presentifica os fundadores Laklãnõ: as grutas e os abrigos materializam os *klẽdo*, que saíram da montanha, enquanto as cascatas e os rios materializam os *vãjẽky*, que saíram da água.

Palavras-chave: Arqueologia Jê do Sul. Abrigos e grutas com sepultamento. Arqueologia espacial. Arqueologia funerária. Cosmologia.

## Abstract

This dissertation aims to be a unified study of the burial caves and rock shelters sites in the Southern Jê archaeological context. Based on the bibliographic review of 51 archaeological sites and the data collected about them, treating them as a unit, the chronologies of these cemeteries were analyzed in comparison to the Southern Jê occupation. I created maps to perform spatial and landscape analyzes of these sites through geoprocessing. I make ethnographic analogies to understand the contexto of artifacts in the funerary practices. And, finally, I identify how these sites and their landscapes configure and materialize the Kaingang and Laklãnõ cosmologies. These aforementioned groups are the direct descendants of that archaeological past. The chronological and spatial analysis indicates that, in the period before the year 1000 A.D., these cemeteries are concentrated in the region of the eastern edge of the Southern Plateau, configuring a eastern Southern Je practice, which are the direct ancestors of the Kaingang and Laklãnõ people, and also that after 1000 A.D. there is the dispersion of these groups, demonstrated by the archaeological sites, towards the West of the territory. In these vestiges of the period after 1000 A.D., changes in funeral practices appear, such as: the appareance off ire and ceramics in the mortuary contexto. According to the spatial and landscape studies, I found that in 88% of the cases there are waterfalls, rivers or streams *in situ* or nearby, demonstrating the agency of these landscapes and the intentionality in the search for these factors in the landscape to configure the place as a cemetery. When studying the Southern Jê cosmologies, in relation to the Kaingang, the context of the rock shelters and caves presents the home of Kamé and Kanhru, their mythological and founding heroes, in addition to being also social boundaries social boundaries between the living and the dead, as well as gates to the *nügme*, Kaingang world of the dead. The water materializes the flood and death waters, which mainly killed Kamé and Kanhru in the mythical flood. This contexto in the landscape also represents the Laklãnõ founders: the caves and rock shelters materializes the *klědo*, who left the mountain, while the waterfalls and rivers materialize the *vãjěky*, who left the water.

Key-words: Southern Jê archaeology. Burial caves and rock shelters. Spatial archaeology. Funerary archaeology. Cosmology

## Lista de mapas

Mapa 1: Localização dos sítios arqueológicos e localidades com relatos de sítios em abrigos e grutas com sepultamento. Autor: Phellipe de Lima .....	8
Mapa 2: Mapa com a localização de importantes abrigos e grutas com sepultamento. Autor: Phellipe de Lima .....	40
Mapa 3: Abrigos e grutas com sepultamento mais antigos contemporâneos, entre o período 122~590 A.D.. Autor: Phellipe de Lima .....	81
Mapa 4: Sítios contemporâneos entre o período 596~886 A.D.. Autor: Phellipe de Lima.....	82
Mapa 5: Abrigos e grutas com sepultamento contemporâneos no período 857-1018 A.D.. Autor: Phellipe de Lima .....	84
Mapa 6: Abrigos e grutas com sepultamento contemporâneos no período pós-ano 1000 A.D.. Autor: Phellipe de Lima.....	86
Mapa 7: Sítios com datações anteriores ao ano 1000 A.D.. Autor: Phellipe de Lima.....	90
Mapa 8: Mapa demonstrando a divisão de sítios em abrigos e grutas com outros sítios Jê do Sul contemporâneos em suas respectivas bacias hidrográficas. Autor: Phellipe de Lima .....	94
Mapa 9: Mapa demonstrando os sítios contemporâneos entre as bacias dos rios Pelotas e Canoas. Autor: Phellipe de Lima .....	97
Mapa 10: Mapa com os sítios datados pós-ano 1000 A.D.. Autor: Phellipe de Lima.....	100
Mapa 11: Mapa demonstrando a proximidade entre o sítio 3 de Mayo e El Dorado. Autor: Phellipe de Lima.....	101
Mapa 12: Sítios arqueológicos com suas respectivas datações. Autor: Phellipe de Lima.....	105
Mapa 13: Mapa demonstrando a divisão territorial entre Jê do Sul oriental e Jê do Sul ocidental. Autor: Phellipe de Lima .....	114

Mapa 14: Localização de abrigos e grutas com sepultamento e localidades com relatos desse tipo de sítio em relação com as bacias hidrográficas. Autor: Phellipe de Lima .....	118
Mapa 15: Mapa altimétrico da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima .....	123
Mapa 16: Mapa litológico da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima .....	129
Mapa 17: Mapa hidrográfico da região da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima .....	134
Mapa 18: Sítios da bacia dos rios Taquari-Antas em relação com o Rio das Antas. Autor: Phellipe de Lima .....	141
Mapa 19: Mapa altimétrico da região da bacia do Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima.....	149
Mapa 20: Mapa litológico da região da bacia do Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima.....	151
Mapa 21: Mapa hidrográfico da região da bacia do Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima.....	153
Mapa 22: Sítios da bacia dos rios Caí-Sinos em relação com os Rios Caí e Rio dos Sinos. Autor: Phellipe de Lima.....	155
Mapa 23: Mapa altimétrico da região da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima.....	160
Mapa 24: Mapa litológico da região da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima.....	164
Mapa 25: Sítios da bacia do rio Pelotas em relação com os rios Pelotas e Lavatudo. Autor: Phellipe de Lima.....	168
Mapa 26: Mapa hidrográfico da região da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima.....	170
Mapa 27: Relação do sítios de sepultamento em paredões rochosos e o Rio dos Bugres. Autor: Phellipe de Lima .....	173

Mapa 28: Mapa altimétrico da região da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima.....	177
Mapa 29: Mapa litológico da região da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima.....	180
Mapa 30: Sítios da bacia do rio Canos em relação com o Rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima .....	182
Mapa 31: Mapa hidrográfico da região da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima.....	183
Mapa 32: Mapa altimétrico da bacia do Itajaí. Autor: Phellipe de Lima .....	187
Mapa 33: Mapa litológico da bacia do Itajaí. Autor: Phellipe de Lima .....	191
Mapa 34: Mapa hidrográfico da bacia do Itajaí. Autor: Phellipe de Lima.....	194
Mapa 35: Sítios na bacia do rio Itajaí em relação com os rios principais da bacia. Autor: Phellipe de Lima.....	197
Mapa 36: Mapa altimétrico da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima .....	202
Mapa 37: Mapa litológico de parte da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima.....	205
Mapa 38: Mapa hidrográfico da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima.....	207
Mapa 39: Sítios da bacia do rio Paranapanema em relação com os rios principais da bacia. Autor: Phellipe de Lima.....	209
Mapa 40: Mapa altimétrico de Misiones (Argentina) . Autor: Phellipe de Lima .....	212
Mapa 41: Mapa hidrográfico de Misiones (Argentina). Autor: Phellipe de Lima .....	215

## Lista de imagens

Figura 1: Foto da Gruta do Lavatudo. Fotografia por: Rafael Corteletti.....	4
Figura 2: Mapas dos territórios. À esquerda no século XIX e à direita no século XX. Fonte: Laroque (2007) .....	32
Figura 3: Desenho de Maniser de um sepultamento Kaingang antigo em um montículo funerário com seus respectivos acompanhamentos funerários. Fonte: Veiga (2000).....	35
Figura 4: Mapa com os territórios tradicionais Laklãnõ do acervo pessoal de Namblá Gakran. Fonte: Gakran (2015, p. 19) .....	37
Figura 5: A Gruta do Matemático. Fonte: Copé (2006).....	42
Figura 6: Visão interna da Gruta do Matemático. Fonte: Copé (2006) .....	43
Figura 7: Calibração da data proveniente da Gruta do Matemático feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima ..	44
Figura 8: Perfil do sítio Perau das Cabeças. Fonte: Copé (2006) .....	46
Figura 9: Calibração da data do sítio RS-S-328/Caipora feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima .....	47
Figura 10: Calibração da data proveniente do sítio Virador I feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima .....	50
Figura 11: Sepultamento múltiplo do sítio Virador II. Fonte: Ribeiro (1975) .....	53
Figura 12: Ilustração do sepultamento proveniente do sítio PR WB 16. Fonte: Chmyz <i>et al</i> (2008, p. 45) .....	56
Figura 13: Calibração da data proveniente do sítio Tunas (PR WB 16) feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima.....	57
Figura 14: Calibração da data proveniente do indivíduo R4 da Serra do Veado feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima.....	59

Figura 15: Calibração da data proveniente do indivíduo QN5 da Serra do Veado feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima.....	59
Figura 16: Calibração da data proveniente do indivíduo QN3 da Serra do Veado feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima.....	60
Figura 17: Sepultamento identificado como “esqueleto 1”. Fonte: (Fogolari, 2013).....	61
Figura 18: Sepultamento de uma criança. Fonte: Fogolari (2013) .....	61
Figura 19: Esquema representativo da Gruta 3 de Mayo com seus sepultamentos. Fonte: Rizzo <i>et al</i> (2006).....	64
Figura 20: Calibração da data proveniente da Gruta 3 de Mayo em Loponte <i>et al</i> (2016), feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima .....	65
Figura 21: Remanescentes osteológicos <i>in situ</i> na Gruta Santa Bárbara. Fonte: Almeida (2014).....	66
Figura 22: Remanescentes osteológicos humanos na Gruta do Lavatudo. Fonte: De Lima (2017).....	68
Figura 23: Calibração da data proveniente do sítio Urubici-7 feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima .....	72
Figura 24: Calibração da data proveniente do sítio Alto Jararaca feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima..	73
Figura 25: Calibração da data proveniente do sítio Ribeirão Herta feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima..	74
Figura 26: Calibração da datação do indivíduo SC-RA-01. Feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima .....	75
Figura 27: Calibração da datação do indivíduo SC-RA-03-. Feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima .....	75
Figura 28: Calibração da datação do indivíduo SC-RA-05. Feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima .....	76



Figura 29: Calibração da datação do indivíduo SC-RA-06. Feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima .....	76
Figura 30: Gráfico para demonstrar a contemporaneidade entre os indivíduos datados do sítio Rio dos Altos. Feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima .....	77
Figura 31: Gráfico para ilustrar a contemporaneidade entre os indivíduos do sítio Serra do Veado. Feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima .....	78
Figura 32: Calibração da data proveniente do sítio Santa Bárbara. Feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima ..	79
Figura 33: Gráfico demonstrando a contemporaneidade entre os sepultamentos em abrigos e grutas e os sítios mais antigos Jê do Sul, divididos por suas respectivas bacias hidrográficas. ....	92
Figura 34: Gráfico demonstrando a contemporaneidade entre os sepultamentos dos sítios Rio dos Altos e Santa Bárbara, em comparação com as datas de ocupação do sítio Urubici-31/Bonin. Feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima .....	96
Figura 35: Gráfico que representa os eventos de contato entre Jê do Sul e grupos falantes Tupi-Guarani em relação com as datações de abrigos e grutas com sepultamento. Autor: Phellipe de Lima .....	107
Figura 36: Ilustração acerca das estipulações conforme a S.B.E de gruta, abrigo e abismo. Fonte: Frigo (2017) .....	119
Figura 37: Monografia de Werlang (1981) indicando o sítio em Jaquirana. Foto por: Phellipe de Lima.....	125
Figura 38: Fragmento de louça do período histórico proveniente da Gruta do Lavatudo. Foto por: Phellipe de Lima e Marina Di Giusto .....	174
Figura 39: Resto de trançado proveniente do sítio Vacas Gordas, presente no Colégio Catarinense. Foto por: Phellipe de Lima .....	240
Figura 40: Ilustração de Maniser sobre o transporte de um morto Kaingang. Fonte: Veiga (2000).....	241

Figura 41: Fotografia da Gruta 3 de Mayo. Fonte: Bauni & Homberg (2015) .	246
Figura 42: Imagem das artes rupestres do sítio Virador I, com a legenda original presente em Silva (2001) .....	248
Figura 43: Sepultamento N3. Fonte: Fogolari (2013) .....	251
Figura 44: Sepultamento N5. Fonte: Fogolari (2013) .....	252
Figura 45: Contas de colar de conchas do sítio Serra do Veado. Fonte: Fogolari (2013).....	252
Figura 46: Contas de colar de restos faunísticos da Serra do Veado. Fonte: Fogolari (2013) .....	253

## Lista de Gráficos

Gráfico 1: Gráfico que demonstra as datações provenientes dos sítios de sepultamento em paredões rochosos no contexto Jê do Sul feita através do site OxCal ( <a href="https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html">https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html</a> ). Autor: Phellipe de Lima .....	80
Gráfico 2: Gráfico de altitude dos sítios na bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima .....	125
Gráfico 3: Gráfico acerca do tamanho dos sítios da bacia dos rios Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima .....	128
Gráfico 4: Litologia dos sítios da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima.....	131
Gráfico 5: À esquerda gráfico sobre a forma de água corre in situ nos sítios da bacia do rio Taquari-Antas; à direita distância destas fontes de água <i>in situ</i> dos sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima.....	136
Gráfico 6: Hierarquia fluvial de inserção dos sítios da bacia do rio Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima .....	137
Gráfico 7: Direção da hierarquia fluvial dos sítios da bacia do rio Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima .....	137
Gráfico 8: Relação da hierarquia fluvial dos sítios com os rios principais da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima .....	139
Gráfico 9: Rios principais da bacia do rio Taquari-Antas e os sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima .....	140
Gráfico 10: Sítios com e sem artefatos na bacia do rio Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima .....	143
Gráfico 11: Altitudes dos sítios da bacia do Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima .....	161
Gráfico 12: À esquerda gráfico sobre a forma de água corre in situ nos sítios da bacia do rio Pelotas; à direita distância destas fontes de água <i>in situ</i> dos sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima .....	166
Gráfico 13: Hierarquia fluvial a qual os sítios estão inseridos na bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima .....	167

Gráfico 14: Direção da hierarquia fluvial a qual os sítios estão inseridos na bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima .....	167
Gráfico 15: À esquerda, formas de água corrente <i>in situ</i> nos sítios da bacia do rio Itajaí. À direita, distância destas fontes d'água dos sítios. Autor: Phellipe de Lima.....	196
Gráfico 16: À esquerda, hierarquia fluvial que os sítios estão inseridos na bacia do Itajaí. À direita, direção destas hierarquias fluviais. Autor: Phellipe de Lima .....	196
Gráfico 17: Proporção de sítios por bacia hidrográfica. Autor: Phellipe de Lima .....	219
Gráfico 18: Proporção de todos os sítios conforme o tamanho. Autor: Phellipe de Lima.....	222
Gráfico 19: Tipologia geral dos sítios. Autor: Phellipe de Lima .....	223
Gráfico 20: Forma de água corrente <i>in situ</i> dos 51 sítios. Autor: Phellipe de Lima.....	228
Gráfico 21: Distância da forma de água corrente dos 51 sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima .....	229
Gráfico 22: Hierarquia fluvial geral a qual os sítios estão inseridos. Autor: Phellipe de Lima .....	230
Gráfico 23: Proporção da hierarquia fluvial dos sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima .....	231
Gráfico 24: Proporção geral da hierarquia fluvial dos sítios conforme os pontos cardeais. Autor: Phellipe de Lima.....	232
Gráfico 25: Hierarquia fluvial geral dos rios principais próximos aos sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima .....	232

## Lista de Tabelas

Tabela 1: Tabela com os sítios 51 sítios arqueológicos e a fonte consultada. Autor: Phellipe de Lima .....	6
Tabela 2: Número mínimo de indivíduos dos sítios em grutas/abrigos com sepultamento. Autor: Phellipe de Lima .....	25
Tabela 3: Marcadores de estressor fisiológico nos sítios. Autor: Phellipe de Lima.....	26
Tabela 4: Análises isotópicas dos sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima .....	28
Tabela 5: Datações de sítios de sepultamento em paredões rochosos. Autor: Phellipe de Lima .....	70
Tabela 6: Datações com datas anteriores a 1000 A.D. provenientes de abrigos e grutas com sepultamento. Autor: Phellipe de Lima .....	88
Tabela 7: Tabela demonstrando a contemporaneidade entre os sepultamentos em abrigos e grutas e outros sítios antigos Jê do Sul. Autor: Phellipe de Lima	90
Tabela 8: Datações com datas pós-ano 1000 A.D.. Autor: Phellipe de Lima ...	99
Tabela 9: Sítios da bacia do Taquari-Antas com suas coordenadas e fonte utilizada. Autor: Phellipe de Lima .....	121
Tabela 10: Dados de altitude dos sítios da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima .....	122
Tabela 11: Dimensões dos sítios da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima.....	127
Tabela 12: Sítios da bacia do Taquari-Antas e suas litologias. Autor: Phellipe de Lima.....	130
Tabela 13: Dados hidrográficos da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima.....	135
Tabela 14: Artefatos dos sítios da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima.....	144

Tabela 15: Sítios da bacia dos rios Caí-Sinos com suas coordenadas e fonte utilizada. Autor: Phellipe de Lima .....	147
Tabela 16: Dados altimétricos dos sítios na bacia dos rios Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima .....	148
Tabela 17: Dimensões dos sítios da bacia do rio Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima.....	149
Tabela 18: Litologia dos sítios da bacia dos rios Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima.....	150
Tabela 19: Dados hidrográficos dos sítios da bacia do rio Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima .....	154
Tabela 20: Artefatos dos sítios da bacia do Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima .....	156
Tabela 21: Sítios da bacia do rio Pelotas com suas coordenadas e fonte utilizada. Autor: Phellipe de Lima .....	159
Tabela 22: Dados altimétricos da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima .....	159
Tabela 23: Dimensões dos sítios da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima.....	162
Tabela 24: Litologia dos sítios da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima .....	163
Tabela 25: Dados hidrográficos da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima .....	165
Tabela 26: Artefatos dos sítios da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima .....	171
Tabela 27: Sítios da bacia do rio Canoas com suas coordenadas e fonte utilizada. Autor: Phellipe de Lima .....	175
Tabela 28: Altimetria dos sítios da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima .....	176
Tabela 29: Dimensões dos sítios da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima.....	178

Tabela 30: Litologia dos sítios da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima .....	178
Tabela 31: Dados hidrográficos da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima .....	181
Tabela 32: Artefatos dos sítios da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima .....	184
Tabela 33: Sítios da bacia do rio Itajaí com suas coordenadas e fonte utilizada. Autor: Phellipe de Lima .....	185
Tabela 34: Dados altimétricos da região da bacia do Itajaí. Autor: Phellipe de Lima.....	188
Tabela 35: Dimensões dos sítios da bacia do rio Itajaí. Autor: Phellipe de Lima .....	189
Tabela 36: Litologia dos sítios da bacia do Itajaí. Autor: Phellipe de Lima .....	192
Tabela 37: Dados hidrográficos da bacia do Itajaí. Autor: Phellipe de Lima...	195
Tabela 38: Artefatos dos sítios da bacia do rio Itajaí. Autor: Phellipe de Lima	198
Tabela 39: Sítios da bacia do Paranapanema com suas coordenadas e fonte utilizada. Autor: Phellipe de Lima .....	201
Tabela 40: Altimetria dos sítios da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima.....	203
Tabela 41: Dimensões dos sítios da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima.....	203
Tabela 42: Litologia dos sítios da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima.....	206
Tabela 43: Hidrografia dos sítios da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima.....	208
Tabela 44: Artefatos dos sítios da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima.....	210
Tabela 45: Sítio 3 de Mayo com sua coordenada e fonte utilizada. Autor: Phellipe de Lima .....	211

Tabela 46: Altimetria da Gruta 3 de Mayo. Autor: Phellipe de Lima .....	213
Tabela 47: Dimensões do sítio 3 de Mayo. Autor: Phellipe de Lima .....	213
Tabela 48: Dados hidrográficos do sítio 3 de Mayo. Autor: Phellipe de Lima.	216
Tabela 49: Artefatos do sítio 3 de Mayo. Autor: Phellipe de Lima .....	216
Tabela 50: Sítios arqueológicos citados na pesquisa com suas respectivas bacias hidrográficas. Autor: Phellipe de Lima.....	218
Tabela 51: Dimensões dos sítios utilizados nesta pesquisa. Autor: Phellipe de Lima.....	220
Tabela 52: Tipologia dos sítios. Autor: Phellipe de Lima .....	223
Tabela 53: Dados hidrográficos dos sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima.....	225
Tabela 54: Artefatos geral dos sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima	234



## Sumário

<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>Capítulo 1 – Revisão bibliográfica: o que sabemos sobre os sítios de sepultamento em paredões rochosos até o momento?</b> .....	<b>12</b>
1.1 Os estudos pré anos 1960 .....	12
1.2 Os anos 1960 e 1970: levantamentos iniciais, a arqueologia histórico-cultural do PRONAPA e o encaixe em tradições arqueológicas .....	13
1.3 Grutas e abrigos com sepultamento no contexto da Nova Arqueologia: o estado da arte das pesquisas .....	19
1.3.1 As pesquisas dentro da problemática de sistema de assentamento....	20
1.3.2 Os estudos com a problemática da bioarqueologia .....	24
1.4 Os Jê do Sul.....	29
1.4.1 Os Kaingang .....	30
1.4.2 Os Laklãnõ-Xokleng.....	35
<b>Capítulo 2 – Pesquisas arqueológicas importantes na forma de estudos de caso de abrigos ou grutas com sepultamento</b> .....	<b>39</b>
2.1 A Gruta do Matemático (RS-A-8) .....	40
2.2 Perau das Cabeças (RS-A-28).....	44
2.3 Sítio Caipora (RS-S-328) .....	46
2.4 Os sítios Virador I e II.....	48
2.5 Abrigo Tunas (PR-WB-16) .....	54
2.6 Sítio Serra do Veado.....	57
2.7 Sítio 3 de Mayo .....	61
2.8 Gruta Santa Bárbara (SC-Urubici-27) .....	65
2.9 Gruta do Lavatudo .....	66
<b>Capítulo 3 – O tempo e o espaço: cronologias de sítios em abrigos e grutas com sepultamento no contexto geográfico</b> .....	<b>69</b>
3.1 Sítios datados antes de 1000 A.D.....	88

3.2 Sítios datados após 1000 A.D.....	99
3.3 Pensando as cronologias: algumas discussões.....	105
<b>Capítulo 4 – Análise espacial dos sítios arqueológicos .....</b>	<b>117</b>
4.1 Sítios na região da bacia dos rios Taquari-Antas.....	121
4.1.1 Implantação dos sítios conforme altitude .....	122
4.1.2 Os sítios e as suas dimensões: abrigos ou grutas? .....	127
4.1.3 Os sítios arqueológicos em relação com a litologia .....	129
4.1.4 Os sítios arqueológicos conforme a hidrografia .....	132
4.1.5 Os sítios e os artefatos.....	143
4.2 Sítios na região da bacia dos rios Caí e Sinos.....	146
4.2.1 Implantação dos sítios conforme altitude .....	147
4.2.2 Os sítios e as suas dimensões: abrigos ou grutas? .....	149
4.2.3 Os sítios arqueológicos em relação com a litologia .....	150
4.2.4 Os sítios arqueológicos conforme a hidrografia .....	152
4.2.5 Os sítios e os artefatos.....	155
4.3 Sítios na região da bacia do rio Pelotas .....	158
4.3.1 Implantação dos sítios conforme a altitude: .....	159
4.3.2 Os sítios e suas dimensões: abrigos ou grutas? .....	161
4.3.3 Os sítios arqueológicos em relação com a litologia .....	162
4.3.4 Os sítios arqueológicos conforme a hidrografia .....	165
4.3.5 Os sítios e os artefatos.....	171
4.4 Sítios na região da bacia do rio Canoas .....	175
4.4.1 Implantação dos sítios conforme a altitude .....	176
4.4.2 Os sítios e suas dimensões: abrigos ou grutas? .....	178
4.4.3 Os sítios arqueológicos em relação com a litologia .....	178
4.4.4 Os sítios arqueológicos conforme a hidrografia: .....	181
4.4.5 Os sítios e os artefatos.....	184

4.5 Sítios na região da bacia do Itajaí .....	184
4.5.1 Implantação dos sítios conforme altitude .....	187
4.5.2 Os sítios e suas dimensões: abrigos ou grutas? .....	188
4.5.3 Os sítios arqueológicos em relação com a litologia .....	190
4.5.4 Os sítios conforme a hidrografia .....	193
4.5.5 Os sítios e os artefatos.....	197
4.6 Sítios na região da bacia do Paranapanema .....	200
4.6.1 Implantação dos sítios conforme a altitude .....	201
4.6.2 Os sítios e suas dimensões: abrigos ou grutas? .....	203
4.6.3 Os sítios arqueológicos em relação com a litologia .....	205
4.6.4 Os sítios arqueológicos conforme a hidrografia .....	207
4.6.5 Os sítios e os artefatos.....	209
4.7 Um sítio na província de Misiones, Argentina: o caso da gruta 3 de Mayo .....	211
4.7.1 Implantação do sítio conforme a altitude.....	212
4.7.2 O sítio e suas dimensões: .....	213
4.7.3 O sítio arqueológico em relação com a litologia .....	213
4.7.4 O sítio arqueológico conforme a hidrografia:.....	215
4.7.5 O sítio e os artefatos .....	216
<b>Capítulo 5 – Análise macro-espacial dos sítios arqueológicos .....</b>	<b>218</b>
5.1 Os sítios e suas dimensões em uma análise geral .....	220
5.2 Análise espacial dos sítios e sua hidrografia.....	225
5.3 Os sítios e os artefatos .....	233
<b>Capítulo 6 – Interpretando os contextos funerários através de analogias etnográficas .....</b>	<b>238</b>
6.1 Os artefatos no contexto funerário .....	239
6.2 Formas de sepultamento e analogias etnográficas.....	244
6.2.1 Gruta 3 de Mayo .....	245

6.2.2 Virador I e II.....	247
6.2.3 Serra do Veado.....	250
<b>Capítulo 7 – Interpretando a paisagem e os lugares conforme as cosmologias Jê do Sul.....</b>	<b>254</b>
7.1 Entendendo os sítios conforme as cosmologias Kaingang.....	257
7.2 Entendendo os sítios conforme as cosmologias Laklãnõ.....	264
<b>Algumas conclusões: .....</b>	<b>266</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>280</b>

## Introdução

*“When your time is close at hand  
Maybe then you'll understand  
Life down here is just a strange illusion”  
Beckett – Life's shadow*

Esta pesquisa surge de uma inquietação pessoal e, ao mesmo tempo, em concordância acerca de uma afirmação: os sítios de abrigos sob rocha e ou grutas com sepultamento da região do planalto meridional, relacionados ao passado dos Jê do Sul, ainda foram pouco estudados (Beber, 2004; Corteletti, 2012). Como veremos no decorrer da pesquisa, a dualidade é um traço importante para os grupos Jê do Sul, então gosto de pensar que a dualidade também é importante para a minha pesquisa, por esse motivo o título da minha dissertação é Crônicas de Terra e Água. Friso aqui que dualidade não gera exclusão nem dicotomia, são apenas duas partes que se complementam, assim como acredito que é o que ocorre com a minha pesquisa. Também optei por este título pois acredito que a terra faz alusão às fendas nos paredões rochosos, que constituem as grutas e abrigos, enquanto a água é relacionada às cachoeiras e rios, que aliados às grutas e abrigos, formam uma paisagem muito específica e buscada pelos Jê do Sul para constituírem seus cemitérios.

As Crônicas de Terra, é o estudo, principalmente, com o teor mais objetivo da minha pesquisa: análise das cronologias dos sítios de sepultamento em paredões rochosos, análise espacial dos dados que existem até o momento, através do estudo de tabelas, gráficos e mapas. Já as Crônicas de Água possui um teor mais subjetivo do meu estudo pois aborda pessoas e o seu presente, suas etnografias, cosmologias, ontologia, e seus espíritos humanos e não-humanos.

Mas afinal, o que seriam esses abrigos sob rocha ou grutas com sepultamento que me proponho a descrever aqui nesta dissertação? Antes de mais nada, deixarei claro que em grande parte da minha dissertação chamarei esses sítios de “sítios de sepultamento em paredões rochosos”, ou “fendas no

paredão rochoso”, pois tanto abrigo sob rocha quanto gruta foram utilizados na bibliografia especializada, sem nenhuma crítica ou contextualização da utilização acerca dos termos, não havendo então nenhuma uniformidade. Também prefiro a utilização dessas nomenclaturas que trago aqui, pois, esses cemitérios em paredões rochosos constituem um passado arqueológico único, com espíritos, materialização de mitos fundadores, entre outras questões pertinentes. Então, de maneira a demonstrar a particularidade desse tipo de cemitério em relação ao passado Jê do Sul, prefiro adotar uma nova nomenclatura. No capítulo 4 da dissertação, de acordo com as especificações da Sociedade Brasileira de Espeleologia (S.B.E), defino se os sítios tipologicamente são de fato abrigos ou grutas.

São fendas em paredões rochosos, que são sítios arqueológicos considerados cemitérios indígenas, e estão sempre relacionados com a água, seja na forma de rios ou cascatas, que geralmente se encontram na frente dos sítios, atrás ou em seu entorno. Com base em Gosden (2005), essa questão de serem sempre fendas em paredões rochosos e, como é explicitado adiante, quase sempre relacionados com a água (conforme 88% dos dados da dissertação), remete às coisas<sup>1</sup> que possuam um conjunto reconhecível de formas e estilos, influenciam na maneira como as pessoas a utilizam e, também, que as pessoas e grupos que reconhecem esse conjunto de formas e estilos, que a utilizam de maneira específica, possuem uma identidade compartilhada entre si.

Ao falar de identidade compartilhada ao decorrer da pesquisa, entendo, assim como Nilsson-Stutz (2010, p. 36), que a identidade é constantemente reproduzida através da interação com outros e que as práticas têm um papel central nesse processo, assim como a maneira que as pessoas fazem as coisas criam marcadores de diferença e similaridade entre os povos e grupos. Também, concordando com a autora, as práticas rituais (no caso deste estudo, a escolha de lugares específicos para enterrar os mortos) são efetivas em reforçar um senso de identidade coletiva e de comunidade, como demonstrado

---

<sup>1</sup> Gosden (2005) originalmente se refere a objetos (em inglês: “*objects*”), porém prefiro o termo “coisa” baseado em Ingold (2012) porque se aproxima mais da forma do contexto dos sítios cemitérios em abrigos e grutas.

nos capítulos 3, 4 e 5, onde manifesto que em um grande território, da borda oriental do Planalto Meridional até as regiões da Argentina e do centro do Paraná, de maneira sincrônica e diacrônica, as práticas funerárias em fendas nos paredões rochosos demonstram esse senso de identidade coletiva e compartilhada, um senso que demarca as “nossas práticas” e não a “dos outros”, delimitando assim fronteiras sociais e étnicas. Sendo assim, como demonstrado ao decorrer desta pesquisa, a identidade referida neste texto está sendo constantemente reproduzida através da prática de escolha de paisagens e lugares específicos para a constituição dos cemitérios por esses Jê do Sul.

Esse tipo de jazigo arqueológico é chamado de diversas formas: “abrigos sob rocha”, “grutas com sepultamento” e também “sítios de sepultamentos junto a cascatas” (Beber, 2004; Corteletti, 2012; Copé, 2006, 2013; Parellada, 2005; Piazza, 1966b; Rohr, 1971; entre outros). A forma padrão, por assim dizer, de se sepultar os mortos nesses sítios é de forma primária, ou seja, não há um manejo pós-deposicional (Pearson, 1999), sendo assim, é possível encontrar a forma original onde o indivíduo foi sepultado no sítio arqueológico (isso, em teoria). Na prática, por serem geralmente belos locais com belas paisagens (pelas cachoeiras e rios), as grutas e abrigos com sepultamento atualmente são visitadas por famílias, curiosos e crianças por simples lazer ou turismo e, nesse contexto, os sepultamentos são perturbados, ossos são coletados por curiosos, entre outras coisas. Há relatos em Rohr (1971), por exemplo, que em diversos sítios arqueológicos, os crânios ou ossos longos de adultos foram levados por curiosos locais. Esses relatos de intervenção por leigos nos sítios arqueológicos aparecem em De Lima (2017), Dias (2003) e outros autores. A seguir uma foto para ilustrar um pouco de uma paisagem desse tipo de sítio:



Figura 1: Foto da Gruta do Lavatudo. Fotografia por: Rafael Corteletti

Na arqueologia esse tipo de cemitério em gruta ou abrigo, no contexto do Planalto Meridional, é relacionado à Tradição Taquara-Itararé. A Tradição Taquara-Itararé, segundo diversos autores, como Corteletti (2012), Silva (2001), Souza (2017) e, principalmente Noelli (1996, 1999, 1999-2000), é relacionada a marcadores do passado material e arqueológico dos povos Jê do Sul, que são ancestrais dos atuais Kaingang e Laklãnõ-Xokleng (e também os antigos e extintos Indaim e Kimdá). Assumir a relação dessa Tradição Taquara-Itararé como passado material dos Jê do Sul, assegura a profundidade histórica desses grupos étnicos atuais. Compactuo com a ideia de que esses resquícios materiais são representantes desse passado mais antigo dos Jê do Sul, e creio que estou fazendo um trabalho de história indígena, aproximando os sítios de sepultamento em paredões rochosos com os atuais Jê do Sul, algo que não foi realizado até então de maneira direta.

Ao me referir à Tradição Taquara-Itararé, é pelo simples motivo de que ou os autores que utilizo neste trabalho tratam-na dessa forma, ou porque falam da cerâmica (como fez Souza, 2017). Porém, tenham em mente que sempre que neste trabalho é referida a Tradição arqueológica, é no sentido dos ancestrais dos atuais povos Jê do Sul. Críticas sobre a utilização do termo Tradição Taquara-Itararé serão abordadas no decorrer da pesquisa.



Inicialmente, esta pesquisa foi um estudo focado na bioarqueologia desse tipo de sítio arqueológico. Primeiro, planejava-se visitar algumas instituições de pesquisa e laboratórios onde estão os remanescentes ósseos humanos provenientes desse tipo de sítio arqueológico, com o intuito de realizar estudos para se chegar a resultados que pudessem esclarecer questões demográficas no contexto desse tipo de jazigo mortuário. Entretanto, através de sondagens iniciais a essas instituições e, infelizmente, o incêndio do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (onde estavam alguns crânios que faziam parte desta pesquisa), percebi que, muito provável, a amostragem seria insuficiente para um estudo paleodemográfico e paleopatológico.

Pelo motivo supracitado, essa pesquisa se encaminhou para outra direção. Percebendo que, até a data da primeira publicação desta dissertação, ninguém havia feito uma síntese dos estudos relacionados a este tipo de sítio, tomei para mim esse objetivo. Mas esse objetivo veio somado a uma outra constatação: conforme Beber (2004), esse tipo de sítio arqueológico está sempre ou quase sempre equacionado com a água, que ainda segundo o autor, esse fator estaria relacionado à questões míticas. Que até então, ninguém também se propôs a descrever e aqui é abordada essa temática.

Para a realização da minha pesquisa, metodologicamente, utilizei da revisão bibliográfica de estudos sobre abrigos e grutas com sepultamento no contexto da ocupação Jê do Sul até a data de publicação desta pesquisa, através de fontes primárias e secundárias<sup>2</sup>. Esse levantamento de fontes primárias e secundárias foi realizada de duas maneiras: etapas de campo e pesquisa bibliográfica através da internet. A investigação de campo foi realizada em duas etapas: a primeira foi no Instituto Anchieta de Pesquisas da Unisinos (IAP), durante os dias compreendidos entre 4 e 8 de fevereiro de 2019. A segunda etapa foi realizada nas instituições de Santa Catarina, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de Santa Catarina (MARquE – UFSC), no Colégio Catarinense e na Universidade do Estado de

---

<sup>2</sup> Conforme Lakatos & Marconi (1992), fontes primárias são materiais que ainda não foram elaborados/publicados, como diários, fotos, desenhos, etc; já as fontes secundárias são qualquer fonte já publicada.

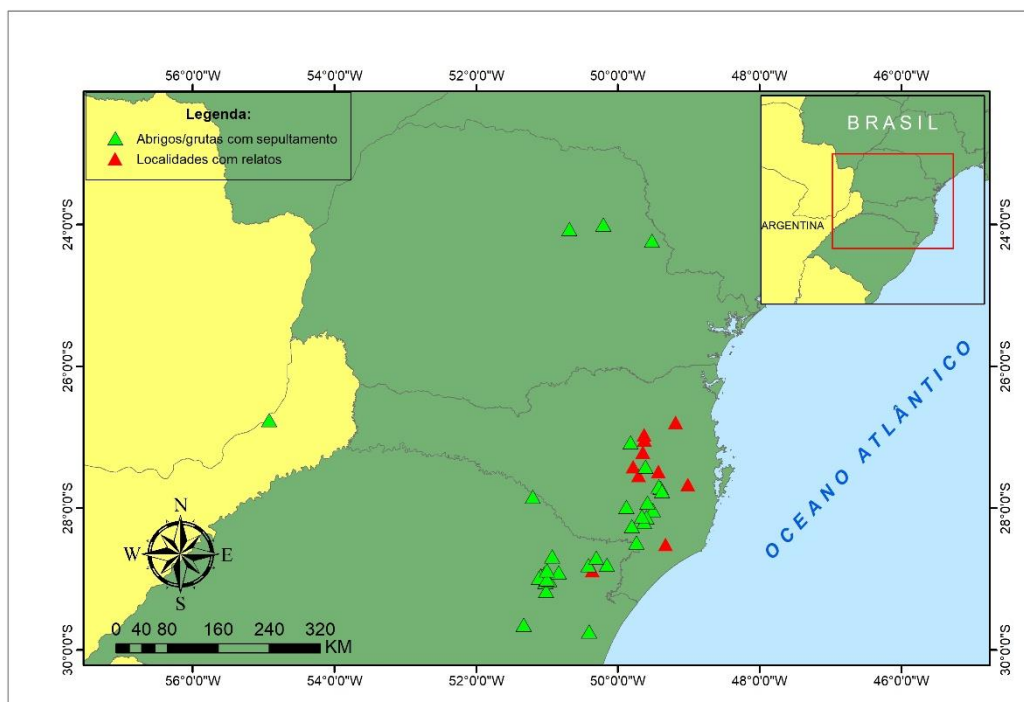
Santa Catarina (UDESC), durante o período de 15 de Abril a 24 de Abril de 2019. Nessa etapa de levantamento de dados, recolhi informações acerca de 51 sítios arqueológicos, conforme tabela e mapa abaixo:

Tabela 1: Tabela com os sítios 51 sítios arqueológicos e a fonte consultada. Autor: Phellipe de Lima

<b>Nome do sítio:</b>	<b>Fonte:</b>
<b>RS 39</b>	Corteletti (2008)
<b>Sítio Caipora</b>	Dias (2003); Spindler (2004); Brentano & Schmitz (2006)
<b>Virador I</b>	Mentz-Ribeiro (1975)
<b>Virador II</b>	Mentz-Ribeiro (1975)
<b>Urubici-6/Gruta Ns. Sr<sup>a</sup> Lourdes</b>	Almeida (2014); Corteletti (2012); Rohr (1971)
<b>SC-Urubici-7</b>	Corteletti (banco de dados pessoal); Rohr (1971)
<b>SC-Bom Retiro-8</b>	Rohr (1971)
<b>SC-Bom Retiro-15</b>	Rohr (1971)
<b>Ns Sra<sup>a</sup> Lourdes/SC-Ituporanga-1</b>	Rohr (1971)
<b>Gruta da Paca</b>	Piazza (1966a)
<b>Gruta do Corredeiro</b>	Piazza (1966a)
<b>Gruta do Barro Branco</b>	Piazza (1966a); Rohr (19
<b>Lomba Alta</b>	Piazza (1966a); Reis (2015); Wagner (2002)
<b>Gruta do Ribeirão Herta</b>	Piazza (1966a)
<b>Abrigo do Riozinho</b>	Reis (2015); Wagner (2002)
<b>Gruta do Indiozinho</b>	Wagner (2002)
<b>Gruta do Ribeirão Revólver</b>	Piazza (1966a)
<b>SC-Petrolândia-1</b>	Rohr (1971)
<b>SC-Petrolândia-3</b>	Rohr (1971)
<b>SC-Petrolândia-4</b>	Rohr (1971)
<b>SC-Petrolândia-10</b>	Rohr (1971)
<b>SC-Atalanta-1</b>	Rohr (1971)
<b>SC-Imbuia-1</b>	Rohr (1971)
<b>Rio do Sul 1</b>	Rohr (1984)
<b>Alto Jararaca II</b>	Scherer (2015) <sup>3</sup> ; Reis (2015)
<b>Abrigo Pontão</b>	Parellada (2005)
<b>PR WB 16</b>	Chmyz <i>et al</i> (2008)
<b>Serra do Veado</b>	Fogolari (2013)
<b>Capão dos Ossinhos</b>	Camila Espindola (2019)
<b>Vacas Gordas I</b>	Almeida (2014); Corteletti (2012); Piazza (1966b); Rohr (1971)
<b>Gruta Santa Bárbara</b>	Almeida (2014); Corteletti (2012); Piazza (1966b); Rohr (1971)
<b>Gruta do Lavatudo</b>	Corteletti (2012); De Lima (2017); Piazza (1966b)
<b>Invernada do Moleque</b>	Corteletti (banco de dados pessoal); Piazza (1966b)

<sup>3</sup> Scherer (2015 *apud* Reis, 2015).

<b>Abrigo Rio dos Altos</b>	Corteletti (banco de dados pessoal); Piazza (1966b)
<b>Celso Cardoso</b>	Corteletti (banco de dados pessoal)
<b>Gruta 3 de Mayo</b>	Loponte <i>et al</i> (2016); Rizzo (1968); Rizzo <i>et al</i> (2006)
<b>Gruta da Caveira</b>	Chmyz (1965)
<b>Gruta do Matemático</b>	Beber (2004); Copé (2006); Saldanha (2008)
<b>Barra do Morais I</b>	Copé (2006)
<b>RS 67</b>	Corteletti (2008)
<b>RS 41</b>	Corteletti (2008)
<b>RS 124</b>	Corteletti (2008)
<b>RS-A-65</b>	Rogge & Schmitz (2009)
<b>RS-A-49</b>	Rogge & Schmitz (2009)
<b>RS-A-48</b>	Rogge & Schmitz (2009)
<b>RS-A-70</b>	Rogge & Schmitz (2009)
<b>RS-A-50</b>	Rogge & Schmitz (2009)
<b>RS-A-73</b>	Rogge & Schmitz (2009)
<b>RS-A-71</b>	Rogge & Schmitz (2009)
<b>Jaquirana</b>	Beber (2004)
<b>Perau das Cabeças</b>	Krever & Haubert (2001); Schmitz <i>et al</i> (2005)



Mapa 1: Localização dos sítios arqueológicos e localidades com relatos de sítios em abrigos e grutas com sepultamento. Autor: Phellipe de Lima

A interpretação dos dados dos sítios arqueológicos, acerca das cosmologias e ontologia<sup>4</sup> Jê do Sul, foi realizada conforme a revisão bibliográfica disponível, baseada em estudos etnográficos e etnológicos, que tratam de cosmologias, aspectos funerários, relações com a morte, mitos e de informações sobre a ontologia Kaingang e Laklãnõ. Essa revisão bibliográfica foi realizada com o intuito de entender esse tipo de sítio arqueológico, de maneira que fosse mais próxima da realidade e da ontologia Jê do Sul, que são os protagonistas e descendentes diretos dessas pessoas que estavam sendo sepultadas em fendas nos paredões rochosos.

Deve-se ficar entendido que, quando usado o termo cosmologia neste trabalho, é baseado em Chiodi (2017, p. 62-63):

O conceito de cosmologia designa, antes de qualquer outra coisa, a relação entre o mundo e seus habitantes, o que inclui os ambientes, os outros, humanos, não-humanos e suas diversas temporalidades, mas, também, as narrativas sobre o mundo.  
[...]

<sup>4</sup> Nesta dissertação entendo ontologia, assim como Alberti (2016), como sendo a realidade das pessoas e povos.

Existe algo de fundamentalmente correto em concluir que o próprio ato de pensar e narrar cosmologias é um exercício de pensar o antropocentrismo.

Baseado no estudo dos dados e relatos desses 51 sítios, no Capítulo 1 é apresentada a revisão bibliográfica sobre o conhecimento produzido pela arqueologia das grutas e abrigos com sepultamento até a data de publicação deste trabalho. Investigo as fontes desde o início do século XX, momento que as descobertas foram feitas sem as metodologias arqueológicas que conhecemos hoje; o período do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), quando foram definidas as tradições Taquara-Itararé (e o que é tal Tradição); até as pesquisas do século XXI, onde há um predomínio dos estudos bioarqueológicos, uma crítica ao modelo de tradições do PRONAPA e uma nova forma de entender esses registros arqueológicos, como sendo remanescentes do passado dos povos falantes do tronco linguístico macro-Jê na região Sul do Brasil.

É necessário evidenciar aqui que me refiro e entendo esses sítios como sendo pertencentes ao passado dos povos Jê do Sul, atuais Kaingang e Laklãnõ-Xokleng, pois acredito na continuidade histórica entre o contexto arqueológico chamado Taquara-Itararé com os grupos étnicos Jê do Sul atuais, e assim são referidos aqui como Jê do Sul. É importante explicitar também aqui que entendo esse contexto arqueológico que pesquiso como Jê do Sul (assim como Corteletti, 2012; Noelli, 1996, 1999; Noelli & Souza, 2017; De Souza *et al*, 2016; entre outros), pois há uma conexão entre o contexto arqueológico explicitado e estudado com os atuais Kaingang e Laklãnõ-Xokleng.

No Capítulo 2 são relatados os principais sítios estudados de forma arqueológica até o momento de término desta pesquisa, onde são demonstradas as práticas funerárias dos cemitérios, além de ser feita uma calibração de algumas datações disponíveis e são apontadas questões pertinentes para o entendimento desse tipo de sítio na ocupação Jê do Sul.

No Capítulo 3 são apresentados os estudos dos sítios conforme o espaço-tempo. Através das cronologias disponíveis, a dispersão desses sítios arqueológicos na geografia através do tempo são analisadas e, principalmente, relacionadas essas cronologias com o ano 1000, período no qual os Jê do Sul passariam por diversas transformações, provocadas pela expansão da floresta

de araucária e também pela chegada dos Tupiguarani na região do Planalto Meridional.

No Capítulo 4 há a análise espacial dos sítios arqueológicos em microescala. Utilizando informações geográficas gerais como a altitude, a litologia e dados hidrográficos das bacias hidrográficas e, o existir ou não de artefatos nesses jazigos. Em microescala, não são utilizadas a divisão ocidental geográfica, pautada nos limites arbitrários de municípios, estados etc. O motivo é bem simples: na época em que esses sítios funerários foram utilizados, é claro que o território não era dividido em estados federativos ou municípios, então se minha pesquisa se propõe a explicar o vínculo entre arqueologia e história indígena, não há motivos para usar dessa abordagem. Para maior aproximação de uma realidade indígena, separei os abrigos e grutas com sepultamento por bacias de rios, pois como consta em Laroque (2007) e Tommasino (1995), os Kaingang, por exemplo, tinham seu território dividido pelos grandes rios e seus afluentes. Infelizmente para os Laklãnõ-Xokleng, não localizei informações semelhantes.

No Capítulo 5 são analisados os dados por uma perspectiva de macroescala, onde consta uma análise espacial dos sítios de forma geral, sem divisões geográficas, apresentando os sítios como uma mesma unidade estatística.

No Capítulo 6, através de estudos etnográficos, são traçadas analogias entre o contexto arqueológico e o presente etnográfico de maneira direta, de forma a entender aspectos da materialidade que existe nos abrigos e grutas com sepultamento e nas práticas funerárias. É importante deixar claro que entendo como analogia etnográfica, assim como Araujo (2017, p. 128 e p. 132):

A postura aqui defendida é a de que a analogia é imprescindível para a construção de conhecimento arqueológico, em que pese alguma confusão sobre o termo.

[...]

O fato, porém, é que o raciocínio analógico é extremamente presente, tanto na vida diária de humanos (e provavelmente de outros animais) como na prática científica. Há incontáveis exemplos de casos em que descobertas científicas se deram por meio de raciocínio analógico (Bartha, 2013). Ou seja, considerar a analogia como sendo não científica é uma posição bastante incongruente.

Em termos arqueológicos, a analogia é ponto de partida para a formulação de hipóteses e modelos, ou seja, tem um papel heurístico importante (Thompson, 1956; Clark, 1953).

[...]

A analogia deve ser utilizada sempre, em todas as circunstâncias e do início ao fim do trabalho do arqueólogo? Provavelmente não. A analogia, especificamente a analogia etnográfica, tem um papel muito importante nos estágios iniciais do raciocínio arqueológico, permite o vislumbre de novas possibilidades, abre novos caminhos interpretativos. Nos casos em que existe uma continuidade cultural, ela é imprescindível (e. g., Neves, 2000).

Já a metodologia de analogia histórica direta, ainda conforme Araújo (2017, p. 129):

A analogia em Arqueologia tem, porém, suas especificidades. Chang (1967b: 22) argumentou que ela pode ser dividida em duas abordagens: a primeira é a chamada analogia histórica direta (*direct historical approach* ou *straightforward* – vide Steward, 1942; Clark 1953), que nas palavras de Steward (1942: 337) “procede do conhecido para o desconhecido”, ou seja, parte das observações etnográficas, com o estabelecimento de parâmetros comparativos, checando esses parâmetros em relação ao que é encontrado no registro arqueológico e estabelecendo uma relação cultural de descendência direta.

Para finalizar, no Capítulo 7, através do estudo das cosmologias Kaingang e Laklãnõ, são interpretadas as paisagens e os lugares que são estes cemitérios.

## Capítulo 1 – Revisão bibliográfica: o que sabemos sobre os sítios de sepultamento em paredões rochosos até o momento?

*“So as you read this, know my friends  
I’d love to stay with you all  
Please smile when you think of me”*

A Tout le Monde – Megadeth

Começo este capítulo recapitulando o conhecimento gerado, até o momento, sobre os sítios de sepultamento em paredões rochosos no contexto Jê do Sul. Ao decorrer do capítulo, reviso os estudos e seus marcos teóricos, desde antes da concepção de arqueologia científica no Brasil, até o momento das pesquisas mais recentes, quando há principalmente a noção de que a Tradição arqueológica Taquara-Itararé representa os remanescentes materiais do passado dos povos Jê do Sul, atuais Kaingang e Laklãnõ-Xokleng, também descrevo estes povos nesta etapa da minha pesquisa.

### 1.1 Os estudos pré anos 1960

Talvez devamos creditar o início das pesquisas sobre os sítios com sepultamento em paredões rochosos, na região de Santa Catarina, e quiçá da região Sul, ao médico alemão Jorge Clarke Bleyer. Ele começou a pesquisar acerca desse tipo de sítio arqueológico (mesmo ele não se referindo a esses locais como sítios arqueológicos) a partir do ano de 1914. Nesse ano, Bleyer, no município de São Joaquim, desbrava o território, principalmente na busca de grutas e abrigos, em busca de “demonstrar que há milhares de anos vivera no Brasil o homem das cavernas, com costumes similares aos dos trogloditas da era quaternária” (Costa, 2003, p. 280). Na descrição de Costa (2003) e nas contextualizações de Corteletti (2012) e De Lima (2017), os estudos do médico alemão, mesmo que implicitamente, estavam enraizados com as concepções evolutivas das ciências biológicas e, principalmente, acreditava no evolucionismo cultural<sup>5</sup>, que estava em voga na época.

---

<sup>5</sup> Constitui uma visão linear da história dos grupos humanos, refletidos por Bleyer ao citar os crânios dos indivíduos sepultados em abrigos e grutas com sepultamento de intelecto inferior, etc.



Parte dos resultados do médico alemão foram publicadas no ano de 1928, no *Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas*, congresso que foi realizado no Rio de Janeiro em 1922 (Bleyer, 1928). Nessa publicação, o autor se refere aos sepultamentos desses sítios, em abrigos ou grutas, como resquícios de antropofagia “das mais ínfimas culturas” (*ibid.*, p. 18). Ainda segundo o autor, a vítima seria “dividida em pedaços” (*ibid.*, p. 18), tendo as partes musculares do corpo divididas com o auxílio de “pedras lavradas” (*ibid.*, p. 19), e o que seria de importante do morto – não é especificado se eram partes do corpo que ou artefatos –, seria levado para o “antro da horda selvagem, situado não raro numa montanha de difícil ascensão” (*ibid.*, p. 18). Acerca dos crânios humanos, Bleyer se refere a eles como sendo exemplares de “inferioridade” (*ibid.*, p. 18, 19) e de “inferioridade intelectual absoluta” (*ibid.*, p. 19), pois segundo o autor, os crânios seriam semelhantes aos dos Neanderthais, e os artefatos líticos seriam “rudimentares” (*ibid.*, p. 19).

Bleyer, inclusive, enviou crânios e artefatos líticos, provenientes da região do Planalto de Santa Catarina, para o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Infelizmente, com o fatídico incêndio criminoso, causado por políticas públicas que vão contra o acesso à cultura, ao conhecimento e ao ensino público de qualidade, que pairou sobre a instituição no ano de 2018, ficou inviável para eu saber sobre as condições e existência desse material, ou até mesmo visitar a instituição para procurar esses remanescentes (que era um dos intuitos iniciais da minha pesquisa).

No Rio Grande do Sul, há dados sobre os levantamentos de informações sobre sítios com sepultamento em paredões rochosos, a partir de 1950. Balduíno Rambo e Schmitz encontraram o sítio de sepultamentos em Jaquirana, além de terem visitado o Morro dos Conventos, em Santa Catarina (Schmitz, 2016). Porém, é na década de 1960 que temos maiores estudos e contextualizações.

## **1.2 Os anos 1960 e 1970: levantamentos iniciais, a arqueologia histórico-cultural do PRONAPA e o encaixe em tradições arqueológicas**

Em 1963 há o primeiro relato publicado de um abrigo ou uma gruta utilizado para fins funerários na região do estado do Rio Grande do Sul, antes mesmo da publicação dos *Resultados Preliminares do Primeiro Ano do*

*PRONAPA* (1967). Publicado por Chmyz (1965), antes de Miller começar suas pesquisas no Nordeste do Rio Grande do Sul<sup>6</sup>, as informações acerca da Gruta da Caveira estão presentes no trabalho intitulado *Prospecções Arqueológicas no Vale do Rio das Antas, Rio Grande do Sul (Brasil)*. O estudo, realizado durante o ano de 1962, além do chamado “abrigo”, uma casa subterrânea foi visitada pelo autor da pesquisa. Através desse estudo, temos algumas informações que, com o decorrer do tempo e com novas pesquisas subsequentes, percebemos certo tipo de padrão que encontramos nesse tipo de sítio arqueológico: paredões rochosos, ossos humanos em superfície e cachoeiras. É importante notar, no caso da Gruta da Caveira, o fato de existir contas de colar, que foram associadas aos sepultamentos como adornos funerários, e algo mais incomum: o fato de existirem restos de trançados vegetais. Chmyz associa esses resquícios de amarrilhos com a prática de ou envolver o corpo nos próprios trançados ou com o fato de colocar os corpos acima desses trançados, em forma de esteira. Essa questão dos trançados vegetais será melhor discutida em capítulos subsequentes deste trabalho, principalmente no capítulo 6.

Walter Piazza (1966b) publica sobre “as grutas de São Joaquim e Urubici”, fruto dos estudos do autor nessa região, em Santa Catarina, no ano de 1963. Piazza seguiu os passos de Bleyer, já que grande parte dos sítios visitados descritos nesse trabalho supracitado já haviam sido inspecionados (e tiveram ossos coletados) pelo médico alemão. Nesse trabalho, Piazza atesta que a região teria um alto valor para estudos arqueológicos, pois diversas cavidades rochosas ainda possuíam ossos humanos em seu interior. Alguns autores, em anos recentes, revisitaram esses locais, como Corteletti (2012) e De Lima (2017). Há um total de cinco sítios com descrições de sepultamento no trabalho de Piazza (1966b), sendo esses: Vacas Gordas, Gruta do Lavatudo, Gruta Santa Bárbara, Invernada do Moleque (I e II) e o sítio Rio dos Altos.

Também no ano de 1966 (Piazza, 1966a), há uma síntese dos estudos de Piazza realizados na região do Vale do Itajaí, não publicada, porém

---

<sup>6</sup> Como é assinalado em Resultados Preliminares do Primeiro Ano (1967), as pesquisas de Miller se iniciaram durante o mês de novembro de 1965 e terminaram no mês de abril do ano seguinte.

presente no MARquE – UFSC (como constatado em Reis, 2015) e que tive a oportunidade de analisar ao visitar a instituição de Santa Catarina. Nessa segunda pesquisa, o autor visitou e descreveu mais seis sítios em paredões rochosos com sepultamento, sendo eles: Gruta da Paca, Gruta do Corredeiro, Gruta do Barro Branco, Gruta da Lomba Alta, Gruta do Ribeirão Herta e Gruta do Ribeirão Revólver. Nesses trabalhos o foco foi a descrição dos sítios, e como não haviam fragmentos de cerâmica, Piazza (1966a) não fez nenhuma associação cultural. Nos relatos sobre a região do Itajaí, sobre o sítio intitulado Gruta da Paca, o autor declara que os remanescentes ósseos humanos não seriam relacionados aos Laklãnõ-Xokleng nem aos Guarani, pois os Laklãnõ, respectivamente, “realizavam cremação ou sepultamento direto dos seus mortos, enquanto que os guaranis o faziam em urnas” (Piazza, 1966a, p. 7).

Antes da divulgação dos resultados do primeiro ano do PRONAPA, em 1966, pesquisadores(as) do Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP-UNISINOS), no Rio Grande do Sul, identificaram e catalogaram alguns sítios arqueológicos (dentre esses, sítios de sepultamento em paredões rochosos) na região que compreende os municípios de Caxias do Sul, Flores da Cunha, São Francisco de Paula e Bom Jesus (Schmitz, 2016).

Em 1967 há a publicação dos resultados de pesquisas do primeiro ano do Projeto Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA). Projeto iniciado por volta do ano de 1965, fora patrocinado pelo Smithsonian Institute e coordenado por Clifford Evans e Betty Meggers. Segundo De Souza (2017, p. 31), o PRONAPA tinha como intuito fazer um levantamento histórico-cultural em grande escala no território brasileiro. Ainda segundo Souza (2017), metodologicamente, para se alcançar esse objetivo, foram realizados em todo o território nacional grandes e inúmeras prospecções e escavações, para poder realizarem seriações sobre as cerâmicas, com o intuito de se chegar a “Fases” e “Tradições” arqueológicas.

Para a região do estado do Rio Grande do Sul, na primeira etapa de pesquisas do PRONAPA, o arqueólogo Eurico Theófilo Miller teve como foco a região nordeste do estado, em especial as regiões do Vale do Rio dos Sinos, Maquiné, e a zona lagunar litorânea. O autor identificou ao total 119 sítios na região previamente citada, dentre esses sítios, “abrigos sob rocha” com sepultamentos. Miller definiu sete Fases arqueológicas (três pré-cerâmicas e

quatro cerâmicas), porém, os sítios em “abrigos” não foram utilizados para tal definição, pois segundo o autor, o estudo desse tipo de jazigo estaria em “estado preliminar de investigações” e porque deixaram “para o futuro o estabelecimento de fases para esses complexos sem cerâmica” (Miller, 1967, p. 16).

É ainda nessa publicação, do referido ano de 1967, que Miller contextualiza a Fase Taquara, que depois foi chamada de Tradição Taquara (Brochado *et al*, 1969). Essa Fase (depois Tradição) foi definida a partir de fragmentos de cerâmica pequenas, geralmente cilíndricas, com decorações plásticas que podem ser ponteadas, unculadas, entre outras técnicas, encontrados em sítios do planalto, encosta e planície litorânea do Rio Grande do Sul, em sítios de casas subterrâneas e sítios a céu aberto (De Souza, 2017; Miller, 1967, p. 19-20). Apenas em 1971, na publicação dos resultados preliminares do quarto ano, aparece pela primeira vez os sítios de sepultamento em grutas e abrigos sob rocha sendo inseridos na Tradição Taquara. Dois sítios<sup>7</sup> foram inseridos na Fase Guatambu (Miller, 1971). A Fase Guatambu foi definida através de dois “sítios-cemitérios em abrigos sob rocha”, além de sítios-habitações em campo aberto, casas subterrâneas e pelo estudo de 11630 fragmentos cerâmicos, de decoração incisa. No relato de 1971 temos algumas informações importantes: é notado pelo autor que os sítios estão “próximos aos rios, ao lado ou sob quedas d’água dos afluentes menores” e que havia perturbação ou depredação dos mesmos.

Sobre a composição dos sítios, há uma informação única até os dias de hoje: em um dos casos, a Gruta do Matemático, os enterramentos seriam em forma de aterro, feito a partir de restos de terra, restos vegetais e folhas de xaxim. Corteletti (2012) acha possível que, nesse caso particular, esteja apresentado certo tipo de hibridismo entre as grutas e abrigos com sepultamento em relação com os montículos funerários, que são sítios que possuem cremações e também são uma prática funerária Jê do Sul. Outras informações em Miller (1971) são acerca dos artefatos junto dos sepultamentos: pequenas fogueiras, trançados de fibra vegetal, artefatos de

---

<sup>7</sup> Segundo a tese de Beber (2004) estes sítios seriam o Perau das Cabeças e a Gruta do Matemático.

madeira, conchas, restos de milho, pinhão e cabaças, cerâmica Taquara. Na entrada do sítio, nas palavras do autor, haveriam vestígios de paredes artificiais feitas de taquara sovada e tramada.

Para a região de Santa Catarina, as informações de abrigos sob rocha e grutas com sepultamento nos relatórios do PRONAPA estão presentes em dois momentos: nos resultados preliminares do primeiro ano (Piazza, 1967) e nos resultados do terceiro ano (Piazza, 1969). Em ambas as publicações, o que é relatado é basicamente o que já foi citado aqui sobre os estudos na região de Itajaí e da região de São Joaquim e Urubici.

Na publicação do primeiro ano do PRONAPA, Chmyz (1967) define a Fase Itararé para o estado do Paraná, que depois foi definida como Tradição Itararé (Chmyz, 1968), semelhante com o caso da Fase que virou Tradição Taquara. A definição da Fase-Tradição Itararé se deu a partir de fragmentos de cerâmica acordeladas, de cor negra e em alguns casos de coloração marrom-claro (Souza, 2017; Chmyz, 1967, p. 68). A definição dessa Fase-Tradição, mesmo não tendo sido descrito nenhum sítio de sepultamento em paredão rochoso nessa publicação, é importante pois, em dado momento futuro, há uma unificação entre as tradições Taquara-Itararé, pois concluiu-se que as diferenças entre elas seriam poucas (Beber, 2004; De Souza, 2017). Sendo assim, abrigos e grutas com sepultamento, assim como a cerâmica, casas subterrâneas e montículos funerários viraram o pacote arqueológico conhecido como Tradição Taquara-Itararé, que abrange os territórios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, parte do estado de São Paulo e a região de Misiones, na Argentina.

Segundo Schmitz (2009), entre os anos de 1966 e 1971, Rohr tem como foco de seus estudos a região do Planalto Catarinense, e nesse período encontrou e registrou diversos abrigos e grutas com sepultamento. Parte do trabalho dessa época foi publicado em 1971 (Rohr, 1971) e nessa publicação o autor registra um total de 14 sítios de sepultamento em paredões rochosos espalhados entre os municípios de Petrolândia, Imbuia, Atalanta, Urubici, Bom Retiro, Alfredo Wagner e Rancho Queimado. É importante notar que nessa etapa de pesquisas de Rohr, o autor não insere os sítios em nenhuma Fase ou Tradição arqueológica, porém os sítios da região são, em sua maioria, pertencentes ao passado Jê do Sul. Rohr dá uma grande importância para a

paisagem desses sítios de sepultamento e para os problemas que os sítios sofriam (assim como Miller em 1971). Nas palavras do autor (Rohr, 1971, p.13-14):

Nestes paredões formam-se, muitas vezes, grutas, nichos e abrigos sob rocha, que serviam de abrigo e morada a tribos selvícolas. Quando localizadas junto a alguma cascata, tais abrigos tornam-se particularmente pitorescos, poéticos e aprazíveis e eram, neste caso, aproveitados também para o sepultamento dos defuntos.

[...] Geralmente são de acesso algo difícil e muitos deles já foram violados, remexidos e depredados por curiosos. Em diversos destes sítios encontramos amontoadas as ossadas de esqueletos de adultos e de crianças. Faltavam, porém, os crânios, que haviam sido carregados por pessoas inescrupulosas. Segundo informações fidedignas, foram encontradas junto dos esqueletos, pontas de flecha de pedra, cerâmica e objetos de adorno de conchas, dentes e pedrinhas perfuradas.

Rohr, assim como Piazza e Miller, foi um dos primeiros pesquisadores a dar importância para a água, os rios e as cachoeiras no contexto funerário apresentado. Tanta é a importância dada pelo autor a esses fatores, que ao escrever o registro desse tipo de sítio no mesmo trabalho, o autor se refere aos jazigos como “sítios de sepultamento junto a cascatas” (Rohr, 1971, p. 33). Em apenas um caso foi encontrado cerâmica—no sítio Santa Catarina, Bom Retiro, 8—, porém é relatado a Rohr através de relatos de moradores locais, então não há descrição do material, nem inserção em qualquer Fase ou Tradição.

Para finalizar esta seção, há de se tratar brevemente, pois é aprofundado em capítulos subsequentes, um estudo de caso em particular: o estudo dos sítios Virador (I, II e III), na região da bacia hidrográfica dos rios Caí-Sinos. O estudo foi realizado por Pedro Augusto Mentz-Ribeiro e publicado em 1975. De importância para a presente pesquisa sobre as grutas e abrigos com sepultamento são os casos do Virador I e Virador II, não incluindo o Virador III dessa relação porque teria apresentado apenas “poucas lascas e restos de alimentação”. Segundo o autor, ambos os sítios apresentam fragmentos da Tradição Taquara (Ribeiro, 1975). Segundo o autor, o sítio Virador I é datado em 1500 A.D. (essa datação e sua versão calibrada serão discutidas no capítulo 3). O caso do Virador I merece grande destaque por apresentar petróglifos, sendo um dos únicos sítios de sepultamento em abrigos ou grutas Jê do Sul com arte rupestre. Mentz-Ribeiro, em suas conclusões, atesta que dificilmente os autores dos petróglifos seriam indivíduos pertencentes à Tradição Taquara, pois caso contrário “teríamos nosso abrigos,

especialmente pelo Planalto Meridional e sua encosta, com outras evidências culturais do mesmo gênero e isto não foi registrado até o presente” (Ribeiro, 1975, p. 23).

Silva (2001) contextualiza esta arte rupestre, com o auxílio dos Kaingang, como sendo análogos aos grafismos Kaingang, por tanto, acaba demonstrando que Ribeiro estava equivocado ao dizer que a arte rupestre não poderia ser relacionada à ocupação Jê do Sul e Taquara do sítio.

### **1.3 Grutas e abrigos com sepultamento no contexto da Nova Arqueologia: o estado da arte das pesquisas**

Os trabalhos mais recentes, que tentaram explicar ou criar hipóteses acerca dos cemitérios em grutas ou abrigos no contexto Jê do Sul, foram desenvolvidos no âmbito da chamada Nova Arqueologia. Superando o caráter descritivo da arqueologia histórico-cultural, os seguidores da corrente teórica da Nova Arqueologia, ou Arqueologia Processual (influenciadas pelas ciências da natureza), tinham como preocupação explicar (não mais apenas descrever) o passado. Essa corrente trouxe, para o âmbito da ciência arqueológica, a importância da verificação dos dados para comprovação de hipóteses, através do método dedutivo; a generalização dos resultados dos estudos de processos culturais; a influência direta de outras ciências para o estudo arqueológico (biologia, geologia etc); entre outras mudanças paradigmáticas e metodológicas (Renfrew & Bahn, 2016; Trigger, 1989).

Essas mudanças de paradigmas na ciência arqueológica afetam os estudos das grutas ou abrigos com sepultamento, no contexto Jê do Sul, a partir da década de 1990, fazendo com que a problemática desses estudos tivesse, preferencialmente, dois enfoques. A primeira forma de se estudar esses sítios era com o objetivo de entendê-los, no que é chamado de sistema de assentamento, no contexto da ocupação Jê do Sul. A segunda forma de estudo é baseada na forma de pesquisas da bioarqueologia, onde o objetivo é a análise dos remanescentes ósseos humanos, com o intuito de se entender questões de saúde e de morte, como patologias, número mínimo de indivíduos, sexo do morto etc. A partir desse ponto, é necessário um debate de como eram feitas essas pesquisas e suas contribuições separadamente.

### 1.3.1 As pesquisas dentro da problemática de sistema de assentamento

Os estudos sobre os assentamentos Jê do Sul relacionavam e tratavam as grutas ou abrigos com sepultamentos, de maneira conjunta e buscando entender suas interações, em relação a outros sítios característicos da ocupação Jê do Sul: casas subterrâneas, sítios a céu aberto (geralmente litocerâmicos) e montículos funerários. O estudo de um sistema de assentamento consiste basicamente em entender como se dá a relação e a dinâmica, de maneira sincrônica e ou diacrônica, entre os diferentes assentamentos (sítios arqueológicos). Algumas das principais pesquisas com essa temática foram as de Beber (2004), Copé (2006), Corteletti (2008, 2012), Rogge & Schmitz (2009) e Saldanha (2008).

As pesquisas de sistemas de assentamentos trazem novas contribuições, mas há algumas críticas a serem feitas, mesmo que de certa forma as críticas sejam anacrônicas. O caráter das pesquisas da Nova Arqueologia, por vezes eram demasiadamente funcionalistas, o que acarretava em uma redutora, simplista ou simplória, e dificultava o entendimento dos contextos simbólicos e cognitivos do que hoje é entendido como contexto arqueológico.

A Nova Arqueologia trouxe a generalização para a ciência arqueológica, e junto os conceitos de complexidade social<sup>8</sup> e hierarquia social<sup>9</sup>, comumente utilizados em estudos da arqueologia mesoamericana ou europeia. Esses conceitos estão envoltos pela concepção de Estado para os estudos arqueológicos. Entre os Jê do Sul não existia essa noção, necessidade ou o desejo da concepção de Estado, o que demonstra que estudos com essa perspectiva de complexidade social e hierarquia social se tornam falhas.

A Nova Arqueologia, apesar das críticas, apresentou novas e importantes ideias em relação aos estudos anteriores, pautados no histórico-culturalismo. Através do estudo de sistema de assentamento feito através de revisões bibliográficas sobre a Tradição Taquara-Itararé, e, conseqüentemente,

---

<sup>8</sup> Corteletti se refere ao trazer estas problemáticas de “complexidade social” e “hierarquia social” na arqueologia Jê do Sul como sendo algo como um “pensamento ocidental encrustado”

<sup>9</sup> Para ver uma boa crítica sobre a problemática da “complexidade social” na arqueologia brasileira, ver Neves (2015).



os Jê do Sul, Beber (2004) levanta duas hipóteses de como se entender os sítios de sepultamentos em grutas e abrigos no contexto Jê do Sul: cronologicamente ou hierarquicamente. Ambas as hipóteses foram levantadas através de um estudo comparativo com outra forma de se sepultar típico Jê do Sul, os montículos funerários. O aspecto cronológico foca na ideia de que os sepultamentos em montículos e em grutas ou abrigos demarcam dois períodos distintos da história dos Jê do Sul. Essa ideia é apoiada por Corteletti (2012), ao perceber que a partir do ano 1000 A.D. há o surgimento da arquitetura funerária. Tal arquitetura é demonstrada pelos montículos funerários, que ocorreria paralelamente à expansão da floresta de araucária e a chegada do Tupi-Guarani na região do Planalto Meridional (Corteletti, 2012; De Souza *et al*, 2016). Corteletti (2012) aponta todos esses fatores a uma possível mudança sociocsmológica<sup>10</sup> que os Jê do Sul poderiam passar e repercutiria em mudanças na forma de se tratar os mortos.

Na hipótese hierárquica, também sintetizada por Beber (2004), há a possibilidade de que os enterramentos em abrigos ou grutas são representativos de parcelas de menor estratificação da sociedade Jê do Sul, pois aparentemente há menos sepultados em montículos, se comparado ao número mínimo de indivíduos provenientes de sítios em abrigos ou grutas. Outro argumento de Beber para essa hipótese, gira em torno do relato sobre práticas funerárias Kaingang descritas por Mabilde (1988). Mabilde (1988) relata que, conforme os termos do autor, para o “cacique principal”, o enterramento era coberto depois por terra até atingir uma altura de 6 palmos; para os “caciques subordinados” os enterramentos seriam em cova rasa; para as “crianças, mulheres e outros homens”, o enterramento também seria em cova rasa, porém sem lamentações.

Veiga (2000) indica que esse tipo de sepultamento, de se cobrir por terra até atingir certa altura, não seria apenas para “caciques” ou “chefes”, mas para outros membros Kaingang também. Gakran (2015), autor indígena, atesta que no passado Laklãnõ-Xokleng, os adultos eram cremados, colocados num cesto

---

<sup>10</sup> Apesar de Corteletti citar em alguns momentos a tal “mudança sociocsmológica”, o autor não deixa claro o que significa este termo, apenas que uma “possível mudança na relação com a morte” seria uma “mudança sociocsmológica (Corteletti, 2012, p. 182).

e enterrados, enquanto as crianças eram apenas enterradas, pois acreditava-se que o espírito da criança retornaria ao ventre da mãe e renasceriam (2015, p. 30). Esses dados de Veiga e Gakran indicam que não há uma diferenciação pautada na hierarquia social para as práticas funerárias. Ambas as hipóteses são debatidas com maior acurácia durante a esta pesquisa, principalmente no capítulo 3 desta dissertação.

Estudando o sistema de assentamento Jê do Sul na região de Caxias do Sul, Corteletti (2008) percebe, ao mapear os sítios da região, que os sítios de abrigos ou grutas com sepultamento estão em dois casos rodeados por outros sítios: sejam casas subterrâneas ou sítios superficiais. Os outros sítios em grutas ou abrigos estão isolados, e o autor relaciona esse fato com a falta de mapeamento de sítios nessas regiões. Corteletti (2008) também aponta para o fato de existir outra maneira de sepultar nessas áreas, pois, ainda segundo o autor, quando não há abrigos ou grutas funerárias próximas as casas subterrâneas, existem os montículos funerários.

Na região de São Marcos, Rogge & Schmitz (2009) percebem que há menos indivíduos sepultados em abrigos ou grutas do que em outras regiões, totalizando um número de 20 indivíduos depositados entre os sítios, enquanto há 43 montículos funerários na região, o que vai contra a hipótese hierárquica de Beber, pois, não é lógico imaginar que, se os montículos funerários são cemitérios de estratos maiores da sociedade, tenha mais cemitérios desse tipo do que de parcelas inferiores socialmente de um grupo. Rogge & Schmitz (2009) interpretam que, quando não há um abrigo ou gruta próximo a um conjunto de casas subterrâneas, as pessoas enterravam em montículos funerários; quando há abrigos ou grutas próximos ao conjunto de casas, os indivíduos seriam depositados nessas fendas em paredões rochosos. A contextualização para essas interpretações segue na ideia de que, provavelmente, os mortos que eram depositados em abrigos ou grutas poderiam representar “falecidos em atividades fora de seu espaço residencial” (Rogge & Schmitz, 2009, p. 80). O fator que pesa contra essa hipótese é que aparenta ser uma interpretação funcionalista demais, e sabe-se através de etnografias (como a própria de Mabilde, 1988 e Veiga, 2000) que a distância entre o local de morte e o de sepultamento de um indivíduo Kaingang, por

exemplo, não seria um problema, pois há relatos de grande mobilidade para se levar o morto até o local de descanso final do corpo físico de um indivíduo.

A meu ver, tanto para o contexto da região de São Marcos quanto de Caxias do Sul, que são regiões dentro da bacia hidrográfica dos rios Taquari-Antas, é possível deduzir, baseado nas etnografias Kaingang, que quando não há abrigos ou grutas funerárias próximos a casas subterrâneas e se enterra em montículos funerários, a explicação remete a possíveis divisões clânicas, e essas divisões são demonstradas nas práticas funerárias e, principalmente, nas paisagens e nas formas dos cemitérios, sendo assim, uma possível divisão clânica enterraria em abrigos ou grutas e outra divisão em montículos funerários. É sabido que os montículos funerários geralmente possuem o importante fator do fogo, na forma de cremações humanas, enquanto nos abrigos ou grutas o fator importante é a água. Conforme as cosmologias Kaingang (Almeida, 2004; Rosa, 2005; Veiga, 2000), Kamé e sua metade clânica são relacionados com o fogo, enquanto Kanhru e sua metade clânica são relacionados com a água. Essa hipótese é mais discutida no decorrer dessa pesquisa.

O texto de Saldanha (2008) é mais recente no que se refere ao pensamento teórico que se desenvolve na arqueologia, apresentando embasamento teórico mais focado no Pós-Processualismo britânico, influenciado por Hodder, Shanks e Tilley, para se estudar os sepultamentos e a paisagem dos sítios em grutas e abrigos e em montículos funerários. Com relação aos estudos da paisagem, Saldanha interpreta que na região de Bom Jesus, os sítios de sepultamento em abrigos ou grutas (um total de dois) seriam propriedades de uma união de grupos domésticos (Saldanha, 2008, p. 92). Através do estudo comparado entre as práticas funerárias Jê do Sul, o autor interpreta ambos como sendo maneiras distintas de lidar com a ancestralidade e não representativos de prestígio relativo do morto. Saldanha, ao analisar a cerâmica da Gruta do Matemático, percebe que foram produzidas com urgência, porém com o foco voltado para uma boa aparência e que tiveram poucas marcas de utilização. Por fim, o autor interpreta que os cemitérios em abrigos ou grutas seriam uma forma de manter os mortos junto aos vivos, de forma que tanto os vivos quanto os mortos poderiam se encontrar

em um lugar específico. Porém, é importante frisar que o autor não fez nenhum estudo etnográfico para o levantamento de suas hipóteses.

### 1.3.2 Os estudos com a problemática da bioarqueologia

Os estudos da bioarqueologia em grutas e abrigos começaram antes da presença do pensamento da Nova Arqueologia. Chmyz (1965) e Mentz-Ribeiro (1975) já tinham a preocupação na análise osteológica e solicitaram a outros departamentos, de suas respectivas instituições, a análise dos ossos da Gruta da Caveira e dos sítios Virador, respectivamente. Porém, é dentro desse viés teórico-metodológico da Nova Arqueologia, que houve a maioria dos estudos sobre esse tipo de sítio no contexto Jê do Sul. Se por um lado, os estudos sobre as grutas e abrigos dentro das pesquisas de sistema de assentamento eram realizados em conjunto e comparação com os outros sítios Jê do Sul, os estudos da bioarqueologia foram as pesquisas que se preocupavam estritamente em estudar esses cemitérios como estudo de caso.

Em alguns casos, os estudos da bioarqueologia eram realizados através de material osteológico presente em laboratórios e museus que foram coletados anteriormente<sup>11</sup>, em maioria, no período do PRONAPA. Em outras pesquisas, os autores faziam a coleta dos remanescentes ósseos humanos *in situ* e depois os analisavam<sup>12</sup>. Ambas as metodologias são importantes e válidas, porém a segunda forma permite aos pesquisadores(as) testemunhar o lugar<sup>13</sup> de onde aconteceram rituais e interações sociais, e não apenas um espaço onde foi depositado um corpo (Souza & Rodrigues-Carvalho, 2013).

Há um único trabalho no qual o autor, De Lima (2017), realiza tanto uma análise osteológica dos remanescentes ósseos humanos do sítio, quanto um estudo da paisagem da Gruta do Lavatudo e avança ao comparar essa paisagem com as cosmologias Kaingang, principalmente as apresentadas em Rosa (2005). Ainda segundo De Lima, a paisagem da Gruta do Lavatudo, que possui a cachoeira e o rio Lavatudo em destaque na frente do sítio

---

<sup>11</sup> Como os seguintes estudos: do sítio Caipora (Brentano & SCMITZ, 2006; Spindler, 2004); Gruta do Matemático (Brentano & Schmitz, 2010); Alto Jararaca II (Scherer, 2015).

<sup>12</sup> Como os trabalhos: sobre a Gruta do Lavatudo (De Lima, 2017); Perau das Cabeças (Krever & Haubert, 2001); Gruta 3 de Mayo (Rizzo, 1968).

<sup>13</sup> Aqui uso o termo lugar para designar locais que foram experienciados, sentidos, corporificados e simbolizados pelas pessoas/grupos, próximo da ideia de Tilley (1994).

arqueológico, presentifica as águas diluviais e da morte da cosmologia Kaingang, interpretação que é melhor abordada ao decorrer da pesquisa, principalmente no capítulo 7.

Retornando aos estudos da bioarqueologia, o grande interesse desse tipo de pesquisa era entender o que os ossos teriam a dizer sobre as pessoas que estavam sepultadas em abrigos ou grutas: Quantos indivíduos estavam sepultados nas fendas? Quais doenças eles tinham? Qual era o sexo e qual a idade de morte dessas pessoas? Essas geralmente eram as perguntas. Para responder duas perguntas, quantos indivíduos e qual a idade, segue abaixo uma tabela que produzi com os dados disponíveis na bibliografia:

Tabela 2: Número mínimo de indivíduos dos sítios em grutas/abrigos com sepultamento. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	NMI: <sup>14</sup>	Adultos:	Jovens:	Crianças:	Lactentes:	Fetos:	Fonte:	Bacia Hidrográfica:
Gruta do Matemático	30	11	4	7	6	2	Brentano & Schmitz (2010)	Taquari-Antas
Morro da Igreja	53	36	2	7	2	-	Beber (2004)	-
Virador I	2	-	-	-	-	-	Mentz-Ribeiro (1975)	Caí-Sinos
Virador II	8	4	-	4	-	-	Mentz-Ribeiro (1975)	Caí-Sinos
Sítio Caipora	36	15	9	8	4	-	Spindler (2004); Brentano & Schmitz (2006)	Caí-Sinos
Gruta da Caveira	2	-	-	-	-	-	Chmyz (1965)	Taquari-Antas
Jaquirana <sup>15</sup>	140	103	14	16	6	-	Beber (2004)	Taquari-Antas
RS-A-49	2	2	-	-	-	-	Rogge & Schmitz (2009)	Taquari-Antas
RS-A-48	9	3	1	5	-	-	Rogge & Schmitz (2009)	Taquari-Antas
RS-A-70	3	2	1	-	-	-	Rogge & Schmitz (2009)	Taquari-Antas
RS-A-50	3	2	-	1	-	-	Rogge & Schmitz (2009)	Taquari-Antas
RS-A-73	1	1	-	-	-	-	Rogge & Schmitz (2009)	Taquari-Antas
Perau das Cabeças <sup>16</sup>	65	48	6	9	2	-	Krever & Haubert (2001)	Taquari-Antas
Alto Jararaca II	5	3	-	2	-	-	Scherer (2015) <sup>17</sup>	Itajaí
Gruta do Lavatudo	11	4	3	3	1	-	De Lima (2017)	Pelotas
Abrigo Pontão	12	7	-	5	-	-	Parellada (2009)	Paranapanema

<sup>14</sup> NMI significa número mínimo de indivíduos.

<sup>15</sup> Segundo Beber (2004, p. 237) estes dados seriam provenientes de duas grutas próximas na região do município de Jaquirana.

<sup>16</sup> O sítio Perau das Cabeças é constituído de 3 abrigos ou grutas mais a área que compreende esses 3 sítios, conforme Krever & Haubert (2001).

<sup>17</sup> Scherer (2015 *apud* Reis, 2015).

<b>Serra do Veado</b>	11	10	-	1	-	-	Fogolari (2013)	Paranapanema
<b>Gruta 3 de Mayo</b>	4	3	1	-	-	-	Rizzo (1968)	Peperi-Guazu

Por meio desses dados é perceptível que uma parcela dos sítios possui um alto número de indivíduos nos cemitérios, que são os sítios Gruta do Matemático, Morro da Igreja, Perau das Cabeças e Jaquirana. Destaco que todos estes sítios estão na mesma região de bacia hidrográfica, que é a dos rios Taquari-Antas, assim como os sítios RS-A-49, RS-A-48, RS-A-70, RS-A-50 e RS-A-73, que possuem todos um baixo número de indivíduos sepultados, o que representa que haja uma dinâmica que ainda não é possível ser explicada, mas que é abordada no capítulo 4. Porém, talvez há uma má interpretação dos dados, pois o sítio Perau das Cabeças é composto por três grutas ou abrigos; o sítio em Jaquirana é composto por dois abrigos ou grutas, o que acaba por colocar um alto número de indivíduos em sítios que são compostos por mais de uma fenda no paredão rochoso.

Abaixo há uma tabela sobre os marcadores de estresse fisiológico, de forma bastante resumida, para uma breve discussão:

Tabela 3: Marcadores de estressor fisiológico nos sítios. Autor: Phellipe de Lima

<b>Sítio:</b>	<b>Cribriforme/ orbital/ hiperostose porótica:</b>	<b>Periostite:</b>	<b>Osteofitose:</b>	<b>Osteoartrite/ Osteoartrite:</b>	<b>Alterações entésicas:</b>	<b>Cáries:</b>	<b>Cálculo dentário:</b>	<b>Fonte:</b>
<b>Caipora</b>	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Brentano & Schmitz (2006)
<b>Gruta do Matemático</b>	Sim		Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Brentano & Schmitz (2010)
<b>Perau das Cabeças</b>	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Krever & Haubert (2001)
<b>Alto Jararaca II</b>	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Scherer (2015) <sup>18</sup>
<b>Gruta do Lavatudo</b>	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	De Lima (2017)

Os dados indicam algumas coisas acerca das pessoas que eram enterradas nas grutas ou abrigos no contexto Jê do Sul. Que fique evidente que os dados são de poucos sítios, e também são de uma parcela reduzida da

<sup>18</sup> Scherer (2015 *apud* Reis, 2015).

população, tanto do sítio arqueológico (que sofreu processos tafonômicos e antrópicos, como a retirada e perda de material ósseo humano), quanto da população (estatística) geral desses grupos, que faz total diferença para uma análise mais compatível com a realidade (Wood *et al*, 1992). Os dados indicam a ausência de cálculo dentário, sendo apenas a Gruta do Matemático representativa desse marcador; porém a cárie dentária se faz presente na maioria dos sítios—com exceção do Alto Jararaca II (não há nenhuma informação no trabalho de Scherer acerca de remanescentes dentários). Segundo Pessanha (2015, p. 12), a cárie é “uma doença infecciosa multicausal, que resulta da interação de três variáveis principais: bactérias, açúcares e susceptibilidade do hospedeiro”.

Outro marcador de estresse fisiológico que aparece em quase todos os sítios apresentados na tabela é a porosidade na região craniana: quando é na região das órbitas oculares e no osso frontal do crânio, é conhecido como *cribra orbitalia*; quando na região occipital, parietal ou temporal, é conhecido como hiperostose porótica. As principais explicações para o surgimento desses marcadores de estresse fisiológico se dá pela anemia, seja adquirida (geralmente pela deficiência de ferro), transmitida de forma genética, ou por questões infecciosas<sup>19</sup>.

É interessante notar, a partir da tabela, que há uma predominância de sinais de alterações entésicas, que são indicativos de intensidade de trabalho e certos padrões de atividade (Scherer, 2015). A causa da osteofitose é variada, segundo o livro especializado *Identification and interpretation of joint disease in paleopathology and forensic anthropology* (Burt *et al*, 2013), a osteofitose é caracterizada pela projeção óssea, causada através de dano no anel fibroso da vértebra, e esse dano pode ser causado por sinais de que o osso tentou se recuperar de uma inflamação do tecido sinovial (o tecido que reveste as articulações), relacionado à osteoartrite, e pode ocorrer conforme envelhecimento natural das articulações. Já as osteoartrites, segundo a literatura especializada, ocorrem principalmente pela deterioração do osso e da cartilagem de um ou mais juntas (Burt *et al*, 2013).

---

<sup>19</sup> Para uma discussão recente e atualizada sobre a *cribra orbitalia* e a hiperostose porótica ver a dissertação de Di Giusto (2017).

A última análise que descrevo nessa seção é acerca das análises de isótopos estáveis nos ossos humanos provenientes de abrigos ou grutas. Dois trabalhos possuem esse tipo de estudo como foco: o primeiro sendo de De Masi (2001, 2009) e o segundo é o de Loponte *et al* (2016). Enquanto De Masi compara os dados de isótopos estáveis de populações do Planalto (sepultados em abrigos ou grutas) com populações do litoral, Loponte e colaboradores comparam os dados de isótopos estáveis entre as populações Jê do Sul e Guarani.

De Masi (2009) conclui através de seu estudo que, por volta do ano 1280 A.D., populações da encosta da serra apresentariam uma dieta essencialmente terrestre, “com alguns indivíduos” apresentando consumo de milho; para a região do Planalto, também por volta de 1280 A.D., as pessoas estão processando e consumindo plantas  $c_4$ , como o próprio milho; já pro litoral, no mesmo período, os indivíduos da região costeira além de não apresentar mobilidade, tinham a sua dieta focada, basicamente, no consumo de peixes.

No estudo de Loponte *et al* (2016), os autores concluem que não haveria dados suficientes para suportar que o milho seria um fator importante na dieta dos grupos. Porém em contrapartida, o consumo de plantas  $c_3$  (como o pinhão), que o autor não declara se são “selvagens” ou cultivadas, seriam significantes na dieta. Ainda um indivíduo da região de São Joaquim, datado em 1180-1290 A.P. apresentaria uma quantidade significativa de consumo de milho.

Segue abaixo uma tabela adaptada dos dois autores para uma discussão individualizada sobre os dados<sup>20</sup>:

Tabela 4: Análises isotópicas dos sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima

Indivíduo:	$\delta^{13}C_{co}$	$\delta^{13}C_{ap}$	$\Delta^{13}C$	$\delta^{15}N$
<b>3 De Mayo - 1</b>	-16,5			12,6
<b>3 de Mayo - 2</b>	-16,1			11,3
<b>Matemático - 1</b>	-18,9	-11,8	7.1	9
<b>Matemático - 2</b>	-20,7	-12,8	7.2	9.1

<sup>20</sup> A numeração na aba dos sítios significa que são indivíduos diferentes provenientes do mesmo sítio arqueológico.



Matemático - 3	-19,9	-12,3	7.7	10.4
Matemático - 4	-20	-10,7	9.3	9.2
Alfredo Wagner	-17,9			7.6
Ribeirão Herta	-18,6			9.5
Rio dos Altos - 01	-15,1			10.4
Rio dos Altos - 03	-18,1			8.1
Rio dos Altos - 05	-10,8			7.7
Rio dos Altos - 06	-17,2			8.2
São Joaquim SJ 04	-20,6			8.7
Urubici <sup>21</sup>	-17,1			8.9

Segundo Loponte *et al* (2016), os dados decorrentes da análise de isótopos estáveis são representativos da dieta de um indivíduo dos últimos 7 à 10 anos de vida. Na tabela que apresentada, assim como no estudo de Loponte *et al*, **δ13Cco** significa os valores de carbono 13 presentes no colágeno (parte orgânica do osso); **δ13Cap** significa os valores de carbono 13 presentes na apatita (parte inorgânica do osso); **Δ13C** é a diferença entre os valores de carbono 13 da parte orgânica e inorgânica dos ossos; por último, **δ15N** é o valor de nitrogênio. Os valores de δ13Cco quando próximos de -21% são significativos de uma dieta mais focada em plantas c3 (no caso da região do Planalto, provavelmente o pinhão), e quando próximos de 7% são representativos de uma dieta mais baseada em plantas c4; na porção de δ13Cap, quanto mais próximos de 13,5%, mais significativo de uma dieta c3 é, enquanto a proximidade de 3% é representativo de dietas baseadas em plantas c4; os valores de Δ13C quando próximos de 6.8% (± 1,4%) são representativos de uma dieta mais herbívora, enquanto quando mais próximo de uma dieta carnívora os valores ficam abaixo de 4% ± 1%; os valores de δ15N são indicativos da cadeia trófica, e a cada 3 à 4% é indicativo de um nível maior na cadeia trófica da dieta (Loponte *et al*, 2016, p. 6).

#### 1.4 Os Jê do Sul

É fato que os conceitos de Fase e Tradição do PRONAPA foram e ainda são problemáticos, em grande parte porque o conceito está ligado à cultura material (Silva, 2001), e em dado momento começaram a ser utilizados para definir tribos e nações, mesmo que sem nenhum comprometimento com estudos antropológicos (ARAÚJO, 2007; Souza, 2017), pesquisas da

---

<sup>21</sup> Provavelmente do sítio Urubici-7.

linguística, da história ou de outras ciências (Noelli, 1999) e nenhuma relação com as etnografias do presente.

Noelli (1999, p. 291) aponta que alguns autores *pronapianos* faziam correlações entre a Tradição Taquara-Itararé com etnias atuais, porém era feita através de superposições geográficas; nesse mesmo texto, Noelli relaciona a mesma Tradição arqueológica como sendo a cultura material pertencente ao passado dos povos Jê do Sul, atuais Kaingang e Xokleng-Laklãnõ, pois não haveriam diferenças significativas “entre as evidências encontradas nos registros arqueológicos e aquelas feitas pelas populações etnográficas ou pelas citadas em fontes históricas”, dando uma continuidade histórica entre o passado arqueológico e o presente etnográfico.

Outro autor que se dedicou a essa problemática de continuidade entre os Jê do Sul arqueológicos e os atuais Kaingang e Laklãnõ-Xokleng foi Silva (2001). Em sua tese, o autor realiza um estudo da cultura material da Tradição Taquara-Itararé aliado aos estudos etnográficos, etno-históricos e linguísticos dos Jê do Sul. O autor propõe a substituição do termo Tradição para o termo Proto-Jê meridional (Silva, 2001, p. 11), para se referir aos grupos ancestrais dos atuais Kaingang e Laklãnõ-Xokleng, que seriam falantes de alguma língua Jê anterior às línguas Kaingang e Laklãnõ-Xokleng.

Os Kaingang e Laklãnõ-Xokleng, em consideração a aspectos da linguística, são grupos falantes do ramo Jê Meridional do tronco linguístico Macro-Jê. Os outros grupos falantes do tronco linguístico Macro-Jê são: no ramo Jê Central, os Xavánte e Xerénte; e no ramo Jê Setentrional, os Timbira, Apinajé, Kayapó, Panará e Suyá (Jolkesky, 2010, p. 4). Jolkesky nos aponta que os Jê do Sul teriam se separado linguisticamente de seu ancestral comum por volta de 840 A.D.. E os próprios Jê do Sul teriam se dividido em dois subgrupos: um oriental e um ocidental, por volta de 1390 A.D.. O grupo oriental é composto pelos Kaingang e Kaingang paulista, e os Laklãnõ-Xokleng; o grupo ocidental seria composto pelos Ingain e Kimdá (extintos).

#### **1.4.1 Os Kaingang**

Segundo Fernandes & Goés (2018), atualmente há aproximadamente uma população de 40 mil pessoas Kaingang no Brasil, distribuídos aproximadamente em 38 áreas indígenas que estão nos estados de São Paulo,

Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esses números são correspondentes a quase metade da população falante do tronco linguístico Macro-Jê, sendo um dos cinco povos indígenas mais populosos do território Brasileiro. É a etnia mais populosa no território da região sul do Brasil, e diversos autores se dedicaram a estudá-los no passado<sup>22</sup> e no presente. Conforme Wiesemann (1978, p. 199-200), a língua Kaingang teria um total de cinco dialetos específicos que se dariam da seguinte forma: o Dialeto de São Paulo estaria entre os rios Tietê e Paranapanema, o Dialeto do Paraná estaria entre os rios Paranapanema e Iguaçu, o Dialeto Central estaria entre os rios Iguaçu e Uruguai, o Dialeto Sudoeste ao sul do rio Uruguai e oeste do rio Passo Fundo, e por último o Dialeto Sudeste ao sul do rio Uruguai e a leste do rio Passo Fundo.

O termo Kaingang é uma autodenominação do povo desde o século XIX (Mota, 2004) e, segundo Veiga (2006, p. 45-46), significa “índio”, e é importante porque serve como um termo que unifica o grupo para fins externos e políticos não só para com os não-indígenas, mas também em relação a outros grupos indígenas. Apesar da autodenominação, os Kaingang já foram chamados por diversos outros nomes na literatura, entre eles: Guaranhanás, Guayanazes, Camés, Votorões, Dorins, Jacfé, Cayeres, Tac-Taia, Guñanás, Pinares, Camperos, Cavelludos, Coronados, Gualachos, Ybiraiyaras, Chiquis, Chequis (Veiga, 2006, p. 42), além de Coroados, que era um nome aportuguesado, que remetia a freis católicos e era uma denominação que trazia desgosto aos Kaingang (Mota, 2004). Durante muito tempo (a partir do século XVI), conforme relata Laroque (2007), os Kaingang foram vítimas de processos de exploração e colonização. Esses ataques à soberania indígena Kaingang são marcados por expedições ibéricas rumo ao sul, expedições jesuíticas, colonos e colonizadores europeus e a Frente Pioneira, que diminuíram consideravelmente o território Kaingang com o decorrer do tempo.

Historicamente os Kaingang ocuparam grande parte do Planalto Meridional e parte de Misiones, na Argentina. Serrano (1939) e Tommasino

---

<sup>22</sup> Para uma ótima síntese das pesquisas anteriores ao ano de 1995, ver a tese de Kimiye Tommasino (1995).

(1995)<sup>23</sup> atestam que os Kaingang eram péssimos nadadores e não eram navegantes, por tanto os rios seriam obstáculos naturais e sociais, e também seriam os grandes rios delimitadores do território Kaingang, enquanto os rios menores formariam os limites de subterritórios de grupos locais também Kaingang. O estudo historiográfico de Laroque (2007) relata que os territórios tradicionais Kaingang estariam ligados às bacias hidrográficas dos seguintes rios: na região de São Paulo, Tietê, Feio, Aguapeí e Paranapanema; para o estado do Paraná, os rios Tibagi, Ivaí, Piquiri e Iguaçu; para o estado de Santa Catarina, entre os rios Iguaçu e Uruguai; no estado do Rio Grande do Sul, rio dos Sinos, Caí, Taquarí, Jacuí e Uruguai; na região de Misiones, Argentina, rios Peperi-Guaçu e Santo Antônio.

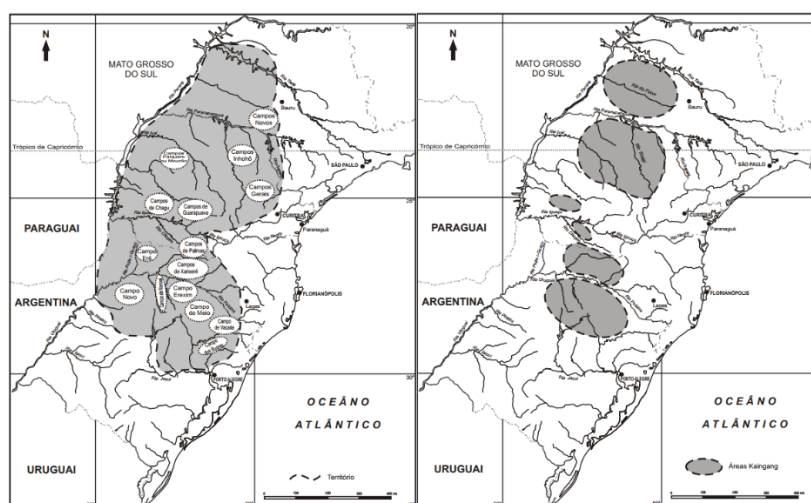


Figura 2: Mapas dos territórios. À esquerda no século XIX e à direita no século XX. Fonte: Laroque (2007)

A etnia dos Kaingang possui uma estrutura pautada na dualidade. A principal distinção e que é definidora do ser Kaingang, é a divisão em metades clânicas: Kamé e Kanhru<sup>24</sup>, que são os nomes dos heróis da origem Kaingang e que são, ao mesmo tempo, opostos e complementares (Rosa, 2005; Silva, 2001; Tommasino, 1995; Veiga, 2000). A definição se uma pessoa é da metade Kamé ou Kanhru é feita a partir da patrilinearidade (Rosa, 2005), ou seja, através da linhagem paterna. A partir dessa definição clânica, basicamente toda a sociedade é estruturada. O casamento é exogâmico, o que significa que,

<sup>23</sup> Ao citar o texto de Mabilde (1983).

<sup>24</sup> Também chamados na literatura de Kañerú, Kanherú, Kayuru e Kairu. Uso da grafia Kanhru pois é a grafia que Rosa (2005) utiliza, e é o trabalho deste autor que me fez pensar o estudo da cosmologia Kaingang na minha pesquisa arqueológica.

se uma pessoa é da metade Kamé, deve se casar com alguém da metade Kanhru e vice-versa (Tommasino, 1995). Essa inversão também ocorre em relação à morte: os *péin* Kamé fazem as sepulturas e cuidam dos serviços funerários para a metade Kanhru e oposto acontece reciprocamente em relação aos Kanhru para os Kamé (Veiga, 1994).

Outro traço de distinção do ser Kaingang é em relação com a morte e ancestralidade na forma do ritual do *kik*<sup>25</sup>, também chamado de *kiki koi* ou *veingreinyã* (Tommasino, 1995; Veiga, 1994). Alguns grupos Kaingang não faziam mais o ritual do *Kiki* (Tommasino, 1995; Veiga, 2000); enquanto outros grupos retomaram essa prática, mesmo que com influências cristãs (Rosa, 2005). Para Tommasino (1995, p. 247) e Veiga (1994, p. 164), o ritual do *kiki* era de vital importância, pois esse era o centro da vida social e congregava os parentes de aldeias distantes. O nome do ritual é *kiki* pois é o nome da bebida feita de mel e água que é consumida durante o festejo (Veiga, 1994, p. 163). A dualidade está muito presente nesse ritual, pois os *péin* Kamé devem rezar pelos mortos Kanhru e vice-versa (Rosa, 2005; Veiga, 1994). Segue abaixo relato de Veiga (1994, p. 162-163) sobre a importância social do ritual do *kiki*:

Para deixar um moribundo feliz os Kaingang prometem que vão fazer um Kiki pra ele. A festa do Kiki parece ser uma oportunidade dos espíritos dos mortos poderem voltar à aldeia dos vivos. Seria um momento onde os vivos e os mortos estão festejando no mesmo espaço. No entanto, para aqueles para os quais se faz o Kiki, é uma última volta como pessoa relacionada à comunidade, porque no Kiki os mortos devolvem seus nomes à comunidade liberando-a do tabu que a impedia de pronunciá-los e possibilitando que ele venha a ser empregado na nomeação das crianças.

[...]

Segundo alguns Kaingang, idealmente essa cerimônia acontece a cada 3 anos; segundo outros, realizava-se antigamente a cada ano, sendo celebrada pelos que morreram desde a realização do último ritual.

[...]

Embora o ritual não aconteça todos os anos, quando é realizado ocorre entre os meses de abril e junho, época em que há abundância de alimentos, especialmente pinhão e milho verde, mas também mel e caça, tornando possível receber os parentes que vêm de outras aldeias para a festa. A realização do Kiki depende do interesse da família do morto.

Veiga (2000), baseada em relato de Maniser, demonstra que os cemitérios Kaingang são semelhantes aos montículos funerários conhecidos na

---

<sup>25</sup> Chamado assim por Rosa (2005).

arqueologia e representam a montanha que Kamé e Kanhru teriam ido morar durante o grande dilúvio. Essa prática de se criar túmulos altos e de forma circular entre os Kaingang também é descrita em Mabilde (1988).

Através de métodos da arqueologia, Silva (2001) compara os grafismos Kaingang com os presentes na cultura material arqueológica das cerâmicas e na arte rupestre. E, além de ver forte relação entre os artefatos arqueológicos e os grafismos atuais, os próprios interlocutores Kaingang do autor interpretam os grafismos e os relacionam como símbolos *ra téi*<sup>26</sup> (Kamé), *ra ror*<sup>27</sup> (Kanhru) e *ra iãnhia*<sup>28</sup>. Assim, esses são dois exemplos de trabalhos que demonstram a continuidade entre o passado arqueológico e o presente etnográfico.

---

<sup>26</sup> Marca comprida e aberta, sem fim (Silva, 2001, p. 185).

<sup>27</sup> Redonda e fechada (Silva, 2001, p. 185).

<sup>28</sup> Representam graficamente ambas as metades, misturando as marcas *ra téi* e *ra ror* e são relacionados a algum indivíduo com autoridade sobre as metades clânicas (Silva, 2001, p. 189).



labial chamado de botoque<sup>29</sup> (Machado, 2017, p. 91), Aweikoma, Aweikoma-Kaingang, Schokleng, Xocrém, Xokleng, Kaingang e Kaingang de Santa Catarina (Gakran, 2015; Lavina, 1994). Segundo Gakran (2015, p. 24), pesquisador e indígena Laklãnõ, para os mesmos, “o termo *Xokleng* é demarcador do olhar do colonizador sobre a comunidade e não desta como povo” e completa “o nome *Xokleng* foi dado por pesquisadores e não os identifica como povo devido ao seu significado não ser muito agradável e, por isso o povo se sentia humilhado com essa denominação”. Sendo assim, neste texto eles são tratados por Laklãnõ, por respeito à autodenominação e entender que faz parte de um processo importante para o povo.

Historicamente, os Laklãnõ ocuparam grande parte da região sul do Brasil, mais especificamente do centro do Paraná até a região Nordeste do Rio Grande do Sul e a área correspondente ao centro-leste do estado de Santa Catarina (Gakran, 2015, p. 19). Esses territórios de Santa Catarina correspondem a regiões do litoral, do Planalto Meridional, contrafortes da Serra Geral e da Serra do Mar (Lavina, 1994, p. 8). Esse vasto território foi diminuindo com o tempo, principalmente, a partir do século XIX até parte do século XX.

Há duas grandes diferenças entre os Kaingang e os Laklãnõ, e ambas estão relacionadas ao uso do botoque. A primeira diferença é que o botoque era utilizado apenas pelos Laklãnõ. A segunda diferença é acerca do ritual de passagem (que não existe mais) que envolve o uso do botoque. Segue o relato presente em Gakran (2015, p. 26):

A maior festa dos Laklãnõ-Xokleng acontecia por ocasião da *furação dos lábios dos meninos “glókózyn”*. Neste ritual, vários grupos se reuniam para comemorar com danças *ãgglan* e muita bebida feita à base de mel, água e xaxim e, depois de pronta, era chamada de *mõg*. O povo considerava importante que, após os três a cinco anos de idade, os meninos tinham que ter botoques inseridos no lábio inferior e que isso fazia parte da tradição. Já as meninas, com a mesma idade, recebiam ‘tatuagens’ ou marcas na perna esquerda, abaixo da rótula.

Na primeira década do século XIX, segundo Gakran (2015), foi declarada “guerra justa” contra os Laklãnõ da região de Lages, em Santa Catarina. Anos depois, imigrantes alemães invadiram territórios Laklãnõ, que

---

<sup>29</sup> Este item seria de utilização apenas dos Laklãnõ, e não dos Kaingang (Corteletti, 2012; Schaden, 1977).



foram doados pelo Império brasileiro para colonização agrícola. O momento mais intenso desse embate se deu quando os Laklãnõ estavam limitados e encurralados na região de Santa Catarina e foram vítimas de massacres por conta de bugreiros, o que mudou drasticamente o modo de vida e de subsistência dos Laklãnõ, obrigando-os a deixarem suas roças e modo de vida baseada em caça, pesca e coleta, para tornarem-se “caçadores e coletores refugiados nas florestas, e atormentados pelo temor das práticas dos *bugreiros*” (Gakran, 2015, p. 21).

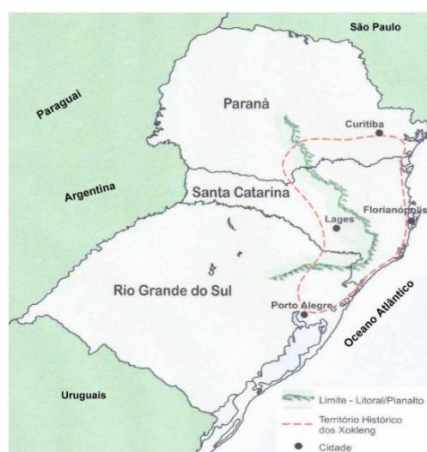


Figura 4: Mapa com os territórios tradicionais Laklãnõ do acervo pessoal de Namblá Gakran.

Fonte: Gakran (2015, p. 19)

Como expõe Machado (2016), diversos autores escreveram acerca da territorialidade e mobilidade dos povos Laklãnõ. Gakran (2015) nos relata através de experiência própria e relatos de membros Laklãnõ, que os hábitos alimentares eram definidos pelo onde e quando se encontravam: o inverno era passado no Planalto e a alimentação seria baseada na coleta de pinhão e caça para a obtenção de carne; enquanto o verão era passado no litoral e a dieta seria baseada em peixes, e o milho era alimento essencial nos dois locais e períodos do ano.

Acerca da organização social dos Laklãnõ, a residência após o casamento seria com os parentes da esposa. Segundo Priprá (2015), uma autora que também é Laklãnõ, no passado, pessoas de marcas iguais não poderiam se casar, e o casamento era escolhido pelos pais dos noivos. Segue abaixo o relato para casamentos atuais (Priprá, 2015, p. 31):

Hoje as marcas tribais são vistas como sobrenomes para identificação da família. Outro aspecto importante para compreendermos a questão organizativa Laklãnõ/Xokleng tem a ver com os casamentos. Atualmente, há pessoas do mesmo sobrenome

casadas entre si. Antigamente, se respeitava as relações de parentesco, como acontecia com cada “marca” desenhada no corpo e no rosto. Essa marca indicava seu grau de parentesco, e se poderiam ou não se casar entre si. Aliás, os desenhos corporais são um símbolo de identidade dos Laklãnõ como um todo.

Arqueologicamente, as cremações em montículos funerários são relacionadas com etnografias Laklãnõ, principalmente através de relatos de sepultamentos com cremações, como os relatos de Vomblé, presentes em Henry (1964).

Tendo nesse capítulo realizado uma revisão bibliográfica acerca das pesquisas num contexto geral, abordando a história dos estudos desses sítios em abrigos ou grutas e também discutindo acerca dos Kaingang e dos Laklãnõ, os Jê do Sul, no próximo capítulo há uma revisão bibliográfica de alguns estudos de caso que considero importantes, por seus contextos e por serem definidores do que conhecemos, até então, sobre esse tipo de sítio funerário na arqueologia Jê do Sul.

## Capítulo 2 – Pesquisas arqueológicas importantes na forma de estudos de caso de abrigos ou grutas com sepultamento

*“It is not despair, for despair is only for those who see the end beyond all doubt.*

*We do not.”*

Gandalf, the Grey – The Lord of the Rings: The Fellowship of the Ring (J. R. R. Tolkien)

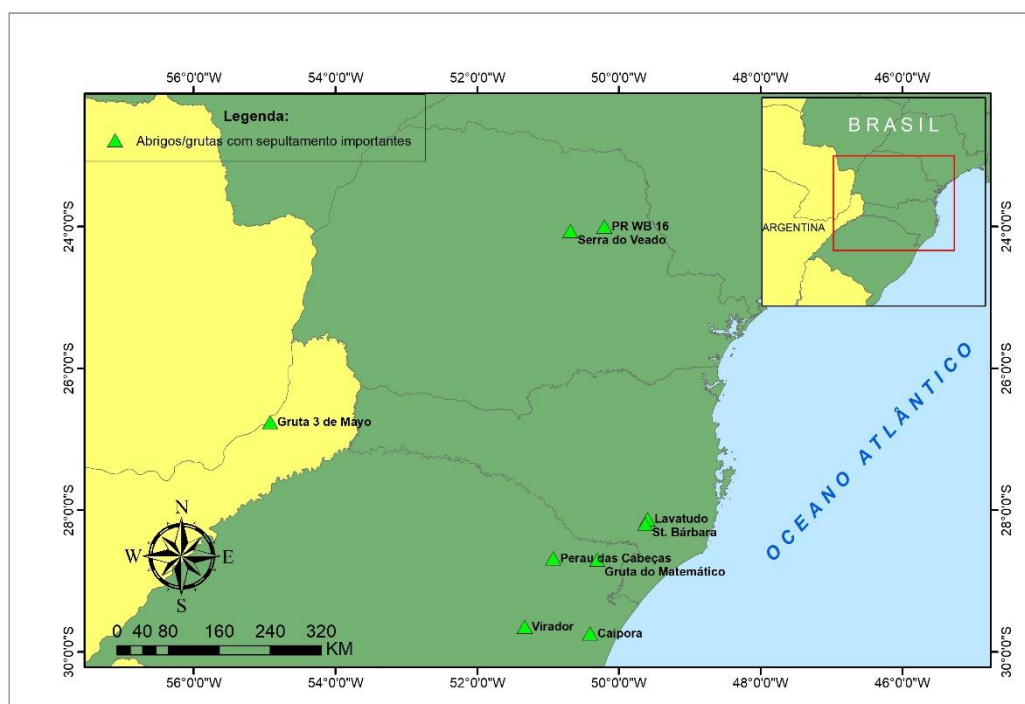
A maioria dos sítios de sepultamento em paredões rochosos, no contexto Jê do Sul, estão associados a quedas d'água e rios, o que torna esses locais pontos naturalmente turísticos, e, por tanto, os sítios sofrem com a ação antrópica, como constatado por Corteletti (2008), De Lima (2017), Rohr (1971), entre outros. Somado à questão turística, a água representa um fator tafonômico importante para o contexto dos sítios arqueológicos: a água naturalmente faz a erosão das rochas, que por vezes despencam e acabam caindo nas áreas de sepultamento, destruindo o contexto original do sítio arqueológico e dos sepultamentos, como constatado por De Lima (2017). Esses dois fatores, as ações antrópicas e naturais, são definidores do que nós vemos nesses sítios hoje em dia: ossos humanos e sepultamentos esparsos, desconexos, longe das suas deposições originais, ossos humanos retirados por visitantes ou rolados pelos rios após o despencar das rochas, enfim, são diversos fatores que destroem e impactam esses sítios de sepultamento em paredões rochosos.

Além dos riscos tafonômicos apresentados acima, como Beber (2004) e Corteletti (2012) apontaram: ainda conhecemos e estudamos poucos cemitérios em paredões rochosos Jê do Sul. Através da revisão bibliográfica que fiz, trago nove estudos de casos, totalizando dez sítios arqueológicos (pois o estudo de caso do Virador descreve os sítios Virador I e II), que considero importantes por serem definidores do que conhecemos sobre esse tipo de sítio. Em alguns estudos de caso apresentados neste capítulo, como os sítios Virador I e II, Serra do Veado e 3 de Mayo, os autores puderam observar os sepultamentos quase que em suas deposições originais, o que nos permite um vislumbre de como poderiam ser os sepultamentos dos sítios que hoje estão destruídos.

Em alguns sítios arqueológicos há ossos humanos datados e sabemos um pouco melhor sobre o contexto funerário—como nos casos da Gruta do Matemático, Virador I, Tunas/PR WB 16, Serra do Veado e 3 de Mayo -. Em outros casos de estudo, há pesquisas que geraram interpretações interessantes, como o estudo de marcas de corte que foram interpretados como descarte e desmembramento no sítio Caipora (ver Brentano & Schmitz, 2006); o estudo da paisagem cosmológica da Gruta do Lavatudo, e, também, sítios onde há um grande número de indivíduos sepultados, como nos sítios Perau das Cabeças e Santa Bárbara.

Sendo assim, cada subcapítulo deste capítulo representa um sítio arqueológico estudado por diferentes autores, e, assim, são descritas interpretações e alguns dados levantados pelos autores que nos permitem melhor entendimento da utilização dos abrigos e grutas com sepultamentos no contexto da Arqueologia Jê do Sul.

Abaixo segue o mapa com a coordenada desses dez sítios arqueológicos:



Mapa 2: Mapa com a localização de importantes abrigos e grutas com sepultamento. Autor: Phellipe de Lima

## 2.1 A Gruta do Matemático (RS-A-8)

Segundo relato pessoal de Schmitz, conforme nosso encontro em 2019 no IAP-Unisinós, os remanescentes ósseos humanos da Gruta do Matemático estão sob proteção do MARSUL.

Na tese de doutoramento de Silvia Copé, intitulada *Les Grands Constructeurs Précoloniaux Du Plateau du Sud du Brésil: Étude de Paysages Archaéologiques à Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brésil* temos a descrição do sítio Gruta do Matemático, que viria a ser um dos sítios de sepultamento em paredões rochosos mais importantes do Rio Grande do Sul, principalmente pelo contexto dos estudos realizados nessa tese. Na tese de Copé, temos a informação de que a Gruta do Matemático é descrita por Miller em 1971. Vamos à descrição inicial de Miller (1971, p. 45):

[...] Apesar da perturbação e depredação dos enterramentos, as evidências foram suficientes para constatar-se que eram do tipo atêrro, entrando na sua formação, terra e restos vegetais de xaxim, fôlhas de taquara e capim. Pequenos blocos de pedra circundavam os aterros que eram alongados (máximo 70x180cm e mínimo 60x30cm) e baixos.

Os enterramentos eram acompanhados por restos de pequenas fogueiras (nós de pinho), trançados de fibra vegetal e raramente animal, artefatos de madeira, cêra animal e conchas de lamelibrânquios (est. 11-12). O milho, pinhão e calabças fariam parte das oferendas aos mortos pelos restos de sabugo, cascas, fragmentos e sementes de porongo.

Alguns restos ósseos de enterramento apresentavam-se ainda encobertos pelo periósteo. Em um caso, os ossos do braço esquerdo de um indivíduo infantil (cerca de 20 meses) apresentaram-se ligados desde a omoplata até o carpo.

Os restos arqueológicos em redor dos aterros atingem um máximo de 10 cm de profundidade, sendo em partes superficiais.

Na parte fronteira dos abrigos-cemitérios, existem vestígios de paredes artificiais feitas de taquara sovada e tramada. Várias lascas naturais de basalto, desprendidas do teto, apresentam evidências de uso.

O relato de Miller é de importância, pois traz uma das descrições mais ricas sobre os sítios de sepultamento em abrigos e grutas. A descrição, ou até mesmo o fato de se encontrar artefatos em contexto com os sepultamentos em paredões rochosos é algo raro, o que por si só faz o relato de Miller ser interessante. A informação sobre os sepultamentos serem em forma de aterro é importante, e através desta informação, Corteletti (2012) supõe um possível hibridismo entre a Gruta do Matemático e os sítios de montículos funerários.

A partir do sítio Gruta do Matemático (RS-A-8), Copé apresenta contextualizações e interpretações acerca de sítios de sepultamento em

paredões rochosos no contexto de Bom Jesus. O sítio arqueológico é interessante também pelo fato do grande número de indivíduos sepultados<sup>30</sup>, por apresentar cerâmica Jê do Sul<sup>31</sup> e restos de alimentação relacionada à domesticação de plantas, que Copé interpreta como sendo uma resposta do contato entre os grupos Jê do Sul com os grupos ceramistas Guarani. Copé (2006) indica que estes restos de alimentação são relacionados à rituais funerários e não resquícios de alimentação ou de habitação. O estudo da cerâmica, de Saldanha (2008, p. 93), indica que foi confeccionada com “certa urgência, mas com alto esforço na produção de uma boa aparência [...] além disto, o baixo índice de marcas de utilização indicou que a vida útil das vasilhas dentro do abrigo não foi grande”. Abaixo apresento algumas fotos do sítio e sua paisagem.



Figura 5: A Gruta do Matemático. Fonte: Copé (2006)

---

<sup>30</sup> Conforme Brentano & Schmitz (2010) e demonstrado nesta dissertação, o número mínimo de indivíduos é 30.

<sup>31</sup> Conforme análise de Saldanha (2001).



Figura 6: Visão interna da Gruta do Matemático. Fonte: Copé (2006)

Consta ainda no relato de Copé (2006), que na Gruta do Matemático foram encontrados remanescentes de cestaria, fato relacionado com algum tipo de ritual funerário ou para fechar a entrada do cemitério. Destaco o contexto desse cemitério: um sítio em paredão rochoso com muitas pessoas sepultadas, com fragmentos de cerâmicas, restos de alimentação para fins de rituais funerários e restos de cestaria que poderiam ser utilizados por diversos motivos. Baseado nas etnografias Kaingang (Veiga, 2000) e Lakiãõ (Lavina, 1994) proponho que a presença dessa cestaria esteja relacionada ou com o transporte dos utensílios dos mortos ou no transporte dos ossos do morto para o cemitério. Maiores contextualizações acerca das interpretações desses traços de materialidade em abrigos e grutas com sepultamento serão abordados no capítulo 6 da minha dissertação.

Conforme a monografia de Werlang (1981) sobre a história do MARSUL, há algumas informações complementares importantes. A Gruta do Matemático possui uma datação radiocarbônica realizada por Miller durante o período do PRONAPA. A datação é  $700 \pm 60$  A.P. (SI-809). A calibração da data se deu entre os anos 1234 e 1410 A.D., conforme podemos ver na imagem abaixo:

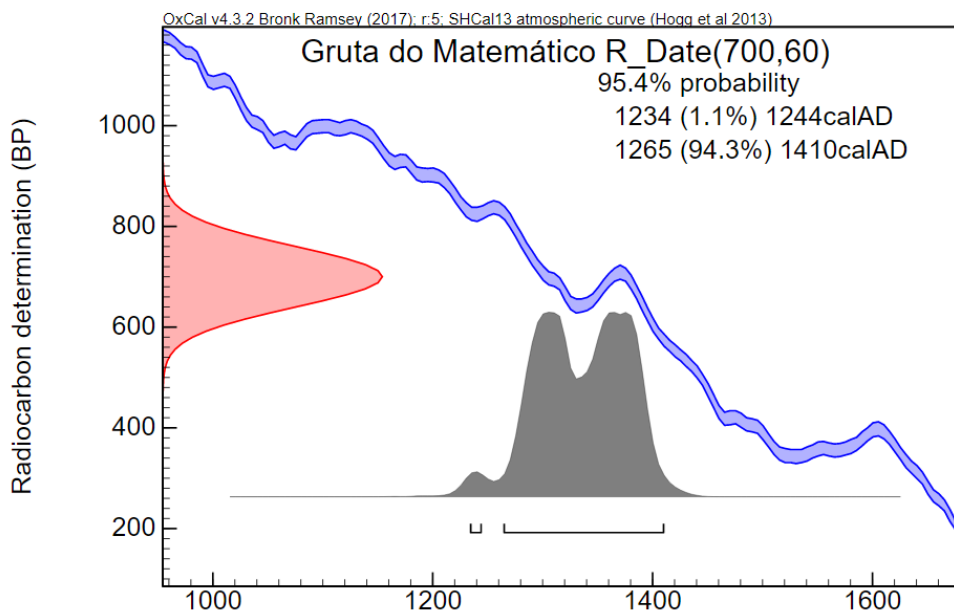


Figura 7: Calibração da data proveniente da Gruta do Matemático feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

Apesar de ser uma datação importante, ela pode ser frágil por ter sido feita em um período onde as técnicas de datações não eram tão avançadas, por isso creio que novas datações sobre a Gruta do Matemático devem ser feitas, principalmente por ser um sítio importante na ocupação Jê do Sul.

## 2.2 Perau das Cabeças (RS-A-28)

O sítio Perau das Cabeças foi citado em alguns trabalhos, dos quais destaque os de Krever & Haubert (2001) e Schmitz *et al* (2005), por terem os relatos mais completos sobre esse sítio arqueológico.

O jazigo funerário, também conhecido como Dinartino Borges de Vargas (RS-A-28), está localizado ao sul do município de Vacaria em coordenadas UTM de 507007/6827293. Esse sítio, na verdade, é constituído de três pequenas “grutas”, que foram definidas como grutas A, B e C (Krever & Haubert, 2001, p. 1). O sítio foi trabalhado em duas oportunidades pelas autoras: na primeira, os ossos foram coletados e analisados *in situ*, enquanto na segunda os remanescentes humanos foram coletados, levados a laboratório e lá foram realizados estudos osteológicos. Após as análises, os



remanescentes ósseos teriam sido retornados para o sítio. Segue abaixo uma breve descrição acerca da divisão arbitrária do sítio Perau das Cabeças com suas devidas dimensões (Krever & Haubert, 2001, p. 1):

Com a finalidade de facilitar a identificação e a análise, as grutas foram denominadas como A, B e C. A maior e mais rica em restos esqueléticos foi designada como gruta B, estando a sua esquerda a gruta A com quantidade reduzida de ossos e a sua direita a gruta C com um número significativo de remanescentes, as quais medem, respectivamente, 60, 90 e 50 cm de altura máxima e 6-8, 4-5 e 2-3m de espaço interno. Entre a queda d'água e a gruta C foi encontrado um aglomerado de ossos, situado abaixo da plataforma geral, junto ao paredão, sendo o local identificado pela letra D, porém, apesar de não ser uma gruta, foi considerado como tal, a fim de padronizar a descrição.

Como em comum com os outros cemitérios desse tipo, o sítio possui uma cascata próxima em sua formação rochosa, segundo os autores. Temos uma interessante contextualização, um relato quase que fenomenológico do sítio no trabalho de Schmitz e colaboradores (Schmitz *et al* 2005, p. 156-157):

O acesso ao jazigo é difícil, sendo necessário descer uma rampa íngreme, de uns 15 m de altura, para alcançar a fenda rochosa, que se estende por detrás da cascata e por ambos os lados.

O ambiente formado pela ruidosa queda d'água, os paredões acima e abaixo da estreita vereda em frente ao jazigo, a densa vegetação formada por velhos pinheiros e densos taquarais, impregnados de umidade e cheirando a mofo, mais a penumbra circundante, dão ao lugar um tom próprio para um jazigo coletivo, suficientemente marcado para não ser esquecido e não muito distante dos sítios com casas subterrâneas, onde morariam seus usuários.

Ainda segundo Schmitz *et al* (2005, p. 159), o sítio “deve ter servido às populações estabelecidas nas proximidades, onde se encontram numerosos sítios com casas subterrâneas”, ou seja, o autor faz uma aproximação direta entre o cemitério com o passado Jê do Sul. Sobre as práticas funerárias o autor interpreta que “os corpos eram depositados na superfície, talvez envoltos em esteiras e alguns trariam seus colares” (Schmitz *et al*, 2005, p. 159), pois foram encontrados um total de 187 contas de colar feitas de moluscos e fragmentos de corda trançada (interpretações acerca das contas de colar no contexto funerário são abordadas no capítulo 6).



Figura 8: Perfil do sítio Perau das Cabeças. Fonte: Copé (2006)

### 2.3 Sítio Caipora (RS-S-328)

O sítio Caipora foi pesquisado recentemente em três oportunidades. A primeira publicação a ser comentada está presente na tese de doutoramento de Adriana Schmidt Dias (2003), intitulado *Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-Colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. Nesse trabalho dela há uma contextualização do sítio arqueológico Caipora, além de uma datação realizada por Miller que possui a data de  $1655 \pm 65$  A.P. (SI 2345) (Dias, 2003, p. 58). Através dessas informações, foi possível a calibração da data, que estaria em um *range* cronológico, com 89,5% de chance de estar entre os anos 327 e 590 A.D., como podemos ver no gráfico abaixo:

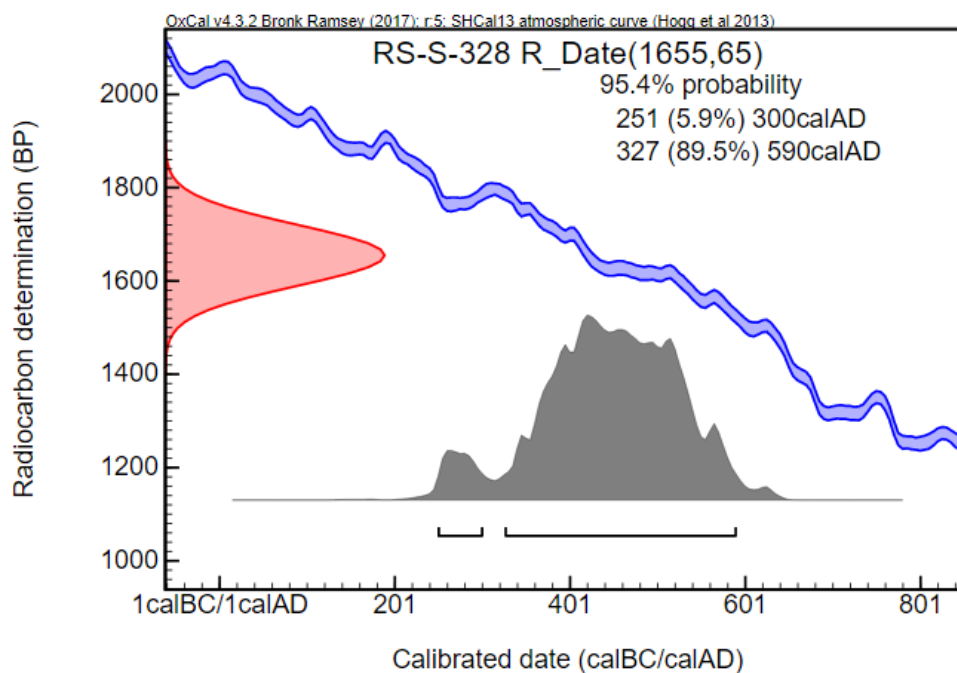


Figura 9: Calibração da data do sítio RS-S-328/Caipora feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

Ainda em Dias (2003, p. 88), temos algumas contextualizações sobre o sítio Caipora. Possuindo uma coordenada UTM de 557804/6709448 e distando 1500 m de uma fonte de água, o jazigo funerário está inserido no que a autora chama de Tradição Taquara, consequentemente aos Jê do Sul, e em nota de rodapé, somos apresentados à inserção do sítio na geografia e na paisagem, que segue:

O sítio RS-S-328: Caipora está a uma altitude de 300 m e corresponde a uma fenda no basalto, com orientação sudeste, situado a 1,5 km a leste do arroio Sertão. O sítio foi registrado por Miller em 1968, quando foram realizadas coletas de superfície, apresentando uma coleção de fragmentos ósseos humanos, com datação de 1655+- A.P. (SI 2345). Por apresentar associação com algumas lascas de basalto, o sítio foi classificado durante o PRONAPA como associado à Tradição Humaitá, contudo está relacionado ao sistema de assentamento da Tradição Taquara, sendo esta sua provável associação cultural.

Ao falar do sítio Caipora, os fatores para relacioná-lo aos Jê do Sul se dão pela “correlação espacial com os sítios da Tradição Taquara, além de apresentar um padrão de sepultamento compatível ao identificado para esta Tradição no planalto sul-rio-grandense” (Dias, 2003, p. 206). Aparentemente temos no sítio Caipora outro fator, já citado nesse trabalho, comum acerca desse tipo de sítio no contexto da ocupação Jê do Sul: a perturbação que esses

cemitérios sofrem. Apesar de ter sido possível o resgate dos remanescentes ósseos humanos, o sítio teve seu contexto perturbado e destruído, o que é demonstrado também pela ausência dos crânios. Dias, ao consultar moradores da localidade, nos demonstra que os mesmos “afirmam que há mais de 50 anos o proprietário do abrigo teria retirado os crânios, enterrando-os em local desconhecido, pois as crianças da localidade costumavam utilizá-los em suas brincadeiras” (Dias, 2003, p. 206). Não é equivocado imaginarmos que provavelmente outros ossos (como ossos longos de adulto) tenham sido retirados, pelo fator de serem maiores e mais atrativos ao olhar de curiosos.

Segundo Spindler (2004), o sítio RS-S-328 está localizado no município de Caraá, no Rio Grande do Sul, no Alto Vale do Rio dos Sinos. A pesquisa da autora foi realizada para que os resultados pudessem ser comparados com outros dados de sepultamentos em abrigos e grutas que já estavam sendo estudados pelo Projeto Vacaria. Seguem algumas informações iniciais acerca dos remanescentes humanos do sítio Caipora (Spindler, 2004, p. 13-14):

No sítio os remanescentes estavam dispostos sem conexão anatômica. Na análise foi diagnosticado que, possivelmente, foram depositados inteiros no local, visto que havia representantes de todas as partes do corpo, com exceção apenas dos crânios inteiros, porém foram identificados fragmentos cranianos e ossos menores como zigomático, meato acústico interno e externo, partes de órbitas. O estado de conservação do material dificultou bastante a análise para a obtenção dos resultados, pois muitas características indispensáveis como epífises, cristas, tubérculos e outras características estruturais bastante específicas de cada osso, estavam tão erodidas, em alguns exemplares, que não possibilitaram afirmar qual peça era, ou a que lado do corpo pertencia, ou até mesmo definir sua faixa etária.

Brentano & Schmitz (2006), ao estudarem as marcas de corte dos ossos no sítio, interpretam essas marcas como possíveis descarnes ou desmembramentos que pudessem auxiliar no transporte do morto para o cemitério, o que a meu ver, pode representar uma prática funerária alternativa em relação ao transporte do morto com o auxílio de cestarias e trançados. Esse dado de Brentano & Schmitz é importante, futuros trabalhos com a problemática da bioarqueologia de sítios em paredão rochoso com sepultamento Jê do Sul devem levar esta informação em consideração.

#### **2.4 Os sítios Virador I e II**

O trabalho publicado por Mentz-Ribeiro no ano de 1975 é intitulado *Os abrigos-sob-rocha do Virador, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil – Nota*

*Prévia.* Esse trabalho foi publicado pela Revista do CEPA da UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul) e descreve detalhadamente os trabalhos e os dados de três sítios de sepultamento em paredões rochosos da região do Rio Caí: Virador I, II e III. Destaco os casos dos sítios Virador I e II, excluindo desta análise o sítio Virador III, pois Mentz-Ribeiro realizou apenas um poço-teste no jazigo, revelando resquícios de lascas líticas e remanescentes faunísticos

Os sítios estão descritos aqui, um por um, começando pelo Virador I e seu contexto diferenciado em relação a abrigos e grutas relacionados ao passado Jê do Sul. Esse sítio teve as medidas tomadas pelo autor (Ribeiro, 1975, p. 1), que são: “39,7 m de comprimento, 10,60 m de profundidade máxima e 8,50 m de altura máxima”. Como material arqueológico, esse sítio apresenta cerâmica que foram associadas por Ribeiro, a partir de 28 fragmentos, como pertencentes aos Jê do Sul. Porém, de maneira inédita no contexto desses sítios, o Virador I apresenta petróglifos numa extensão de aproximadamente 25 m por 1,5 m de largura, que se assemelham a outros petróglifos presentes na encosta da serra. Não obstante o fato de possuir petróglifos inscritos em sua parede, o Virador I continha um sepultamento inteiro, algo raro, pois, geralmente, abrigos e grutas com sepultamento estão remexidos por curiosos ou ações naturais, como vimos anteriormente. Além do sepultamento primário intacto, havia remanescentes humanos e um crânio com outros ossos o acompanhando. Segue a descrição do indivíduo completo presente no jazigo (Ribeiro, 1975, p. 13-14):

[...] encontramos um sepultamento inteiro. Apresentava as seguintes características: indivíduo feminino, estendido, decúbito dorsal<sup>32</sup> com leve inflexão do tórax para a direita, bem como a fronte também voltada para o mesmo lado (sudeste – parede do abrigo); sentido do sepultamento: oeste-leste (20° à esquerda do oeste) – tomamos como base cabeça-pés. Medidas: 163 cm de comprimento; crânio: 16,8 cm de comprimento e 12,6 cm de largura—dolicocefalo<sup>33</sup> [...] O crânio encontrava-se em péssimo estado de conservação (perfurado por raízes) daí não podemos precisar a idade sem melhores estudos. [...] Encontrava-se a partir dos 45 cm de profundidade. Foi cimentado e levado para o Museu Arqueológico do Estado do Rio Grande do Sul.

---

<sup>32</sup> A grosso modo: com as costas encostadas no chão e a parte frontal do corpo virada para cima.

<sup>33</sup> É uma descrição para crânios que possuem uma largura menor que o comprimento.

Ribeiro apresenta três datações para o sítio Virador I. São elas: SI-1200, SI-1201 e SI-1202. Sobre a data SI-1200 não se faz claro sobre que tipo de material essa datação é proveniente, e Mentz-Ribeiro declarou a data como sendo “considerada moderna”, sem maiores explicações. A data SI-1201 também não é especificada a proveniência material para essa datação, porém possui uma idade de “630 mais ou menos 205 anos (A.D 1320)” (Ribeiro, 1975, p. 21). A datação SI-1202 não foi concluída pois o autor teria enviado “uma quantidade insuficiente de carvão” (Ribeiro, 1971, p. 21). Sendo assim, contaremos com a datação SI-1201. Ao calibrarmos essa data, temos uma *range* muito grande de possibilidades, tendo 93,1% de chance do sítio estar cronologicamente situado entre o ano 992 e 1683 A.D. (um leque de 691 anos). A calibração dessa data pode ser conferida abaixo:

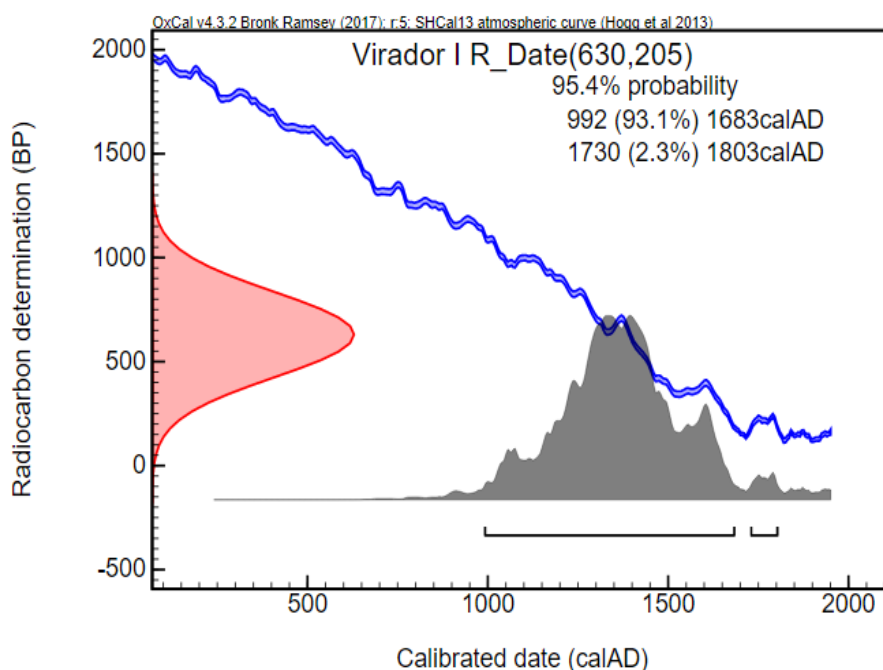


Figura 10: Calibração da data proveniente do sítio Virador I feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

O sítio Virador II possuía apenas dois fragmentos cerâmicos que não foram possíveis de serem encaixados, na época, com o passado Jê do Sul. Não apresentava sinais de petróglifos, porém possuía lascas de arenito metamorfozido e outras de basalto. Segue a descrição dos sepultamentos (Ribeiro, 1975, p. 14):

Neste pequeno abrigo (fig. 5), encontramos 8 sepultamentos, além de grande quantidade de restos ósseos humanos, nas camadas acima dos mesmos, até superficialmente. Os enterramentos estão em terrenos ácidos argilosos o que contribui para a rápida decomposição óssea. Os 8 sepultamentos (fig. 7) se dividiam em dois conjuntos: o primeiro formado de 5 e o segundo, de 3 enterramentos. Encontravam-se a partir dos 20 cm (os crânios do S 1 e S 2 um pouco mais acima), dentro da camada argilosa, todos em decúbito dorsal, estendidos e em sentido leste-oeste (S 1 estava 30° à direita do leste o que corresponde ao sudeste) [...]

O cemitério Virador II tem a peculiaridade dos sepultamentos não serem desconexos. A descrição dos sepultamentos 1 a 5 (que compõem o primeiro agrupamento), de forma sucessiva, com descrições de possíveis oferendas mortuárias (mais especificamente do sepultamento 2), se dá desta maneira (Ribeiro, 1975, p. 14-18):

S 1 – Indivíduo feminino, jovem; possuímos apenas as medidas dos membros inferiores: 90 cm. Havia uma fogueira alongada desde o joelho até o início dos pés que inclusive calcinaram os ossos (possuía 30 cm de diâmetro maior) – daí recolhemos carvão para datação (pareceu-nos insuficiente a amostra).

S 2 – Indivíduo masculino, mais ou menos 60 anos (tomamos como base para determinar a idade as fissuras cranianas e os dentes); 153 cm de comprimento e as medidas cranianas são: 18,2 cm de comprimento por 14,1 cm de largura [...] sobre o tórax, próximo ao crânio, havia uma pedra polida de basalto fragmentado em linha reta, forma retangular e sem sinais de utilização (oferenda?). Também deparamos duas falanges no interior da cavidade bucal, lado direito, em posição horizontal e cujas extremidades estavam na mesma linha do corpo da mandíbula inferior. A frente estava quase em posição vertical e voltada para o oeste.

S 3 – Indivíduo feminino, mais ou menos 40 anos, 159 cm de comprimento, frente voltada para o sudoeste e em posição inclinada; as medidas cranianas são: 16,8 cm de comprimento por 12,7 cm de largura [...] sobre o tórax e bacia dos S 1 e S 2 havia uma grande laje de arenito irregular de 80 cm de comprimento e 10 cm de espessura (encontrava-se partida ao meio, formando uma dupla inclinação com menos de 20°—letra “V” invertida e bem aberta).

S 4 – Indivíduo infantil cujas evidências do crânio não foram encontradas; 97 cm de comprimento. Sobre o tórax havia duas pedras de arenito, forma irregular, com 19 e 17 cm de comprimento, respectivamente, e 5 cm de espessura.

S 5 – Indivíduo infantil onde também não havia evidências do crânio e ainda do tórax e o restante media 50 cm de comprimento. Estava aos pés e 8 cm abaixo do S 4, numa concavidade (escavada?) da rocha.

Já o segundo agrupamento, sendo formado por três indivíduos, um adulto e duas crianças, também nos traz uma importantíssima informação (Ribeiro, 1975, p. 19):

O segundo agrupamento era formado por 3 sepultamentos: um indivíduo feminino, ao centro, de braços abertos com leve inflexão (sinal de proteção) – S7 – com uma criança de cada lado (fig. 8).

S 6 – indivíduo infantil, 125 de comprimento e as medidas cranianas não foram tomadas pois o crânio se encontrava levemente

esmagado; a frente voltava-se para a parte do indivíduo feminino (direção sul) e vice-versa; idade aproximada: 3 anos.

S 7 – indivíduo feminino, mais ou menos 35 anos. 165 cm de comprimento e com as seguintes medidas cranianas: 17,2 cm de comprimento por 13,2 cm de largura [...]

S 8 – indivíduo infantil cujas evidências não foram encontradas; comprimento: 17 cm.

Esses relatos de Ribeiro, seguidos da foto abaixo, são importantes, pois, podemos conjecturar que, no contexto funerário dos abrigos e grutas, os sepultamentos poderiam ser múltiplos, assim como o agrupamento acima, presente na foto abaixo:





Figura 11: Sepultamento múltiplo do sítio Virador II. Fonte: Ribeiro (1975)

Não contamos com ilustrações ou fotografias dos petróglifos no trabalho de Ribeiro. Porém Silva (2001) contextualiza essas artes com os Kaingang. Segundo o autor, algumas das pinturas rupestres presentes no sítio seriam

representativos de grafismos que significam a mistura entre kamé e kanhru, ou seja, representaria a mistura entre as duas partes clônicas dos Kaingang atuais. Já em outro grafismo presente no sítio, o autor declara que uma parte deles seriam grafismos ligados especificamente com a parte kanhru dos Kaingang. Ou seja, aparentemente temos um caso bem específico de um sítio em paredão rochoso com sepultamentos dos Jê do Sul, com traços que remetem a seus clãs e suas linhagens. A imagem dessas artes rupestres, feita por Silva (2001), pode ser encontrada na seção 6.2.2 desta dissertação, momento em que é discutida através da metodologia de analogia etnográfica.

Sobre a orientação dos sepultamentos, no Virador I, enquanto a cabeça do indivíduo do sexo feminino está posicionada a oeste, seu rosto está voltado para sudeste. No sítio Virador II, o indivíduo S2, masculino, está com seu rosto voltado a oeste, sem informações da orientação do corpo. O indivíduo S3, feminino, está com seu rosto voltado para sudoeste. Segundo consta em Lavina (1994), para os sepultamentos Laklãnõ, a orientação dos sepultamentos seria “com a cabeça para oeste”. Já em Rosa (2005), sobre os sepultamentos Kaingang, tanto para os da metade kamé quanto kanhru, os rostos dos sepultados ficariam “voltados para leste”, para a nascente, assim como a orientação do corpo cabeça-pés, com a cabeça do morto a leste e os pés para o oeste (Rosa, 2005, p.163).

Outra particularidade deveras interessante é a possibilidade do sítio Virador ser um dos únicos que podemos remontar a prática mortuária em relação à deposição dos mortos nesse tipo de sítio. No caso do Virador II, conforme os dados e a fotografia presentes em Ribeiro (1975) apontam, acredito que os sepultamentos 6, 7 e 8 representam um sepultamento múltiplo, composto de uma pessoa do sexo feminino (conforme a análise presente em Ribeiro) e duas crianças, todas sepultadas em decúbito dorsal.

Segundo consta em Dias & Neubauer (2010), o Virador I estaria em coordenadas UTM de 22J 467999/6720573 e o sítio Virador II estaria em coordenadas UTM de 22J 468170/6720560.

## **2.5 Abrigo Tunas (PR-WB-16)**

O Abrigo Tunas está relatado no trabalho *A Arqueologia da área da LT 750kv Ivaiporã-Itaberá III – Paraná – São Paulo*, publicado no ano de 2008 na

revista do CEPA (UFPR), com autoria de Chmyz *et al.* O Abrigo Tunas é um sítio multicomponencial (Tradição Umbu, na porção mais antiga, e Jê do Sul, nos níveis superiores), está localizado no município de Arapoti, no Paraná, sob uma coordenada UTM de 0581392/7345787. Assim como a maioria dos sítios em abrigos e grutas com a presença de sepultamentos, esse jazigo está situado a apenas 38 m da nascente de um córrego e implantado numa altitude de 731 m acima do nível do mar (Chmyz *et al.*, 2008).

Nesse sítio foram coletados restos de cerâmica característica da ocupação Jê do Sul, remanescentes osteológicos faunísticos, remanescentes ósseos humanos, material malacológico e alguns restos vegetais. A 82 cm de profundidade, no corte I, no canto nordeste do sítio, foi encontrado “um crânio e ossos articulados da parte superior de um esqueleto. Os ossos da parte inferior estavam ausentes, alguns ossos foram encontrados desarticulados nas proximidades, mas não pertenciam àquele indivíduo”. Esse indivíduo é relacionado pelo autor como sendo do período de ocupação Jê do Sul do jazigo. Esse indivíduo foi identificado, e a análise está na descrição a seguir (Chmyz *et al.*, 2008, p. 44):

Os restos do esqueleto foram retirados em bloco. A análise osteológica procedida em laboratório pelo bioquímico Clovis Justino da Silva, indicaram tratar-se de indivíduo do sexo feminino, com idade em torno de 60 anos. Conservava alguns dentes somente na mandíbula: 2 molares com desgaste acentuado em bisel, 2 incisivos e caninos desgastados. Áreas de cicatrização e reabsorção óssea indicavam perda dentária em vida. Osteopatologias foram constatadas no 3º molar esquerdo, com exposição de dentina e cárie, osteoartrite na mandíbula, distúrbio articular temporomandibular indicado por lesão circular no osso occipital e artrose na coluna vertebral. Lesão circular em forma de depressão no parietal esquerdo causada por instrumento contundente indica agressão. A recuperação óssea descarta ser esta a causa mortis. Apresentava, ainda, restos de tecido mumificado no tórax, tendão mumificado em extremidade óssea, e três ossículos acessórios no crânio.

O corte II foi aberto ao norte do corte I, o que “possibilitou a exposição completa do conjunto funerário constatado no lado norte do Corte I” (Chmyz *et al.*, 2008, p. 45), além de um fêmur desarticulado. Um dos fatores mais importantes dessa intervenção, segundo o autor, é presença de um fogão que continha 30 cm de diâmetro, e que continha também, além de remanescentes osteológicos de fauna, remanescentes ósseos humanos. Consta ainda o adendo de que muitos desses ossos, humanos e animais (que não foram especificados), estariam calcinados, “o que poderia indicar prática crematória”.

Segue abaixo a descrição do que é chamado pelo autor de estrutura de combustão (Chmyz *et al*, 2008, p. 46):

Na estrutura de combustão, além de carvões, pequenos blocos de rocha e fragmentos calcinados de lamelibrânquios e gastrópodes, foram identificados fragmentos de ossos humanos, também afetados pelo fogo: 17 de ossos longos, 9 de crânio, 1 de maxila, 1 dente, 1 de ulna e 2 de material esponjoso. Não calcinados, estavam: 1 fragmento de costela, 1 de vértebra e 2 de ossos do pé completavam o conjunto, 3 fragmentos de ossos de animais silvestres, com forte aderência de óxidos, ocorrência frequente em outros ossos e mesmo em líticos do sítio.

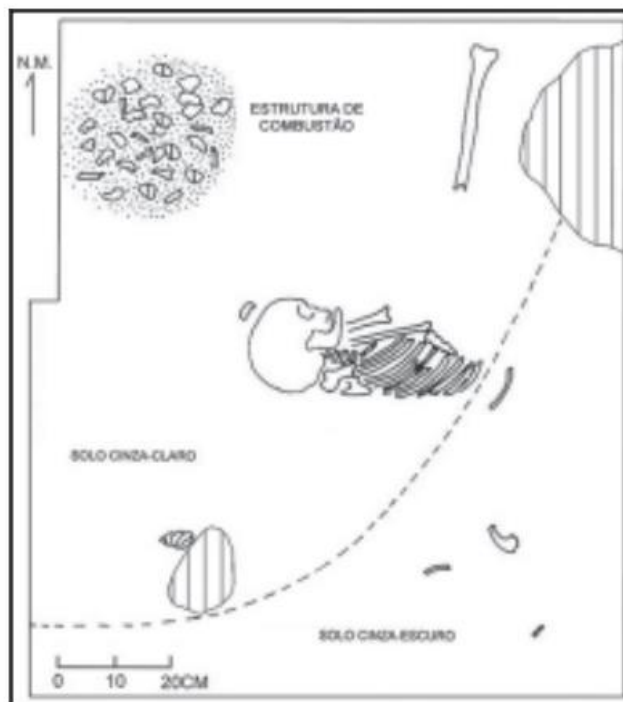


Figura 12: Ilustração do sepultamento proveniente do sítio PR WB 16. Fonte: Chmyz *et al* (2008, p. 45)

Além dos ossos humanos, no jazigo foram encontrados também conchas (inteiras e fragmentadas) em um número total de 930, além de 83 restos vegetais, entre fragmentos de madeira, coquinhos, semente e grão de milho, todos carbonizados. Não há informações acerca de trançados para o uso funerário.

Há uma datação proveniente dos níveis superiores do cemitério do sítio. Não há informações se essa datação foi realizada por método de radiocarbono ou de termoluminescência, qual material foi datado, nem sequer em qual laboratório a datação foi feita. A data está situada no ano  $504 \pm 40$  A.P. (Chmyz *et al*, 2008, p. 249). Essa data calibrada se dá entre os anos 1400 e 1490 A.D.. Segue abaixo uma imagem da calibração feita através do site OxCal:

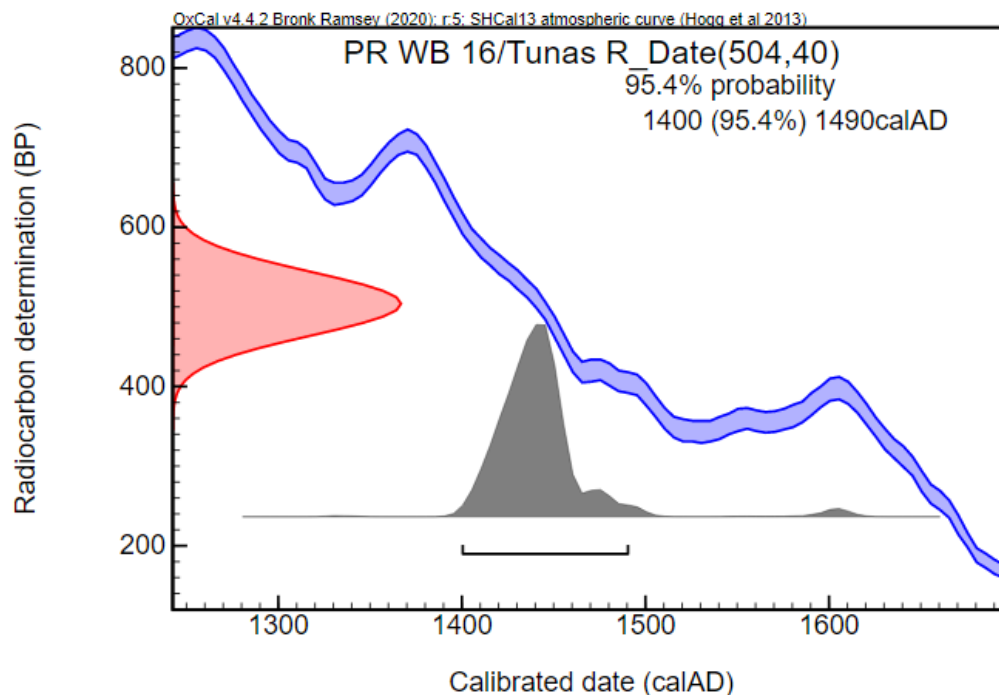


Figura 13: Calibração da data proveniente do sítio Tunas (PR WB 16) feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

## 2.6 Sítio Serra do Veado

O sítio Serra do Veado foi apresentado no relatório final de pesquisa de salvamento arqueológico da Usina Hidrelétrica Mauá (Fogolari, 2013). O cemitério Serra do Veado é mais um que contém a característica marcante da água em seu entorno. Há uma queda d'água na sua frente, e segundo consta no relato do autor, a abertura do sítio está voltada à direção nordeste. O sítio se encontra numa coordenada UTM de 532481/7338839, no município de Telêmaco Borba.

Segundo Fogolari (2013, p. 87), em 34 unidades de 1 m<sup>2</sup> trabalhadas no sítio, foram evidenciadas 11 estruturas de sepultamento, e no sítio também foram encontrados resquícios de artefatos líticos, remanescentes faunísticos, estruturas de combustão, sementes carbonizadas e adornos. Segue abaixo relato do autor acerca das quadrículas que tiveram sepultamentos (Fogolari, 2013, p. 87-88):

Ao se tratar das estruturas de sepultamentos, estas foram evidenciadas entre as quadrículas N3, N4, O4, P4, Q4 e Q5. Essas estruturas são singulares apresentando, em alguns casos, mais de um indivíduo, e em outros casos ossos desarticulados e com a ausência de parte do conjunto. Outros conjuntos apresentaram adultos e crianças e também estruturas contendo ossos carbonizados.

Já os indivíduos evidenciados nas quadrículas N3 e N5 apresentaram características comuns a sepultamentos, posição fletida, face voltada ao sul e pontas de projétil próximo às estruturas indicando possíveis adornos funerários. No sepultamento da unidade N3, o corpo estava coberto por rochas que contribuíram para sua preservação, estando somente o crânio sem a proteção. O indivíduo da unidade N5 estava sobre a formação rochosa aparentando ter sido colocado diretamente sobre a rocha.

O indivíduo em melhor estado de conservação foi identificado entre as unidades R4 e S4, coberto por lajes e com sinais evidentes de perturbação. Houve relatos de que a população local estava ciente da existência de tal esqueleto e, devido ao fato desse se encontrar exposto, houve intervenções no contexto realizadas por curiosos. Alguns ossos atribuídos a esse conjunto foram localizados fora da área de sepultamento, em outra cavidade da caverna, possivelmente levada por animais.

O sítio Serra do Veado é importante por alguns fatores: além de ser um dos poucos cemitérios em paredão rochoso com sepultamentos na região do estado do Paraná, possui datações realizadas através de remanescentes ósseos humanos, tem a particularidade de possuir a cerâmica Jê do Sul, e assim como o Virador, foi possível identificar os sepultamentos conforme sua orientação e deposição original, mesmo tendo o sítio Serra do Veado visitado por curiosos em tempos recentes. As datações, obtidas através de dentes e ossos humanos são:  $1130\pm 30AP$ ,  $1330\pm 30AP$  e  $1180\pm 30AP$ <sup>34</sup> (Fogolari, 2013, p. 499). O cemitério foi utilizado como jazigo funerário no período que compreende os anos 659 (indivíduo QN5) até o ano 1018 cal. A.D. (indivíduo R4), enquanto o indivíduo QN3 foi sepultado em um período que compreende os anos 857 e 991 cal A.D.

---

<sup>34</sup> O código de laboratório destas datações e maiores interpretações serão discutidas no capítulo 3.

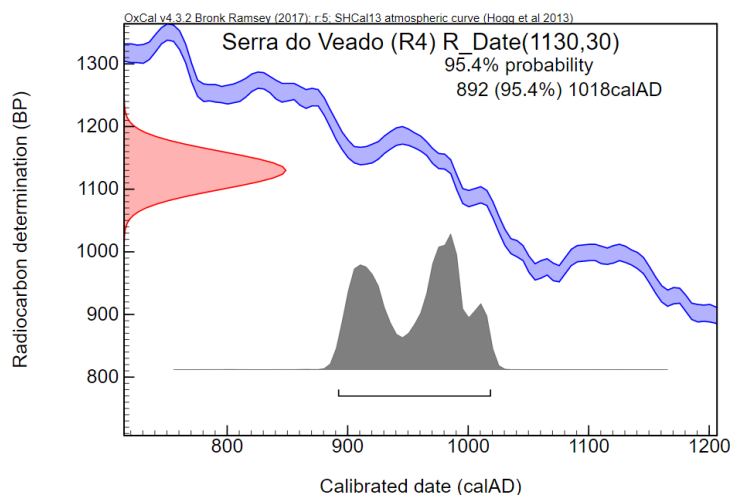


Figura 14: Calibração da data proveniente do indivíduo R4 da Serra do Veado feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

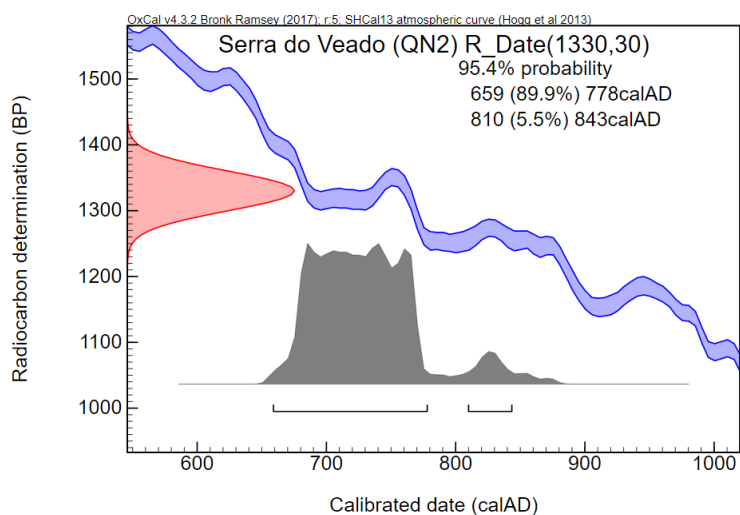


Figura 15: Calibração da data proveniente do indivíduo QN5 da Serra do Veado feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

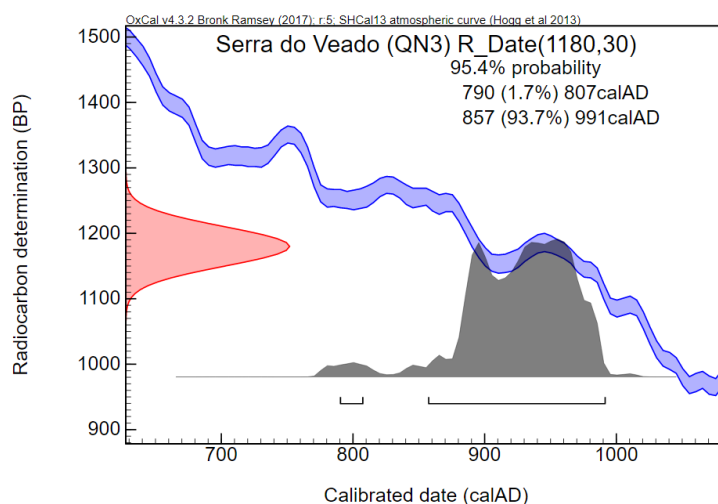


Figura 16: Calibração da data proveniente do indivíduo QN3 da Serra do Veado feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

Com a possibilidade de contemplar os sepultamentos quase que sem perturbação, foi possível identificar que os sepultamentos estavam em posição fletida, ou seja, flexionados e acompanhados de “carvões, conchas e vestígios líticos, com destaque para pontas de projétil, estilhas e lascas em abundância em todo o sítio” (Spitz, 2016, p. 98). É importante frisar também que há relatos acerca de contas de colar como adorno. Apenas uma criança foi sepultada no sítio. Porém, assim como de praxe nos sítios em paredão rochoso com sepultamento, algumas estruturas funerárias possuíam “ossos bastante revolvidos revelando enterramentos secundários múltiplos” (Spitz, 2016, p. 99). Pela relevância dos dados apresentados no sítio Serra do Veado, as fotos dos sepultamentos serão colocadas aqui. Os dados do sítio serão abordados através de analogia etnográfica na seção 6.2.3 desta dissertação.





Figura 17: Sepultamento identificado como “esqueleto 1”. Fonte: (Fogolari, 2013).



Figura 18: Sepultamento de uma criança. Fonte: Fogolari (2013)

## 2.7 Sítio 3 de Mayo

A Gruta 3 de Mayo, estudada por Loponte *et al* (2016), Rizzo (1968) e Rizzo *et al* (2006), é um caso interessante na arqueologia Jê do Sul, principalmente por sua localização no espaço geográfico da América do Sul e seu contexto funerário. Como é possível notar no mapa 1, esse sítio está no

extremo oeste, no território da atual Argentina, longe de todos os outros sítios em grutas e abrigos com sepultamento Jê do Sul conhecidos até então, que estão em grande maioria, em regiões da borda oriental do Planalto Meridional, encosta da serra (em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul) e em regiões mais a oeste do estado do Paraná.

A primeira publicação a ser analisada é a de Rizzo, com título *Hallazgos arqueológicos efectuados en un yacimiento en gruta en Tres de Mayo, provincia de Misiones, Republica Argentina* (1968). A escavação que foi base para a publicação foi realizada no ano de 1965 e não contamos com informações acerca da área escavada ou da metodologia utilizada, apenas do material coletado e das análises realizadas. Nessa primeira pesquisa, foi encontrada indústria lítica, que foi comparada com as do sítio PR UV – 1: Casa de Pedra, artefatos em osso, remanescentes conchíferos—inclusive utilizados para adornos como contas de colar e pingentes<sup>35</sup>—, cerâmica eldoradense que é relacionada à cerâmica Jê do Sul, fogões<sup>36</sup> e, o que é de grande foco desta dissertação, sepultamentos humanos.

As escavações do cemitério revelaram um total de quatro sepultamentos humanos, todos no nível 2 (nível artificial que compreendeu entre 20 e 40 cm), mas sem análises realizadas, ou ao menos não constavam nessa publicação. Contemos com a descrição dos sepultamentos (Rizzo, 1968, p. 15):

**H7 – nível II.**

En el ángulo superior izquierdo de la cuadrícula aparecieron fragmentos óseos dispersos y rodeados de cantos rodados. Los huesos han sido carcomidos por el “copihí” (insecto de la región que ataca los restos óseos).

**I9 – nível II.**

Esqueleto incompleto, creemos estaba orientado al Sudeste. Se encontraba en posición genupectoral<sup>37</sup> y se prolongaba hasta el retículo J9. El cráneo está casi completo.

**J7 – nível II.**

Restos ubicados en el ángulo superior izquierdo de la cuadrícula. Los huesos estaban algo dispersos. Hay parte de calota y mandíbula.

**M11 – nível II.**

---

<sup>35</sup> Não há informações no estudo de Rizzo sobre a possibilidade de estes remanescentes conchíferos estarem relacionados aos sepultamentos.

<sup>36</sup> Não constam informações que contextualizem a utilização dos fogões com práticas crematórias ou calcinação de ossos humanos.

<sup>37</sup> A posição genupectoral consiste no indivíduo apoiado com os joelhos e o peitoral no solo, enquanto seu tronco permanece arqueado e inclinado com a parte das vértebras lombares em maior elevação do que o resto da coluna vertebral.

Restos en posición decúbito lateral izquierdo, ubicados en el ángulo superior derecho de la cuadrícula. Orientado de E. a S.O. El cráneo y los huesos del esqueleto se hallan totalmente fracturados. Estos restos fueron extraídos de la parte de la cuadrícula que se hallaba cubierta por los desprendimientos de roca del techo de la gruta, procediéndose a la remoción de las rocas para poder extraer los restos.

A Gruta 3 de Mayo apresenta um hiato de estudos, entre estudo anterior e o trabalho no ano de 2006, com uma nova publicação sobre a Gruta, intitulada *Ocupación Humana Holocénica en el noroeste de la Mesopotamia: La Gruta Tres de Mayo (Garuhapé, Misiones, Argentina)*, de autoria de Rizzo *et al* (2006). Nesta publicação temos a informação de que os sepultamentos H7 e J7 são dois indivíduos adultos do sexo masculino, enquanto o I9 é um indivíduo adulto do sexo feminino, e o M11 seria maduro do sexo masculino. Há também informações adicionais sobre o contexto em que se encontraram os sepultamentos *in situ*: “[...] sus huesos aparecen dispersos en un radio perfectamente definido (H7 y J7), es genupectoral, en uno de los casos sentado (I9)” (Rizzo *et al*, p. 133), já o sepultamento M11 continua com a mesma descrição da publicação de 1968. Ao cruzar-se os dados das duas publicações, percebemos que os ambos indivíduos, H7 e J7, estão na posição genupeitoral, informação diferente da que nos foi apresentada em 1968. Abaixo contaremos com o croqui do sítio, realizado pelos autores, onde demonstram a distribuição dos sepultamentos pela Gruta 3 de Mayo (Rizzo *et al* 2006, p. 135):

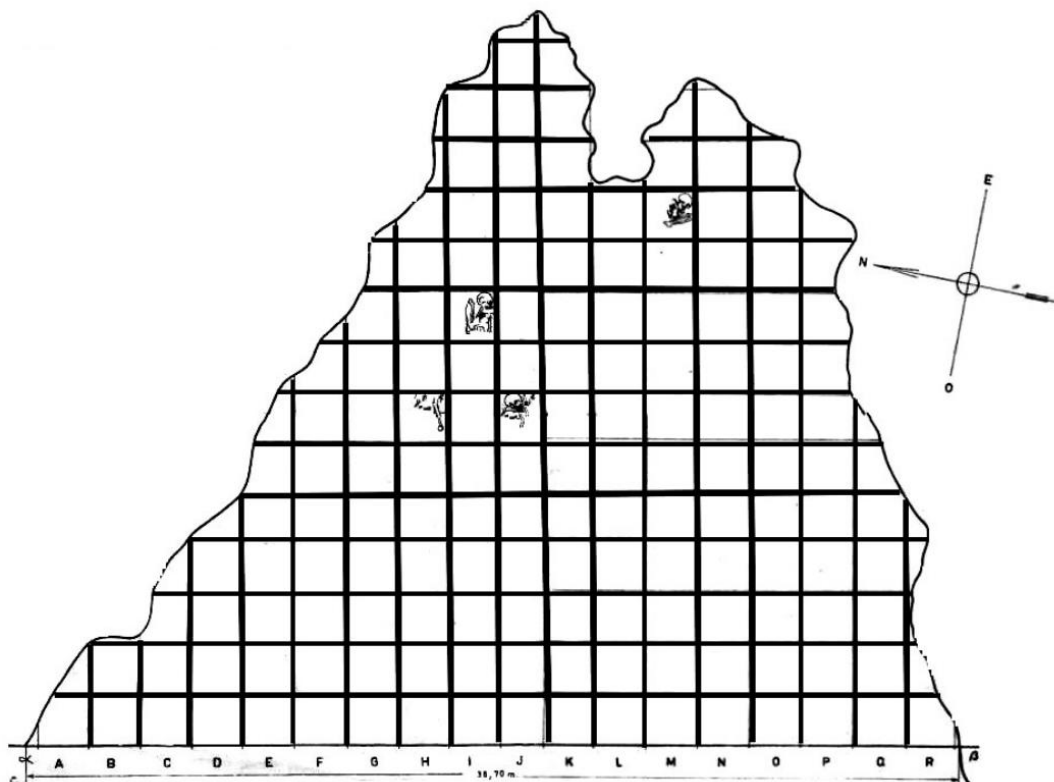


Figura 19: Esquema representativo da Gruta 3 de Mayo com seus sepultamentos. Fonte: Rizzo *et al* (2006)

Já na pesquisa de Loponte *et al* (2016) nós temos a informação de que os quatro sepultamentos<sup>38</sup> encontrados por Rizzo foram perdidos, porém há o relato de que no ano de 2013 o autor teria feito uma nova intervenção no sítio. Dessa intervenção, fragmentos de pé de um indivíduo e uma falange (não especificada se do pé ou da mão) de um indivíduo de mais de 14 anos foram utilizadas para análise isotópica, foco da pesquisa dos autores. Consta uma datação do nível de ocupação relacionado ao período Jê do Sul do sítio, sendo essa data  $777 \pm 49$  A.P. (AA104530). A calibração dessa data nos dá 95,4% de probabilidade dessa ocupação Jê estar situada em um *range* cronológico entre os anos 1210 e 1386 cal. A.D., sendo um dos sítios com utilização funerária mais recente. O cemitério é contemporâneo a alguns montículos funerários e a discussão focada nessa datação será feita no capítulo 3 desta dissertação. A calibração consta na imagem abaixo:

<sup>38</sup> Loponte *et al* (2016) se refere a cinco sepultamentos.

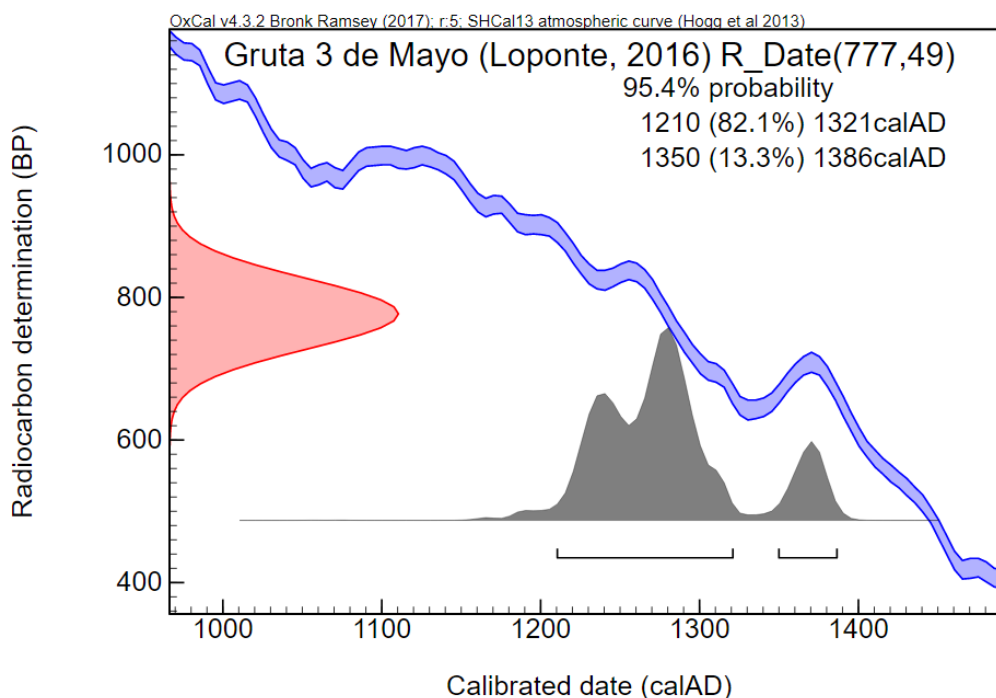


Figura 20: Calibração da data proveniente da Gruta 3 de Mayo em Loponte *et al* (2016), feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

Através da análise isotópica de dois indivíduos, Loponte *et al* (2016) percebem que através das análises de  $\delta^{15}\text{N}$ , ambos não possuem sinais do consumo de alimentos de proveniência marinha, porém suas dietas deveriam possuir uma forte presença da ingestão de milho, ou seja, uma dieta mais próxima dos Guarani do que dos Jê do Sul, o que é defendido pelo autor pelo fato da Gruta estar mais próxima ao Delta do Paraná e da Floresta Paraná, do que da *ecozona* relacionada à floresta de araucária e a ocupação no Planalto.

## 2.8 Gruta Santa Bárbara (SC-Urubici-27)

A Gruta Santa Bárbara foi inspecionada por Almeida (2014), Corteletti (2012), Piazza (1966b) e Rohr (1971). Também foi visitada, no início do século XX, pelo médico alemão Bleyer, tendo inclusive retirado diversos remanescentes ósseos humanos e artefatos líticos. Segundo Piazza, é um sítio com formação basáltica. Na publicação, Piazza relata que ainda haveria “grande quantidade de fragmentos de ossos humanos dispersos” (Piazza, 1966b, p. 26), em especial, remanescentes ósseos humanos respectivos a fragmentos cranianos, costelas, “artelhos” e vértebras, além de mais instrumentos líticos. As medidas tomadas pelo autor foram: 19,5 m de boca, voltada para leste, 4,5 m de altura e profundidade máxima de 12,1 m.

Segundo Rohr (1971), na Gruta Santa Bárbara haveriam 68 esqueletos humanos no sítio e, apesar da ação antrópica recente, ainda foram encontrados diversos ossos no sítio, sem a presença de crânios, em descrições atuais presentes em Almeida (2014) e Corteletti (2012).

Corteletti nos aponta que o sítio está localizado “às margens do Arroio Bau, afluente do Arroio da Taipa, um dos formadores do Rio Pelotas”, a uma altitude de 1424 m e em coordenadas UTM de 634787/6880038. O autor dá uma grande importância para o sítio, pois na sua inspeção para sua tese, foi constatada uma grande presença de remanescentes ósseos humanos, “sendo a maioria de crianças” (Corteletti, 2012, p. 296). Já Almeida coletou ossos humanos e os datou<sup>39</sup>, através de uma calibração feita para esta dissertação no site OxCal, a data calibrada é de 884-980 A.D.<sup>40</sup> (Almeida, 2014, p. 358).



Figura 21: Remanescentes osteológicos *in situ* na Gruta Santa Bárbara. Fonte: Almeida (2014)

## 2.9 Gruta do Lavatudo

---

<sup>39</sup> Apenas consta a informação de que o laboratório seria o Accelerator Mass Spectrometry da Universidade de Georgia.

<sup>40</sup> A calibração feita por mim desta data pode ser vista no capítulo 3 desta pesquisa.

A Gruta do Lavatudo foi inspecionada por Piazza (1966b), Corteletti (2012) e teve sua paisagem e seus remanescentes ossos humanos por De Lima (2017).

Foram encontradas nas prospecções de Piazza artefatos líticos e remanescentes osteológicos humanos, sem a presença de crânios. O jazigo de “dimensões apreciáveis” (Piazza, 1966b, p. 27) segundo o autor, foi medido tendo 31,4 m de boca, com 5,3 m de profundidade e 2,9 m de altura.

Esse sítio foi revisitado para nova inspeção apenas por Corteletti, já que Almeida apenas seguiu os sítios inspecionados por Rohr, e a Gruta do Lavatudo não foi um desses. Na inspeção de Corteletti, uma tíbia esquerda de criança e um fêmur direito de adulto foram coletados para datação e análise de colágeno que não foram realizadas (Corteletti, 2012, p. 297). Constam como informações complementares que a Gruta do Lavatudo estaria inserida numa altitude de 1459 m, em coordenadas UTM de 638135/6887924 (Corteletti, 2012). De Lima (2017), além de um estudo com métodos da osteobiografia, também fez uma interpretação da paisagem do sítio. Através de uma contextualização da paisagem funerária do sítio e da mitologia Kaingang apresentada por Rosa (2005), De Lima interpreta que a presença da cascata do Lavatudo, que corre do leste para o oeste, materializa o mito Kaingang o qual “do nível do mundo do alto vêm as águas da morte, as águas diluviais, as águas que nascem do topo da serra e correm do leste para o oeste” (Rosa, 2005, p. 169).



Figura 22: Remanescentes osteológicos humanos na Gruta do Lavatudo. Fonte: De Lima (2017)

Tendo nesse capítulo feito um pequeno resumo de estudos arqueológicos considerados importantes, seja por causa da descrição dos sepultamentos e dos artefatos, ou pelo contexto das interpretações, no próximo capítulo há um estudo das cronologias desses sítios apresentados, em adição a outras datações que temos até o momento, com o intuito de entender esses sítios no contexto da ocupação Jê do Sul, tanto no tempo quanto no espaço e em relação às cisões que os Jê do Sul sofreram, ante a chegada do Tupi-Guarani na região das Terras Altas.



### Capítulo 3 – O tempo e o espaço: cronologias de sítios em abrigos e grutas com sepultamento no contexto geográfico

*So, understand  
Don't waste your time always searching for those wasted years  
Face up, make your stand  
And realize you're living in the golden years  
Wasted Years – Iron Maiden*

No contexto da arqueologia Jê do Sul, até o presente momento, há poucas datações para os sepultamentos em abrigos e grutas no Planalto Meridional. Os sítios de casas subterrâneas e montículos funerários são os jazigos que mais possuem datações (para ver uma compilação das datas provenientes do contexto arqueológico Jê do Sul, ver Noelli 1999-2000; Noelli & Souza, 2017). Esse fato fortalece a ideia de Beber (2004) e Corteletti (2012), que afirmam que sabemos muito pouco sobre as grutas e os abrigos com sepultamento, característico da ocupação Jê do Sul no Planalto Meridional.

Autores veiculam a ideia de que, por volta do ano 1000 A.D., ocorreriam diversos fatores que acabaram por influenciar as dinâmicas de ocupação e assentamento Jê do Sul no Planalto: além da expansão da floresta de araucária, a chegada e expansão dos grupos Tupi-Guarani poderiam influenciar transformações espaciais, territoriais e sociológicas dos Jê do Sul (Corteletti, 2012; De Souza *et al*, 2016). Tendo em mente então que o ano 1000 A.D. foi um período de importância transformativa para os grupos Jê do Sul, discutirei neste capítulo não só o contexto regional dos sítios com suas datações, mas também como essas transformações em 1000 A.D. estão refletidas nas práticas funerárias em abrigos e grutas com sepultamento.

Apesar de algumas datações serem um pouco frágeis, seja por não serem provenientes de remanescentes ósseos humanos ou pela fragilidade de seus registros, são importantes porque existem, portanto não devem ser ignoradas. Segue abaixo uma tabela com as datações, os sítios, a bacia hidrográfica e a fonte utilizada, para dar início à discussão acerca das cronologias desses sítios:

Tabela 5: Datações de sítios de sepultamento em paredões rochosos. Autor: Phellipe de Lima

Proveniência:	LabCode:	Data original A.P.:	Datação calibrada A.D.:	Material datado:	Fonte:	Bacia Hidrográfica:
Urubici (SC) <sup>41</sup>	CAMS-53915	1840+-40	122~341	Ossos humanos	DeMasi (2001)	Canoas
Alto Jararaca II (SC)	CAMS-53916	1720+-40	245~441	Ossos humanos	DeMasi (2001)	Itajaí
Caipora (RS)	SI-2345	1655+-65	327~590	Ossos humanos	Dias (2003)	Caí-Sinos
Ribeirão Herta (SC)	CAMS-53114	1390+-50	596~774	Ossos humanos	DeMasi (2001)	Itajaí
Rio dos Altos Sep 05 (SC)	CRMS - 51674	1370+-40	641~774	Ossos humanos	DeMasi (2001)	Pelotas
Rio dos Altos Sep 03 (SC)	CRMS - 54142	1340+-40	651~785	Ossos humanos	DeMasi (2001)	Pelotas
Rio dos Altos Sep 06 (SC)	CRMS - 54143	1330+-40	655~859	Ossos humanos	DeMasi (2001)	Pelotas
Rio dos Altos Sep 01 (SC)	CRMS - 51673	1280+-40	681~886	Ossos humanos	DeMasi (2001)	Pelotas
Serra do Veado (QN5)	-	1330+-30	659~778	Dente humano	(Fogolari, 2013)	Paranapanema
Serra do Veado (QN3)	-	1180+-30	857~991	Ossos humanos	(Fogolari, 2013)	Paranapanema
Serra do Veado (R4)	-	1130+-30	892~1018	Dente humano	(Fogolari, 2013)	Paranapanema
Santa Bárbara (SC)	-	1180-20	884~980	Ossos humanos	Almeida (2014)	Pelotas
Gruta 3 de Mayo (ARG)	AA104530	777+-49	1210~1321	Ossos humanos	Loponte <i>et al</i> (2016)	Peperi-Guaçu
Gruta do Matemático (RS)	SI-809	700+-60	1265-1410	-	Werlang (1981)	Taquari-Antas

---

<sup>41</sup> Provavelmente do sítio Urubici-7.

PR WB 16 (PR)	-	504+-40	1400~1490	-	Chmyz (2008)	Paranapanema
Virador I (RS)	SI-1201	630+-205	992~1683	Provavelmente carvão	Miller (1975)	Caí-Sinos

Algumas das datações acima são um pouco complicadas, quanto ao seu registro, como a da região de Urubici, da Gruta do Matemático e do sítio Virador I. Sobre a região de Urubici, não é relatado em De Masi (2001, 2009) a proveniência concreta de qual sítio seria essa datação. A datação do sítio Gruta do Matemático foi feita há bastante tempo, quando não haviam métodos tão refinados quanto atualmente para se obter datações confiáveis e não há relatos de qual material teria sido datado, é um sítio de grande importância arqueológica pela riqueza de relatos e artefatos, fatos que fazem com que a Gruta do Matemático mereça novas e refinadas datações, para assim, melhor entendermos o seu contexto arqueológico e, principalmente, sua relação com a ocupação da região da bacia dos rios Taquari-Antas e Jê do Sul como um todo. O sítio Virador I é outro cemitério de grande importância, mas apenas possui uma datação com uma variação cronológica muito grande, e provavelmente a datação é proveniente de um fragmento de carvão, por tanto o sítio Virador I é outro jazigo que merece mais atenção e necessita de novas datações. Outros sítios arqueológicos apresentados aqui também necessitam de datações, como os sítios Gruta do Lavatudo, Perau das Cabeças e o Sítio Caipora. Para uma melhor compreensão do fenômeno arqueológico Jê do Sul, o estudo refinado desses sítios depende de novas análises e datações.

Sobre a data de Urubici, presente em De Masi (2001, 2009), é proveniente de remanescentes ósseos humanos de algum sítio em gruta ou abrigo da região. Porém, há algumas confusões acerca de qual sítio ao certo seria essa datação. Nas publicações originais de De Masi não há registro sobre qual cemitério é essa datação, porém Corteletti (2012, p. 32) informa que, segundo comunicação pessoal de De Masi, provavelmente essa datação seria da Gruta do Lavatudo. Em 2018, em conversa particular minha com De Masi, o autor relatou que os remanescentes ósseos humanos que datou para os trabalhos de 2001 e 2009 seriam todos provenientes de laboratórios de instituições de Santa Catarina, nesse caso, provenientes da UFSC ou do Colégio Catarinense. Ao visitar o Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC

(MARquE – UFSC) e o Colégio Catarinense, encontrei, na primeira instituição, remanescentes ósseos humanos do sítio Rio dos Altos, enquanto ao visitar o Colégio Catarinense eu encontrei ossos provenientes do sítio Urubici-7. Creio então que essa datação que De Masi correlaciona com Urubici seja do sítio Urubici-7<sup>42</sup>, pois o autor datou outros indivíduos da região de Urubici, que os denominou de indivíduos Rio dos Altos, ou seja, ele sabia quais eram as datações provenientes do sítio Rio dos Altos, que estão sob a salvaguarda do MARquE - UFSC. Sendo assim, acredito que a datação de Urubici, na verdade, seja de um indivíduo sepultado no sítio Urubici-7, e essa datação calibrada seria entre 122 e 341 A.D.. Segue abaixo a calibração da datação feita através do site OxCal:

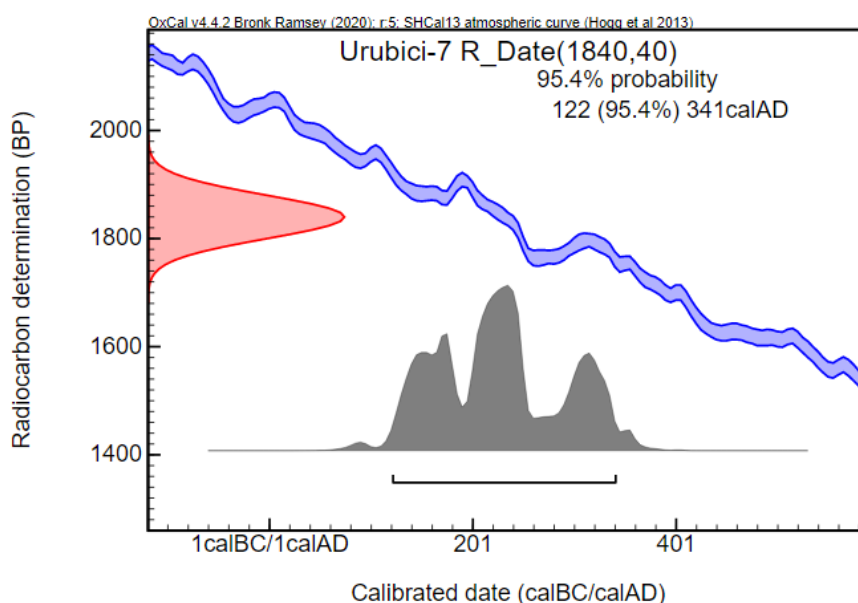


Figura 23: Calibração da data proveniente do sítio Urubici-7 feita através do site OxCal

(<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

A datação calibrada entre 245 e 441 A.D., proveniente do sítio Alto Jararaca II, também presente em De Masi (2001, 2009), é proveniente de remanescentes ósseos humanos que estão sob a salvaguarda do MARquE – UFSC, que foram analisados através de métodos da bioarqueologia por Luciana Zanenga Scherer. Essa análise bioarqueológica se encontra na forma

<sup>42</sup> Na minha visita ao Colégio Catarinense no dia 22-04-2019, encontrei uma caixa com remanescentes ósseos humanos coletados por Rohr com a inscrição “sítio Urubici-5 Rio Bonito”, porém no texto de 1971, o sítio Urubici-5 é um sítio de galeria subterrânea situada na região de Águas Brancas, enquanto o abrigo com sepultamento em Rio Bonito no texto de Rohr é o sítio Urubici-7.

de anexo, na dissertação de Lucas Bond Reis (2015). No caso do Alto Jararaca II temos a certeza de que a datação é de um indivíduo que foi sepultado no sítio. Segue abaixo a calibração da data:

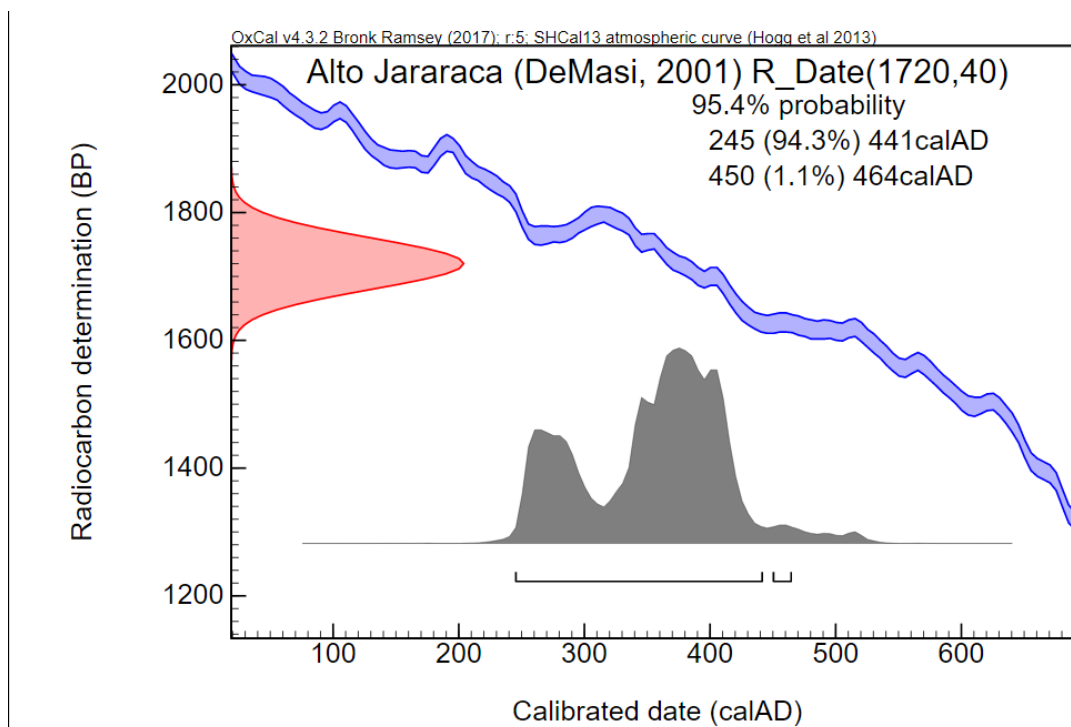


Figura 24: Calibração da data proveniente do sítio Alto Jararaca feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

Sobre a datação do sítio Caipora (RS-S-328), calibrada entre 327 e 590 A.D., consta em nota de rodapé presente na tese de Adriana Schmidt Dias (2003, p. 88), que a datação feita por Miller, seria proveniente de uma coleção de fragmentos ósseos do sítio, o que indica que essa datação seria então diretamente de um indivíduo sepultado no cemitério. A calibração dessa data consta no item 2.3 desta dissertação.

O sítio Ribeirão Herta<sup>43</sup> possui uma datação realizada através de ossos humanos por De Masi (2001, 2009), o que indica ser a datação de um indivíduo sepultado no sítio, e que possui uma datação calibrada entre 596 e 774 A.D. Segue abaixo a calibração da data feita através do site OxCal:

<sup>43</sup> O qual não encontrei o material ósseo humano nas minhas visitas às instituições de Santa Catarina.

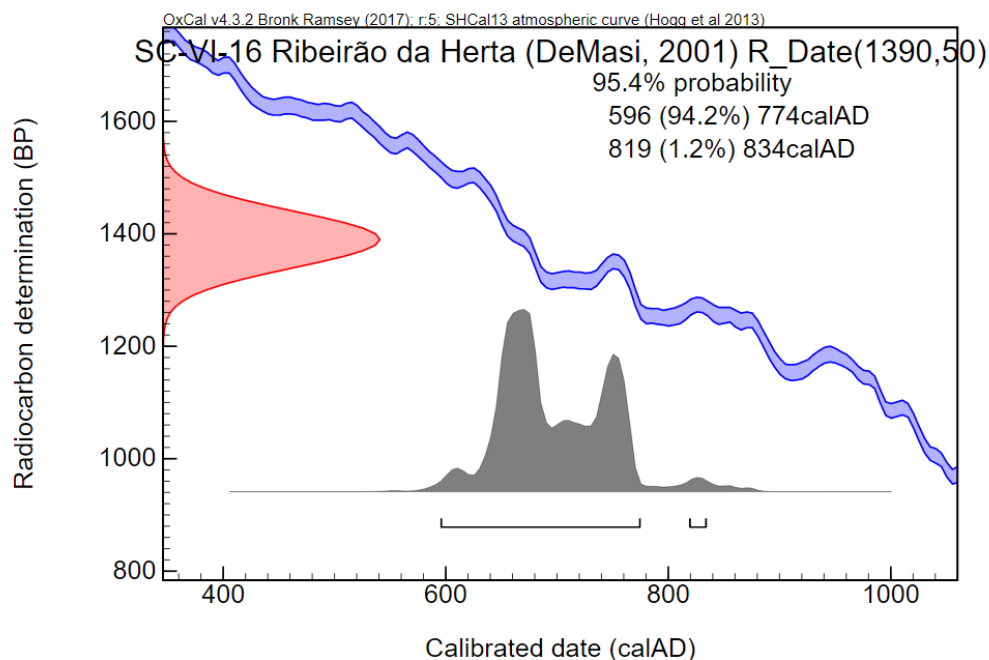


Figura 25: Calibração da data proveniente do sítio Ribeirão Herta feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

Para o sítio Rio dos Altos, presente nos trabalhos de De Masi (2001, 2009), há um total de quatro datações provenientes de ossos humanos, que representam quatro indivíduos sepultados no sítio, o que nos dá importantes informações sobre aspectos sincrônicos e diacrônicos desse cemitério. Em minha visita ao MARquE – UFSC, na data de 22/04/2019, Luciana Zanenga Scherer me apresentou uma caixa com remanescentes ósseos humanos de catálogo CX 65. Nessa caixa há o título “GRUTAS DE SÃO JOAQUIM (URUBICI) GRUTA RIO DOS ALTOS”, sendo provavelmente desse acervo que De Masi realizou as datações radiocarbônicas. Segue abaixo a calibração das datas realizadas através do site OxCal:

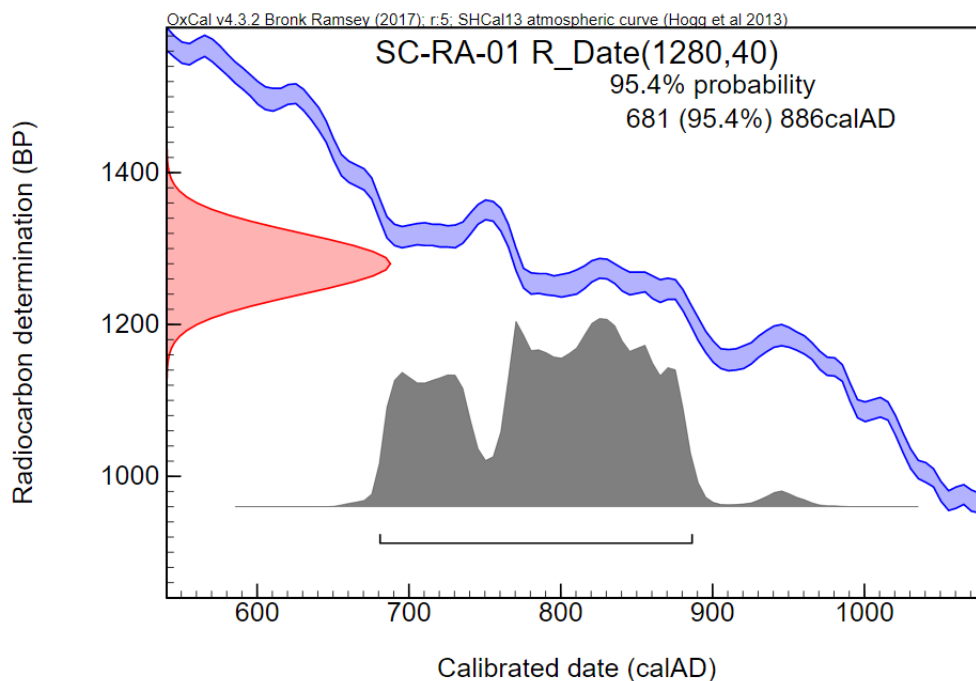


Figura 26: Calibração da datação do indivíduo SC-RA-01. Feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

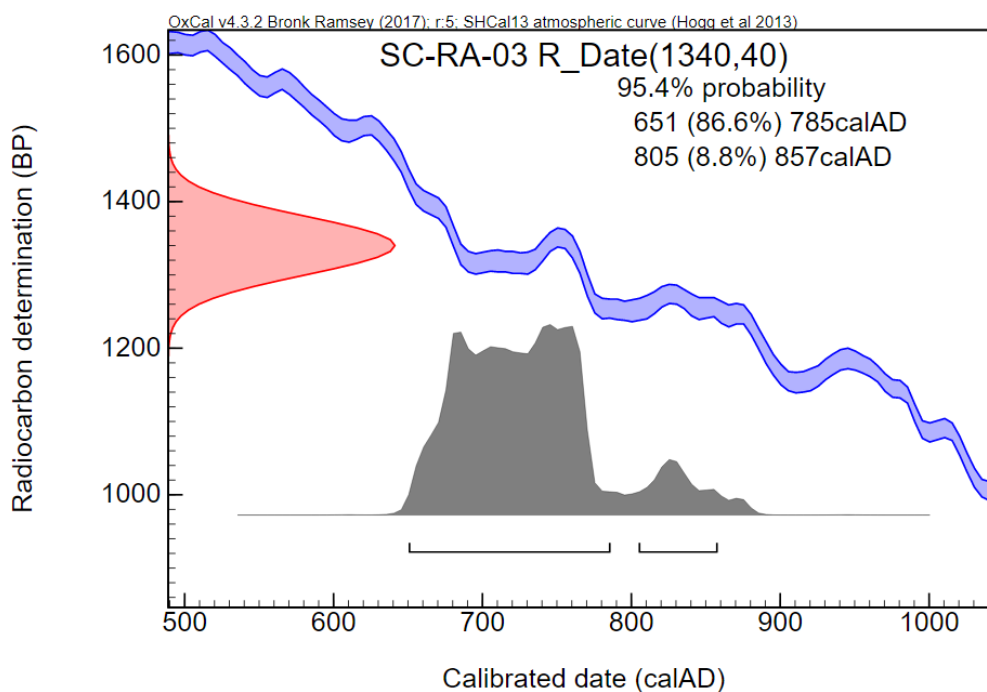


Figura 27: Calibração da datação do indivíduo SC-RA-03-. Feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

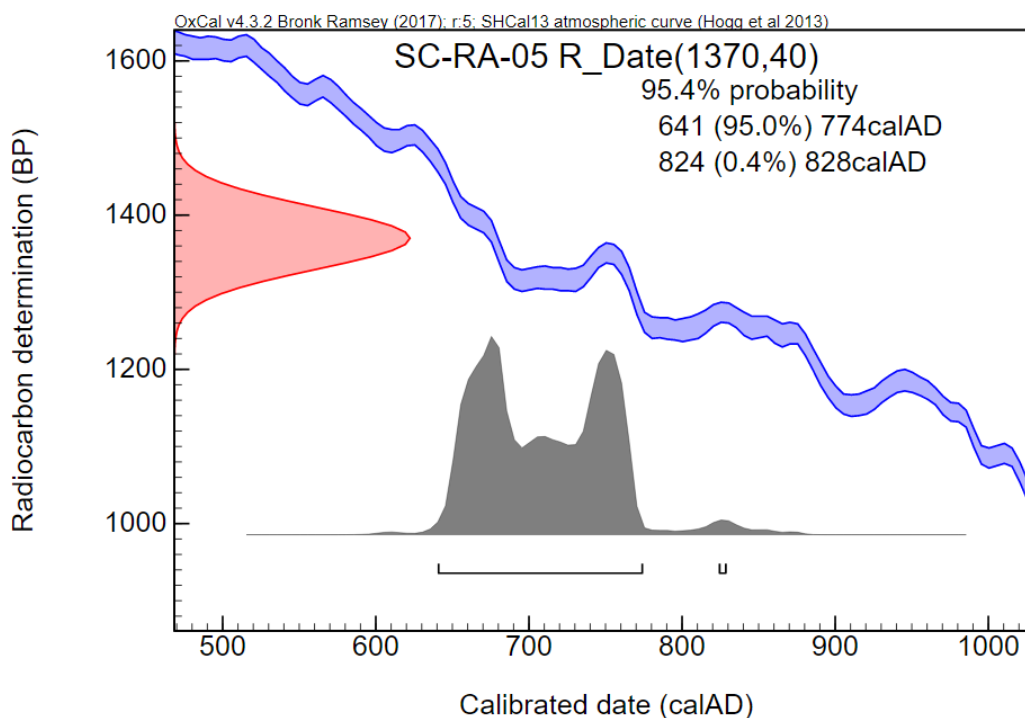


Figura 28: Calibração da datação do indivíduo SC-RA-05. Feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

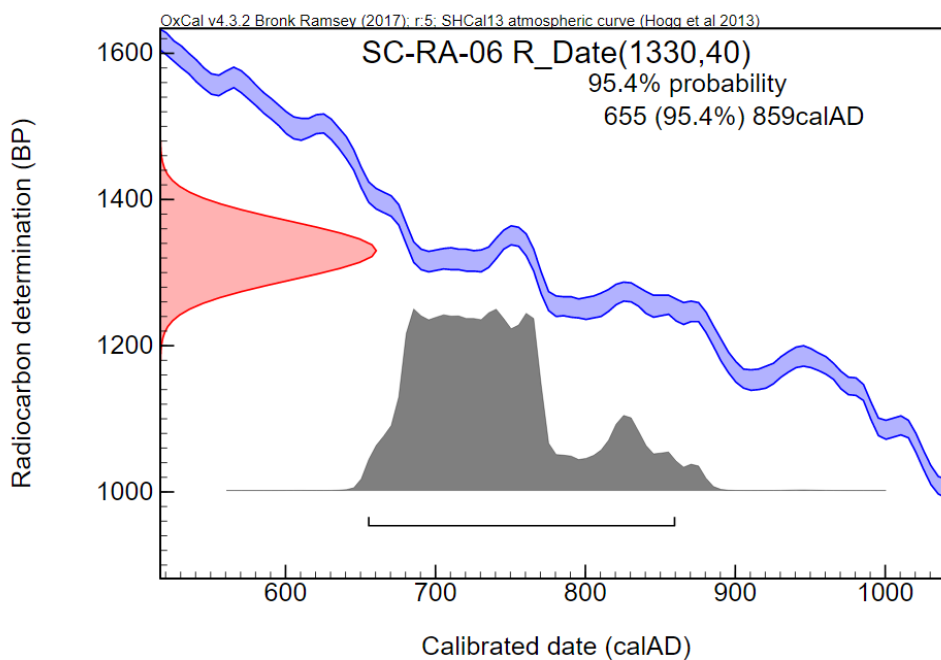


Figura 29: Calibração da datação do indivíduo SC-RA-06. Feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

O gráfico abaixo ilustra a discussão acerca dos sepultamentos de forma sincrônica e diacrônica no caso do sítio Rio dos Altos, cuja calibração foi feita através do site OxCal:



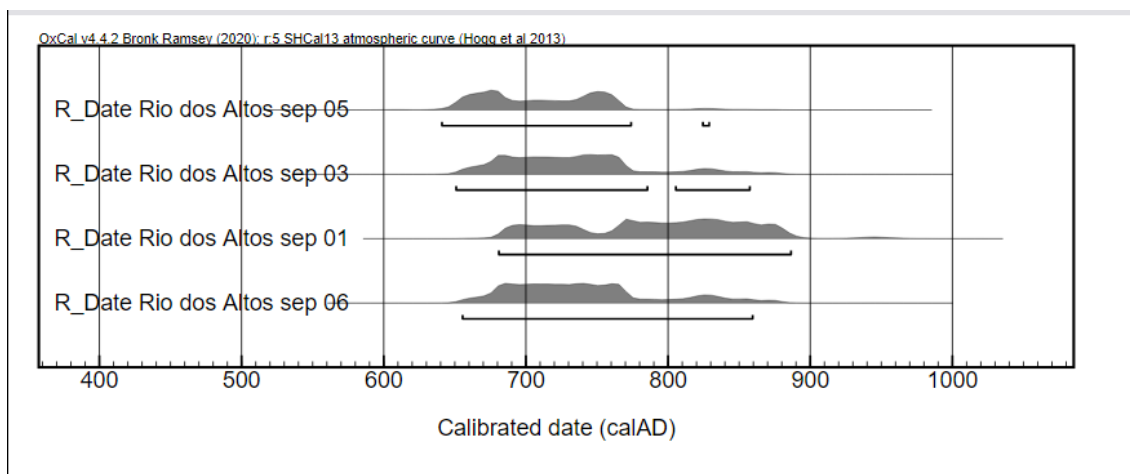


Figura 30: Gráfico para demonstrar a contemporaneidade entre os indivíduos datados do sítio Rio dos Altos. Feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

O gráfico acima demonstra que os sepultamentos, principalmente o 05, o 03 e o 01, do sítio Rio dos Altos estão ocorrendo contemporaneamente, de forma sincrônica, ou seja, esses dados corroboram o fato de que esse lugar estava servindo de cemitério para sepultamentos Jê do Sul, em um mesmo período cronológico, que abrange os anos 641 e 886 A.D.. Através dessas datações, é inviável imaginar que esses sepultamentos sejam representantes de um episódio isolado, mas sim de uma sucessão de sepultamentos no mesmo lugar.

Para o caso do sítio Serra do Veado, as três datações existentes são de remanescentes humanos, ossos e dentes. Essas datas, assim como no caso do sítio Rio dos Altos, são importantes para uma discussão sincrônica e diacrônica do cemitério. A calibração dessas datas foi realizada através do site OxCal estão no item 2.6 desta dissertação. Observe o gráfico abaixo para discutir as datas:

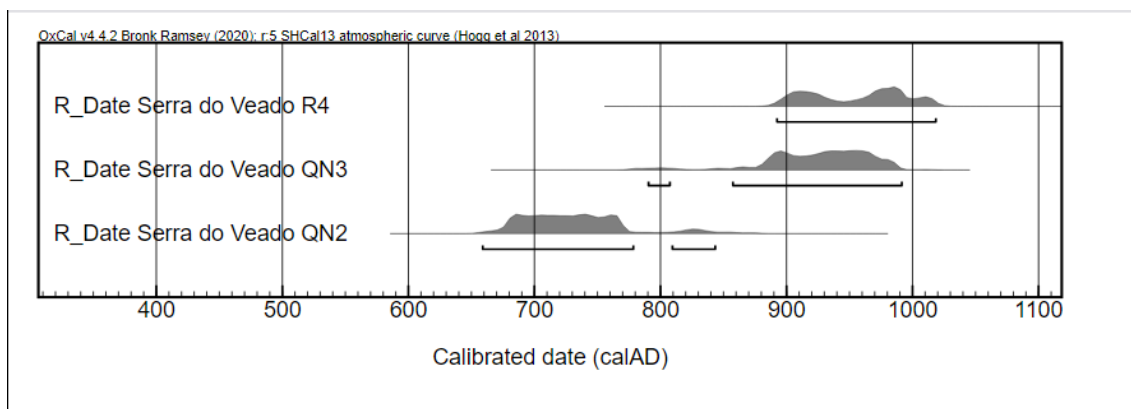


Figura 31: Gráfico para ilustrar a contemporaneidade entre os indivíduos do sítio Serra do Veado. Feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

O Serra do Veado, assim como no sítio Rio dos Altos, possui um contexto de sepultamentos de forma sincrônica, expressada no gráfico através das datas dos sepultamentos R4 e QN3. Enquanto o indivíduo R4 foi sepultado entre os anos 892 e 1018 A.D., o QN3 foi sepultado entre os anos 857 e 991 A.D.. O que demonstra que o sítio teve sepultamentos de indivíduos em períodos cronológicos muito próximos, quase que contemporâneos, não necessariamente sendo representativos de um episódio único, ou seja, que foram enterrados juntos. Já o indivíduo QN5, datado entre 659 e 778 A.D. demonstra que, aproximadamente 200 anos antes dos indivíduos R4 e QN4 serem sepultados no sítio, o jazigo Serra do Veado já era utilizado como cemitério pelos grupos Jê do Sul. Esses dados demonstram um aspecto diacrônico e que, representa simbolicamente, que o sítio Serra do Veado foi um lugar de importância local e para o grupo Jê do Sul que o utilizou como cemitério durante um longo período de tempo, por séculos.

Para o sítio Santa Bárbara há uma datação de Almeida (2014), feita para a sua tese. A datação, realizada a partir de um osso humano doado pelo proprietário do local, representa fidelidade da datação ao contexto do sepultamento. A datação calibrada através do site OxCal é de 884-980 A.D.. Segue abaixo a calibração da data:

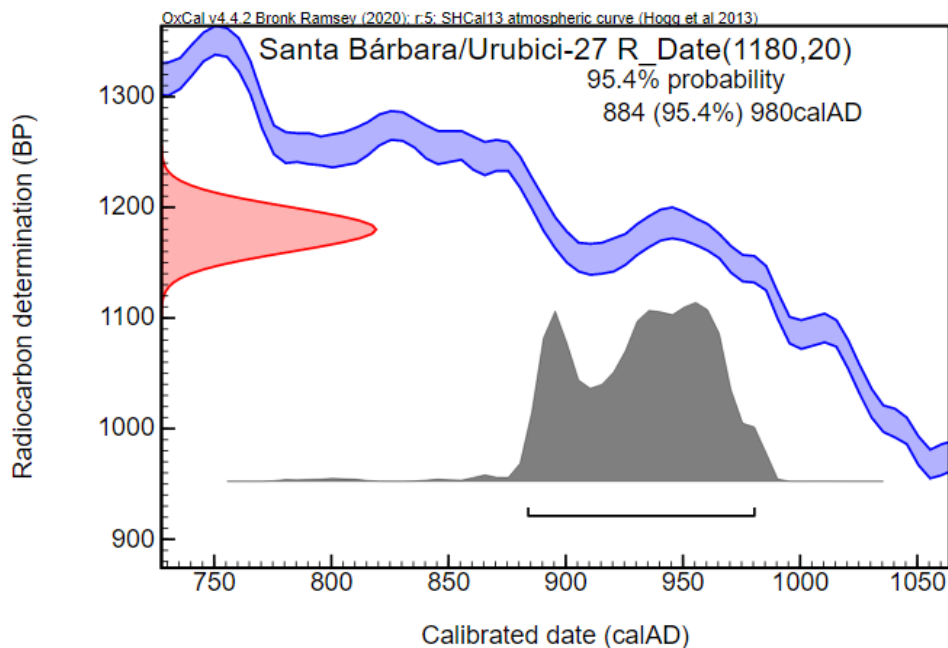


Figura 32: Calibração da data proveniente do sítio Santa Bárbara. Feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

Para o sítio 3 de Mayo, a datação realizada por Loponte *et al* (2016) também foi calibrada para esta dissertação e essa calibração pode ser encontrada na seção 2.7. A datação foi feita através de remanescentes ósseos humanos do sítio e sua calibração se dá entre 1210 e 1321 A.D.

O sítio Matemático (RS-A-8), possui uma datação presente no trabalho de Werlang (1981) e sua calibração, que pode ser vista na seção 2.1 desta dissertação, deu-se entre 1265 e 1410 A.D.. Não constam informações acerca de qual material foi datado, apenas de que é uma datação proveniente da profundidade de 2,1 m.

O caso do cemitério Tunas (PR WB 16) foi descrito por Chmyz (2008, p. 249), que apesar de não indicar qual material que proporcionou a datação, informa ser de um nível superior do sítio e que nesse nível há traços da ocupação Jê do Sul, principalmente sepultamentos. A calibração dessa data, realizada através do site OxCal, pode ser encontrada na parte 2.5 desta dissertação. A data calibrada desse sítio é de 1400-1490 A.D.

A ultimada datação que encontrei em contexto de abrigos e grutas com sepultamento Jê do Sul foi a do sítio Virador I. Ribeiro (1975) diz apenas que a datação seria do sítio Virador I e não explicita qual material teria servido para

ser datado. Ao ler minuciosamente o texto de Ribeiro, verifiquei que, provavelmente, o material que serviu para tal datação foram resquícios de carvão, provenientes de uma profundidade entre 50 e 60 cm do sítio. Esses fragmentos de carvão, segundo o autor, estavam próximos do sepultamento, que se encontrava a partir de 45 cm de profundidade. Ribeiro relaciona essa datação com a ocupação Jê do Sul (apesar do autor se referir à Tradição Taquara) nesse sítio. A data calibrada do sítio se dá entre os anos 992 e 1683 A.D.. A calibração pode ser encontrada na seção 2.4 desta dissertação.

Observe o gráfico do mapa abaixo para o início da discussão da contemporaneidade entre os sítios:

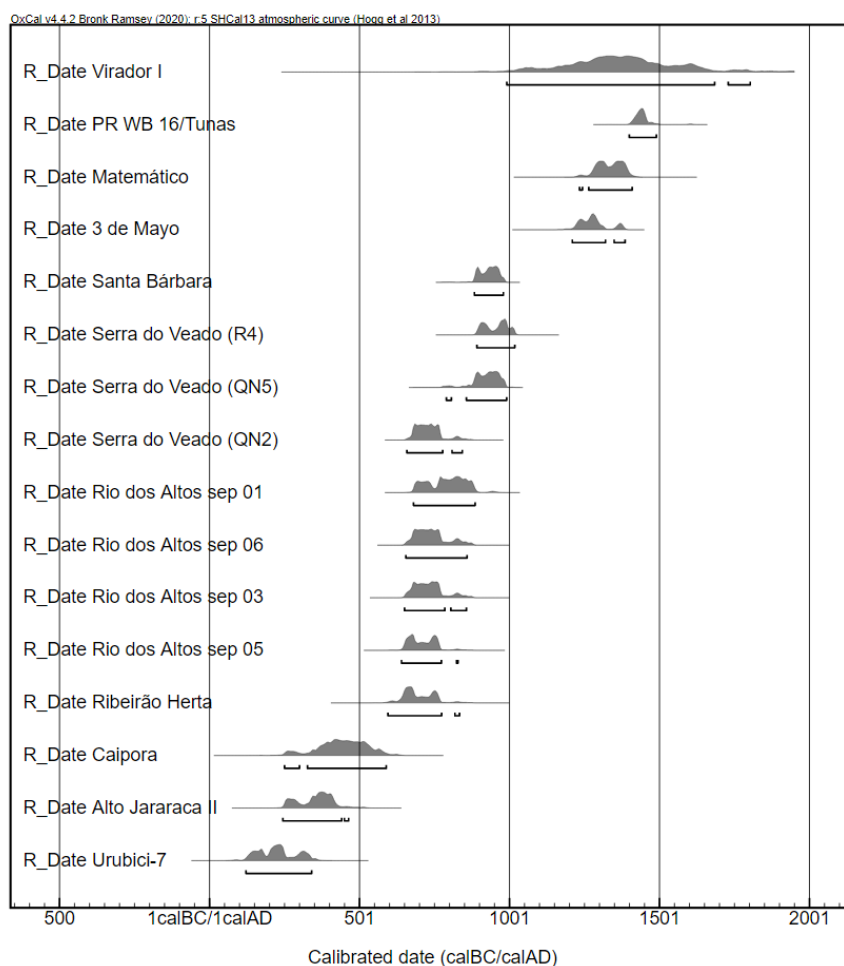


Gráfico 1: Gráfico que demonstra as datações provenientes dos sítios de sepultamento em paredões rochosos no contexto Jê do Sul feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

Conforme apontado no gráfico acima, os sítios Urubici-7, Alto Jararaca II e Caipora possuem grandes chances de terem sido cemitérios que eram ou

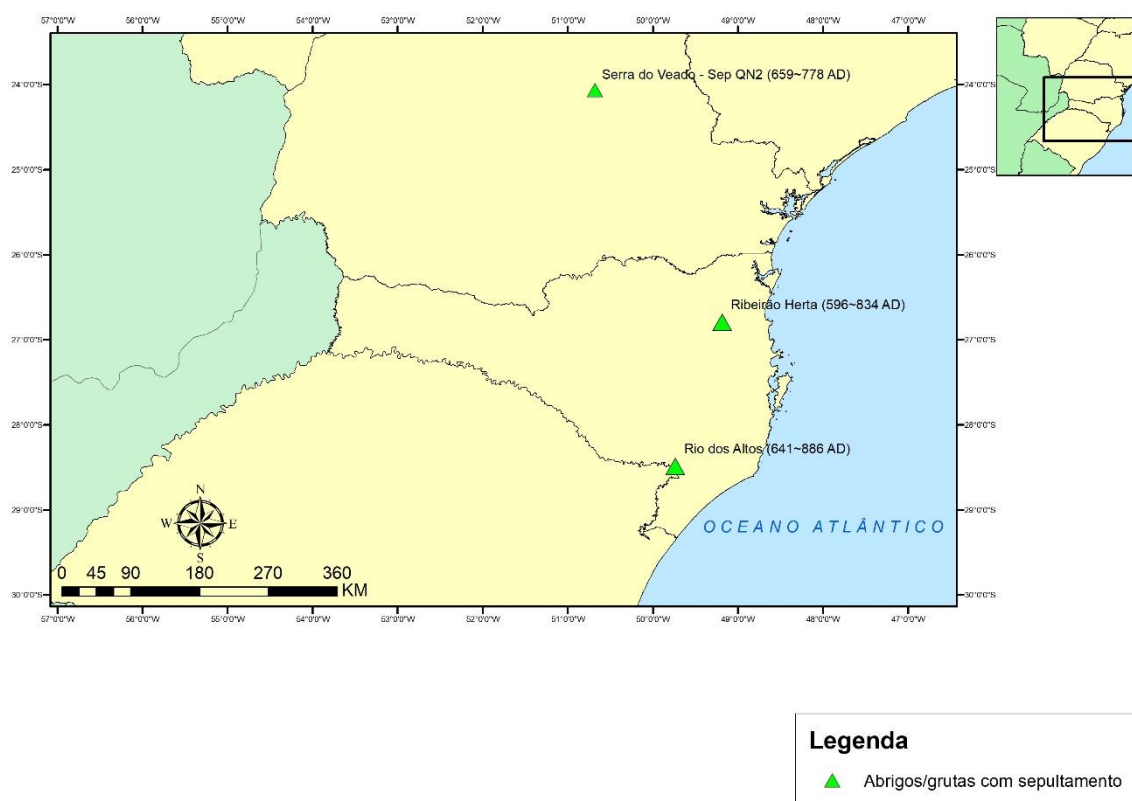
contemporâneos entre si ou que foram utilizados em períodos cronológicos próximos. Para o sítio Alto Jararaca II, não foram encontradas informações acerca do sítio, apenas o já citado anteriormente material osteológico que está no MARquE – UFSC e as datações de De Masi. Para o cemitério Urubici-7, as informações constam em Rohr (1971) e, segundo o autor, no sítio havia ossos humanos e pontas de flecha que foram coletados por locais, porém em sua visita também encontrou alguns poucos ossos humanos. O sítio Caipora, segundo Dias (2003), apresentava além de ossos humanos, lascas de basalto. Conforme esses relatos, concluo que esses cemitérios, que são basicamente contemporâneos entre si, possuíam no seu contexto funerário artefatos líticos (pontas de flecha e lascas) e sepultamentos. Esses dados não permitem distinguir diferenças regionais dos sítios ou das práticas funerárias entre esses cemitérios. Segue abaixo o mapa com os sítios para uma discussão geográfica:



Mapa 3: Abrigos e grutas com sepultamento mais antigos contemporâneos, entre o período 122-590 A.D.. Autor: Phellipe de Lima

Como não se há uma coordenada exata para o sítio Alto Jararaca II, utilizei as coordenadas do município de Alfredo Wagner para plotagem do sítio. Acerca das distâncias, que foram tomadas através do *software* Google Earth, o

sítio Urubici-7 dista aproximadamente 50 km do sítio Alto Jararaca II, enquanto a distância do Urubici-7 para o sítio Caipora é de, aproximadamente, 217 km. Esses dados demonstram que, mesmo estando em longas distâncias entre si (principalmente em relação aos 217 km de distância entre o Urubici-7 e o Caipora), os sítios e as datações representam que, independentemente das longas distâncias entre os sítios, pessoas e grupos Jê do Sul, que estão na região da borda oriental do Planalto Meridional e na encosta da serra, em um mesmo período cronológico ou em faixas de tempo muito próximas, estão compartilhando os modos de se tratar os mortos, que estão demarcadas nas suas práticas funerárias na forma de escolha de lugares específicos na paisagem para fazerem seus cemitérios.



Mapa 4: Sítios contemporâneos entre o período 596–886 A.D.. Autor: Phellipe de Lima

É possível observar que, através do mapa acima, nesse período cronológico em específico, que compreende os anos 596 e 886 A.D. (conforme as datações dos sítios apresentadas), os sítios não estão posicionados apenas na região da borda oriental do Planalto e das regiões da encosta da serra, como era em períodos mais antigos. Como visto em Souza & Merencio (2013), há poucos casos de sítios de sepultamentos em paredões rochosos para a região do Paraná, o que demonstra a importância do contexto do sítio Serra do

Veado. O cemitério Serra do Veado como exceção aos sítios mais antigos e contemporâneos a ele, está posicionado mais a noroeste das regiões da borda oriental do Planalto Meridional e da encosta da serra. Esse dado é muito importante, pois demonstra uma locomoção desses grupos Jê do Sul rumo ao ocidente do território, que está sendo refletida através da dispersão da forma de se sepultar em abrigos e grutas rumo ao oeste. Ressalto que os sítios mais antigos e os contemporâneos ao sítio Serra do Veado estão em uma faixa muito bem delimitada da região do Planalto Meridional a leste e em seu entorno.

A distância entre esses sítios evidencia a ocupação da área. Tomando como referência principal o sítio Ribeirão Herta (o mais antigo entre os três, através das datações), dista aproximadamente 200 km do sítio Rio dos Altos, enquanto a distância para o sítio Serra do Veado é de 339 km. Essas distâncias entre os sítios demonstram que, em uma grande parte do território do Planalto Meridional, há grupos Jê do Sul que compartilham de uma mesma identidade, que está sendo demonstrada e, principalmente, deixando rastros dessa identidade compartilhada nas escolhas de lugares e paisagens específicas para cemitérios, que são as fendas em paredões rochosos com o contexto de água corrente em forma ou de cascatas ou de rios<sup>44</sup>. Esses dados apontam que, para manutenção dessa identidade, a escolha de lugares específicos para se constituir um cemitério é algo importante para os Jê do Sul, independentemente da distância entre esses territórios. Os dados também apontam que o território Jê do Sul é geograficamente vasto nesse período cronológico.

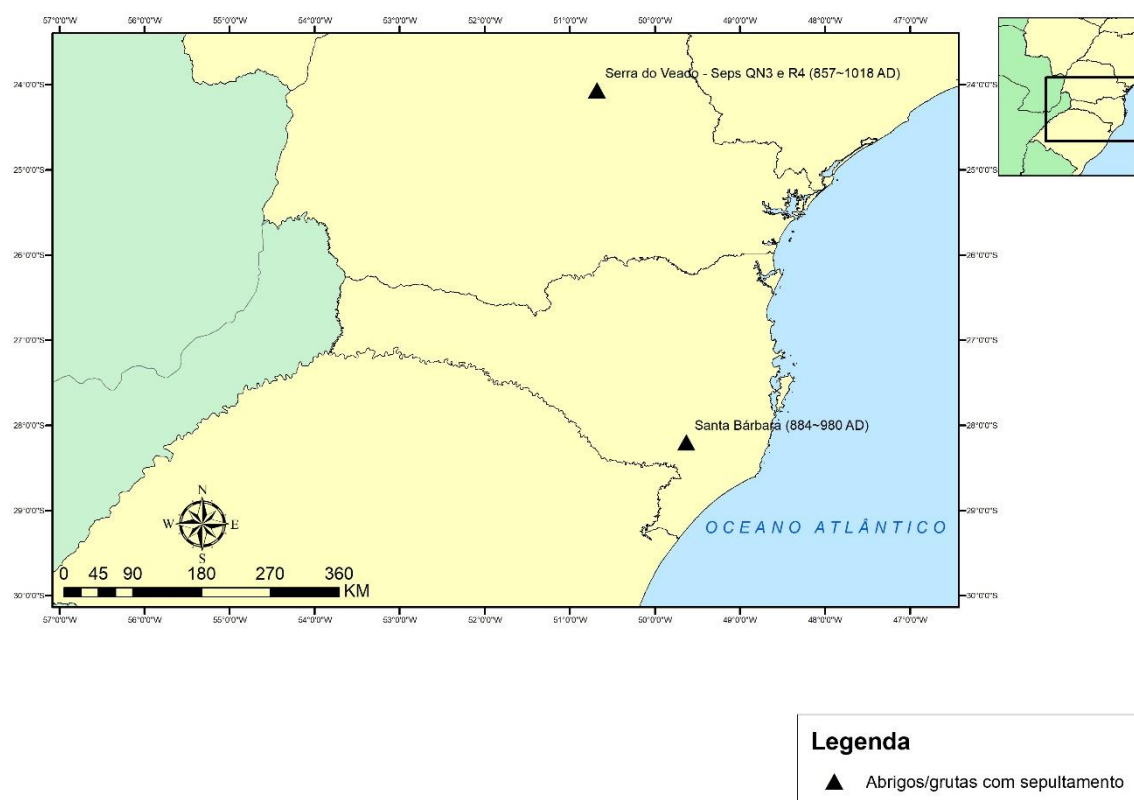
Sobre diferenças regionais entre os sítios, sabemos através dos relatos de Piazza (1966a) que no sítio Ribeirão Herta haveria pontas de flecha. Já para o sítio Rio dos Altos constam apenas informações de que havia remanescentes ósseos humanos (Piazza, 1966b). Para o sítio Serra do Veado, a informação da datação é do sepultamento QN5, porém no relatório de Fogolari (2013), dos 11 sepultamentos relatados, não há informações específicas acerca de um

---

<sup>44</sup> Como apontarei no capítulo 7, tanto as fendas quanto as cascatas são portais para inframundos Kaingang e, principalmente, materializam as águas diluviais e entradas para o *nũgme* mundo dos mortos.

sepultamento QN5, há, entretanto, informações sobre sepultamentos Q5 e N5. Para o sepultamento Q5 há relatos que foram encontradas lascas de líticos, conchas, sementes, quartzo e conchas perfuradas que seriam adornos e que o sepultamento N5 foi encontrado sobre uma laje. Sendo assim, não há muitas semelhanças entre esses sepultamentos de regiões diferentes, indicando que, independentemente da prática funerária relacionada ao morto, o fator que une essa identidade compartilhada é a escolha de lugares específicos, com paisagens semelhantes.

Observe o mapa abaixo para dar início a discussão sobre a contemporaneidade entre o sítio Santa Bárbara e os sepultamentos QN3 e R4 do sítio Serra do Veado:



Mapa 5: Abrigos e grutas com sepultamento contemporâneos no período 857-1018 A.D.. Autor: Phellipe de Lima

Os sepultamentos QN3 e R4, do sítio Serra do Veado, com datação calibrada entre os anos 857 e 1018 A.D., são contemporâneos ao sepultamento do sítio Santa Bárbara com datação entre 884 e 980 A.D., apresentada por Almeida (2014). Apesar dos sítios serem contemporâneos, a distância entre eles é de, aproximadamente, 470 km. O que demonstra, assim como nos casos anteriores, que mesmo em grandes distâncias entre os sítios,



os indivíduos Jê do Sul estão demonstrando traços de sua identidade compartilhada na escolha de lugares e paisagens específicos para constituírem seus cemitérios.

O indivíduo R4, do Serra do Veado, estava coberto por lajes. Já o indivíduo QN3 acontece o mesmo problema que o indivíduo QN5, anteriormente citado: há tanto um sepultamento Q3 quanto N3 na escavação do sítio Serra do Veado (Fogolari, 2013). O sepultamento Q3 é descrito pelo autor como sendo provavelmente de uma criança, e foram plotados também um raspador, lascas de líticos e uma concha (Fogolari, 2013, p. 99). Já o indivíduo sepultado N3 é descrito com grandes rochas cobrindo o corpo, exceto o crânio, estava fletido e continha carvão, líticos, ponta de projétil e remanescentes conchíferos (Fogolari, 2013, p. 92).

Para o sítio Santa Bárbara, Piazza (1966b) relata instrumentos líticos. Rohr (1971) aponta que no sítio haveriam 68 esqueletos humanos, de adultos e crianças. Essas informações representam que há diferenças regionais entre as formas de se sepultar e dos acompanhamentos funerários. Porém a escolha de aspectos específicos da paisagem, principalmente fendas em paredões rochosos com cachoeiras, continuam importantes para fazer um cemitério, independentemente da forma de se sepultar os mortos ou as distâncias entre os sítios.

O mapa abaixo serve para discutir acerca dos sítios de sepultamento em paredões rochosos mais recentes, em termos cronológicos:



Mapa 6: Abrigos e grutas com sepultamento contemporâneos no período pós-ano 1000 A.D..

Autor: Phellipe de Lima

Como vimos até então, conforme o tempo vai passando, os sítios em paredões rochosos com sepultamento, que inicialmente estavam concentrados na região da borda oriental do Planalto e na encosta da serra, passam a serem implementados também em regiões mais a oeste, ao ocidente do território do Planalto Meridional. Aponto isso anteriormente no caso do sítio Serra do Veado. Além desse caso, o sítio Virador I e PR WB 16 também demonstram essa dinâmica de dispersão de sítios rumo ao oeste. O sítio Matemático se demonstra ser exceção: é um cemitério recente que continua na região da borda do Planalto Meridional. O caso mais extremo que demonstra muito bem esta dispersão e locomoção das práticas funerárias em grutas e abrigos rumo ao ocidente do território é o caso do sítio 3 de Mayo. Além de ser um sítio que está em uma enorme lacuna geográfica, que compreende as distâncias entre a borda oriental do Planalto e a região da bacia do Peperi-Guazu, é o único sítio conhecido na região da Argentina. A interpretação para as motivações para essa locomoção a oeste é discutida na seção 3.3 desta pesquisa.

Ao olharmos para as distâncias entre esses sítios, que são contemporâneos ou com cronologias muito próximas entre si, o caso do

cemitério 3 de Mayo se torna ainda mais excepcional: esse sítio está distando aproximadamente 470 km do Virador I, 524 km do sítio Matemático e 559 km do sítio PR WB 16. Tomando o sítio PR WB 16 como exemplo, ele dista 525 km do Matemático e 640 km do sítio Virador I. Enquanto a distância entre os sítios Virador I e Matemático distam entre si aproximadamente 150 km. Esses dados demonstram duas possibilidades: ou temos, realmente, como disseram Beber (2004) e Corteletti (2012), uma carência de estudos sobre esse tipo de sítio Jê do Sul, e, a meu ver, essa carência também está refletida no levantamento de sítios nessa região geográfica do Planalto Meridional rumo ao oeste<sup>45</sup>; ou há alguma dinâmica desconhecida, que pode ter relação com a maior utilização de montículos para práticas funerárias nessas regiões.

Creio ser mais viável, através dos dados demonstrados na seção 3.3, que os sepultamentos em paredões rochosos fazem parte de uma prática funerária particular, dos Jê do Sul orientais, e por isso, em direção ao ocidente da região, essa prática funerária não exista antes da dispersão desses Jê do Sul orientais rumo ao ocidente, que se deu por volta do ano 1000 A.D. Apenas novos estudos espaciais poderão corroborar ou refutar essa ideia, ou até mesmo dar novas e refinadas interpretações para essa problemática da arqueologia Jê do Sul.

Outro fator interessante entre esses últimos sítios mais recentes e contemporâneos é acerca da materialidade desses cemitérios. Diferentemente dos sítios mais antigos, a Gruta do Matemático, Gruta 3 de Mayo, sítio PR WB 16 e Virador I são cemitérios onde todos possuem fragmentos de cerâmica Jê do Sul. Além da cerâmica, são sítios que apresentam uma questão interessante: o fogo, seja em ossos cremados, queimados ou calcinados, e áreas de combustão. Esses fatos demonstram que esses sítios mais recentes são diferentes em sua composição interna e em suas práticas funerárias, porém se mantém a preferência por paisagens e lugares específicos para a

---

<sup>45</sup> Creio que não seja esta a questão, pois como vemos na tese de Mirian Carbonera (2014), onde a autora faz um estudo da região do Alto Rio Uruguai (que nasce da confluência dos rios Pelotas e Canoas e corre em direção ao oeste e depois ao sul), para a região do Rio Uruguai não é citada a presença de abrigos ou grutas com sepultamento. Em Brochado (1971), ao estudar o Rio Jacuí, que é a sudoeste da região dos rios Taquari-Antas e, inclusive, recebe o rio Taquari, há a informação de que há quatro abrigos com arte rupestre, indicando que a oeste da região dos rios Taquari-Antas os abrigos são utilizados para outros fins e não funerários.

concepção de cemitérios para esses grupos Jê do Sul, na forma de fendas em paredões rochosos com cascatas ou rios próximos.

Tomando em consideração essas mudanças nesses sítios mais recentes, cabe a discussão, nas próximas seções, sobre as diferenças entre eles. Mais minuciosamente acerca de suas cronologias, tendo em mente o que autores como Beber (2004), Corteletti (2012) e De Souza *et al* (2016) veiculam como prováveis transformações sociais que os Jê do Sul passariam por volta do ano 1000 A.D.. Assim, os sítios foram divididos em dois grupos para esta dissertação: o primeiro são sítios anteriores a 1000 A.D., enquanto o segundo grupo é de sítios posteriores a 1000 A.D., e assim é possível demonstrar que, realmente, há diferenças entre eles conforme os anos se passam.

### 3.1 Sítios datados antes de 1000 A.D.

Na tabela abaixo há um total de 12 datações de sepultamentos, provenientes de sítios em paredões rochosos datados antes do ano 1000 A.D.. Essas 12 datações estão distribuídas entre cinco sítios arqueológicos (Alto Jararaca II, Caipora, Gruta do Ribeirão Herta, Rio dos Altos, Gruta Santa Bárbara e o sítio Serra do Veado) e uma datação sobre a região de Urubici<sup>46</sup>. Em dois sítios (Rio dos Altos e Serra do Veado) possuímos datações de mais de um indivíduo.

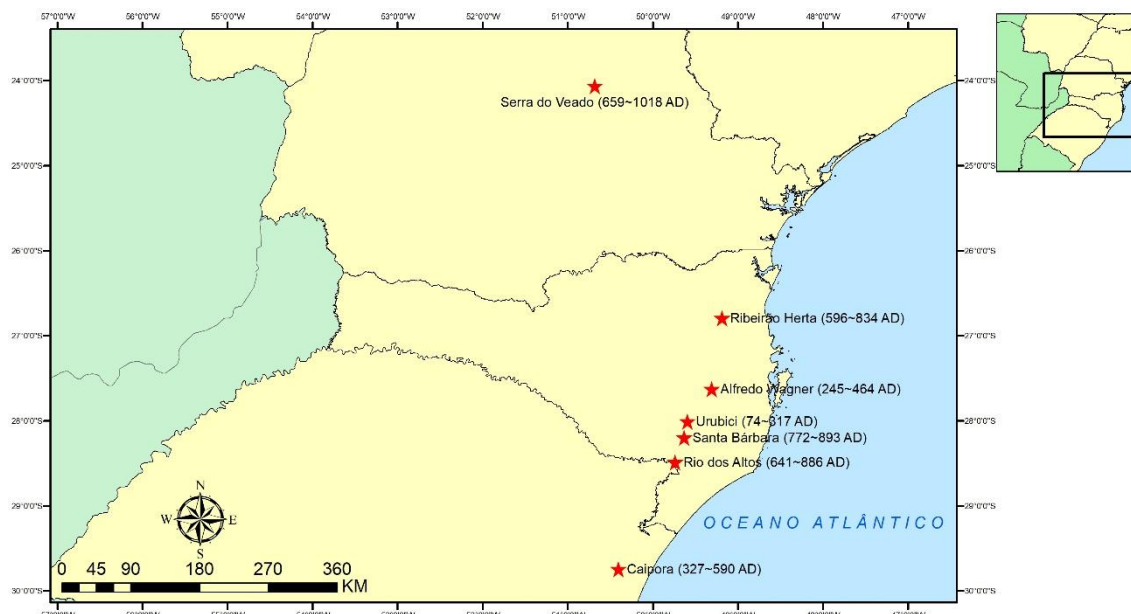
Tabela 6: Datações com datas anteriores a 1000 A.D. provenientes de abrigos e grutas com sepultamento. Autor: Phellipe de Lima

Proveniência:	LabCode:	Data original A.P.:	Datação calibrada A.D.:	Fonte:	Bacia Hidrográfica:
<b>Urubici (SC)</b>	CAMS-53915	1840+-40	122~341	DeMasi (2001)	Pelotas/Canoas
<b>Alto Jararaca II (SC)</b>	CAMS-53916	1720+-40	245~464	DeMasi (2001)	Itajaí
<b>Caipora (RS)</b>	SI-2345	1655+-65	327~590	Dias (2003)	Sinos
<b>Ribeirão Herta (SC)</b>	CAMS-53114	1390+-50	596~834	DeMasi (2001)	Itajaí

<sup>46</sup> Provavelmente proveniente do sítio Urubici-7, conforme minha visitação e estudos dos materiais provenientes de abrigos e grutas com sepultamento coletados por Rohr que estão presentes no Colégio Catarinense.

<b>Rio dos Altos Sep 05 (SC)</b>	CRMS - 51674	1370+-40	641-828	DeMasi (2001)	Pelotas
<b>Rio dos Altos Sep 03 (SC)</b>	CRMS - 54142	1340+-40	651-857	DeMasi (2001)	Pelotas
<b>Rio dos Altos Sep 06 (SC)</b>	CRMS - 54143	1330+-40	655-859	DeMasi (2001)	Pelotas
<b>Rio dos Altos Sep 01 (SC)</b>	CRMS - 51673	1280+-40	681-886	DeMasi (2001)	Pelotas
<b>Santa Bárbara (SC)</b>	-	1180-200	772~893	Almeida (2014)	Pelotas
<b>Serra do Veado (QN5)</b>	-	1330+-30	659~778	(Fogolari, 2013 <i>apud</i> Spitz, 2016)	Paranapanema
<b>Serra do Veado (QN3)</b>	-	1180+-30	857~991	(Fogolari, 2013 <i>apud</i> Spitz, 2016)	Paranapanema
<b>Serra do Veado (R4)</b>	-	1130+-30	892~1018	(Fogolari, 2013 <i>apud</i> Spitz, 2016)	Paranapanema

No mapa abaixo, vemos que os sítios com datações anteriores a 1000 A.D., estando esses concentrados, em sua maioria, na porção oriental do Planalto Meridional e na encosta da serra, com exceção do sítio Serra do Veado.



### Legenda

★ Sítios pré ano 1000 AD

Mapa 7: Sítios com datações anteriores ao ano 1000 A.D.. Autor: Phellipe de Lima

Segundo Souza (2017), é possível que os grupos Jê do Sul estivessem nas regiões do Planalto Meridional por volta de 3000 à 2000 A.P.. Apesar das datações dos sítios Urubici-7, Alto Jararaca II e Caipora serem bastante recuadas, existem datações de sítios Jê do Sul que ou são contemporâneas ou mais antigas, que ajudam a corroborar o fato de que esses sítios mais antigos, mesmo sem a presença de cerâmica, são sítios Jê do Sul. Vejamos a tabela abaixo para auxiliar no debate:

Tabela 7: Tabela demonstrando a contemporaneidade entre os sepultamentos em abrigos e grutas e outros sítios antigos Jê do Sul. Autor: Phellipe de Lima<sup>47</sup>

Datações de abrigos e grutas com sepultamento:				Datações de outros sítios Jê do Sul:			
Sítio:	Datação calibrada A.D.:	Fonte:	Bacia hidrográfica:	Sítio:	Datação calibrada A.D.:	Fonte:	Bacia hidrográfica:
Urubici-7 (SC)	122~341	DeMasi (2001)	Canoas	Ademar Rodrigues*	976~804 B.C	Silva (2018)	Canoas
Alto Jararaca II (SC)	245~441	DeMasi (2001)	Itajaí	Morro do Avencal**	199~54 B.C	Silva (2018)	Canoas
Caipora (RS)	327~590	Dias (2003)	Caí-Sinos	SC-CL-?*	21~246***	Noelli & Souza (2017)	Pelotas

<sup>47</sup> Um asterisco (\*) representa que são sítios de casas subterrâneas; dois asteriscos (\*\*) representam sítios de arte rupestre; três asteriscos (\*\*\*) representam que as datas foram calibradas por mim através do OxCal.

<b>Ribeirão Herta (SC)</b>	596~774	DeMasi (2001)	Itajaí	<b>RS-P-12*</b>	46~441***	Noelli & Souza (2017)	Taquari-Antas
<b>Rio dos Altos Sep 05 (SC)</b>	641-774	DeMasi (2001)	Pelotas	<b>RS-S-359*</b>	205~524***	Noelli & Souza (2017)	Cai-Sinos
<b>Rio dos Altos Sep 03 (SC)</b>	651-785	DeMasi (2001)	Pelotas	<b>RS-A-2*</b>	340~773***	Noelli & Souza (2017)	Cai-Sinos
<b>Rio dos Altos Sep 06 (SC)</b>	655-859	DeMasi (2001)	Pelotas	<b>RS-40*</b>	370~689***	Noelli & Souza (2017)	Taquari-Antas
<b>Rio dos Altos Sep 01 (SC)</b>	681-886	DeMasi (2001)	Pelotas	<b>SC-TA-04*</b>	596~774***	Schmitz <i>et al</i> (2009)	Itajaí
<b>Santa Bárbara (SC)</b>	884~980	Almeida (2014)	Pelotas	<b>SC-CL-70*</b>	630~768***	Schmitz <i>et al</i> (2013)	Canoas

O gráfico abaixo foi feito conforme os dados das datas acima e expressa a contemporaneidade dos sítios de sepultamento em abrigos e grutas com os outros sítios Jê do Sul, na maioria casas subterrâneas. No gráfico, utilizo de várias cores que possibilitam visualizar melhor a dispersão desses sítios e suas datações em relação com as bacias hidrográficas. Em amarelo são as datações provenientes da bacia do Rio Canoas, em azul as datações da bacia do Rio Pelotas, em verde as datas dos sítios da bacia dos rios Cai-Sinos, em vermelho da bacia do Rio Itajaí, em rosa as datações das bacias dos rios Taquari-Antas, e em preto, as datações dos sítios da região do Paranapanema.

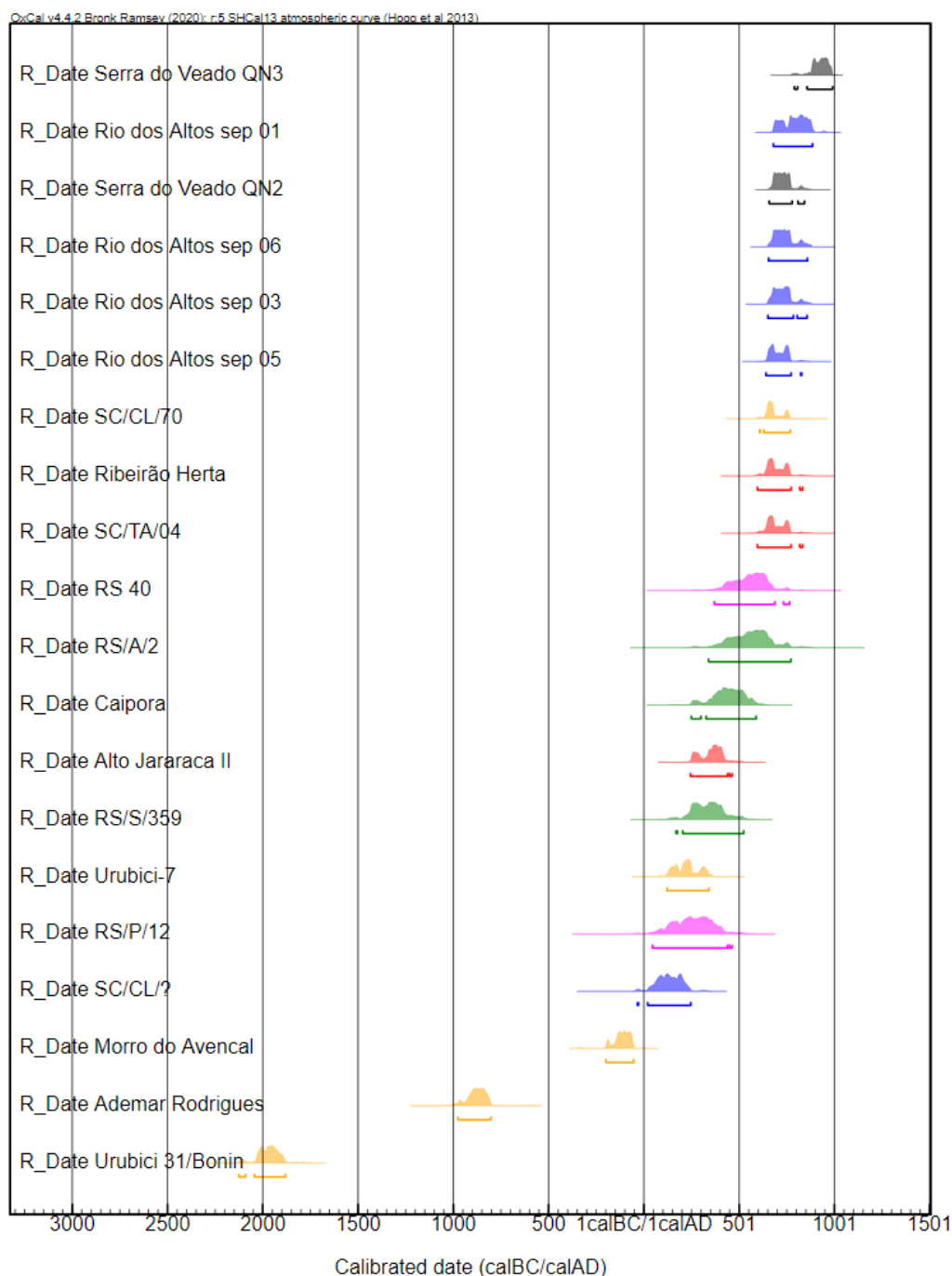


Figura 33: Gráfico demonstrando a contemporaneidade entre os sepultamentos em abrigos e grutas e os sítios mais antigos Jê do Sul, divididos por suas respectivas bacias hidrográficas.

Para a região da bacia do rio Canoas, o sítio de sepultamento em paredão rochoso mais antigo é o sítio Urubici-7, com uma datação calibrada entre os anos 122 e 341 A.D.. Conforme dissertação de Silva (2018), há informações de que o sítio Ademar Rodrigues, uma casa subterrânea, é datada entre 976 e 804 Antes de Cristo, e o sítio Morro do Avencal, que é um sítio de arte rupestre, possui uma datação entre 199 e 54 A.C. Essas datações de Silva



demonstram que o sítio Urubici-7 remete a essa ocupação Jê do Sul, a mais antiga da região da bacia do rio Canoas, principalmente em comparação com a data do sítio de arte rupestre Morro do Avencal.

Na região do rio Caí-Sinos, o sítio Caipora possui uma datação entre os anos 327 e 590 A.D., que inclusive serviu para Miller associá-lo à Tradição Humaitá, pois acreditou que a datação fosse muito antiga para ser relacionada à ocupação Jê do Sul<sup>48</sup>, conforme demonstra Dias (2003) em sua tese. Porém, a autora associa o sítio aos Jê do Sul. Como visto em Noelli & Souza (2017), o sítio RS-S-359, casa subterrânea, que também está na bacia do rio Caí-Sinos, possui uma datação entre 205 e 524 A.D., sendo contemporânea ao sítio Caipora, então assim como Dias, concordo que o cemitério Caipora tem dados suficientes para ser considerado Jê do Sul.

Para a região da bacia do Itajaí, Reis (2015) aproxima o sítio Alto Jararaca II de uma ocupação caçadora-coletora tanto pela datação quanto pelas análises isotópicas de De Masi (2001, 2005). Porém, a datação do sítio, entre os anos 245 e 441 A.D., é posterior à datação do Morro do Avencal, que está na bacia do rio Canoas, vizinha à bacia hidrográfica do rio Itajaí. Além disso, é posterior à datação da casa subterrânea SC-CL-?, datada entre 21 e 246 A.D., presente em Noelli & Souza (2017), que está na bacia do rio Pelotas, outra bacia hidrográfica vizinha à bacia do rio Itajaí. Essas datações representam que essa área do Planalto Meridional e da encosta da serra, que corresponde às bacias dos rios Itajaí, Pelotas e Canoas, e adjacentes entre si, são territórios Jê do Sul desde antes do ano 1 A.D., então não é equivocado imaginar que o indivíduo analisado do sítio Alto Jararaca II seja alguém que tinha uma dieta diferente, ou apenas que nesse período os grupos Jê do Sul da região ainda não se baseavam na agricultura, então, de fato, representando outro modo de subsistência.

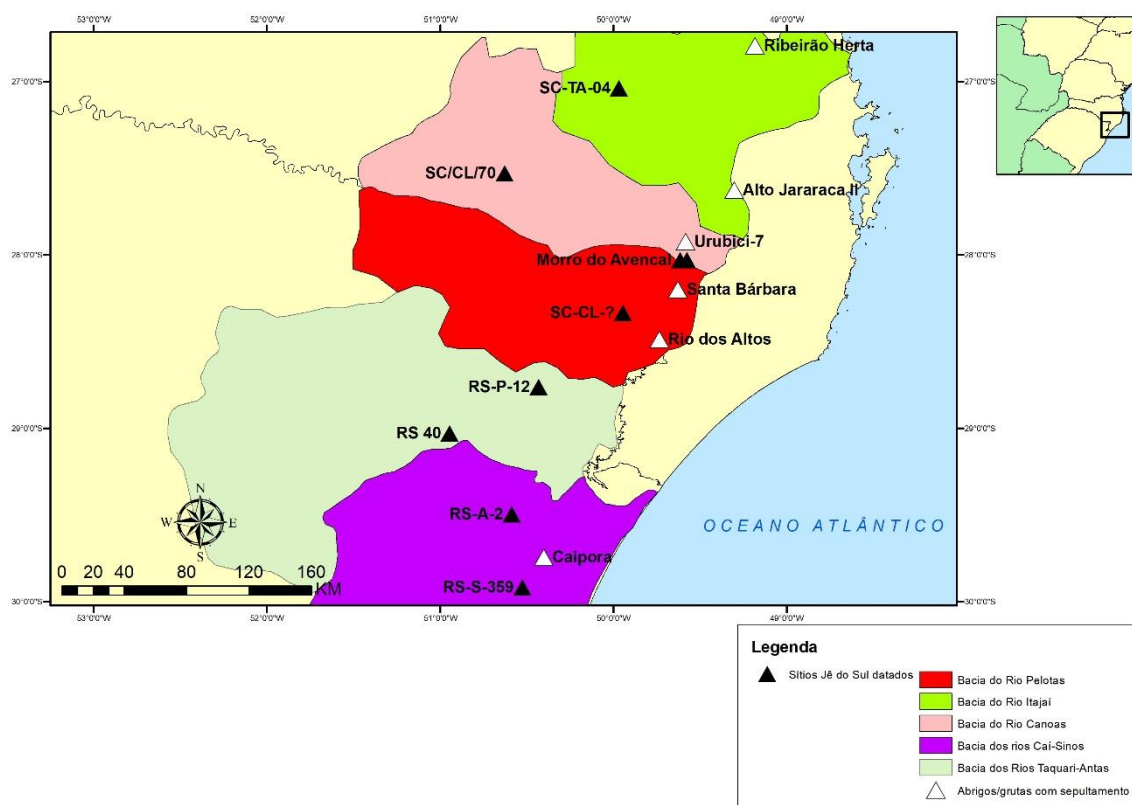
É muito interessante notar que o sítio Ribeirão Herta, na bacia do Itajaí, datado entre 596 e 774 A.D., é contemporâneo ao sítio de casa subterrânea SC-TA-04, também na bacia do Itajaí, que também é datado entre 596 e 774 A.D., o que é extremamente didático ao demonstrar que, no mesmo período

---

<sup>48</sup> Tanto Dias (2003) quanto Miller se referem à Tradição Taquara.

cronológico, haviam pessoas em casas subterrâneas e sepultando seus mortos em sítios-cemitério em paredões rochosos na bacia do rio Itajaí.

Esses dados acima nos permitem definir com clareza (se ainda haviam dúvidas) que os sepultamentos em abrigos e grutas, mesmo não possuindo cerâmica<sup>49</sup> (que alguns arqueólogos e arqueólogas adoram utilizar como fósil-guia cultural), são Jê do Sul, e outras questões como territorialidade e datações nos permitem afirmar isso. Segue abaixo o mapa produzido como forma de ilustrar os sítios em antigos abrigos e grutas com sepultamento e as datações Jê do Sul mais recuadas em outros sítios, que corroboram a afirmação anterior:



Mapa 8: Mapa demonstrando a divisão de sítios em abrigos e grutas com outros sítios Jê do Sul contemporâneos em suas respectivas bacias hidrográficas. Autor: Phellipe de Lima

Percebe-se através das datações que, na bacia do rio Pelotas, os sítios em paredões rochosos estão sendo utilizados para fins funerários num período

<sup>49</sup> Para enfatizar que a ausência de cerâmica não impede dos sítios serem Jê do Sul, há exemplos de casas subterrâneas sem cerâmica e que são considerados Jê do Sul (De Souza, 2017), além de também haverem montículos dessa ocupação sem a presença de cerâmica. Creio que há ceticismo por parte de alguns arqueólogos e arqueólogas em aceitar, com clareza, a associação dos cemitérios em paredões rochosos com o passado Jê do Sul, principalmente por não serem sítios com engenharia de terra, fato que sempre chamou atenção dos pesquisadores, talvez por uma visão colonizadora, colonizada e ou eurocêntrica no contexto arqueológico.

de, aproximadamente, 800 anos. Esse período está compreendido entre o ano 122 (Urubici-7) e 980 A.D. (Santa Bárbara), e há um sítio (Urubici-7) bem mais antigo que os jazigos Rio dos Altos e Santa Bárbara (aproximadamente 600 anos). Porém faltam datações para criar hipóteses acerca de uma utilização contínua e diacrônica, ou até mesmo se há algum tipo de contemporaneidade entre esses três sítios, já que possuímos poucos indivíduos datados desses sítios, o que impossibilita a interpretação de que há sepultamentos no mesmo sítio em diferentes faixas cronológicas. É de importância que tenhamos mais datações dos mesmos sítios para entendermos essa dinâmica de sincronia e diacronia nesses cemitérios Jê do Sul.

Na amostragem, em relação às bacias vizinhas dos rios Pelotas e Canoas, temos um caso mais antigo, que é o da datação entre 122 e 341 A.D. proveniente do Urubici-7, e temos as datações do sítio Rio dos Altos e do sítio Santa Bárbara. No caso do Rio dos Altos, as datações nos apontam a utilização do cemitério entre 641 e 886 A.D. e, principalmente, que essa utilização foi de, certa forma, sincrônica, pois todos os quatro sepultamentos datados do sítio possuem datas próximas uns dos outros. O sítio Santa Bárbara possui uma datação entre 884 e 980 A.D., o que demonstra que é cronologicamente próximo ou contemporâneo do sítio Rio dos Altos. Também vale notar que ambos os sítios são contemporâneos com algumas datações do sítio de casa subterrânea Bonin, situado na região da bacia do rio Canoas (Silva, 2018), bacia vizinha da bacia do rio Pelotas. O sepultamento 06 do sítio Rio dos Altos é contemporâneo à datação proveniente do sítio Bonin, o que demonstra que no mesmo período cronológico, indivíduos Jê do Sul estavam habitando no sítio Bonin, na bacia do rio Canoas e que sepultavam indivíduos Jê do Sul no sítio Rio dos Altos, na bacia do rio Pelotas. Segue abaixo o gráfico demonstrando a contemporaneidade dos sítios Rio dos Altos e Santa Bárbara com a ocupação da casa subterrânea Bonin:

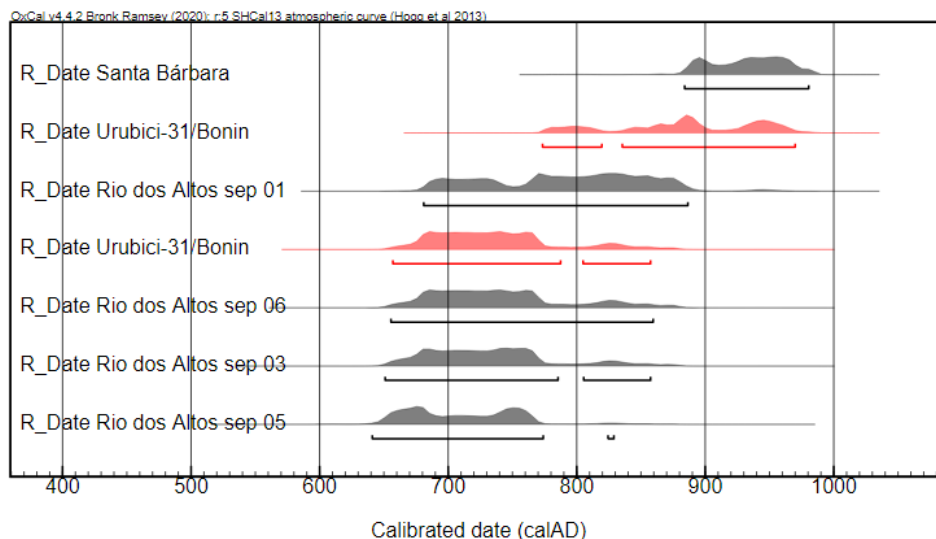
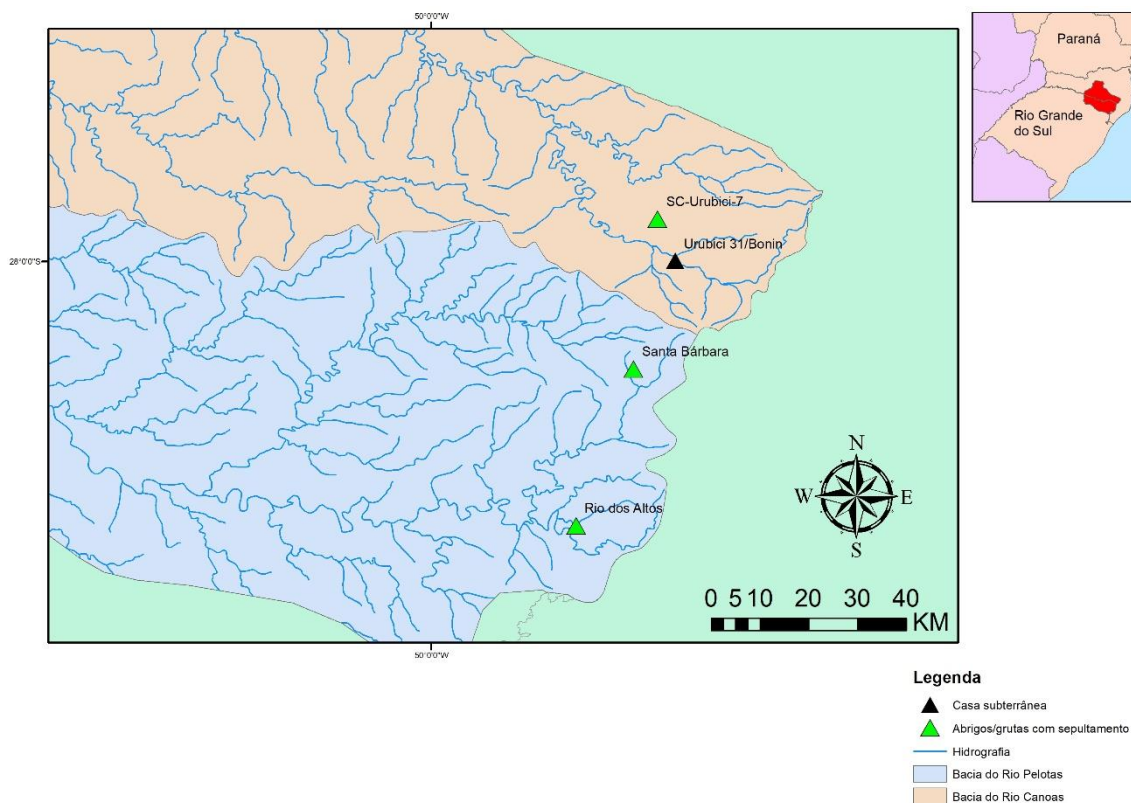


Figura 34: Gráfico demonstrando a contemporaneidade entre os sepultamentos dos sítios Rio dos Altos e Santa Bárbara, em comparação com as datas de ocupação do sítio Urubici-31/Bonin. Feita através do site OxCal (<https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>). Autor: Phellipe de Lima

Para finalizar a discussão acerca das datações das grutas e dos abrigos com sepultamento nas bacias dos rios Pelotas e Canoas, e sua contemporaneidade com as casas subterrâneas, segue abaixo o mapa no qual foram plotadas as duas classes de sítios das regiões supracitadas. Destaco que, tomando o sítio Urubici 31 (Bonin) como base, a distância desse com os sítios de sepultamento em abrigos e grutas contemporâneos, dá-se da seguinte forma: dista aproximadamente 22 km do sítio Santa Bárbara, e aproximadamente 56 km do sítio Rio dos Altos. Do sítio Urubici-7, apesar de não serem contemporâneos, dista aproximadamente 10 km. É importante enfatizar aqui que, ao fazer uma analogia etnográfica com os Kaingang, conforme Veiga (2000), para os Kaingang seria normal sepultar seus mortos em lugares distantes das habitações.



Mapa 9: Mapa demonstrando os sítios contemporâneos entre as bacias dos rios Pelotas e Canoas. Autor: Phellipe de Lima

Na bacia dos rios Caí-Sinos, o sítio Caipora foi inserido originalmente por Miller na Tradição Humaitá. Porém, conforme a datação proveniente do sítio, entre 327 e 590 A.D., contemporânea e próxima geograficamente à casa subterrânea RS-S-359, permite-me relacionar o sítio Caipora com os Jê do Sul, assim como fez Dias (2003, p. 206) ao citar a proximidade e correlacionar o sítio Caipora com as casas subterrâneas Jê do Sul.

Por meio da análise das datações dos sítios Serra do Veado e Rio dos Altos, é possível fazermos uma pequena análise tanto sincrônica quanto diacrônica dos sítios. O sítio Rio dos Altos possui datações de quatro indivíduos: sepultamento 5 (641-828 A.D.), sepultamento 3 (651-857 A.D.), sepultamento 6 (655-859 A.D.) e sepultamento 1 (681-886 A.D.). Essas datações nos permitem inferir que o jazigo Rio dos Altos foi utilizado como cemitério durante o período entre 641 e 886 A.D. Nesse período, o sítio serviu para sepultamentos contemporâneos e sincrônicos de, no mínimo, quatro indivíduos. Necessitaríamos de mais datações desse sítio para concluir se foi utilizado como cemitério apenas em um período curto e específico de tempo, ou durante séculos, de maneira diacrônica.

O sítio Serra do Veado possui datações de três indivíduos: QN 2 (659-778 A.D.), QN 3 (857-991 A.D.) e R4 (892-1018 A.D.). Essas datações permitem inferir que o sítio foi utilizado para fins de cemitério em um período prolongado de tempo, aproximadamente 400 anos, que compreende o período entre 659 e 1018 A.D., tendo um sepultamento em um período cronológico um pouco anterior (QN2), enquanto os indivíduos QN3 e R4 são contemporâneos em um período cronológico posterior. É evidente também que nesse contexto de sítios anteriores ao ano 1000 A.D. que possuímos datações, o sítio Serra do Veado é o único que há a presença de estruturas de combustão, ossos calcinados e cerâmica Jê do Sul.

A cultura material relacionada aos sepultamentos nesses sítios funerários anteriores a 1000 A.D., geram algumas observações pertinentes. O sítio mais antigo com a presença da cerâmica Jê do Sul é o Serra do Veado (857-1018 A.D.), ou seja, próximo a 1000 A.D. Interpreto que esses sítios mais recentes (próximos a 1000 A.D.), que possuem a cerâmica Jê do Sul no contexto funerário, representam mudanças nas práticas funerárias e essas mudanças são reflexos dos fatores externos aos quais os grupos Jê do Sul foram suscetíveis nesse período de 1000 A.D., principalmente a chegada dos grupos falantes Tupi-Guarani. Como pode ser visto mais a frente nesta pesquisa, através da analogia etnográfica em relação aos Kaingang e os Laklãnõ, a cerâmica e outros artefatos surgem no contexto funerário de modo a auxiliar os mortos e seus espíritos na passagem para o mundo dos mortos.

Como veicula Bonomo *et al* (2015), grupos Guarani, apesar de se expandirem territorialmente a partir de 1000 A.D., evitaram as regiões mais altas do Planalto Meridional, que são áreas de território Jê do Sul desde períodos mais antigos. De Souza *et al* (2017) interpretam que os Jê do Sul, nesse período de 1000 A.D., para demonstrar sua etnicidade, ante a chegada dos Tupi-Guarani, demarcaram seus territórios e estabeleceram fronteiras através da criação e utilização de engenharia de terra, principalmente na forma de montículos funerários. Os sepultamentos em grutas e abrigos, as

materialidades associadas e as datações apresentadas mostram outro reflexo dessa etnicidade e fronteira no período em destaque<sup>50</sup>.

Próximo a 1000 A.D., por consequência das pressões externas, ocorrem mudanças nas práticas funerárias: há um maior número de pontas de flecha e contas de colar como acompanhamentos funerários. Os Jê do Sul começam a utilizar a cerâmica no contexto fúnebre nos sítios-cemitério em paredões rochosos e também surge a questão do fogo, seja através de áreas de combustão ou de ossos cremados e ou calcinados.

Na sequência, continua a interpretação acerca dos dados cronológicos e geográficos dos sítios. Demonstrando que depois de 1000 A.D., período de relações interétnicas e da expansão da floresta de araucária, as mudanças nas práticas funerárias em abrigos e grutas com sepultamento se desenvolvem de maneira mais acentuada, com o início da presença do fator fogo e da cerâmica nos cemitérios.

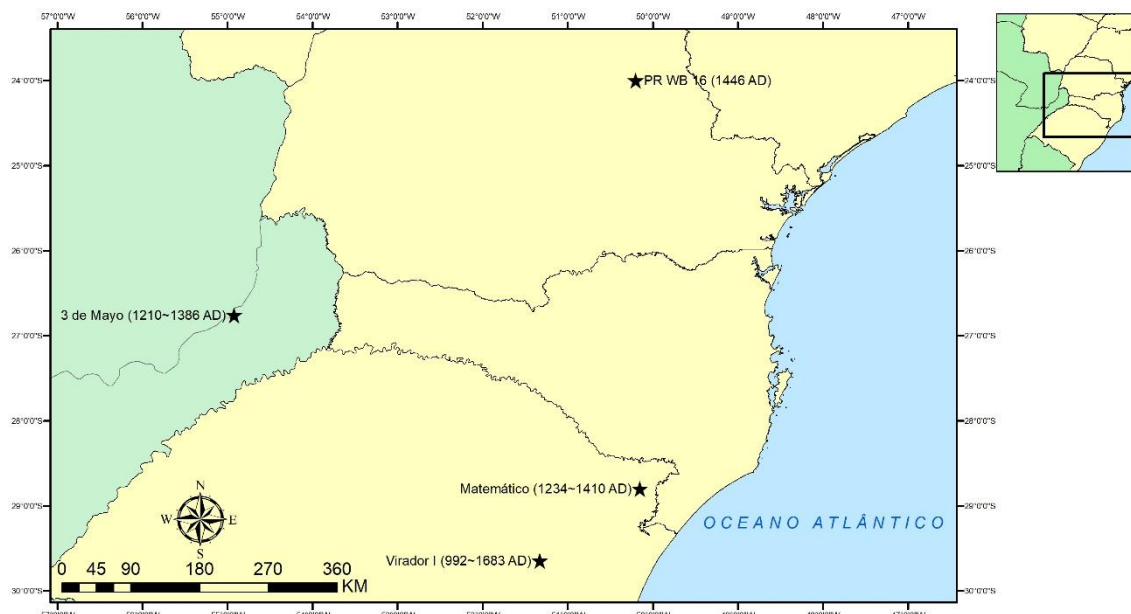
### 3.2 Sítios datados após 1000 A.D.

A tabela seguida do mapa serve para apresentar os dados provenientes de datações de sítios posteriores a 1000 A.D.:

Tabela 8: Datações com datas pós-ano 1000 A.D.. Autor: Phellipe de Lima

Proveniência:	LabCode:	Data original A.P.:	Datação calibrada A.D.:	Fonte:	Bacia Hidrográfica:
<b>Gruta 3 de Mayo (ARG)</b>	AA104530	777+-40	1210-1386	Loponte <i>et al</i> (2016)	Peperi-Guaçu
<b>Gruta do Matemático (RS)</b>	SI-809	700+-60	1234-1410	Werlang (1981)	Taquari-Antas
<b>PR WB 16 (PR)</b>	-	504+-40	1400-1490	Chmyz (2008)	Paranapanema
<b>Virador I (RS)</b>	SI-1201	630+-205	992-1683	Miller (1975)	Caí-Sinos

<sup>50</sup> Etnicidade e fronteira conforme Barth, Poutignat e Streiff-Fenart (1998).



### Legenda

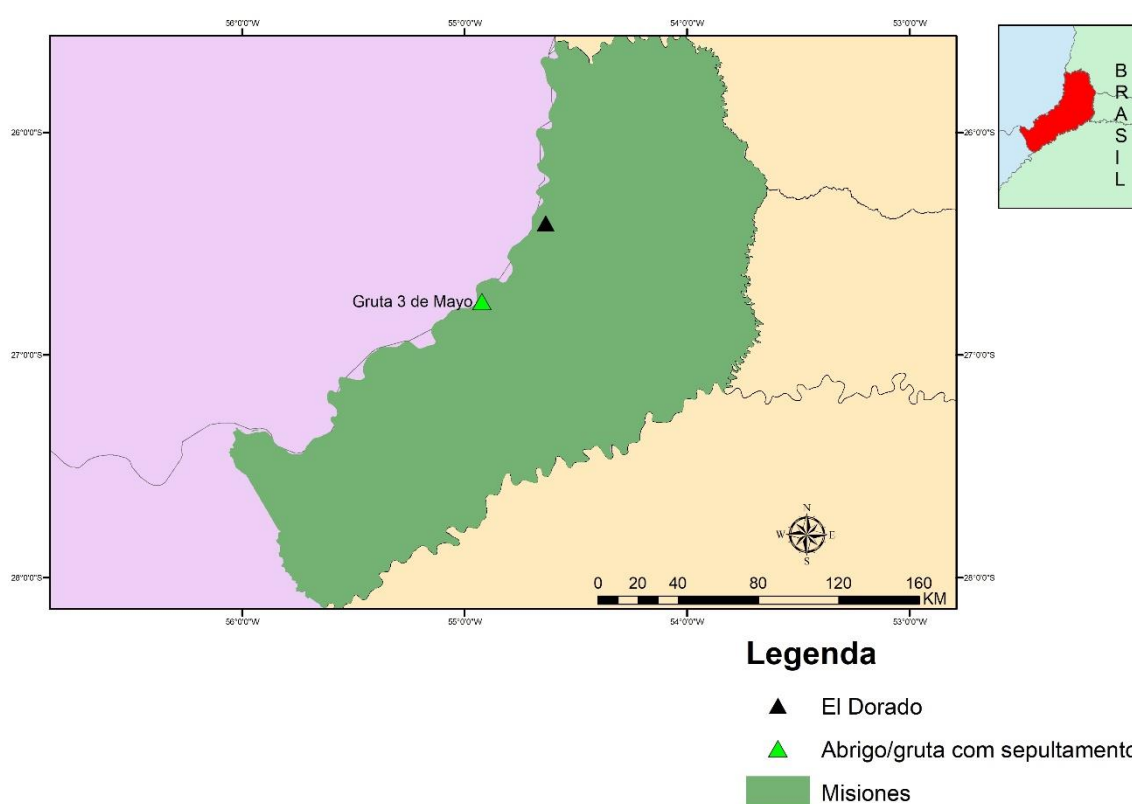
★ Sítios pós ano 1000 AD

Mapa 10: Mapa com os sítios datados pós-ano 1000 A.D.. Autor: Phellipe de Lima

Há quatro sítios com sepultamentos com datações que remetem para o período posterior a 1000 A.D.. Diferentemente dos casos dos sítios datados anteriores a 1000 A.D., como é possível observar no mapa anterior, esses sítios estão em território mais a oeste, enquanto os sítios datados anteriores a 1000 A.D. estão majoritariamente na região da borda oriental do Planalto Meridional, e em regiões da encosta da serra. Interpreto através dessas datações da tabela acima e o mapa que demonstra a dispersão desses sítios rumo ao ocidente, que a chegada do Tupi-Guarani ao Planalto Meridional por volta de 1000 A.D., não só influenciou aos Jê do Sul a criarem maneiras de delimitar fronteiras no Planalto Meridional através da engenharia da terra, na forma de montículos funerários, mas também motivaram-no a colocar a sua cerâmica no contexto funerário de abrigos e grutas como marcador identitário, e também influenciou alguns grupos Jê do Sul a se dispersarem rumo ao oeste, e essa dispersão está sendo representada cronologicamente e geograficamente pelos abrigos e grutas com sepultamento, não existindo mais apenas na borda oriental do Planalto Meridional, mas também em regiões mais a oeste do território.



No caso de Misiones, podemos contar com o trabalho de Iriarte, Marozzi & Gillam (2010) para pensarmos um pouco acerca das datas e também, a relação entre os montículos funerários com cremações e os abrigos e as grutas com sepultamento. O trabalho de Iriarte, Marozzi e Gillam é sobre o sítio PM01, um montículo funerário, representante da outra prática funerária arqueológica dos Jê do Sul. Creio que o caso dos sítios Gruta 3 de Mayo e PM01 seja excepcional para discutir acerca da proposta hierárquica de Beber (2004). Abaixo o mapa com a localização da Gruta 3 de Mayo em relação com o município de El Dorado, que é onde se localiza o sítio PM-01<sup>51</sup>.



Mapa 11: Mapa demonstrando a proximidade entre o sítio 3 de Mayo e El Dorado. Autor: Phellipe de Lima

A Gruta 3 de Mayo, como atestado anteriormente, possui uma data entre 1210 e 1386 calA.D. Já o montículo PM01 possui uma datação do ano 1240 calA.D. Sabemos que, no mínimo, quatro indivíduos estavam sepultados na Gruta, enquanto no sítio PM01 não temos informações concretas do número de indivíduos enterrados. Se fossemos pensar em uma questão hierárquica, Beber

<sup>51</sup> Uso para referência do sítio PM01 o município de El Dorado, pois não há no trabalho de Iriarte, Marozzi e Gillam (2010) nenhuma coordenada do sítio.

(2004) a defende pelos seguintes motivos: nos abrigos e grutas há diversos indivíduos sepultados<sup>52</sup>, enquanto nos montículos há poucos indivíduos. Refletindo a partir das práticas funerárias, na mesma linha dos autores, o emprego de força de trabalho para a criação dos montículos, aliado ao fato da cremação, seriam definidores para se imaginar uma “maior hierarquia social” e “prestígio” dos indivíduos que eram sepultados em montículos, sendo que, conforme visto em Veiga (2000) e Gakran (2015), o fato de se erguerem montículos ou de se cremar, não possui relação com questões de hierarquia social dos Kaingang ou dos Laklãnõ.

Na Gruta 3 de Mayo-PM01, conforme a abordagem hierárquica, na Gruta deveria haver muito mais do que quatro sepultamentos, assim como nos casos da Gruta do Matemático e Perau das Cabeças por exemplo, pois não é viável pensar que um grupo hierarquizado seria composto de alguns chefes, que estariam sendo enterrados em montículos, e poucas pessoas de castas mais baixas sendo sepultadas em grutas ou abrigos. Sobre acompanhamentos funerários, no sítio PM01 constam informações de cerâmicas no sítio, enquanto como visto em Rizzo (1968), os indivíduos sepultados na Gruta possuíam acompanhamentos funerários como cerâmica, remanescentes conchíferos, contas de colar e alguns fogões, porém não temos informações conclusivas acerca de práticas crematórias na Gruta de 3 Mayo. A análise direta desses dados demonstra que, a hipótese de diferenciação hierárquica, entre montículos e grutas, vem a se mostrar falha na relação entre os sítios 3 de Mayo e PM01, tanto pelo aspecto de número de indivíduos quanto de acompanhamentos funerários.

Algumas características surgem nesses sítios datados por volta de 1000 A.D., que não haviam em outros contextos passados. Além dos fragmentos de cerâmica, que podem estar nesse contexto funerário servindo como uma função de identidade provocada pela chegada dos falantes Tupi-Guarani na região do Planalto Meridional, o fator fogo está presente nos sítios datados nesse período. Nenhum dos abrigos com sepultamento antes de 1000 A.D. (com exceção do sítio Serra do Veado) possuem indícios de áreas de

---

<sup>52</sup> Como demonstrei no capítulo 1, há diversos sítios em abrigos e grutas que há poucos indivíduos sepultados.

combustão, cremações ou ossos calcinados em seu contexto. Já os sítios por volta de ou posteriores a 1000 A.D. possuem estruturas que poderiam remeter à cremação dos ossos, como fogueiras, fogões e áreas de combustão.

É importante ressaltar que o sítio Serra do Veado possui além de estruturas de combustão, ossos calcinados. A utilização do jazigo funerário se dá entre 659 e 1018 A.D. A Gruta 3 de Mayo, na Argentina, possuía fogões, mas não há informações acerca da cremação dos ossos ou uma relação entre os fogões e os sepultamentos humanos. A Gruta do Matemático também possui relatos de áreas de fogueiras, porém não há relatos de ossos calcinados ou queimados, provavelmente sendo um sítio funerário híbrido<sup>53</sup>, mas Miller aponta que haveriam dois sepultamentos em montículos alongados (Miller, 1971). O PR WB 16, apesar de ter datas bem recuadas em maiores profundidades, apresenta uma data perto da superfície relacionada à ocupação Jê por volta de 1446 A.D., e nesse sítio havia a presença de um fogão onde haveriam remanescentes ósseos humanos relacionados ao período Jê do Sul.

Os dados demonstram que, nesse período cronológico, as práticas funerárias em abrigos ou grutas passam por mudanças e algumas dessas mudanças são similares às práticas funerárias que se têm em montículos funerários.

O cemitério Virador I, sítio com sepultamento em paredão rochoso relacionado à ocupação Jê do Sul mais recente, possui também em seu contexto funerário, segundo Ribeiro (1975), uma fogueira alongada que iria desde o joelho até o início dos pés que inclusive calcinaram os ossos do sepultamento de uma jovem do sexo feminino. O sítio Virador possui uma outra marca de identidade que é diretamente relacionada aos grupos Jê do Sul: possui um grafismo rupestre que é ligado aos Kaingang (Silva, 2001).

Creio que um dos motivos para a inserção de novos artefatos (cerâmica, pontas de flecha e o maior número de contas de colar) nas práticas funerárias em cemitérios em paredões rochosos seja a intenção de se criar fronteiras étnicas, utilizando esses artefatos como marcadores de identidade e, assim, demarcar o limite entre os cemitérios serem “nossos” (Jê do Sul) e “não dos

---

<sup>53</sup> Como constatado por Corteletti (2012).

outros” (falantes Tupi-Guarani). Pois, assim como Nilsson-Stutz (2010, p. 36), acredito que a identidade, além de ser constantemente reproduzida através da interação dos grupos com os outros, as práticas têm papel central nesse processo. Como a própria autora coloca, Nilsson-Stutz (2010, p. 36):

In other words, the ways in which we do things create markers of difference and similarity between groups of people. The practices that seem so ‘natural’ that they are taken for granted appear to be the most powerful in this process. However, in encounters with ‘the other’, these taken-for-granted practices still have to be systematized and rationalized, and it is at this level, which tends to be discursive, that social boundaries, status differences, or ethnic categories are reproduced and produced.

Sendo assim, acredito que as práticas funerárias em abrigos e grutas eram marcadores poderosos de identidade coletiva dos Jê do Sul, mas atuou também como marcador de diferenças entre os Jê do Sul e os Tupi-Guarani. Ao se deparar com o “outro” (Tupi-Guarani), as práticas em grutas e abrigos foram racionalizadas e sistematizadas de maneira a demarcar essas diferenças étnicas e sociais ante o “outro”, os Jê do Sul começaram a colocar mais artefatos no contexto funerário, como a cerâmica, contas de colar, pontas de flecha e, em alguns casos, a arte rupestre (Pontão e Virador I).

Porém, principalmente, esses artefatos que começaram a ser utilizados depois de 1000 A.D. no contexto mortuário demonstram uma relação particular dos Jê do Sul com a morte. Como visto em alguns autores<sup>54</sup> e é melhor discutido no capítulo 6 desta dissertação, a cerâmica, pontas de flecha e contas de colar são itens pessoais que pertenciam em vida aos mortos, ou itens que são colocados na sepultura para ou evitar que a alma do morto volte para o mundo dos vivos em busca do que é seu ou para auxiliar o espírito do morto na sua ida para o mundo dos mortos, principalmente em relação às cerâmicas, que serviriam para o morto beber. Outro fator interessante é que segundo Serrano (1939), sobre os sepultamentos Kaingang, os membros do povo seriam enterrados com seus arcos e flechas, suas vasilhas de barro e com seus chifres de madeira ao lado, de modo a honrá-los. Essas analogias demonstram então que há uma dinâmica de sepultamentos com a intenção de, principalmente, reestruturar as relações entre os vivos e os mortos, com os

---

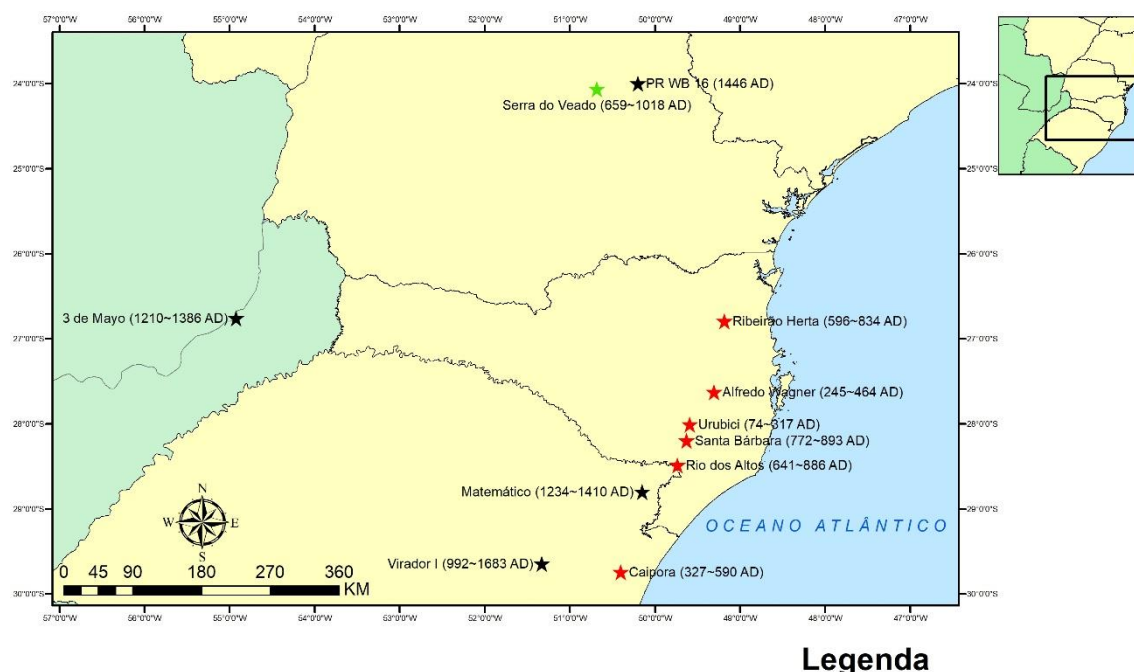
<sup>54</sup> Como Serrano (1939), Teschauer (1927) e Veiga (2000) em relação aos sepultamentos Kaingang e Lavina (1994) em relação aos sepultamentos Laklãnõ.

vivos tomando como importante auxiliar os mortos e seus espíritos na passagem para o mundo dos mortos, ou evitando que esses espíritos voltem para o mundo dos vivos e tragam problemas.

Tendo analisado então os sítios em dois períodos cronológicos distintos, separados pelo ano 1000 (A.D.), algumas considerações gerais são feitas na próxima seção.

### 3.3 Pensando as cronologias: algumas discussões

Após discutir as datas separadas por 1000 A.D., é necessário discuti-las como uma unidade e de maneira geral. Para iniciar a discussão, segue abaixo o mapa com as datações dos sítios tendo como limite a data 1000 A.D.



Mapa 12: Sítios arqueológicos com suas respectivas datações. Autor: Phellipe de Lima

Os dados sobre as datações apontaram, primeiramente, que os sítios com sepultamento em paredões rochosos do período anterior a 1000 A.D. estão em uma faixa mais próxima da borda oriental do Planalto, enquanto os sítios datados após 1000 A.D. apontam para uma expansão a oeste.

Para pensarmos acerca dessa expansão a oeste, é importante discutir algumas datas. Diversos autores discutem como se deu a interação entre os Jê do Sul e os grupos Guarani e Tupinambá (Noelli & Souza, 2017; Rogge, 2004;

De Souza *et al*, 2016). Rogge (2004) atesta que, entre 800 e 1000 A.D., os grupos falantes Tupi-Guarani teriam entrado em contato não apenas com grupos Jê do Sul, mas também com portadores da Tradição arqueológica Vieira, tanto no litoral quanto na borda do Planalto, criando situações de fronteira.

Em Noelli & Souza (2017, p. 70-71), vemos que, por volta de 2000 A.P., os Tupinambá teriam separado os Jê do Sul e os Macro-Jê na região do vale do Ribeira, estabelecendo o limite setentrional litorâneo dos Jê do Sul. Ainda segundo os autores (Noelli & Souza, 2017, p. 70), os Guarani teriam empurrado os Jê do Sul para a região de Caxias do Sul por volta de 1900 A.P.; comprimido os territórios Jê do Sul no alto Paranapanema e médio Iguaçu por volta de 1800 A.P. Comprimaram os Jê do Sul no alto rio Uruguai por volta de 1500 A.P., separaram os territórios dos vales do Ribeira e Tibagi e Alto Iguaçu por volta de 1500 A.P., e expulsaram os Jê do Sul da beira-mar do Paraná ao Rio Grande do Sul entre 1200 e 1000 A.P.. Abaixo segue um gráfico feito através do site OxCal para debater a datação desses sítios em relação com o contato entre os Jê do Sul e os falantes Tupi-Guarani<sup>55</sup>:

---

<sup>55</sup> As cores do gráfico representam os eventos descritos em Noelli & Souza (2017, p. 70). Verde representa o limite setentrional litorâneo dos Jê do Sul acarretado pelos Tupinambá (2000 A.P.); vermelho significa a pressão dos Guarani que empurraram os Jê do Sul para os campos de Caxias do Sul (1900 A.P.); amarelo representa as compressões dos Jê do Sul no alto Paranapanema e médio Iguaçu, acarretado pelos Guarani por volta de 1800 A.P.; azul demarca a compressão dos Jê do Sul no alto rio Uruguai, vale do Ribeira, Tibagi e Alto Iguaçu; e roxo representa o início da expulsão dos Jê do Sul da beira-mar do Paraná até o Rio Grande do Sul, entre os anos 1200 e 1000 A.P..

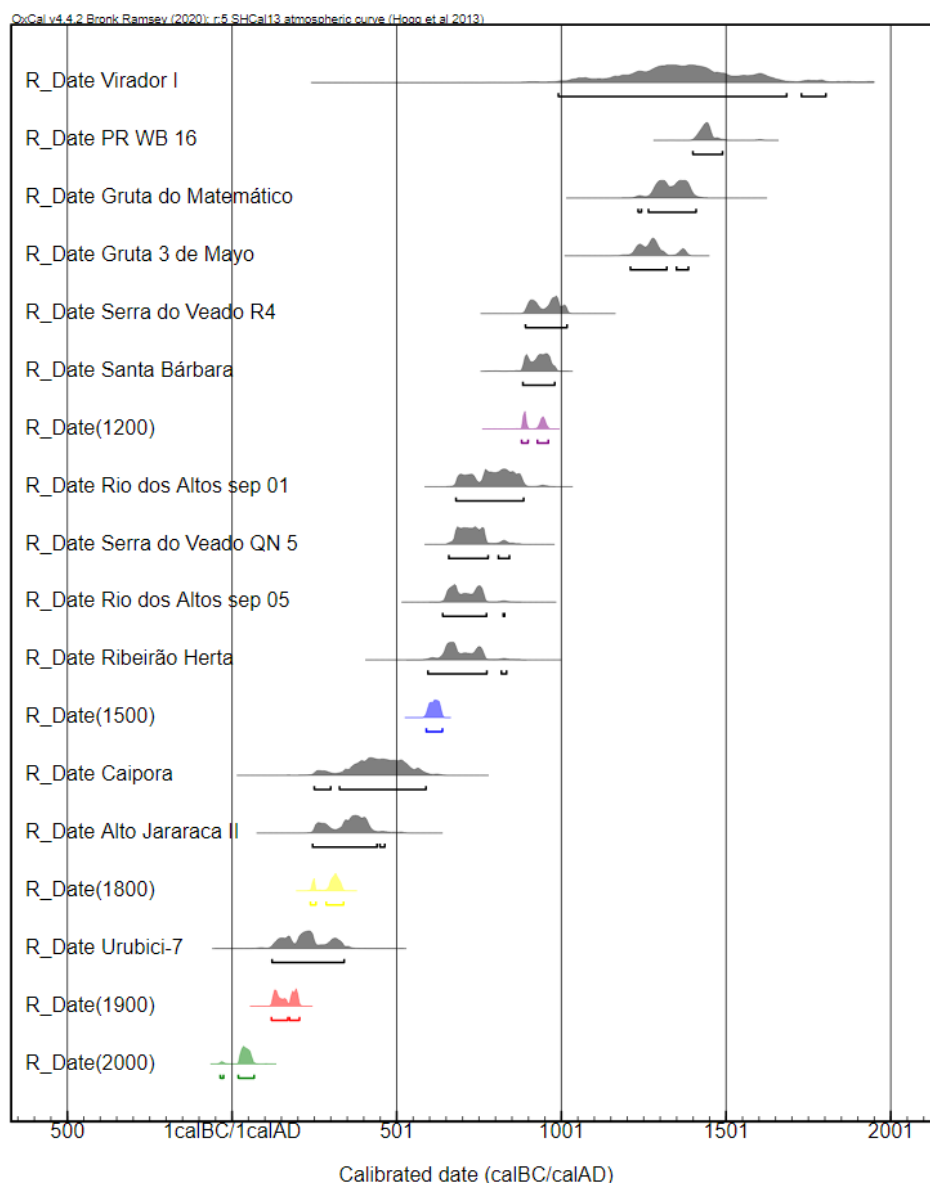


Figura 35: Gráfico que representa os eventos de contato entre Jê do Sul e grupos falantes Tupi-Guarani em relação com as datações de abrigos e grutas com sepultamento. Autor: Phellipe de Lima

Os dados e o gráfico acima, aliados às contextualizações de Noelli & Souza (2017), apontam para algumas questões interessantes. Todos os sítios são posteriores à separação dos Jê do Sul e os Macro-Jê, o que ajuda a corroborar que esses sítios datados são Jê do Sul. O sítio de sepultamento em abrigo ou gruta mais antigo, Urubici-7, é posterior ao evento relacionado à separação dos Jê do Sul e os Macro-Jê, no vale do Ribeira, por volta de 2000 A.P. indicando que apesar de ser antigo, é um sítio Jê do Sul. Também é notável que, mesmo após a compressão dos territórios Jê do Sul na região do Paranapanema e médio Iguçu por volta de 1800 A.P., os sítios com

sepultamento em paredões rochosos não existem na região nesse momento, surgindo nessa parte do estado do Paraná apenas próximo do ano de 1000 A.D., período no qual os Guarani comprimem os Jê do Sul no alto rio Uruguai, próximo do ano 1000 A.D.. É importante o fato de que o rio Uruguai nasce da junção dos rios Pelotas e Canoas, e nas regiões desses dois rios (Pelotas e Canoas) há sítios de sepultamento em abrigos e grutas. Interpreto então, através dos dados, que o sítio Serra do Veado seja uma resposta dessa compressão dos Guarani ante os Jê do Sul na região do Alto Uruguai e, conseqüentemente, compressão dos territórios nas bacias dos rios Pelotas e Canoas. Por causa dessa compressão nessas regiões, o efeito desses Jê do Sul foi a migração para outros territórios, que tem reflexo no fato de aparecer sítios de sepultamento em abrigos ou grutas em territórios onde antes não existiam essa prática funerária. No caso particular da Serra do Veado, demonstra a migração dessas pessoas e da prática funerária rumo ao noroeste, para a bacia do Paranapanema.

Outro dado importante demonstrado através do gráfico tem relação com o período entre os anos 1200 e 1000 A.P., período importante para a história Jê do Sul. Nesse período, segundo Noelli & Souza (2017), os Guarani expulsaram os Jê do Sul da beira-mar do Paraná ao Rio Grande do Sul. Por volta de 1000 A.D., os Tupi-Guarani também teriam expandido seus territórios subindo o Rio Uruguai. Como vemos nas datações de abrigos e grutas com sepultamento, próximo e posterior ao período de 1000 A.D., os sítios passam a não existir apenas na região da borda oriental do Planalto Meridional e surgem também no ocidente desse território, demonstrando que esses grupos Jê do Sul da região oriental se dispersaram rumo ao ocidente da região, até a atual Argentina, e levam consigo as práticas funerárias em abrigos e grutas. A motivação pode ser justamente esse contato com os povos falantes Tupi-Guarani, que causaram não apenas o aumento da engenharia de terra Jê do Sul, principalmente na arquitetura funerária, de forma a criarem marcadores étnicos e de fronteira, como propõe De Souza *et al* (2016). Também causaram nos Jê do Sul o efeito de migração a novos territórios, rumo ao oeste, e influenciaram igualmente nas práticas funerárias, que começaram a aderir a cerâmica e a questão do fogo na forma de estruturas de combustão nos sítios arqueológicos.



Bonomo *et al* (2015), ao estudarem datações de sítios Guarani, perceberam que por volta de 1000 A.D. há um pulso de rápida expansão. Uma dessas rotas de expansão dos Guarani foi em direção ao leste, em direção às costas Atlânticas do Brasil e do Uruguai, evitando as Terras Altas, que era território Jê do Sul séculos antes, como demonstrado nas datações de antigos abrigos e grutas com sepultamento. Esse fato de evitar as Terras Altas é discutido em De Souza *et al* (2016). O fato dos Guarani não terem ido para as Terras Altas pelo rio Uruguai é relacionado por De Souza *et al* com atos de resistência e questões de territorialidade Jê do Sul, pois é justamente nesse período de 1000 A.D. que há a emergência de outra prática funerária Jê do Sul que é, segundo os autores, a formação de montículos com as cremações, que serviriam de marcador étnico e territorial, demonstrariam um certo tipo de fronteira ante os Guarani (Corteletti, 2012; De Souza *et al*, 2016).

Além desse cenário de expansão Guarani e resistência Jê do Sul, Corteletti (2012) atesta que durante o período de 1000 A.D. também ocorreram mudanças na paisagem, no qual houve a expansão da floresta de araucária, as alterações climáticas e o consumo de plantas C4. Para o autor, todas essas questões auxiliariam em uma mudança sociocosmológica entre os Jê do Sul, e essa mudança seria refletida em transições nas práticas funerárias, pois o autor acredita que os sepultamentos em abrigos ou grutas sejam anteriores a 1000 A.D. A hipótese de Corteletti é problemática, pois além de não explicar o que seria uma “mudança sociocosmológica”, há a perpetuação desses sepultamentos em paredões rochosos após 1000 A.D.

Sendo assim, na verdade, o que acontece, é outra dinâmica, diferente de transição funerária, proposta por Corteletti. Compartilho com a ideia de Silliman (2010) de que as mudanças documentadas nas práticas funerárias podem revelar aspectos de hibridismo e continuidade cultural, pois a adoção de novos tratamentos funerários (seja através de artefatos, modo deposicional dos corpos, cremação etc) nas práticas mortuárias já estabelecidas, demonstram que há importância na continuidade cultural das próprias práticas funerárias estabelecidas, mesmo que com algumas nuances no *modus operandi* ou na *práxis*. Desse modo, as pequenas mudanças acabam por promover a continuidade cultural, em vez de demonstrar mudanças radicais. No caso desta

pesquisa, corrobora-se a hipótese de que a prática estabelecida está na escolha de paisagens e lugares específicos, na forma de paredões rochosos com cascatas ou rios e, independentemente da inserção de cerâmica, áreas de combustão ou qualquer outro tipo de materialidade, essa inserção não representa mudanças radicais, mas a perpetuação. A continuidade cultural é demonstrada na importância de se ter essas paisagens específicas para a constituição de um cemitério. Essa ideia é melhor abordada nos próximos parágrafos.

Através das datações apresentadas neste capítulo, o período de 1000 A.D. é importante e transformador para as práticas funerárias em sítios de paredões rochosos. Além de uma dispersão desses sítios em direção a oeste, as práticas funerárias nos sítios após 1000 A.D. começam a sofrer algumas alterações. Todos os sítios de cemitério em abrigos ou grutas após o período de 1000 A.D. (Gruta 3 de Mayo, Gruta do Matemático, Virador I, PR WB 16 e Serra do Veado) possuem cerâmica Jê do Sul, o que antes não ocorria nesse tipo de cemitério. Também, todos os sítios apresentam um fator inédito nos sepultamentos em sítios de paredões rochosos: fogo, em forma de fogões onde continham ossos calcinados, ou nos próprios ossos humanos queimados.

Corteletti aponta que “por volta de 1000 A.P. ocorreria uma transição nas práticas funerárias dos proto-Jê, indicando uma possível mudança na relação com a morte, ou seja, uma mudança sociocosmológica” (Corteletti, 2012, p. 182). Acerca da hipótese levantada de uma “mudança sociocosmológica” por Corteletti (2012), utilizada como sinônimo de transição, acho muito difícil pois como demonstrado nas datações, não houve uma transição nas práticas funerárias de abrigos e grutas para os montículos, pelo contrário, os sepultamentos em fendas nos paredões rochosos continuaram sendo uma prática funerária Jê do Sul após o período de 1000 A.D..

Os sítios de sepultamento em abrigos ou grutas do período 1000 A.D. e após esse período, não apresentam evidências que sugerem algum tipo de transição funerária. Não concordo com o termo transição nesse caso, pois os sepultamentos em paredões rochosos não deixaram de ser uma prática funerária Jê do Sul após o período de 1000 A.D. e, também, não teve um desuso dessa prática para que os montículos funerários com cremações se

tornassem as práticas funerárias principais dos Jê do Sul, que é o que o termo *transição* implica. O que ocorre é justamente o contrário: os abrigos ou as grutas continuam sendo utilizados para práticas funerárias, inclusive em novos territórios rumo ao ocidente da região e também com práticas funerárias novas, como o fato de existirem áreas de combustão, arte rupestre e cerâmica. Para corroborar essa hipótese, temos os relatos da Gruta do Matemático, que é do período posterior a 1000 A.D. e que, segundo Saldanha (2008, p. 93), a produção cerâmica é evidentemente preparada para o enterramento; como no sítio Virador I, que possui arte rupestre e cerâmica; na Gruta 3 de Mayo, no extremo oeste do território Jê do Sul; no sítio Serra do Veado e, provavelmente, se datarmos mais sítios, serão encontrados mais cemitérios que corroboram essa hipótese.

Uma cosmologia ou ontologia não sofrem transições, mas sim absorvem os fatos e as interpretam, podendo transformar as suas próprias práticas ou não. Como podemos ver em estudos antropológicos e etnográficos sobre os Kaingang (como em Almeida, 2004; Rosa, 2005; Veiga, 2000), onde as influências ocidentais não fazem com que esses grupos deixem de ser Kaingang ou de fazer suas práticas do ser Kaingang, mas a cultura ocidental é absorvida pela cosmologia Kaingang e transformado alguns aspectos do povo, como vemos em relação ao ritual do *Kiki*, por exemplo. Tão falha é a hipótese de Corteletti que, em vez de acontecer tal transição nas práticas funerárias, o que percebe-se nos dados de abrigos e grutas com sepultamento, é que esses sítios demonstram a tal absorção por parte da cosmologia e ontologia desses Jê do Sul, que acabam por transformar as próprias práticas funerárias em abrigos ou grutas, inserindo então a sua cerâmica, pontas de flecha, contas de colar e áreas de combustão nesses cemitérios, de modo a auxiliar o morto e seu espírito na passagem para o mundo dos mortos (como será melhor abordado durante a pesquisa), mantendo a continuidade cultural das práticas através da escolha das paisagens, mesmo que com mudanças nos acompanhamentos funerários ou nos modos de se tratar o morto.

Sobre as influências dos montículos funerários nas práticas funerárias em abrigos ou grutas, o próprio sítio Gruta do Matemático aparenta possuir certo tipo de hibridismo (como atestado por Corteletti, 2012), onde há dois

sepultamentos em “aterros alongados”. Como é sabido, os montículos funerários são sítios-cemitérios que tem como maiores características indivíduos cremados e a engenharia de terra. Os abrigos sob rocha e grutas anteriores a 1000 A.D. não possuem sinais acerca da cremação ou de uma prática que poderia se assemelhar. Por outro lado, os abrigos e grutas próximos ou posteriores a 1000 A.D. possuem estruturas de combustão, algumas com ossos humanos nelas, outras não. Mas de qualquer forma, o fogo, que é elemento importante para os montículos funerários e que não estava presente nesses cemitérios em abrigos ou grutas antes de 1000 A.D., começa a aparecer após essa data, que é o mesmo período no qual surgem os montículos funerários com cremações (Corteletti, 2012; De Souza *et al*, 2016), o que demonstra essa influência das práticas funerárias de montículos funerários nos cemitérios em grutas e abrigos. Esses dados demonstram que há a perpetuação na forma de se enterrar em abrigos e grutas, porém com algumas mudanças e inclusões nas práticas funerárias, assinalando então a continuidade cultural das práticas, refletida na escolha de paisagens específicas, que são fendas em paredões rochosos com cascatas ou rios.

Para finalizar esse capítulo, discuto sobre a cronologia dos abrigos e das grutas com sepultamento em relação a um aspecto importante para a história dos Jê do Sul. Primeiro, o período de cisão dos Jê do Sul entre os ramos meridional e ocidental. Segundo, a divisão entre os Kaingang e os Laklãnõ. Jolkesky (2010, p. 269) aponta que, através dos dados glotocronológicos do autor, os Jê do Sul<sup>56</sup> teriam inicialmente se dividido entre os Jê do Sul orientais e ocidentais por volta de 840 A.D. É importante notar que os Jê do Sul ocidentais são os falantes Ingain<sup>57</sup> e Kimdá<sup>58</sup> (já extintos), enquanto os Jê do Sul orientais são os Laklãnõ e os Kaingang.

---

<sup>56</sup> Jolkesky (2010) se refere aos Jê do Sul por proto-Jê Meridionais.

<sup>57</sup> Os Ingain, segundo Jolkesky (2010, p. 18), “habitavam ambas as vertentes do Alto Paraná, na parte do atual Departamento de *Canindeyú* (Paraguai) e do Estado do Paraná. Seu território estendia-se desde o arroio *Ivytorocái* até o rio Iguatemi, no extremo sul do Estado do Mato Grosso do Sul, um pouco acima dos Saltos del Guairá, também conhecidos como Sete Quedas.

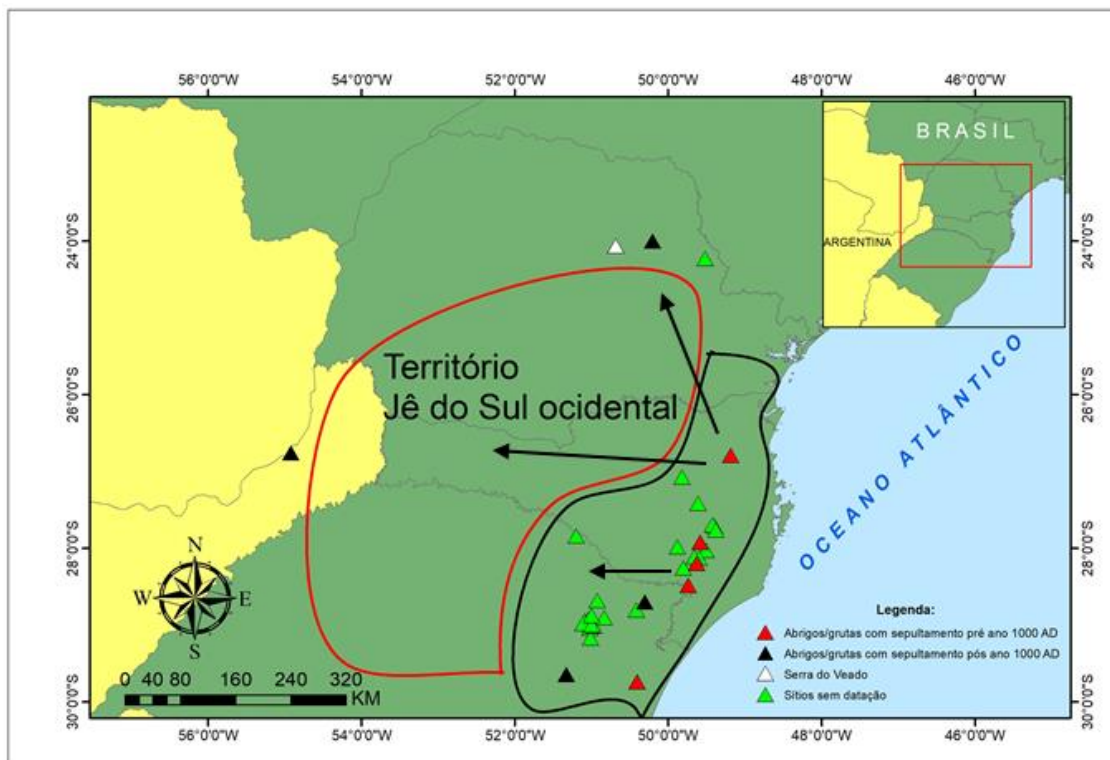
<sup>58</sup> Segundo Jolkesky (2010, p. 15), “os Kimdá habitavam a região de matas tropicais ao longo das vertentes do Alto Paraná, entre a antiga redução jesuítica *Córpus* (Província de *Misiones*, Argentina) e o rio Monday (Departamento Alto Paraná, Paraguai)”.

Tendo dividido os sítios deste capítulo em duas partes, sendo uma metade relacionada ao período anterior a 1000 A.D. e a outra metade sendo relacionada ao período posterior a 1000 A.D., cabem algumas considerações. Como expresso no mapa 1, presente na Introdução, e no mapa 12, contido na seção 3.3 desta dissertação, os sítios anteriores ao ano 1000 A.D. estão posicionados majoritariamente na região da borda oriental do Planalto Meridional e na região da encosta da serra, existindo uma lacuna geográfica, principalmente, em direção ao ocidente, mas também em direção norte (com exceção do sítio Serra do Veado anterior a 1000 A.D.), rumo ao atual estado do Paraná.

Segundo Jokelsky (2010, p. 269), a língua Jê do Sul tem um momento de divergência linguística em 840 A.D., momento no qual a língua Jê do Sul é dividida em uma parte ocidental (Kimdá e Ingain), e outra oriental (Kaingang e Laklãnõ). O que significa que, de uma língua ancestral comum (do tronco macro-Jê), surgiram dois grupos, sendo um Jê do Sul falante de uma língua Jê do Sul oriental, e outro grupo falante de uma língua Jê do Sul ocidental. Para uma língua se dividir em duas a partir de um ancestral comum, leva-se uma quantidade considerável de tempo, então a cisão linguística que ocorreu aproximadamente em 840 A.D. e foi resultado de um processo que pode ter sido longo e que começou tempos anteriores.

Como os dados demonstram, os sítios-cemitério em fendas no paredão rochoso estão, em sua maioria, situados na região da borda oriental do Planalto Meridional, principalmente no período anterior a 1000 A.D., pois não fazem parte da prática funerária dos Jê do Sul ocidentais, ou seja, dos ancestrais dos Ingain e Kimdá, mas sim, é uma prática funerária justamente dos grupos Jê do Sul orientais, que são os ancestrais dos Kaingang e dos Laklãnõ. Esses sítios só surgem a leste, rumo ao ocidente desse território (e ao noroeste, em relação ao Paraná), próximo e após 1000 A.D., influenciado por diversos fatores externos, como, principalmente, a chegada dos povos falantes Tupi-Guarani, que influenciaram na movimentação desses Jê do Sul orientais rumo ao ocidente, o que é demonstrado, por exemplo, pelo caso do sítio 3 de Mayo, que é o sítio mais ao ocidental possível, em território atual da Argentina.

Observe o mapa abaixo para ilustrar a linha de raciocínio e dar continuidade à discussão:



Mapa 13: Mapa demonstrando a divisão territorial entre Jê do Sul oriental e Jê do Sul ocidental.

Autor: Phellipe de Lima

Tendo em mente que a cisão dos povos Jê do Sul orientais entre Kaingang e Laklãnõ se deu, aproximadamente, no período de 1390 A.D. (Jolkesky, 2010, p. 269), assim como a fissura entre Jê do Sul oriental e ocidental foi um processo, que levou certo período de tempo até então desconhecido para ocorrer, a cisão do Jê do Sul oriental em Kaingang e Laklãnõ também é fruto de um processo, que também levou algum período de tempo desconhecido e teve a influência dos fatores externos anteriormente citados. Esses fatores de influência tiveram reflexo nos Jê do Sul, principalmente no aumento dos trabalhos de engenharia de terra em relação às práticas funerárias (De Souza *et al*, 2016) e, como demonstrado nesta dissertação, na movimentação destes grupos Jê do Sul orientais rumo ao ocidente do território, levando consigo as práticas funerárias em paredões rochosos com sepultamento para estes novos territórios rumo a oeste.

Em Jolkesky (2010) há informações de que os Kimdá teriam se mesclado aos Guarani, enquanto os Ingain teriam sido integrados aos

Kaingang, através dos dados demonstrados e das interpretações feitas até aqui, creio que a integração dos Ingain pelos Kaingang tenha ocorrido neste “êxodo” Jê do Sul oriental rumo ao ocidente, em períodos próximos e posteriores a 1000 A.D.

O estudo glotocronológico aponta o período do ano 1390 A.D. como de cisão e o estudo de arqueólogos e arqueólogas aponta o ano 1000 como importante para a história Jê do Sul, principalmente em relação à expansão dos falantes Tupi-Guarani (Bonomo *et al*, 2015; Corteletti, 2012; De Souza *et al*, 2016). As evidências indicam que a interação entre os Jê do Sul oriental e Tupi-Guarani tenha influenciado também na própria divisão dos Jê do Sul orientais em Kaingang e Laklãnõ. Como visto em Villar (2004), baseado em Barth, Poutignat e Streiff-Fenart (1998), sobre a inter-relação social, quanto maior é a interação, mais forte ou marcado será o limite étnico, na apresentação de traços diacríticos como os enterramentos. As evidências apontam que a inter-relação social entre os Jê do Sul orientais e os Tupi-Guarani tenham influenciado fortemente da seguinte maneira: no caso dos Jê do Sul em relação com os Tupi-Guarani, na afirmação dos limites étnicos entre os dois grupos, na forma do aumento da arquitetura funerária e de mudanças nas práticas de sepultamento em paredões rochosos. A inter-relação entre os Jê do Sul orientais e os Tupi-Guarani também influenciou na demarcação dos limites étnicos entre os próprios Jê do Sul orientais, a ponto de, em períodos posteriores, haver a cisão entre esses grupos, resultando nos Kaingang e nos Laklãnõ.

Como apontei na seção 3.2, nos sítios do período 1000 A.D. e posterior, começa a ter, no contexto funerário, resquícios de cerâmica, o que não acontecia em períodos anteriores, o que reflete mais um marcador étnico e de identidade no contexto funerário. O sinal da cisão entre os Kaingang e os Laklãnõ aparece em um abrigo ou gruta com sepultamento estudado nesta dissertação: o sítio Virador I. A arte rupestre desse sítio, melhor discutida no capítulo 6 desta dissertação, foi interpretada pelos próprios protagonistas Kaingang como sendo marcadores étnicos e clânicos Kaingang, tanto da metade clânica kamé quanto kanhru. A datação do sítio Virador I vai de acordo tanto com o período de 1000 A.D., quanto a períodos posteriores à divisão dos

Jê do Sul orientais em Kaingang e Laklãnõ: o sítio possui uma data calibrada entre 992 e 1683 A.D., sendo então um cemitério em gruta ou abrigo Kaingang.

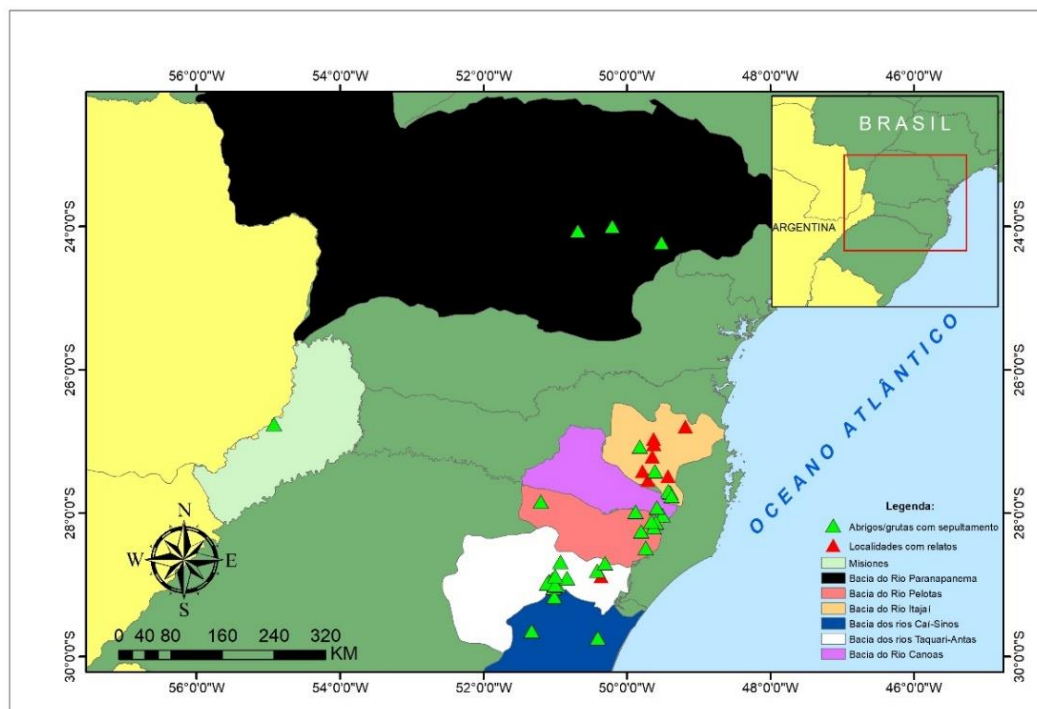
No próximo capítulo são abordadas as análises espaciais desses sítios arqueológicos, principalmente com o intuito de entender aspectos de escolhas nas paisagens e nos artefatos, incluindo os aspectos de diferença na cultura material entre os sítios anteriores a 1000 A.D. e posteriores.



## Capítulo 4 – Análise espacial dos sítios arqueológicos

*“In the water where I center my emotion  
All the world can pass me by”  
(Red Hot Chili Peppers – Zephyr Song)*

Como consta tanto em Laroque (2007) quanto Tommasino (1995), os Kaingang possuíam seus territórios e subterritórios divididos através dos grandes rios e seus afluentes. Sendo assim, aproximando o passado arqueológico do passado mais recente e do presente etnográfico, julguei justo separar os sítios arqueológicos por bacias hidrográficas de grandes rios. Portanto, nesse capítulo há uma análise espacial dos sítios através das suas respectivas bacias hidrográficas de maneira individualizada, que chamo de análise espacial em microescala, na qual não correlaciono os dados das bacias entre si. Enquanto a análise geral, de todos os sítios, de maneira universal, foi discutida no capítulo 5, análise espacial de macroescala. Então, neste presente capítulo, a análise espacial foi dividida entre as seguintes bacias hidrográficas: dos rios Taquari-Antas; Caí-Sinos; rio Pelotas; Canoas; rio Itajaí; rio Paranapanema; e bacia do Peperi-Guazu, na Argentina. Segue abaixo o mapa demonstrando os sítios e as divisões por bacias hidrográficas:



Mapa 14: Localização de abrigos e grutas com sepultamento e localidades com relatos desse tipo de sítio em relação com as bacias hidrográficas. Autor: Phellipe de Lima

Com este estudo espacial de maneira individualizada, focando uma bacia hidrográfica por vez, indico diferenças entre os sítios arqueológicos nos diferentes territórios que são as bacias hidrográficas, e também apresento aspectos específicos na paisagem, que tenham contribuído para a preferência e escolha desses grupos Jê do Sul para a inserção destes cemitérios em lugares específicos dos territórios.

Analisei então os seguintes aspectos: a altitude onde os sítios estão inseridos; as dimensões dos jazigos arqueológicos e suas tipologias conforme a Sociedade Brasileira de Espeleologia; as rochas e a litoestratigrafia na qual os sítios estão implantados; a relação dos cemitérios com questões hidrológicas e hidrográficas, como a hierarquia fluvial onde esses sítios estão inseridos, a direção que correm essas fontes d'água, quais rios principais da bacia esses sítios estão relacionados e se há ou não fontes de água correntes relacionadas a esses jazigos; e por último, os artefatos que estão presentes nos sítios (fora os remanescentes ósseos humanos).

Na análise da inserção dos sítios na altitude, utilizo de mapas criados por mim, através de imagens de satélite disponibilizadas em

<https://earthexplorer.usgs.gov/>. A análise do perfil de elevação de altitude indica a altimetria escolhida pelos protagonistas na inserção dos sítios nas paisagens das respectivas bacias hidrográficas.

O estudo das dimensões dos sítios arqueológicos foi realizado através das informações acerca das dimensões da abertura, altura e profundidade das cavidades rochosas. Com esta análise, além de identificar as preferências por grandes ou pequenas fendas em paredões rochosos para o sepultamento dos mortos, pretendo definir a tipologia correta dos sítios: afinal, esses sítios são abrigos ou grutas? Diversos autores até então se referem a esses cemitérios Jê do Sul de diferentes maneiras, porém sem nenhuma uniformidade. Segundo a Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), conforme é possível constar em Frigo (2017), um abrigo sob rocha tem como definição o fato de seu desenvolvimento (neste trabalho será tratado como profundidade) ser menor do que a altura da entrada; enquanto uma gruta é definida pelo fato de sua profundidade ser igual ou maior que a altura da entrada. Sendo assim, discuto aqui se os sítios na verdade são grutas ou abrigos. Para o estudo do tamanho dos sítios, utilizarei de uma decisão arbitrária minha de olhar para o tamanho da boca dos cemitérios, pois acredito que a dimensão da entrada desses jazigos sejam um aspecto visual importante desses lugares: a boca tendo até 10 m de extensão, o sítio será considerado pequeno; de 11 até 30 m de extensão será considerado médio; acima de 31 m será considerado grande.

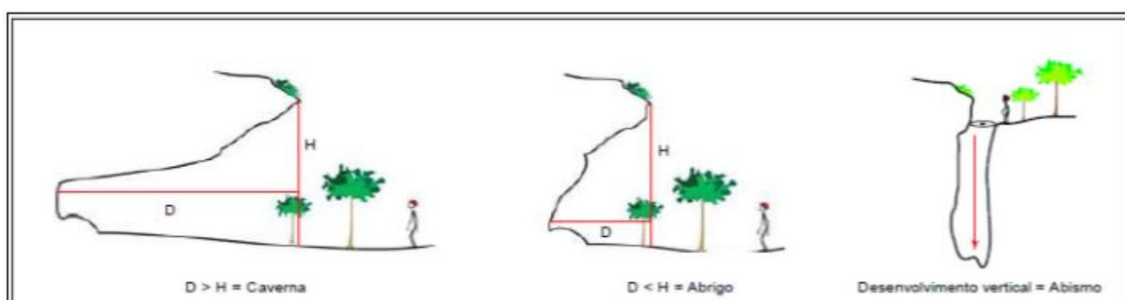


Figura 36: Ilustração acerca das estipulações conforme a S.B.E de gruta, abrigo e abismo.

Fonte: Frigo (2017)

De acordo com o glossário geológico ilustrado (<http://sigep.cprm.gov.br/glossario/verbete/litologia.htm>), litologia é o estudo acerca das rochas, abrangendo estudos macroscópicos, de afloramentos ou estratigráficos, porém o termo também serve para as rochas estudadas. Sendo assim, analisei também em que tipo de rochas os sítios estão sendo

implantados, pois como os cemitérios estão em fendas em paredões rochosos, a questão da rocha é algo importante. Assim, pretendo indicar se há preferências ou não para utilização de fendas em certas rochas. Para esta análise, criei mapas litológicos para poder discutir esses dados. Os mapas foram confeccionados através das Cartas Geológicas do Brasil ao Milionésimo, disponíveis no portal brasileiro de dados abertos<sup>59</sup>. Preferencialmente, foram utilizadas as cartas SH22 Porto Alegre, SG 22 Curitiba e SF 22 Paranapanema. As litologias nas quais os sítios estão inseridos serão descritas conforme os mapas geológicos estaduais, disponíveis através do Serviço Geológico do Brasil – CPRM; as rochas serão descritas com ajuda do glossário geológico ilustrado disponibilizado pelo SIGEP – Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (<http://sigep.cprm.gov.br/>).

Beber (2004), De Lima (2017) e Rohr (1971) afirmam a importância da presença de água no contexto das paisagens para essas grutas ou esses abrigos serem cemitérios, principalmente por questões míticas. A análise da hidrografia é justamente para entender essa importância. O estudo hidrográfico é realizado a partir de mapas criados por mim, através dos dados altimétricos já citados e por um banco de dados chamado Base Hidrográfica Ottocodificada, disponível na Agência Nacional de Águas<sup>60</sup>. Serão analisados essencialmente cinco quesitos: a hierarquia fluvial acerca da fonte d'água mais próxima do sítio arqueológico; a direção do curso dessa fonte d'água; a margem do rio a qual o sítio está inserido; a forma de água corrente mais próxima (para vermos se há cachoeiras, rios, etc) e, por último, a distância da fonte de água corrente mais próxima. Por ser um fator importante na paisagem, interpreto os dados hidrográficos das bacias conforme as cosmologias Jê do Sul de forma incipiente neste capítulo, já que no capítulo 7 o foco é justamente as cosmologias Jê do Sul no contexto arqueológico.

Também são abordados neste capítulo aspectos dos artefatos presentes nesses sítios arqueológicos. Para esta última análise, será discutida a presença dos seguintes componentes artefatuais nos sítios arqueológicos: artefatos líticos, ponta de flecha, cerâmica, trançados, conchas, contas de

---

<sup>59</sup> Disponível em: <https://dados.gov.br/dataset>.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://dadosabertos.ana.gov.br/datasets/>.

colar, louça histórica, a presença de fogo (fogões, fogueiras, áreas de combustão), resquícios macrobotânicos, petróglifos e a presença de remanescentes faunísticos. Com este estudo, demonstro se a materialidade desses sítios está relacionada com aspectos de inserção na paisagem ou não, e se há diferença na quantidade de artefatos conforme as bacias hidrográficas.

#### 4.1 Sítios na região da bacia dos rios Taquari-Antas

Segundo a Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura do Rio Grande do Sul (SEMA-RS)<sup>61</sup>, a bacia dos rios Taquari-Antas está localizada a nordeste do Rio Grande do Sul, abrangendo o Planalto Meridional e a Depressão Central e parte dos campos de cima da serra, possuindo uma área de extensão de 26.491,82 km<sup>2</sup>.

Na região da bacia dos rios Taquari-Antas há um total, até então descobertas, de quinze abrigos ou grutas com sepultamento, sendo a bacia hidrográfica do Rio Grande do Sul com o maior número de sítios funerários em paredões rochosos catalogados. Diversos autores trabalharam no levantamento de dados arqueológicos da região, porém para o enfoque desta pesquisa, os mais importantes são: Chmyz (1965) e o estudo da Gruta da Caveira na região de Caxias do Sul; Copé (2006) estudando parte da região do rio das Antas; Corteletti (2012) com sua dissertação sobre a arqueologia de Caxias do Sul; e Rogge & Schmitz (2009) com estudos na região do município de São Marcos. Segue abaixo a lista dos sítios arqueológicos com as coordenadas que foram obtidas e a fonte utilizada:

Tabela 9: Sítios da bacia do Taquari-Antas com suas coordenadas e fonte utilizada. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	X:	Y:	Fonte:
<b>Gruta da Caveira</b>	-	-	Chmyz (1965)
<b>Gruta do Matemático</b>	568210	6824976	Beber (2004); Copé (2006); Saldanha (2008)
<b>Barra do Morais I</b>	557249	6813471	Copé (2006)
<b>RS 67</b>	497464	6787259	Corteletti (2008)
<b>RS 41</b>	502896	6790199	Corteletti (2008)
<b>RS 124</b>	515727	6802329	Corteletti (2008)

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/g040-bacia-hidrografica-do-rio-taquari-antas>

<b>RS-A-65</b>	499988	6805257	Rogge & Schmitz (2009)
<b>RS-A-49</b>	494457	6796169	Rogge & Schmitz (2009)
<b>RS-A-48</b>	495779	6800386	Rogge & Schmitz (2009)
<b>RS-A-70</b>	499088	6791477	Rogge & Schmitz (2009)
<b>RS-A-50</b>	491471	6797297	Rogge & Schmitz (2009)
<b>RS-A-73</b>	491140	6796892	Rogge & Schmitz (2009)
<b>RS-A-71</b>	488838	6793792	Rogge & Schmitz (2009)
<b>Jaquirana</b>	-	-	Beber (2004)

#### 4.1.1 Implantação dos sítios conforme altitude

Para iniciar a discussão, segue abaixo uma tabela com os dados altimétricos dos sítios da bacia dos rios Taquari-Antas, seguido do mapa altimétrico da região:

Tabela 10: Dados de altitude dos sítios da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima

<b>Sítio:</b>	<b>Altitude:</b>
<b>Barra do Morais I</b>	642
<b>RS 67</b>	688
<b>RS-A-65</b>	700
<b>RS-A-50</b>	700
<b>RS-A-49</b>	720
<b>RS-A-73</b>	730
<b>RS-A-71</b>	732
<b>RS 41</b>	766
<b>RS 124</b>	790
<b>RS-A-48</b>	800
<b>RS-A-70</b>	800
<b>Perau das Cabeças</b>	864
<b>Gruta do Matemático</b>	997
<b>Gruta da Caveira</b>	-
<b>Jaquirana</b>	-



Desses sítios analisados, em dois casos, Gruta da Caveira e Jaquirana, não foi possível estimar a altitude, pois não há informações acerca de suas coordenadas e também não constam informações da implantação desses sítios conforme a altitude. Em três casos, Gruta do Matemático, Barra do Morais I e RS 41, as altitudes foram estimadas através da utilização do Google Earth.

O estudo sobre o sítio em Jaquirana foi apresentado por Izidro & Haubert na SAB de 2003, porém não encontrei esse trabalho no IAP, na UFSC, UDESC ou Colégio Catarinense. Segundo comunicação pessoal de funcionários do IAP durante minha visita à instituição em 2019, não há nenhum trabalho publicado ou disponível sobre essa apresentação na SAB ou sobre esse jazigo. Uso então a descrição presente em Beber (2004, p. 236):

No município de Jaquirana/RS, em um abrigo próximo ao Rio Camisas, afluente do Rio das Antas, em 2 grutas foram identificados ao menos 140 sepultamentos, sendo 102 adultos, 1 adulto jovem, 14 jovens 17 crianças e 6 lactentes (Beber, 2004, p. 236 *apud* Izidro & Haubert, 2003).

Segundo Schmitz (2005), o sítio em paredão rochoso com sepultamento em Jaquirana teria sido nomeado Dirceu Borges. Ao analisar o trabalho de Werlang (1981, p. 76), vemos que o sítio Dirceu Borges está descrito como sendo no município de “S. Francisco P.”, no nº de catálogo 4372, conforme fotografia abaixo:



- 76 -

Nº DO CATÁLOGO	NOME DO SÍTIO OU DO PROPRIETÁRIO	MUNICÍPIO	Nº DO SÍTIO
4365	Arlindo Machado	Feliz	RS-C-48
4366	Willi Klein	Taquari	RS-T --
4367	Lagoa Negra-1	Viamão	RS ----
4368	Ilha do Junco	Viamão	RS ----
4369	José Raupp	Osório	RS-LN --
4370	Pimóteo da Silva	Estância Velha	RS-S --
4371	Vila Diehl-1	Hamburgo Velho	RS-S-362
4372	Dirceu Borges	S. Francisco P-	RS ----
4373	Guilherme Genher	Estrela	RS-T --
4374	Ilha Chico Manuel	Viamão	RS ----

Figura 37: Monografia de Werlang (1981) indicando o sítio em Jaquirana. Foto por: Phellipe de Lima

Em relação ao sítio Gruta da Caveira, pesquisada por Chmyz (1965), não há uma localização exata do sítio arqueológico, por isso, não tive como colocar a altitude do sítio nesta pesquisa.

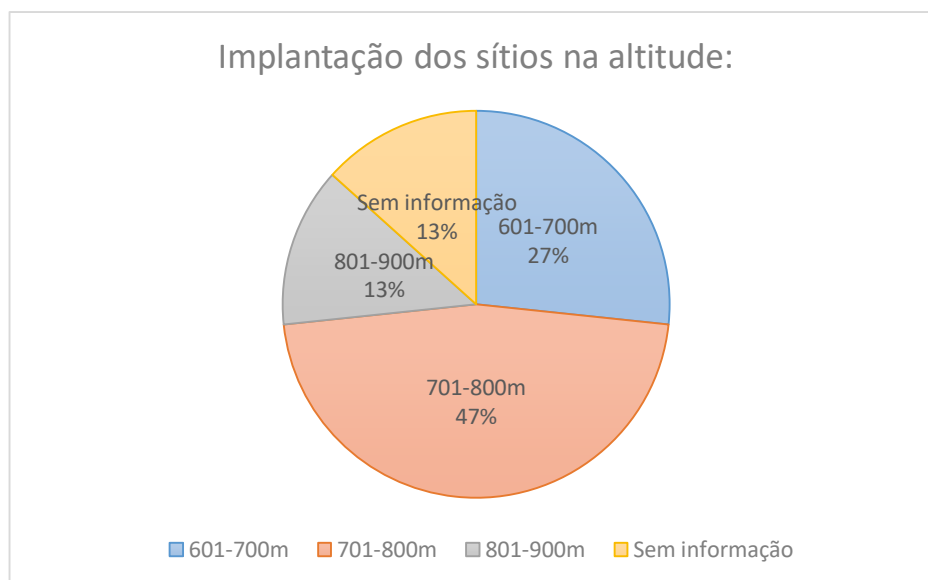


Gráfico 2: Gráfico de altitude dos sítios na bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima

Conforme a análise dos sítios através da altitude, é interessante notar que 27% da amostragem (n=4) são correspondentes a sítios que estão implantados numa faixa de altitude entre 601 e 700m (Barra do Morais I, RS 67, RS-A-65 e RS-A-50). O sítio Barra do Morais I, segundo Copé (2006), não

foi possível de ser visitado pois estaria destruído. Em relação aos sítios RS-A-65 e RS-A-50, conforme Rogge & Schmitz (2009), o primeiro teria os remanescentes ósseos humanos do sítio doados para o Museu Paroquial de São Marcos, sem nenhuma análise tendo sido realizada, porém o RS-A-50 os ossos além de terem sido doados para o mesmo Museu, havia análises sobre o material osteológico.

Sete sítios (47% da amostragem, que são referentes à maioria da amostragem), estão situados entre uma faixa de altitude que compreende os 701-800m e são estes: RS-A-49, RS-A-73, RS-A-71, RS 41, RS 124, RS-A-48 e RS-A-70. O sítio RS 41 não foi visitado por Corteletti (2008), já o RS-A-70 teve remanescentes humanos que foram doados ao Museu Paroquial de São Marcos e analisados e, na inspeção presente em Rogge & Schmitz (2009) foi atestado positivamente para ossos humanos, que não foram coletados. Assim como o sítio RS-A-70, o RS-A-71 na inspeção presente em Rogge & Schmitz (2009) não foi recolhido material osteológico, pois foi encontrado “um único fragmento de osso humano”. Os jazigos RS-A-49, RS-A-73 e o RS-A-48 tiveram os remanescentes analisados e estão na salvaguarda do Museu Paroquial de São Marcos. O sítio RS 124 foi inspecionado por Corteletti (2008), e também por La Salvia na década de 60, tendo La Salvia encontrado carvão (conforme Corteletti, 2008), enquanto Corteletti atestou positivamente para “um talhador bifacial, dois fragmentos de cerâmica brunida da Tradição Taquara e um vestígio ósseo humano que ao tudo indica trata-se de uma falange de um dedo do pé [...]”. Corteletti (2008) aponta, através de relatos de Ivan Siqueira, que muitos remanescentes ósseos humanos haviam sido retirados conforme os anos se passaram.

Os dois sítios que estão na maior faixa de altitude (800-900 m), dentre todos da amostragem referente à bacia do Taquari-Antas, são os mais interessantes dessa região: o Perau das Cabeças e a Gruta do Matemático. É importante notar que além de estarem em maiores altitudes, ambos foram os que mais apresentaram ossos humanos (um total de número mínimo de indivíduos de 65 e 30, respectivamente) e contextos funerários interessantes, o que é representativo de uma escolha nessa bacia: as maiores altitudes da

bacia estariam sendo escolhidas para locais de implementação dos cemitérios mais elaborados da região.

A altitude média dos treze sítios é de 763 m. O mapa altimétrico demonstra que os sítios cemitérios estão implantados em altitudes elevadas da bacia hidrográfica, principalmente ao redor das regiões nordeste e leste da bacia, enquanto que em menores altitudes (rumo a direção oeste e sul da bacia, principalmente em relação ao rio Taquari) não existe esse tipo de sítio.

#### 4.1.2 Os sítios e as suas dimensões: abrigos ou grutas?

Segundo a Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE daqui em diante), conforme é possível constar em Frigo (2017), um abrigo sob rocha tem como definição o fato de sua profundidade ser menor do que a altura da entrada, enquanto uma gruta é definida pelo fato de sua profundidade ser igual ou maior que a altura da entrada. Sendo assim, cabe a discussão se os sítios, na verdade, são grutas ou abrigos. Vejamos os dados abaixo:

Tabela 11: Dimensões dos sítios da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Dimensão abertura (m):	Dimensão altura (m):	Dimensão profundidade (m):	Tipologia do sítio:
Gruta da Caveira	17	2,3	14	Gruta
Gruta do Matemático	-	-	-	-
Barra do Morais I	-	-	-	-
RS 67	-	-	-	-
RS 41	20	2	10	Gruta
RS 124	20	-	2	-
RS-A-65	50	6	15	Gruta
RS-A-49	10	3,5	3	Abrigo
RS-A-48	10	1,53	6	Gruta
RS-A-70	15	2,5	4	Gruta
RS-A-50	8,5	1,5	7	Gruta
RS-A-73	8	0,7	3	Gruta
RS-A-71	30	1,5	2	Gruta
Jaquirana	-	-	-	-
Perau das Cabeças "A"	-	0,6	6~8	Gruta
Perau das Cabeças "B"	-	0,9	4~5	Gruta

<b>Perau das Cabeças "C"</b>	-	0,5	2~3	Gruta
------------------------------	---	-----	-----	-------

Temos então na bacia do Taquari-Antas um total de onze grutas (65% da amostragem); cinco sítios (29%) que não puderam ser inferidos a tipologia e apenas um abrigo sob rocha (6%).

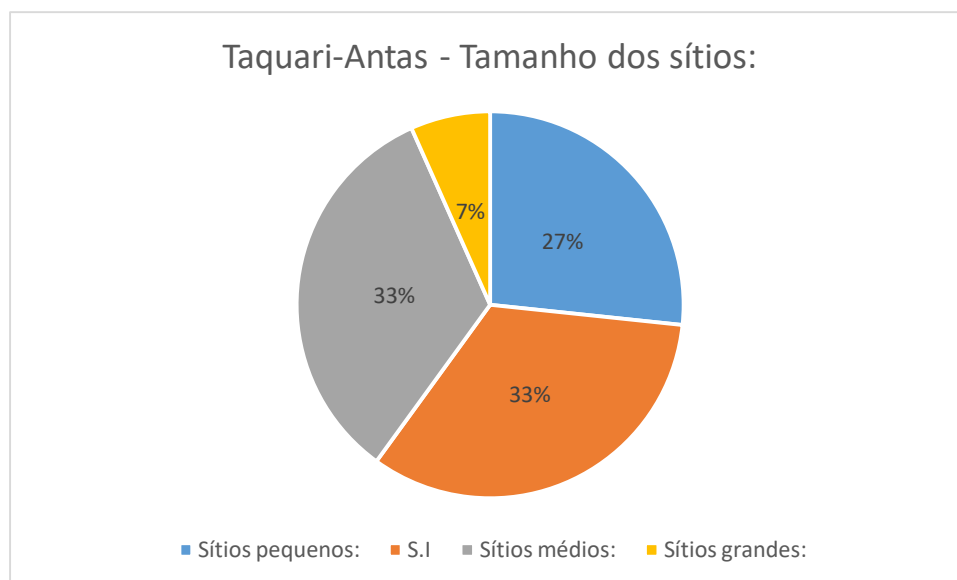
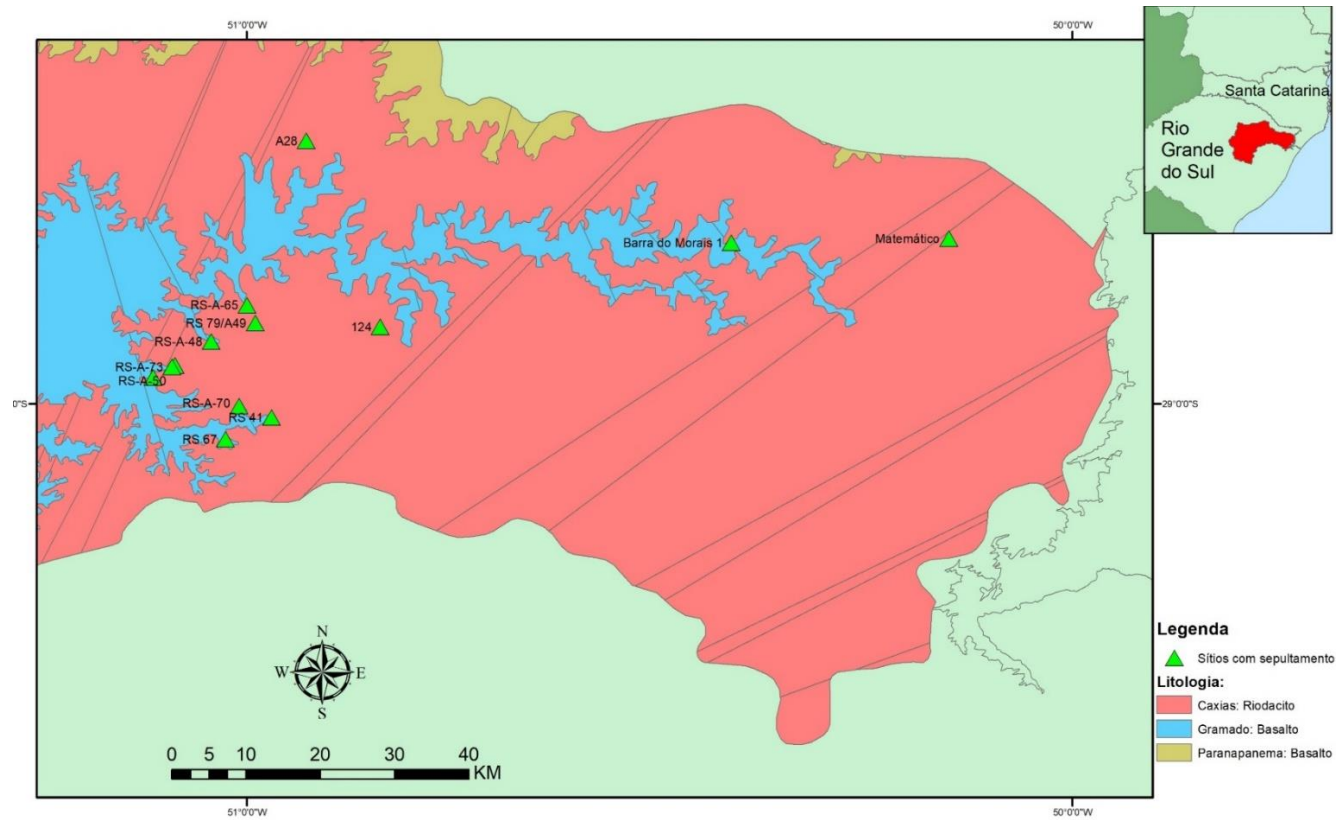


Gráfico 3: Gráfico acerca do tamanho dos sítios da bacia dos rios Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima

O gráfico acima demonstra que 33% da amostragem (n=5) é representativa de sítios sem informações acerca das dimensões das aberturas (o sítio em Jaquirana, Gruta do Matemático, Barra do Morais I, RS 67 e Perau das Cabeças); outros 33% (n=5) são respectivos a sítios médios (Caveira, RS 41, RS 124, RS-A-70, RS-A-71), que são, em sua maioria, sítios que apresentaram poucos fragmentos ósseos (com exceção da Gruta da Caveira), ou que foram bastante depredados; 27% da amostragem (n=4) representa sítios pequenos (RS-A-49, RS-A-48, RS-A-50 e RS-A-73); apenas um sítio (7% da amostra) pôde ser considerado grande: RS-A-71, e é, especificamente, esse sítio que foi transformado em santuário católico.

Mesmo não tendo informações das dimensões da Gruta do Matemático, é notável que, ao menos a dimensão das fendas, não foi um fator de escolha para se constituir os maiores cemitérios, já que as grutas do Perau das Cabeças são pequenas, e é o sítio que mais teve indivíduos sepultados na região dos rios Taquari-Antas.

#### 4.1.3 Os sítios arqueológicos em relação com a litologia



Mapa 16: Mapa litológico da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima

Através dos mapas e publicações disponíveis no Serviço Geológico do Brasil – CRPM, principalmente do Atlas Hidrogeológico do Brasil ao Milionésimo SH-22 Porto Alegre, foi possível a criação de mapas para buscar entender a variação litológica nas quais os sítios estão inseridos. Segue abaixo a tabela com os dados para análise:

Tabela 12: Sítios da bacia do Taquari-Antas e suas litologias. Autor: Phellipe de Lima

<b>Sítio:</b>	<b>Litologia:</b>
<b>Gruta da Caveira</b>	Arenito
<b>Gruta do Matemático</b>	Caxias: Riodacito
<b>Barra do Morais I</b>	Gramado: basalto
<b>RS 67</b>	Gramado: basalto
<b>RS 41</b>	Caxias: Riodacito
<b>RS 124</b>	Caxias: Riodacito
<b>RS-A-65</b>	Caxias: Riodacito
<b>RS-A-49</b>	Caxias: Riodacito
<b>RS-A-48</b>	Gramado: basalto
<b>RS-A-70</b>	Caxias: Riodacito
<b>RS-A-50</b>	Caxias: Riodacito
<b>RS-A-73</b>	Gramado: basalto
<b>RS-A-71</b>	Gramado: basalto
<b>Jaquirana</b>	-
<b>Perau das Cabeças</b>	Caxias: Riodacito

Como não há uma coordenada exata sobre a Gruta da Caveira, a informação sobre a litologia do cemitério é utilizada conforme o relato de Chmyz (1965), sendo composta por arenito. Essa informação de Chmyz é questionável, pois como vemos no mapa litológico apresentado, não há áreas onde tenha a ocorrência de arenito na região. Jaquirana, como exposto anteriormente, há apenas um breve relato e não constam informações sobre a litologia do sítio.

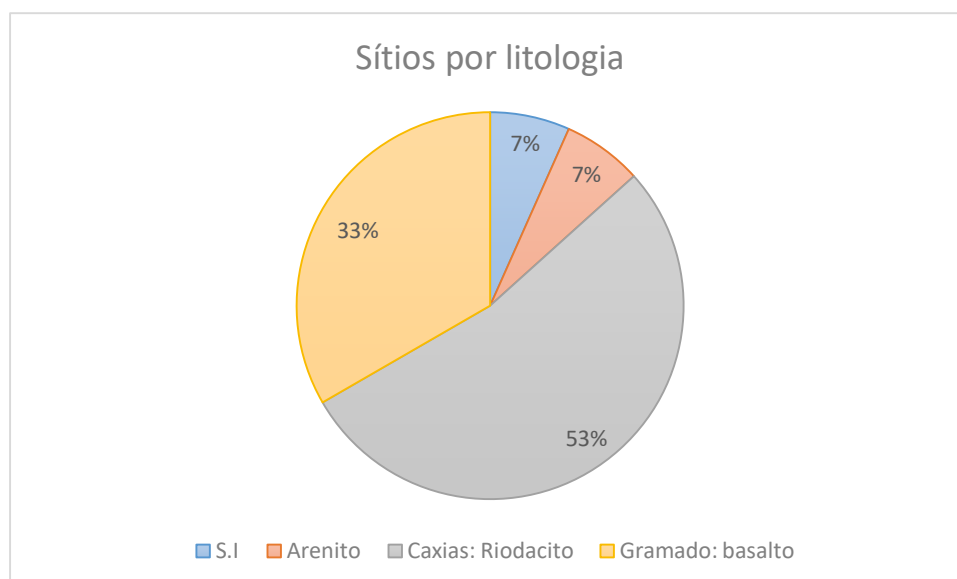


Gráfico 4: Litologia dos sítios da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima

Quanto a litologia na qual os sítios estão inseridos, através do mapa criado, duas são predominantes: a fácies Caxias (53%, n=8) e a fácies Gramado (33%, n=5), ambas na Formação Serra Geral. Segundo o glossário geológico ilustrado do SIGEP – CRPM<sup>62</sup>, uma formação geológica é caracterizada por ser uma “unidade litoestratigráfica fundamental na nomenclatura estratigráfica formal. Caracteriza-se por um corpo de rochas identificado pelas suas características líticas e sua posição estratigráfica. Ela deve ser mapeável em superfície ou subsuperfície”. Já uma fácies, é definida como sendo um termo “geral para indicar o aspecto (‘a face’) da rocha, e assim, caracterizar um tipo ou grupo de rochas em estudo”. Ou seja, fácies compõem a litoestratigrafia que é componente de uma formação geológica.

A formação Serra Geral, do período Cretáceo, a qual as fácies Caxias e Gramado estão inseridas, é descrita no mapa geológico do estado do Rio Grande do Sul<sup>63</sup> como sendo composta de “derrames de basaltos, basaltos andesitos, riodacitos e riolito, de filiação toleítica, onde intercalam-se arenitos intertrápicos Botucatu na base e litarenitos e sedimentos vulcanogênicos da porção mediana ao topo da sequência”.

<sup>62</sup> Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/glossario/>

<sup>63</sup> Disponível em:

[http://www.cprm.gov.br/publique/media/geologia\\_basica/cartografia\\_regional/mapa\\_rio\\_grande\\_sul.pdf](http://www.cprm.gov.br/publique/media/geologia_basica/cartografia_regional/mapa_rio_grande_sul.pdf)

A fácies Caxias se dá da seguinte forma:

Derrames de composição intermediária a ácida, riocácitos a riolitos, mesocráticos, microgranulares a vitrofiricos, textura esferulítica comum (tipo carijó), forte disjunção tabular no topo dos derrames e maciço na porção central, dobras de fluxo e autobrechas frequentes, vesículas preenchidas predominantemente por calcedônia e agáta, fonte das mineralizações da região.

Acerca da fácies Gramado, eis a descrição ainda segundo a cartografia regional do Rio Grande do Sul:

Derrames basálticos granulares finos a médio, melanocráticos cinza, horizontes vesiculares preenchidos por zeolitas, carbonatos, apofilitas e saponita, estruturas de fluxo e *pahoehoe* comuns, intercalações com os arenitos Botucatu.

O basalto, segundo o glossário geológico<sup>64</sup>, é definido como sendo “um dos tipos mais comuns de rocha relacionada a derrames vulcânicos, caracterizando-se pela cor preta, composição básica [...]”, enquanto o riocácito segundo Santos (1990), “são rochas claras, coloração cinza médio a claro, com textura microcristalina a pórfira e mostram estrutura fluidal, que provoca um intenso fraturamento no sentido horizontal”.

Há no total oito cemitérios com a litologia constituída por riocácito, cinco jazigos com litologia de basalto, um sem informação e um de arenito. Aparentemente não há uma distinção na escolha das rochas para o local de interesse para um cemitério, o que representa que a preferência se dá pelo aspecto geográfico das paisagens e não das rochas em si, porém é interessante notar que os dois sítios mais importantes (Gruta do Matemático e Perau das Cabeças) estão ambos na fácies Caxias, constituída por riocácito.

#### 4.1.4 Os sítios arqueológicos conforme a hidrografia

Para o estudo da hidrografia, considero alguns atributos: a hierarquia fluvial, em qual margem do rio o sítio está posicionado, qual a relação do sítio com os rios principais próximos, se há cascatas em torno do sítio e a qual distância das cascatas os sítios estão posicionados. As informações sobre as cascatas no entorno e a sua distância para os cemitérios foram tomadas através da própria bibliografia; já os dados acerca de hierarquia fluvial e

---

<sup>64</sup> Disponível em:

[https://www.cprm.gov.br/publique/media/gestao\\_territorial/geoparques/aparados\\_serra/glossario\\_geologico.htm#Basalto](https://www.cprm.gov.br/publique/media/gestao_territorial/geoparques/aparados_serra/glossario_geologico.htm#Basalto)



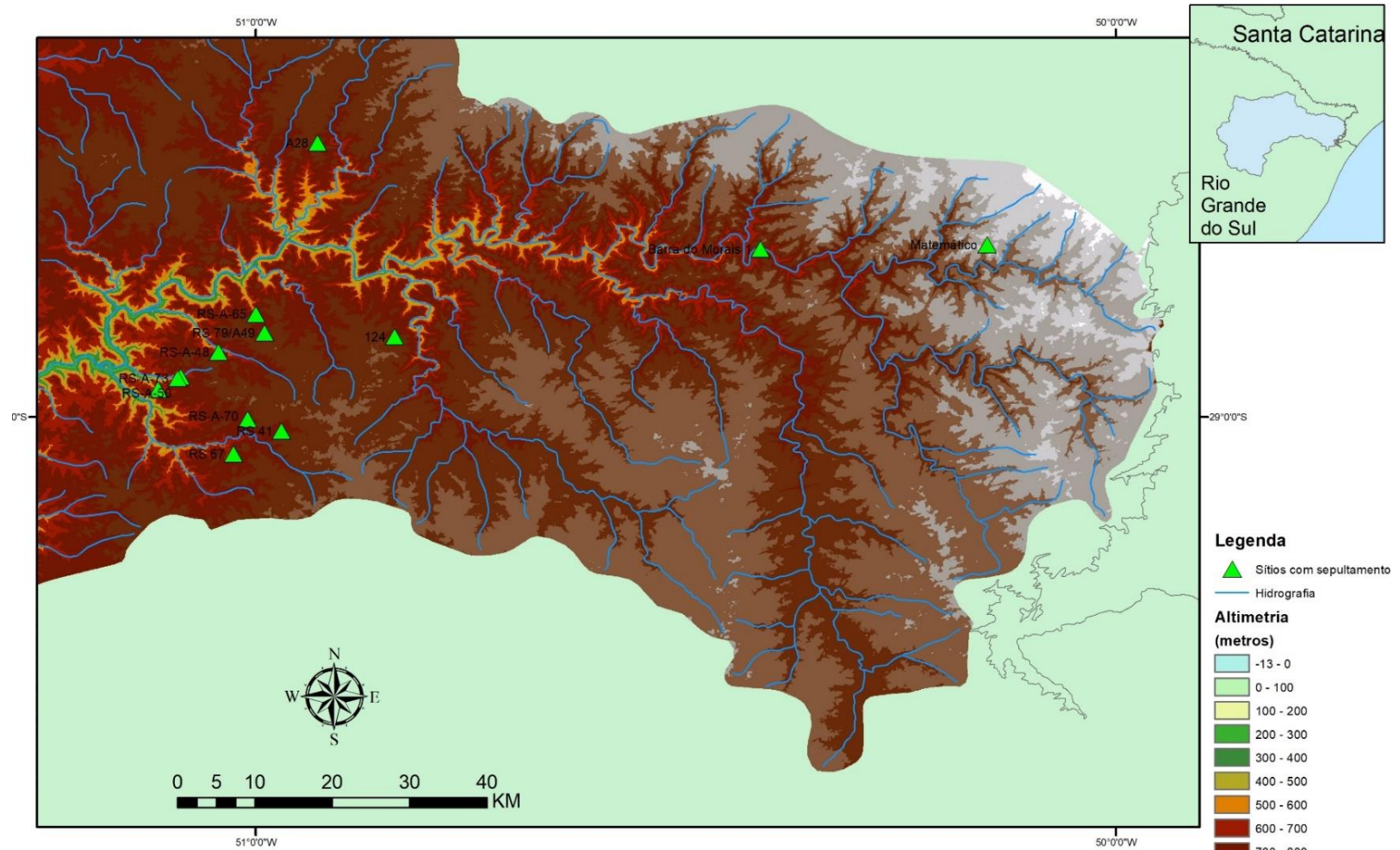
margem de rio foram obtidas através da criação e análises de mapas de altitude e hidrográficos produzidos por mim.

Segundo Christofolletti (1980, p. 106) a hierarquia fluvial é uma classificação arbitrária com a intenção de determinar um curso d'água dentro do conjunto da totalidade que é a bacia hidrográfica. A hierarquia fluvial aqui nesta pesquisa está sendo entendida conforme as propostas de Strahler, resumidas por Christofolletti (1980, p. 106-107):

[...] os menores canais, sem tributários, são considerados como de primeira ordem, estendendo-se desde a nascente até a confluência; os canais de segunda ordem surgem da confluência de dois canais de primeira ordem, e só recebem afluentes de primeira ordem; os canais de terceira ordem surgem da confluência de dois canais de segunda ordem, podendo receber afluentes de segunda e de primeira ordens; os canais de quarta ordem surgem da confluência de dois canais de terceira ordem, podendo receber tributários das ordens inferiores. E assim sucessivamente.

Entende-se através da hierarquia fluvial, que os rios de primeira ordem são os menores rios, as nascentes, enquanto que os rios das ordens subsequentes são maiores e, quanto maior a ordem do rio, maior há a probabilidade desse ser o principal rio da bacia hidrográfica.

Segundo Jairo Rogge, através de um contato pessoal, com exceção dos sítios RS-A-48 e o RS-A-71 – que possui em seu contexto água corrente na forma de erosão acarretada por drenagens dos fundos dos vales. Os sítios RS-A-65, RS-A-49, RS-A-70, RS-A-50 e RS-A-73 estão todos “associados a pequenos córregos ou rios que deságuam sobre as grutas [...]” e que “a água corrente é sempre um elemento presente” no contexto dos sítios de São Marcos. Segue abaixo o mapa e a seguir a tabela com os dados:



Mapa 17: Mapa hidrográfico da região da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima

Tabela 13: Dados hidrográficos da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Hierarquia fluvial no sítio:	Direção da hierarquia fluvial:	Margem da hierarquia fluvial:	Rio principal mais próximo:	Direção do rio principal:	Relação entre a hierarquia fluvial e o rio principal:	Forma de água corrente <i>in situ</i> :	Distância da fonte d'água <i>in situ</i> :
<b>Gruta da Caveira</b>	-	-	-	-	-		Cascata	15m
<b>Gruta do Matemático</b>	Arroio	Norte-Sul	-	Rio das Antas (segunda ordem)	Leste-Oeste	Tributário	Cascata	-
<b>Barra do Morais I</b>	Terceira ordem	Leste-Oeste	Esquerda	Rio das Antas (terceira ordem)	Leste-Oeste	É o rio o qual o sítio está inserido	Cascata	In situ
<b>RS 67</b>	Arroio	Leste-Oeste	Esquerda	Rio São Marcos (segunda ordem)	Leste-Oeste	Tributário	Cascata	In situ
<b>RS 41</b>	Arroio	Leste-Oeste	Direita	Rio São Marcos (segunda ordem)	Leste-Oeste	Tributário	Cascata	5m
<b>RS 124</b>	Arroio	Oeste-Leste	Esquerda	Lajeado Grande (terceira ordem)	Sudeste-Noroeste	Tributário	Cascata	In situ
<b>RS-A-65</b>	Arroio	Sudeste-Norte	-	Rio das Antas (quarta ordem)	Nordeste-Sudoeste	Tributário	Cascata	In situ
<b>RS-A-49</b>	Arroio	Sudeste-Norte	-	Rio das Antas (quarta ordem)	Nordeste-Sudoeste	Tributário	Cascata	In situ
<b>RS-A-48</b>	Primeira ordem	Sudeste-Noroeste	Esquerda	Rio Ranchinho	Sudeste-Noroeste	É o rio o qual o sítio está inserido	Erosão por drenagem	-
<b>RS-A-70</b>	Arroio	Norte-Sul	Direita	Rio São Marcos (segunda ordem)	Leste-Oeste	Tributário	Cascata	In situ
<b>RS-A-50</b>	Primeira ordem	Leste-Oeste	Esquerda	Arroio Cafundó	Leste-Oeste	É o rio o qual o sítio está inserido	Cascata	In situ
<b>RS-A-73</b>	Primeira ordem	Leste-Oeste	Esquerda	Arroio Cafundó	Leste-Oeste	É o rio o qual o sítio está inserido	Cascata	In situ
<b>RS-A-71</b>	Arroio	Leste-Oeste	Esquerda	Arroio Cafundó	Leste-Oeste	Tributário	Erosão por drenagem	-
<b>Jaquirana</b>	-	-	-	-	-		-	-
<b>Perau das Cabeças</b>	Arroio	Norte-Sul	-	Rio Quebra Dentes	Nordeste-Sudoeste	Tributário	Cascata	In situ

Os sítios Gruta da Caveira e o sítio em Jaquirana (13% do total) não apresentam informações que pudessem ser analisadas quanto a hidrografia.

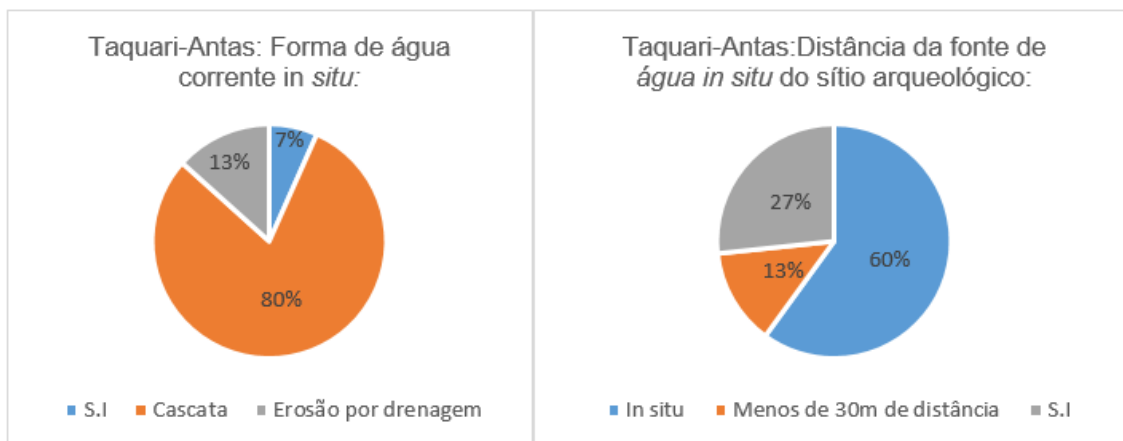


Gráfico 5: À esquerda gráfico sobre a forma de água corrente *in situ* nos sítios da bacia do rio Taquari-Antas; à direita distância destas fontes de água *in situ* dos sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima

Em relação à forma de água corrente próxima ou relacionada aos sítios, 80% da amostragem (n=12) está relacionada a cascatas, 13% da amostragem (n=2) está relacionada à erosão por drenagem, e apenas 7% (n=1) não possuímos informações. Sobre a proximidade da forma de água corrente dos sítios, 60% (n=9) dos casos essas fontes d'água estão *in situ*, seja na frente, do lado ou atrás dos sítios; 13% dos dados (n=2) estão a menos de 30 m de distância do sítio arqueológico; e não temos informações acerca de 27% da amostragem (n=4). Esses dados nos apontam que é de vital importância haver um contexto hídrico *in situ*, ou próximo das fendas em paredões rochosos para a escolha desses locais para utilização funerária.

Os gráficos abaixo demonstram os dados sobre a hierarquia fluvial na qual os sítios estão inseridos:

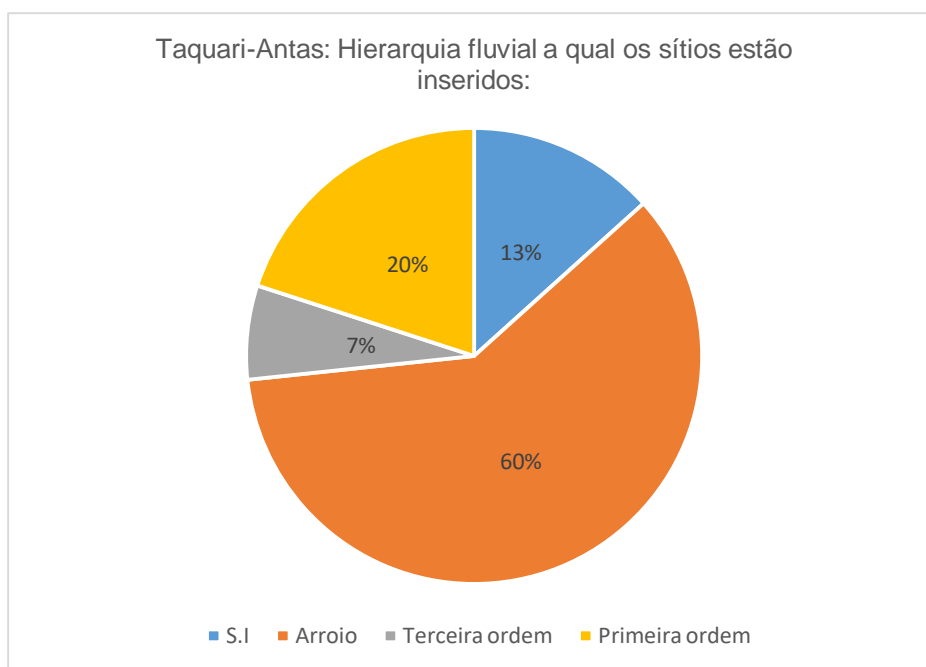


Gráfico 6: Hierarquia fluvial de inserção dos sítios da bacia do rio Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima

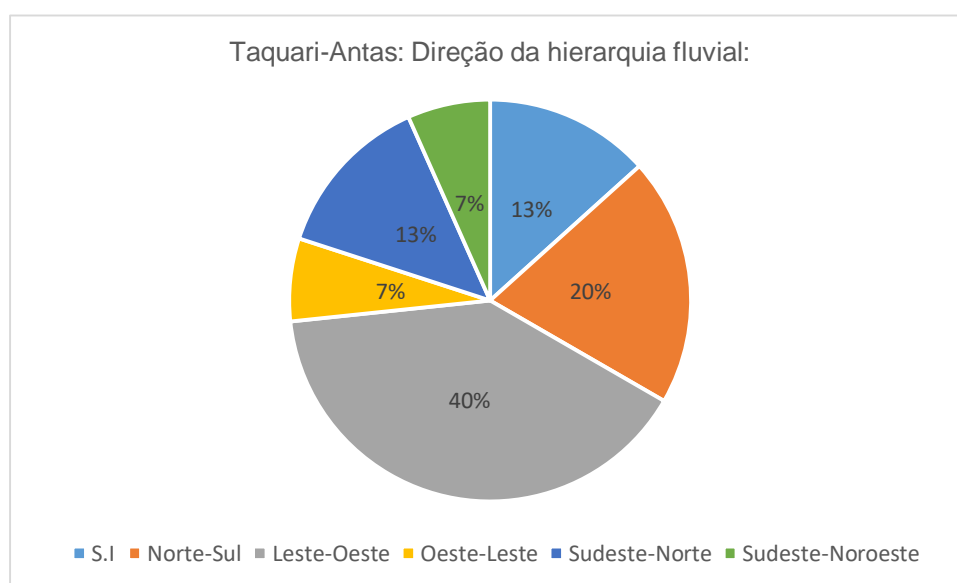


Gráfico 7: Direção da hierarquia fluvial dos sítios da bacia do rio Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima

A grande preferência para a inserção dos sítios na geografia está associada a pequenos rios e arroios. 60% (n=9) da amostragem é representativa de sítios inseridos em arroios, enquanto 20% dos dados (n=3) representam sítios que estão inseridos em rios de primeira ordem; 13% dos casos (n=2) são acerca de sítios que não possuímos informações, e apenas 7% (n=1) representa um sítio que está diretamente ligado a um rio de grande porte.

Ao avaliar a direção desses cursos d'água, os dados se comportam desta maneira: a maioria dos dados (40%, n=6) são de sítios que estão em cursos d'água que estão correndo do leste para o oeste; 20% (n=3) são relacionados a sítios que estão em cursos d'água que estão indo do norte para o sul; 13% (n=2) dos dados são de sítios sem informação e outros 13% (n=2) de jazigos em cursos d'água que estão correndo numa direção sudeste-norte; há apenas um caso (7%) relacionado a um curso d'água de oeste para leste e um caso (7%) sudeste-noroeste. Esses dados representam que há uma preferência de escolha de locais para cemitérios em arroios e pequenos rios, que tenham seus cursos voltados do leste para o oeste, ou em nuances próximas das direções leste-oeste (como nordeste-sudoeste, por exemplo).

Alguns sítios estão posicionados nos mesmos rios, as vezes em margens diferentes ou nas mesmas margens. Os sítios RS 41, RS-A-70 e RS 67, por exemplo, estão em arroios que são tributários do mesmo rio (Rio São Marcos, de segunda ordem), porém em relação ao Rio São Marcos, os sítios RS-A-70 e RS 41 estão na margem direita, enquanto o sítio RS 67 está na margem esquerda. Essa dinâmica também está ocorrendo em relação aos sítios RS-A-71, RS-A-73 e RS-A-50, porém os sítios RS-A-73 e RS-A-50 estão inseridos no Arroio Cafundó (primeira ordem), ambos em sua margem esquerda, enquanto o caso do jazigo RS-A-71 está inserido em um arroio tributário do Arroio Cafundó, porém também está na margem esquerda do Arroio Cafundó. Os sítios RS-A-65 e RS 79 estão ambos em um arroio que é tributário do rio mais importante da bacia: Rio das Antas (quarta ordem), porém não foi possível especificar a margem.

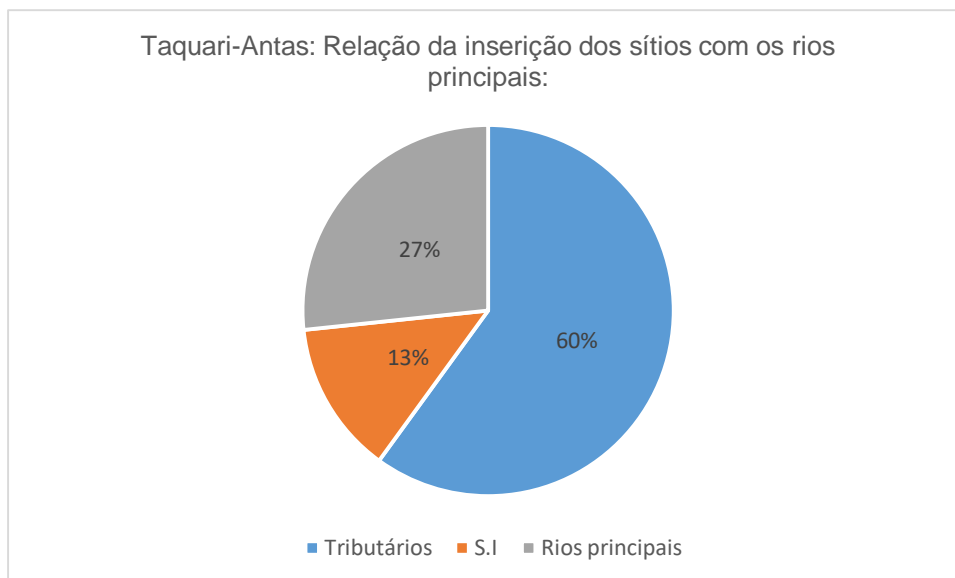


Gráfico 8: Relação da hierarquia fluvial dos sítios com os rios principais da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima

A maioria dos sítios, 60% da amostragem (n=9), estão inseridos em tributários de rios maiores da bacia hidrográfica do Taquari-Antas; 27% (n=4) dos sítios estão diretamente ligados a rios principais. O que demonstra uma intencionalidade em escolher os afluentes, tributários, arroios ou rios menores para local de cemitério e não os maiores rios. Desses rios maiores ou principais, é importante notar que o Rio das Antas aparece em diversas dimensões, em hierarquias fluviais variadas.

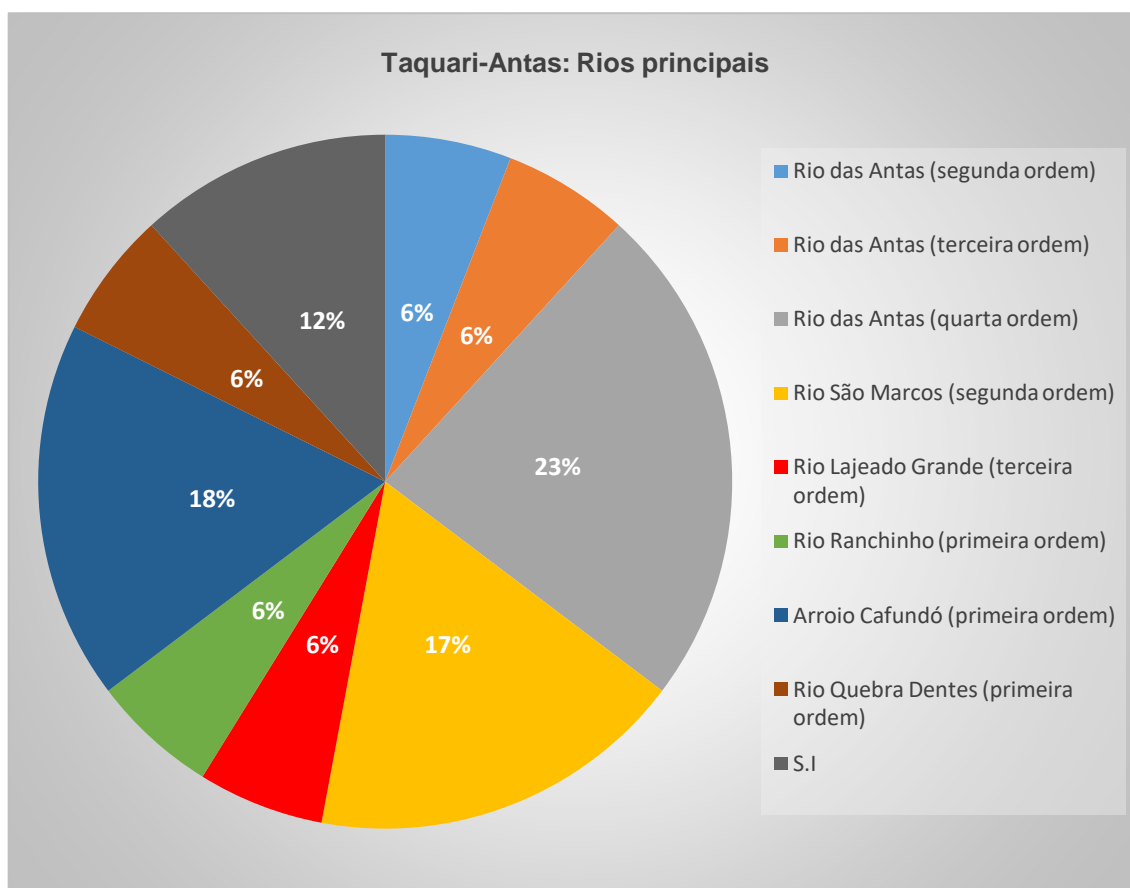
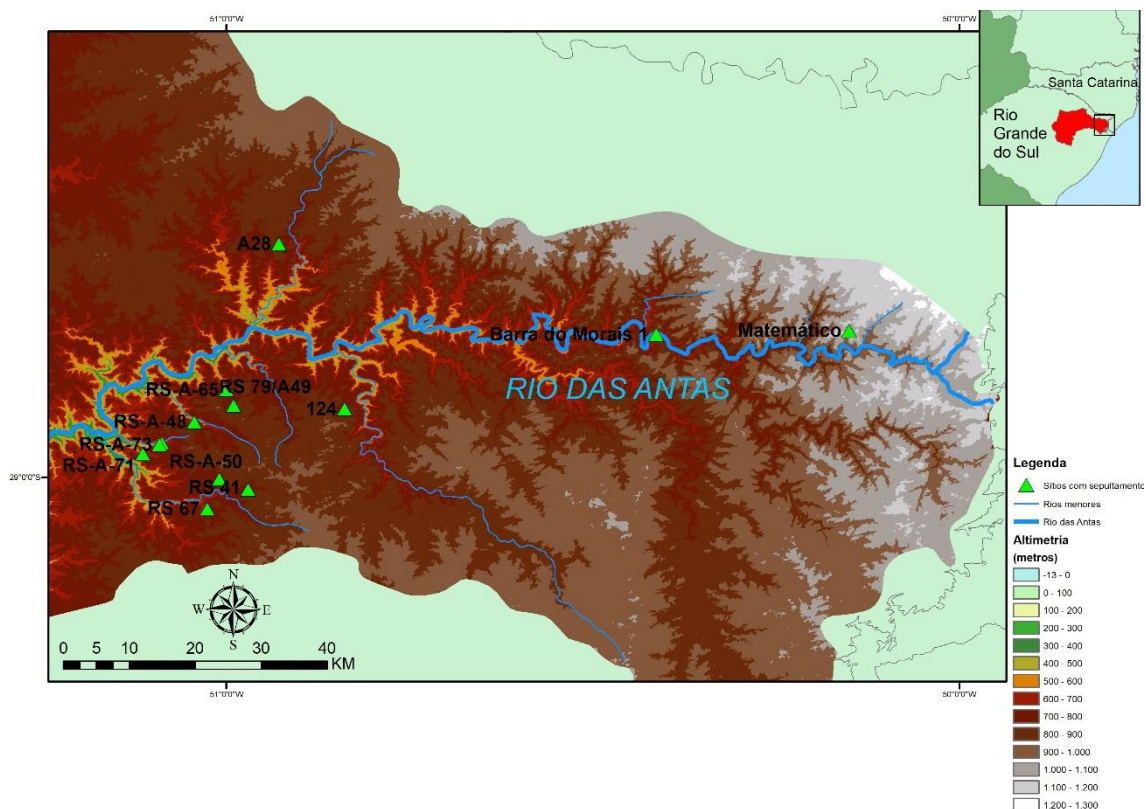


Gráfico 9: Rios principais da bacia do rio Taquari-Antas e os sítios arqueológicos. Autor:

Phellipe de Lima

Analisando a relação dos sítios com os rios principais, a maioria dos jazigos (20%, n=3) estão relacionados ao Rio São Marcos (de segunda ordem), mais especificamente em tributários desse rio; outros 20% (n=3) estão relacionados a um rio de menor intensidade, o Arroio Cafundó (primeira ordem), sendo dois diretamente ligados a eles e um ligado em tributários do rio; 13% da amostragem (n=2) está em tributários do Rio das Antas, em uma localidade onde o rio está muito grande e de muita intensidade, já tendo diversos tributários ligados a ele; 7% dos casos (n=1) está em um tributário de um rio menor, de primeira ordem (o Rio Quebra Dentes); outros 7% (n=1) estão relacionados a um tributário de uma seção menos hierarquizada do Rio das Antas (segunda ordem); o sítio Barra do Morais (7% da amostra) está diretamente ligado a uma parte de alta intensidade do Rio das Antas (terceira ordem). Ao somar todos os sítios que estão ligados ao Rio das Antas, veremos que esse rio possui 27% (n=4) dos sítios ligados a ele por tributários. Vejamos o mapa abaixo para mais algumas discussões:





Mapa 18: Sítios da bacia dos rios Taquari-Antas em relação ao Rio das Antas. Autor: Phellipe de Lima

Tomando como referência o principal rio da bacia, o Rio das Antas, algumas considerações devem ser feitas sobre a territorialidade. Seguindo o que Tommasino (1995) e Laroque (2006) dizem através da etnohistória, onde os rios maiores seriam delimitadores do território<sup>65</sup> Kaingang, enquanto rios

<sup>65</sup> Aqui uso o termo *território* igual Tommasino (1995), onde a autora toma emprestado o conceito de *território indígena* conforme Seeger e Viveiros de Castro (1979). Para Seeger e Castro, território indígena é um conceito que abrange as dimensões sócio-político-cosmológicas do grupo indígena, e a construção da identidade destes mesmos grupos indígenas está relacionada diretamente com a relação entre a mitologia destes grupos com o território. Ainda segundo Seeger e Viveiros de Castro, estes dados territórios são representativos de sítios da criação do mundo, de memória tribal e mapa dos cosmos. Já segundo Tommasino (1995), para os Kaingang o mito seria importante na construção de seus territórios, pois os Kaingang sempre se fixaram em terras do planalto, o que remete ao mito do dilúvio e ao *Krinjimbé*, montanha a qual foi a única que não foi inundada pelo grande dilúvio. Outro dado importante conforme Tommasino é de que para os Kaingang, seus territórios são relacionados diretamente com os mortos. Para os Kaingang, seus territórios também são onde estão enterrados seus antepassados, e também onde pretendem enterrar seus umbigos e cabeças (Tommasino, 1995, p. 72). Sendo assim, utilizo desta noção de território pois no meu caso de estudo, se trata de sítios dotados de ancestralidade pelo sepultamento dos antepassados, e além disto, como demonstrarei no capítulo 7 desta dissertação, estes sítios além de serem locais de fronteiras cosmológicas para os Jê do Sul, são lugares que representam o passado mitológico tal como o mito de origem, entre outros aspectos cosmológicos.

menores seriam representantes de subterritórios<sup>66</sup> de grupos locais Kaingang, podemos tirar algumas conclusões através do mapa acima<sup>67</sup>.

A Gruta do Matemático e o Perau das Cabeças estão representando subterritórios maiores, dentro do território da região do Rio das Antas, principalmente em sua margem direita, por possuírem um maior número de indivíduos se comparado aos outros sítios da região. Ambos os sítios estão na margem direita do Rio das Antas e são os únicos jazigos de sepultamento em paredões rochosos conhecidos da região nessa margem do rio das Antas e, justamente o sítio Perau das Cabeças tem um NMI de 65 indivíduos, enquanto a Gruta do Matemático possui aproximadamente 30 indivíduos, sendo os sítios com maior quantidade de indivíduos sepultados na bacia hidrográfica. E podemos ver diferenças também na organização desses cemitérios dentro dos subterritórios. Enquanto a Gruta do Matemático é um sítio onde há, além da cerâmica, grande número de sepultamentos, sepultamentos alongados e restos de conchas e contas de colar de fauna aquática (sem saber se é marinha ou lacustre); o Perau das Cabeças possui apenas restos de trançados, contas de colar de moluscos e conchas marinhas<sup>68</sup> no seu contexto funerário, demonstrando duas maneiras diferentes de criar um cemitério e de tratamento funerário, que pode ser explicado por serem de dois subterritórios diferentes.

O conjunto de sítios à margem esquerda do Rio das Antas representa outro ou outros subterritórios através de práticas funerárias diferentes, onde há a utilização de diversos abrigos ou grutas para o sepultamento de menos indivíduos, com basicamente nenhum acompanhamento funerário ou que foram perdidos com o tempo, o oposto do Perau das Cabeças e Gruta do Matemático, que estão na margem direita do Rio das Antas. O Rio das Antas então pode estar delimitando por duas ou três formas de sepultamento em sítios de paredões rochosos: à margem direita há um maior número de

---

<sup>66</sup> Novamente com base em Tommasino (1995), interpreto o termo *subterritório* aqui na minha dissertação como sendo referentes a grupos locais Jê do Sul.

<sup>67</sup> Sendo assim, com base em Tommasino (1995), na minha dissertação eu interpreto os grandes rios, que dão os nomes às bacias hidrográficas como sendo estes grandes territórios Jê do Sul, enquanto os rios menores, afluentes dos rios principais, são tratados aqui na pesquisa como subterritórios de grupos Jê do Sul locais.

<sup>68</sup> Como Beber (2004, p. 239) aponta, estas conchas marinhas no contexto funerário apresentam ou mobilidade, ou rede de trocas entre o Planalto e o litoral.

indivíduos, com formas de tratamento funerário maiores e diferentes tanto entre si quanto dos cemitérios à margem esquerda; enquanto na margem esquerda do território do Rio das Antas há a preferência em sepultar menos indivíduos, com menos acompanhamento funerário, porém em mais grutas ou abrigos.

#### 4.1.5 Os sítios e os artefatos

Acerca dos artefatos encontrados nos sítios de sepultamento em paredões rochosos da bacia do Taquari-Antas, trago o gráfico abaixo:

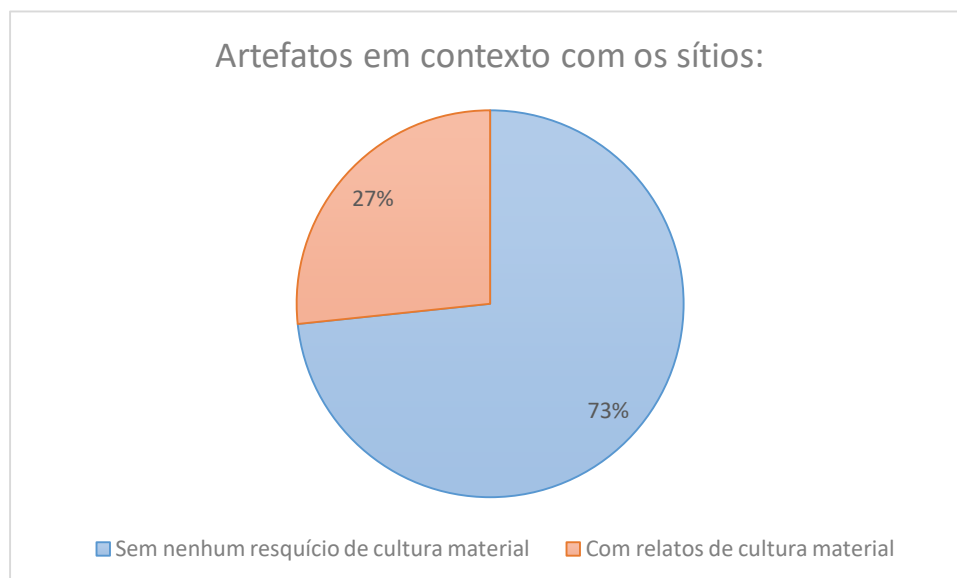


Gráfico 10: Sítios com e sem artefatos na bacia do rio Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima

Setenta e três por cento (73%) dos sítios arqueológicos estudados na bacia do Taquari-Antas não apresentam nenhum relato de artefatos. Os sítios são estes: Barra do Morais I, RS 67, RS 41, RS-A-65, RS-A-49, RS-A-48, RS-A-70, RS-A-50, RS-A-73, RS-A-71 e Jaquirana.

Os outros quatro sítios (27%) que possuem relatos são os sítios Gruta da Caveira, Gruta do Matemático, RS 124 e o Perau das Cabeças. Segue abaixo uma tabela com os artefatos proveniente desses sítios:

Tabela 14: Artefatos dos sítios da bacia do Taquari-Antas. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Lítico:	Pontas de flecha:	Cerâmica:	Trançados:	Conchas:	Contas de colar:	Louça:	Fogo:	Macrobotânicos:	Madeira:	Petróglifos:	Fauna:
<b>Gruta da Caveira</b>	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Gruta do Matemático</b>	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
<b>RS 124</b>	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Perau das Cabeças</b>	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim

Podemos perceber que os artefatos desses cemitérios em paredões rochosos são bem diversificados entre os quatro sítios. De forma unânime, percebemos que os petróglifos, assim como as pontas de flecha, não são importantes para as práticas funerárias desse tipo de cemitério nessa bacia hidrográfica, além do fato de não haverem fragmentos de louça. O lítico aparece em três desses sítios, com exceção do Perau das Cabeças. Os vestígios macrobotânicos, assim como fragmentos de madeira e resquícios de fogo (cremação e áreas de combustão), só aparecem na Gruta do Matemático. As conchas, apesar de aparecerem na Gruta da Caveira, Gruta do Matemático e Perau das Cabeças, apenas na Gruta do Matemático aparentam não terem sido utilizadas como adornos na forma de contas de colar. Para o sítio Perau das Cabeças, Beber (2004) sugere hipótese acerca de uma rede de trocas ou mobilidade entre o planalto e o litoral pelo fato de que as conchas encontradas no sítio são marinhas. Não há informações se as conchas dos sítios Gruta do Matemático e Gruta da Caveira são marinhas ou não, o que impede qualquer interpretação similar à de Beber.

A cerâmica Jê do Sul só surge na Gruta do Matemático e no RS 124. Além da cerâmica, há também a presença de cremações e áreas de combustão, além de sepultamentos alongados e em formas de aterro. Assim como Corteletti (2012) aponta, creio que seja sinal de um tipo de hibridismo entre os sepultamentos em montículos e em paredões rochosos. Porém, estou em dissonância com o mesmo autor acerca de uma de suas hipóteses: a transição de cemitérios em grutas ou abrigos para montículos. O termo

*transição*, a meu ver, implica interpretar que há o uso e depois o desuso dos cemitérios em abrigos ou grutas, dando lugar para os sepultamentos e cremações em montículos. Como demonstrado no capítulo 3 desta dissertação, depois de 1000 A.D., os dois tipos de sepultamento são utilizados, não demonstrando, em qualquer momento, nos dados, o desuso dos sítios em abrigos e grutas como local de sepultamento dos mortos, o que demonstra que ambas as práticas funerárias coexistiram, como demonstrado no caso do sítio 3 de Mayo, um cemitério em paredão rochoso ser contemporâneo ao sítio PM01, um montículo funerário, em Misiones na Argentina.

Conforme a análise espacial dos sítios no contexto da bacia hidrográfica dos rios Taquari-Antas, os sítios com maior quantidade de indivíduos sepultados (Perau das Cabeças e Gruta do Matemático) estão nas faixas de maior altitude da região. Além disso, ambos são os únicos sítios (além do Barra do Morais) que estão na margem direita do Rio das Antas, o principal da bacia hidrográfica. Não aparenta que o tamanho da fenda no paredão rochoso foi um fator definidor para a escolha do lugar, para o maior ou menor número de indivíduos a serem sepultados, já que o sítio Perau das Cabeças possui pequenas fendas. Sobre a tipologia dos cemitérios conforme a SBE, o sítio RS-A-49 é o único da bacia que é um abrigo sob rocha; para a Gruta do Matemático, Barra do Morais, RS 67 e o sítio em Jaquirana, não constam informações sobre as dimensões, então não foi possível definir a tipologia; os sítios Gruta da Caveira, RS 41, RS-A-65, RS-A-48, RS-A-70, RS-A-50, RS-A-73, RS-A-71 e o sítio Perau das Cabeças são todas grutas.

Alguns dos dados mais interessantes são em relação dos sítios arqueológicos com a hidrografia da bacia. Fato marcante é que 80% dos sítios possuem cascatas em seu contexto, também é notório que 13% dos sítios possuem relações com áreas de erosão por drenagem de rios e arroios, demonstrando a importância da água no contexto funerário, principalmente quando na forma de cascatas. Tanto as cascatas, quanto os rios, as montanhas e grutas são fronteiras do plano sociológico Kaingang, que formam fronteiras sociais entre os vivos e os mortos, conforme é possível de ver em Rosa (2005), o que indica que as grutas e o abrigo da região da bacia do rio Taquari-Antas são locais de fronteira entre os vivos e os mortos.

Os fatores cachoeira e rio também são importantes quanto a ancestralidade desses grupos, pois materializam o próprio mito de origem Jê do Sul, em especial o mito de origem Kaingang: Kamé e Kanhru morreram em um dilúvio (Rosa, Almeida, 2004; Rosa, 2005; Tommasino, 1995; Veiga, 2000) e, ao morrerem nesse dilúvio, foram morar no centro da serra, pois o *numbé* (mundo dos mortos) fica no interior de um paredão, depois Kamé e Kanhru saem de dentro da terra para povoar novamente a terra (Veiga, 1994). Então a fenda no paredão rochoso, que na arqueologia é chamado de grutas ou abrigos, aliados às cascatas e rios, presentificam tanto o local de morada das almas de Kamé e Kanhru (na forma das fendas, no paredão rochoso), quanto as águas que os mataram (na forma de rios e cascatas), e além disso, a fenda no paredão rochoso remete ao próprio *numbé* Kaingang, que fica no interior de um paredão rochoso.

Em Rosa (2005) constam informações de que as águas diluviais, as águas da morte, seriam as águas que correm do leste para o oeste e as águas que nascem do topo da serra. Interpreto que as águas que nascem do topo da serra sejam as águas das cascatas, pois naturalmente uma cascata visualmente cai “nasce” de um local mais elevado, então em 80% dos sítios há esse fator da paisagem que presentifica as águas diluviais e da morte que nascem do topo da serra. Acerca da direção leste-oeste, 40% dos sítios estão relacionados a cursos d’água que correm do leste para o oeste. Se excluirmos os pontos colaterais da equação e considerarmos apenas os pontos cardeais, a proporção aumenta, pois o número dos sítios que estariam em contexto com um curso d’água que corre do leste para o oeste seria de 60%, o que demonstra que a maioria dos sítios possuem também as águas diluviais e da morte na forma de cursos d’água que correm do leste para o oeste. Essas análises e interpretações pautadas na ontologia e cosmologia Jê do Sul são abordadas no capítulo 7.

#### **4.2 Sítios na região da bacia dos rios Caí e Sinos**

A segunda bacia hidrográfica a ser estudada aqui é a dos rios Caí-Sinos, a qual é vizinha da bacia hidrográfica dos rios Taquari-Antas. Há um total de quatro cemitérios em abrigos ou grutas nessa bacia: RS 39, RS-S-328 ou sítio Caipora, e os sítios Virador I e II. Para os sítios Caipora, Virador I e II, nós

possuímos datas, porém o caso dos sítios Virador são excepcionais, pelo fato de possuírem sepultamentos que puderam ser observados em sua deposição original e por existir arte rupestre em seu contexto.

Segundo o SEMA-RS<sup>69</sup>, a bacia do rio Caí está situada na região Nordeste do Rio Grande do Sul, numa área que abrange a Depressão Central e o Planalto Meridional, com uma área de 4.945,70 km<sup>2</sup>, suas nascentes localizadas “em São Francisco de Paula, a 1000 m de altitude”. Tem como rios afluentes principais os rios Cará, Cadeia, Forromeco, Mauá, Maratá e Piaí.

Já a bacia do rio dos Sinos, ainda segundo o SEMA-RS<sup>70</sup>, está localizada a nordeste do Rio Grande do Sul, também abrangendo as regiões do Planalto Meridional e da Depressão Central, tendo uma área de 3.746,68 km<sup>2</sup>. Os rios afluentes principais dessa bacia são o Rio Rolante, da Ilha e Paranhana.

Segue abaixo uma tabela com as coordenadas dos sítios arqueológicos e a fonte utilizada para a obtenção dos dados:

Tabela 15: Sítios da bacia dos rios Caí-Sinos com suas coordenadas e fonte utilizada. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	X:	Y:	Fonte:
RS 39	498597	6773133	Corteletti (2008)
Sítio Caipora	557804	6709448	Dias (2003); Spindler (2004); Brentano & Schmitz (2006)
Virador I	467999	6720573	Ribeiro (1975); Dias & Neubauer (2010)
Virador II	468170	6720560	Ribeiro (1975); Dias & Neubauer (2010)

#### 4.2.1 Implantação dos sítios conforme altitude

As altitudes dos sítios RS 39 e RS-S-328 (Caipora) são referentes aos dados proporcionados pelos pesquisadores que descreveram e estudaram os sítios: Corteletti (2008) e Dias (2003), respectivamente. Já em relação aos sítios Virador I e Virador II, as altitudes foram estimadas através das coordenadas presentes em Dias & Neubauer (2010). Os dados seguem conforme tabela abaixo:

<sup>69</sup> Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/g030-bacia-hidrografica-do-rio-cai>

<sup>70</sup> Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/g020-bacia-hidrografica-do-rio-dos-sinos>

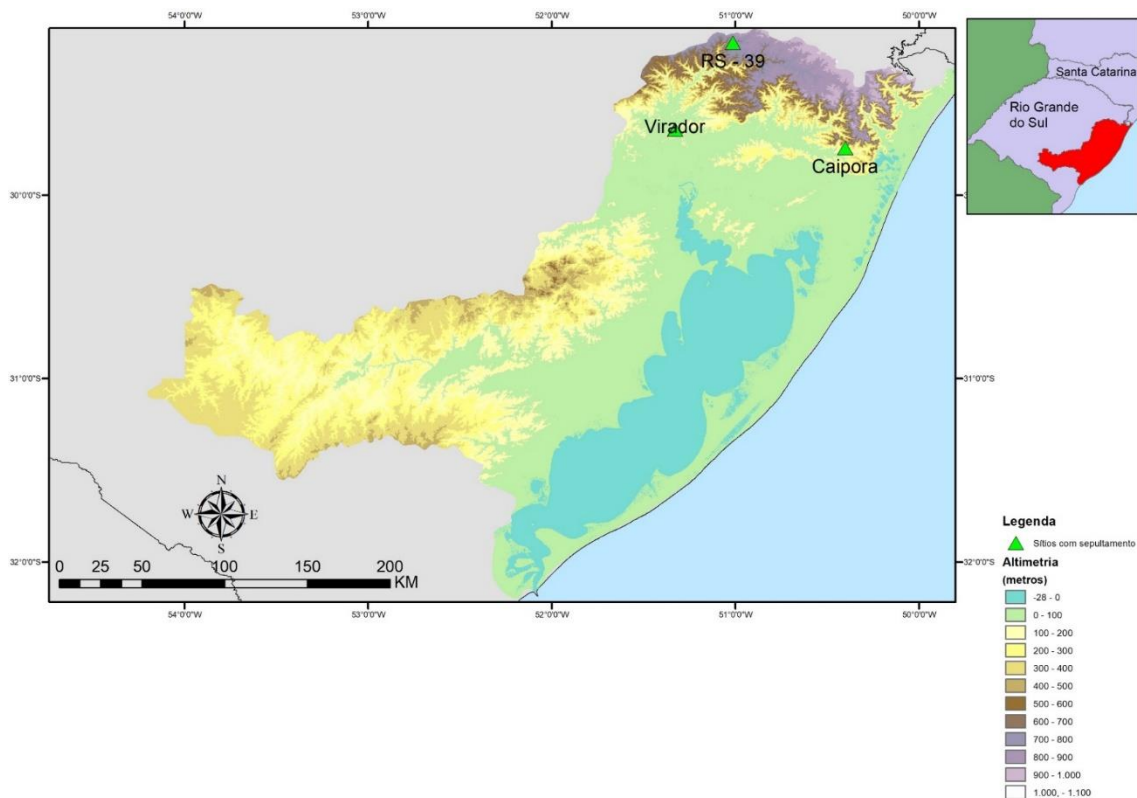
Tabela 16: Dados altimétricos dos sítios na bacia dos rios Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima

<b>Sítio:</b>	<b>Altitude (m):</b>
<b>RS 39</b>	700
<b>Sítio Caipora</b>	300
<b>Virador I</b>	137
<b>Virador II</b>	118

Ao compararmos esses dados com o caso da bacia do Taquari-Antas, percebemos que as altitudes dos sítios na bacia dos rios Caí e Sinos são amplamente discrepantes. No caso do Taquari-Antas, temos uma variedade altimétrica entre 642 e 997 m para os treze sítios (exclui-se aqui os sítios em Jaquirana e a Gruta da Caveira, que não possuímos as coordenadas), o que é representado por uma média de altitude estipulada em 763 m, enquanto a média dos sítios da bacia dos rios Caí-Sinos é de 313 m. É importante notar também que, em contraste com os sítios mais interessantes da bacia do Taquari-Antas (Perau das Cabeças e Gruta do Matemático), que estão em altitudes mais elevadas da própria bacia, os sítios mais importantes da região do rio Caí-Sinos estão em baixas altitudes (137 e 118 m), se compararmos com os outros jazigos da região e em partes mais baixas da própria bacia hidrográfica. Outro fato importante é que os sítios da região do Caí-Sinos estão todos na região norte da bacia hidrográfica, relativamente próximos da bacia do Taquari-Antas, enquanto nas regiões mais afastadas da bacia não há indícios de sepultamentos em grutas ou abrigos.

No caso dos dados da bacia dos rios Caí-Sinos a média de altitude está estipulada em 313 m. Segue abaixo mapa altimétrico da bacia do Caí-Sinos:





Mapa 19: Mapa altimétrico da região da bacia do Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima

#### 4.2.2 Os sítios e as suas dimensões: abrigos ou grutas?

Vejam os dados:

Tabela 17: Dimensões dos sítios da bacia do rio Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Dimensão abertura (m):	Dimensão altura (m):	Dimensão profundidade (m):	Tipologia do sítio:
RS 39	2	0,7	3,5	Gruta
Sítio Caipora	5,4	2,5	8	Gruta
Virador I	39,7	8,5	10,6	Gruta
Virador II	17,2	3,1	6	Gruta

Por meio desses dados percebemos que todos os sítios da região da bacia do rio Caí-Sinos são grutas.

O tamanho dos sítios arqueológicos não tem uma correlação com a questão da quantidade de indivíduos sepultados no cemitério. O sítio Caipora, considerado pequeno e muito menor que os sítios Virador I e II, possui um NMI de 36 indivíduos conforme estudo de Brentano & Schmitz, 2006. Os jazigos Virador I e II possuem um total de NMI somados de 9. Porém, é nos maiores

sítios da bacia hidrográfica, Virador I e Virador II, que há um contexto muito interessante: o caso do Virador I, onde além de sepultamentos humanos, há a arte rupestre; e o Virador II onde tem sepultamentos múltiplos.

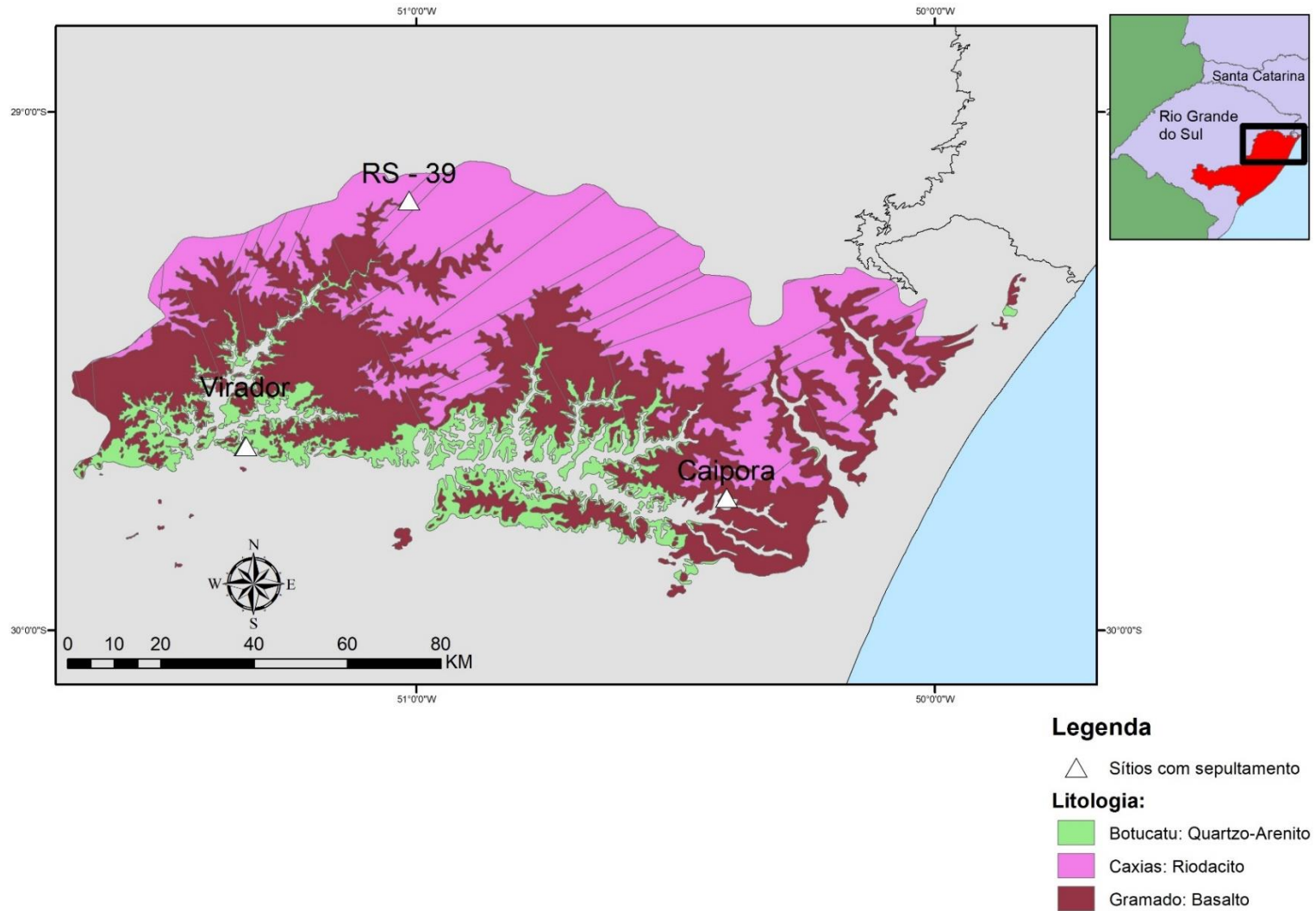
Na bacia do Caí-Sinos, dois sítios são considerados pequenos: o RS 39 e o Caipora. Existe um sítio médio (Virador II) e um sítio grande (Virador I).

#### 4.2.3 Os sítios arqueológicos em relação com a litologia

Ainda com a ajuda do Atlas Hidrogeológico do Brasil ao Milionésimo SH-22 Porto Alegre, os dados conforme a litologia dos sítios segue abaixo, seguido do mapa litológico nas quais os sítios estão inseridos:

Tabela 18: Litologia dos sítios da bacia dos rios Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima

<b>Sítio:</b>	<b>Litologia:</b>
<b>RS 39</b>	Caxias: Riodacito
<b>Sítio Caipora</b>	Gramado: basalto
<b>Virador I</b>	Botucatu: Quartzo-Arenito
<b>Virador II</b>	Botucatu: Quartzo-Arenito



Mapa 20: Mapa litológico da região da bacia do Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima

Os sítios Virador estão ambos na formação Botucatu, que é do período Jurássico (anterior à formação Serra Geral). Ainda segundo o mapa geológico do estado do Rio Grande do Sul, a formação Botucatu é descrita como sendo composta por “arenito fino a grosso, grãos bem arredondados e com alta esfericidade, dispostos em *sets/cosets* de estratificação cruzada de grande porte. Ambiente continental desértico, depósitos de dunas eólicas”.

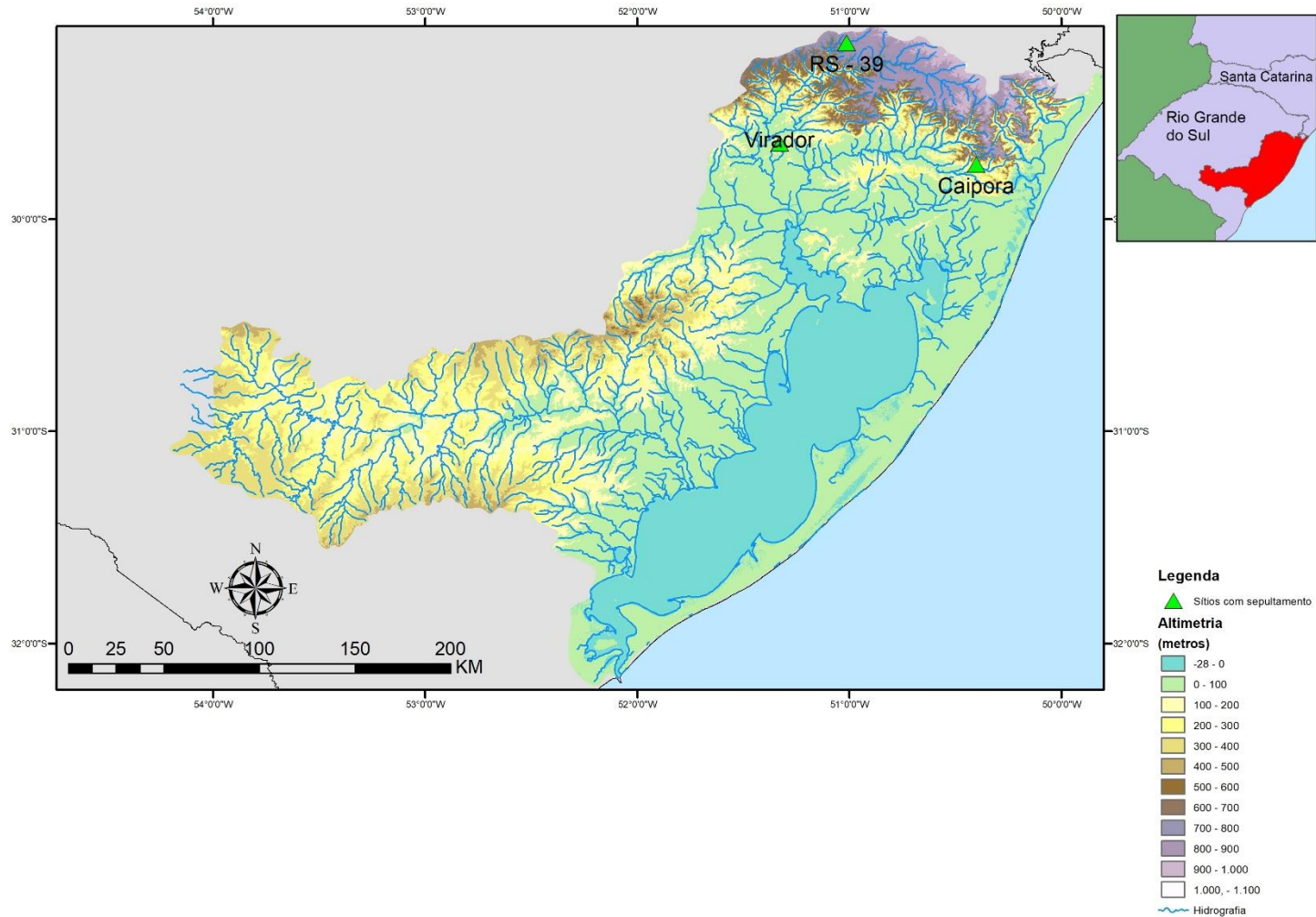
O arenito, segundo o glossário geológico ilustrado<sup>71</sup>, é descrito como sendo uma “rocha sedimentar clástica cujas partículas são predominantemente do tamanho de areia (0,62 a 2,00 mm de diâmetro)”. O fato da litologia ser escrita Quartzito-Arenito, conforme a tabela anterior, é pelo fato de que, ainda segundo o glossário, “a designação arenito sem indicações adicionais, costuma subentender rocha rica em quartzo”, adotando outras denominações caso possua outros minerais em sua composição em quantidades significativas. Portanto, os sítios Caipora e RS 39 (que está basicamente no limite entre as duas bacias) seguem a litologia encontrada nas bacias Taquari-Antas, porém os sítios Virador I e II estão implementados em litologias diferentes.

#### **4.2.4 Os sítios arqueológicos conforme a hidrografia**

Através dos dados fornecidos pelos autores e através dos mapas confeccionados, apresento mapa e a tabela com os dados abaixo:

---

<sup>71</sup> Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/glossario/>



Mapa 21: Mapa hidrográfico da região da bacia do Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima

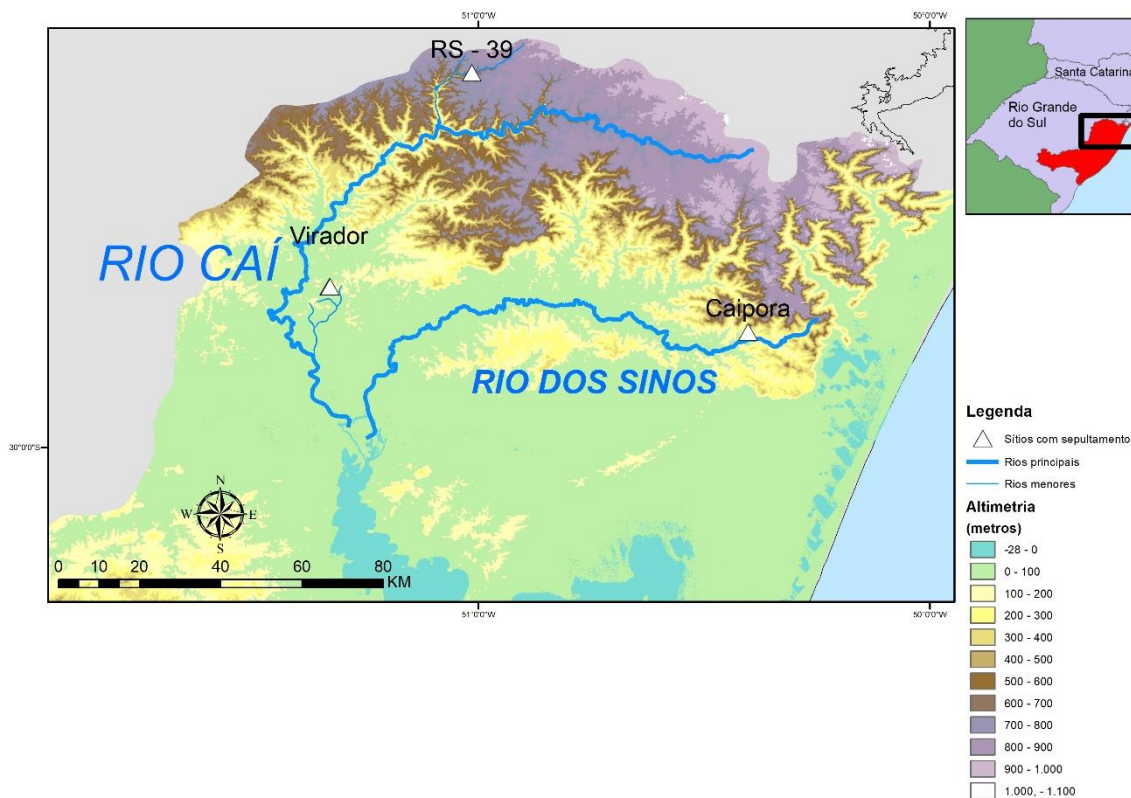
Tabela 19: Dados hidrográficos dos sítios da bacia do rio Cai-Sinos. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Hierarquia fluvial do sítio:	Direção da hierarquia fluvial:	Margem da hierarquia fluvial:	Rio principal mais próximo:	Direção do rio principal:	Relação entre a hierarquia fluvial e o rio principal:	Forma de água corrente <i>in situ</i> :	Distância da fonte d'água <i>in situ</i> :
<b>RS 39</b>	Primeira ordem	Nordeste-Sudoeste	Esquerda	Rio Piaí (primeira ordem)	Nordeste-Sudoeste	É o rio o qual o sítio está inserido	Arroio	<50m
<b>Sítio Caipora</b>	Arroio	Nordeste-Sudoeste	-	Rio dos Sinos (segunda ordem)	Leste-Oeste	Tributário	-	-
<b>Virador I</b>	Arroio	Leste-Oeste	-	Rio Cadeia (terceira ordem)	Nordeste-Sudoeste	Tributário	Arroio	In situ
<b>Virador II</b>	Arroio	Leste-Oeste	-	Rio Cadeia (terceira ordem)	Nordeste-Sudoeste	Tributário	Arroio	In situ

Diferentemente do que acontece na bacia do Taquari-Antas (que possui cascatas em seu contexto), 75% dos sítios da bacia do Cai-Sinos (n=3) possuem arroios como forma de água corrente em seu contexto, sendo 50% (n=2) *in situ* e apenas um caso distando menos de 50 m.

A maioria dos sítios da bacia está relacionada a cursos d'água de menor porte: três casos (75%) estão em arroios, e apenas um sítio está relacionado a um rio de primeira ordem. Em relação ao curso da hierarquia fluvial, na qual os sítios estão inseridos, há uma igualdade: 50% dos sítios estão em curso d'água que correm do nordeste para o sudoeste e os outros 50% estão em curso d'água de leste para o oeste, o que demonstra a preferência por cursos d'água que corram do leste para o oeste (principalmente se levarmos em conta apenas os pontos cardeais).

Os sítios inseridos em tributários são 75% (n=3), enquanto apenas um sítio está em um curso d'água maior. Acerca dos rios principais aos quais os sítios estão ligados de alguma forma, a direção deles é majoritariamente do nordeste para o sudoeste (75%), enquanto em um caso a direção é do leste para o oeste, o que representa semelhanças com o caso da bacia do Taquari-Antas: em ambas as bacias, a preferência para a escolha de locais para os cemitérios é em tributários de rios maiores que possuam uma direção baseada de leste para oeste.



Mapa 22: Sítios da bacia dos rios Caí-Sinos em relação aos rios Caí e Rio dos Sinos.

Autor: Phellipe de Lima

Na região da bacia dos rios Caí-Sinos apenas o sítio Caipora está no rio dos Sinos, enquanto os sítios RS-39, Virador I e II estão na região do Rio Caí. Há a possibilidade dos três sítios estarem representando três subterritórios diferentes, e esses subterritórios são refletidos nas práticas funerárias. O sítio RS-39 segue um pouco as práticas dos sítios da margem esquerda do Rio das Antas, onde não há acompanhamento funerário, além de existir poucos remanescentes ósseos nos cemitérios. Os sítios do Virador I e II, na margem esquerda do próprio rio Caí, são excepcionais, pois além de cerâmica Jê do Sul, há a arte rupestre (que é discutida na próxima seção e no capítulo 6) Kaingang e há poucos indivíduos sepultados. O sítio Caipora, único da região do rio dos Sinos, possui um grande número mínimo de indivíduos sepultados, com quase nenhum acompanhamento funerário, o que representa que nas três regiões da bacia há maneiras diferentes de práticas funerárias em paredões rochosos, que podem refletir subterritórios diferentes desses Jê do Sul.

#### 4.2.5 Os sítios e os artefatos

Observe a tabela abaixo para acompanhar a comparação destes resultados com os da bacia do Taquari-Antas:

Tabela 20: Artefatos dos sítios da bacia do Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Lítico:	Pontas de flecha:	Cerâmica:	Trançados:	Conchas:	Contas de colar:	Louça:	Fogo:	Macrobotânicos:	Madeira:	Petroglifos:	Fauna:
RS 39	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Sítio Caipora	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Virador I	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Virador II	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não	Sim

Os trançados de fibra vegetal não aparecem nesses sítios da região do Caí-Sinos. Há também a possibilidade da inexistência desses remanescentes de trançados pelo fato que, como são remanescentes orgânicos, tendem a desaparecer mais facilmente do registro arqueológico.

Assim como os sítios da bacia do Taquari-Antas, as pontas de flecha não são importantes no contexto funerário da bacia, pois em nenhum dos quatro casos da bacia do Caí-Sinos há a presença dessas pontas. Porém peças líticas, como lascas, estão presentes na maioria (75%) dos sítios arqueológicos dessa região.

Em relação aos fragmentos de cerâmica, há esse traço de materialidade em 50% dos sítios da bacia. Um deles, sabemos que é o Virador I e que possui uma datação posterior a 1000 A.D. É interessante notar que os sítios que citei até então no capítulo 4, que possuem datações posteriores a 1000 A.D. (Virador I e Gruta do Matemático), além de possuírem cerâmica, possuem a questão do fogo no contexto funerário.

No caso do Virador II, apesar de termos tanto a cerâmica quanto a questão do fogo, falta uma datação para podermos afirmar com clareza que é um sítio do período 1000 A.D. ou posterior a essa data, mas a proximidade com o sítio Virador I (tanto geograficamente quanto acerca da materialidade). Mas as mudanças nas práticas funerárias, assim como a presença de cerâmica e do fogo em forma de cremações ou áreas de combustão, que surgem por volta do período de 1000 A.D., permite a especulação do sítio ser desse período posterior ou próximo de 1000 A.D.



Na bacia dos rios Caí-Sinos há apenas resquícios de conchas de água doce nos casos dos sítios Virador, porém as conchas, explicitamente na forma de contas de colar, surgem apenas no Virador I. O fato dessa concha ser de água doce indica que a proveniência desse artefato não é de mobilidade entre o litoral e o Planalto, diferentemente do que Beber (2004) notou para alguns sítios da bacia dos rios Taquari-Antas.

Há resquícios macrobotânicos apenas nos casos dos sítios Virador I e II. Nos casos desses sítios, apenas coco gerivá *arecastrum romanzoffianum* (Ribeiro, 1975).

Acerca da fauna, 50% dos sítios possuem remanescentes faunísticos em contexto funerário (Virador I e II). Nos casos do Virador I e II há relatos, segundo Ribeiro (1975, p. 13) de anta (*tapirus americanos*), veado (cervídeos), porco-do-mato (*tayassu* sp.) e roedores, “como o rato, ratão do banhado (*myocastor coypus*), cutia (*dasiprocta azarae*)”, também há relatos de tatu (*dasipodideos*) e de lagarto (*tupinambis teguixin*), além de aves que não foram identificadas.

Também é notável o fato de apenas o sítio Virador I possuir petróglifos, como comentado anteriormente, e esses serem relacionáveis com os grafismos Kaingang conforme análise de Silva (2001).

Em uma análise geral da bacia, em contraste com os sítios da bacia dos rios Taquari-Antas, os sítios mais “importantes” (com maior número de indivíduos ou tipos mais elaborados de práticas funerárias) da região do Caí-Sinos estão em altitudes menores, tanto em relação com a altitude relativa à própria bacia do rio Caí-Sinos, quanto ao comparar os dados com os sítios da bacia hidrográfica vizinha. Acerca das dimensões, todos os sítios da região dessa bacia hidrográfica são grutas, e assim como no caso da bacia do rio Taquari-Antas, não necessariamente o maior número de sepultamentos em sítios está relacionada com o tamanho do sítio, porém é notável que os sítios com práticas funerárias mais elaboradas (Virador I e Virador II) são os maiores sítios dessa região.

Quanto a hidrografia na qual os sítios estão inseridos, diferentemente do que ocorre na bacia dos rios Taquari-Antas, onde a maioria dos casos de água corrente *in situ* são provenientes de cascatas, nos sítios da bacia dos rios Caí-

Sinos, a água corrente continua sendo importante para a paisagem dos cemitérios, porém na forma de arroios. Outro dado importante é sobre a direção dos cursos d'água: em dois sítios a forma de água corrente tem um curso do leste para o oeste; enquanto nos outros dois casos são do nordeste para o sudoeste. Levando em conta apenas os pontos cardeais, é notável que em todos os sítios há a predominância de cursos d'água que possuem curso do leste para o oeste. Sendo assim, os cursos d'água remetem também às águas diluviais e da morte, que correm do leste para o oeste, assim como na bacia dos rios Taquari-Antas. Somando o fator hídrico às fendas no paredão rochoso, que constituem os sítios em abrigos e grutas, temos nesses cemitérios da bacia dos rios Caí-Sinos a mesma dinâmica de ancestralidade, onde a paisagem do sítio remete ao mito de origem, tanto dos Kaingang quanto dos Laklãnõ. Em relação aos Kaingang, o dilúvio que matou Kamé e Kanhru está sendo presentificado pelas fontes d'água *in situ* ou próximas, que correm do leste para o oeste, enquanto tanto o mundo dos mortos quanto a morada que Kamé e Kanhru viveram antes de retornar à superfície para povoar o mundo, são representados pelas fendas nos paredões rochosos. Em relação aos Laklãnõ, as grutas e os abrigos e as formas de água corrente materializam tanto os *klêdo* quanto os *vājěky*. Assim como no caso da bacia dos rios Taquari-Antas, esse contexto mitológico e cosmológico é melhor discutido no capítulo 7.

#### 4.3 Sítios na região da bacia do rio Pelotas

Segundo o Ministério do Meio-Ambiente<sup>72</sup>, a bacia do rio Pelotas possui uma área de 13.227 km<sup>2</sup>, fazendo a divisão entre os estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, e possui os rios Lavatudo, Pelotinhas, Vacas Gordas e Lajeado dos Portões, como principais afluentes.

Na região da bacia do rio Pelotas existem um total de seis abrigos ou grutas com sepultamentos, que são eles: Capão dos Ossinhos<sup>73</sup>, Vacas Gordas I<sup>74</sup>, Gruta do Lavatudo, Gruta Santa Bárbara<sup>75</sup>, Invernada do Moleque e Gruta

---

<sup>72</sup> Disponível em:

[https://www.mma.gov.br/estruturas/161/publicacao/161\\_publicacao03032011023025.pdf](https://www.mma.gov.br/estruturas/161/publicacao/161_publicacao03032011023025.pdf)

<sup>73</sup> Identificado por Piazza (1962) como SC-SJ-01.

<sup>74</sup> Identificado por Rohr (1971) como SC-Urubici-28.

Rio dos Altos. Esses sítios foram estudados ou descritos por Almeida (2014), Corteletti (2012), De Lima (2017), Piazza (1962, 1966b) e Rohr (1971). Segue abaixo uma tabela com as coordenadas dos sítios arqueológicos e as respectivas fontes utilizadas para a obtenção dos dados:

Tabela 21: Sítios da bacia do rio Pelotas com suas coordenadas e fonte utilizada. Autor: Phellipe de Lima

<b>Sítio:</b>	<b>X:</b>	<b>Y:</b>	<b>Fonte:</b>
<b>Capão dos Ossinhos</b>	610387	6904106	Camila Espindola (2019)
<b>Vacas Gordas I</b>	631711	6889371	Almeida (2014); Corteletti (2012); Piazza (1966b); Rohr (1971)
<b>Gruta Santa Bárbara</b>	634787	6880038	Almeida (2014); Corteletti (2012); Piazza (1966b); Rohr (1971)
<b>Gruta do Lavatudo</b>	638135	6887924	Corteletti (2012); De Lima (2017); Piazza (1966b)
<b>Invernada do Moleque I</b>	617908	6873620	Corteletti (banco de dados pessoal); Piazza (1962, 1966b)
<b>Abrigo Rio dos Altos</b>	623990	6848124	Corteletti (banco de dados pessoal); Piazza (1966b)
<b>Celso Cardoso</b>	480225	6920268	Corteletti (banco de dados pessoal)

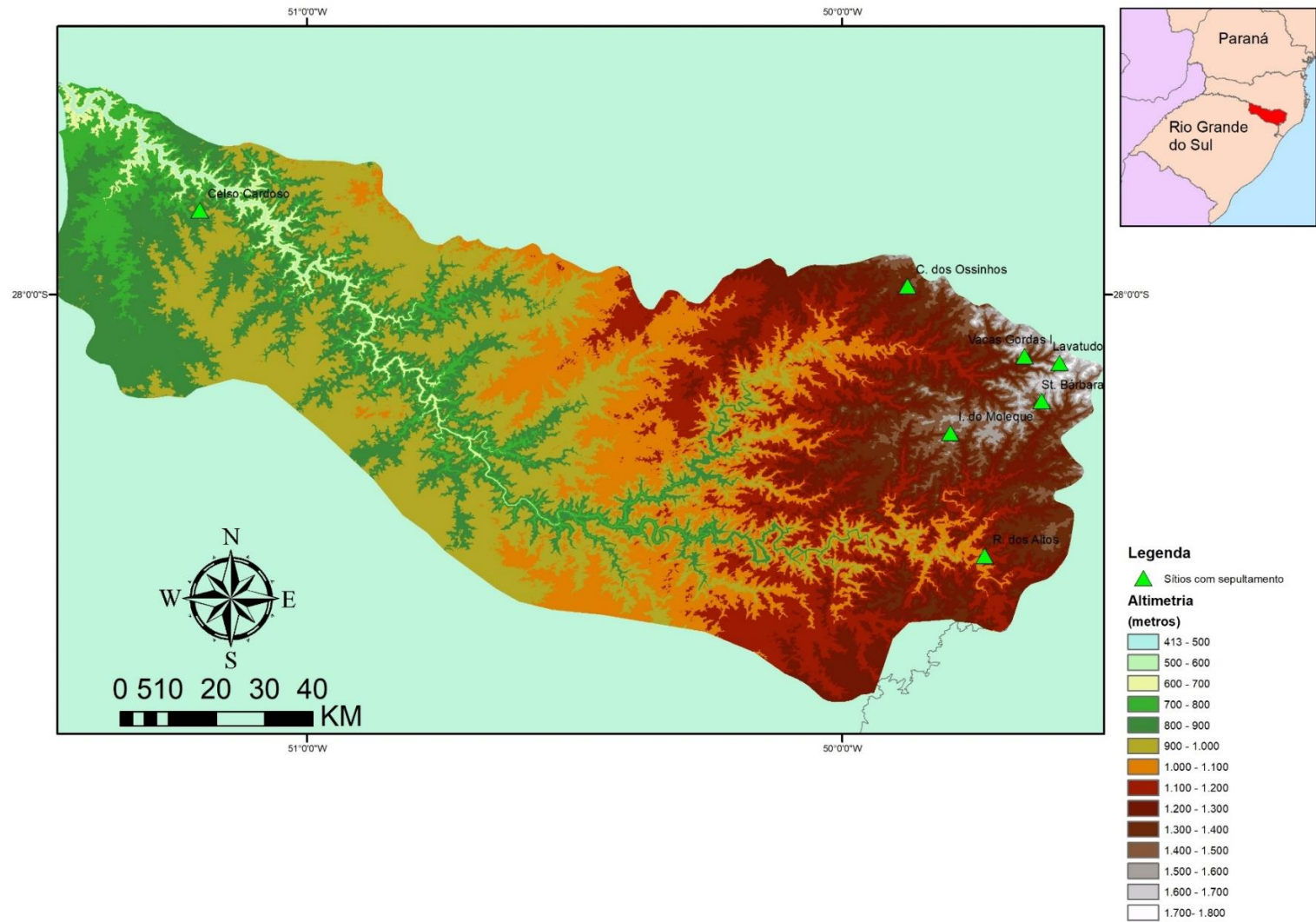
#### 4.3.1 Implantação dos sítios conforme a altitude:

As informações sobre a altitude dos sítios Capão dos Ossinhos, Invernada do Moleque e Celso Cardoso foram obtidas através do Google Earth, porque não existe nenhuma informação acerca da altitude onde os sítios estão implantados nas fontes originais. Sobre os cemitérios Vacas Gordas I, Santa Bárbara, Lavatudo e Rio dos Altos, as altitudes são conforme as publicações originais dos respectivos autores. Com isso, segue abaixo o mapa e a tabela com a altitude dos sítios arqueológicos:

Tabela 22: Dados altimétricos da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima

<b>Sítio:</b>	<b>Altitude:</b>
<b>Capão dos Ossinhos</b>	1318
<b>Vacas Gordas I</b>	1452
<b>Gruta Santa Bárbara</b>	1424
<b>Gruta do Lavatudo</b>	1459
<b>Invernada do Moleque I</b>	1529
<b>Abrigo Rio dos Altos</b>	1097
<b>Celso Cardoso</b>	833

<sup>75</sup> Identificado por Rohr (1971) como SC-Urubici-27.



Mapa 23: Mapa altimétrico da região da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima

A preferência para a implementação desses cemitérios na paisagem é em locais de patamares mais elevados da bacia hidrográfica. Com exceção do sítio Celso Cardoso (que ainda assim está em uma altitude elevada, de 833 metros), os outros seis sítios que temos ciência estão em altitudes acima de 1000 m.

Esses sítios estão em patamares muito mais elevados dos que as bacias do Taquari-Antas e do Caí-Sinos, a altitude média entre os sete sítios arqueológicos da bacia do rio Pelotas está em 1301 metros, enquanto o Taquari-Antas possui uma média de 763 m e o Caí-Sinos uma média de 313 m.

O gráfico abaixo demonstra que a maioria dos sítios (43%, n=4) está inserida na faixa de altitude que compreende 1401-1500 m, Gruta Santa Bárbara, Vacas Gordas I, Gruta do Lavatudo. Enquanto as outras faixas de altitude possuem um sítio cada. É um fato interessante também que a Gruta Santa Bárbara e do Lavatudo, sítios com maior número de indivíduos sepultados, estão em altitudes bastante elevadas da bacia hidrográfica, assim como nos casos dos sítios Perau das Cabeças e Gruta do Matemático, da bacia do Taquari-Antas, o que demonstra que, nessas duas regiões hidrográficas, os sítios mais importantes estão implantados em locais de maior altitude de suas respectivas regiões.

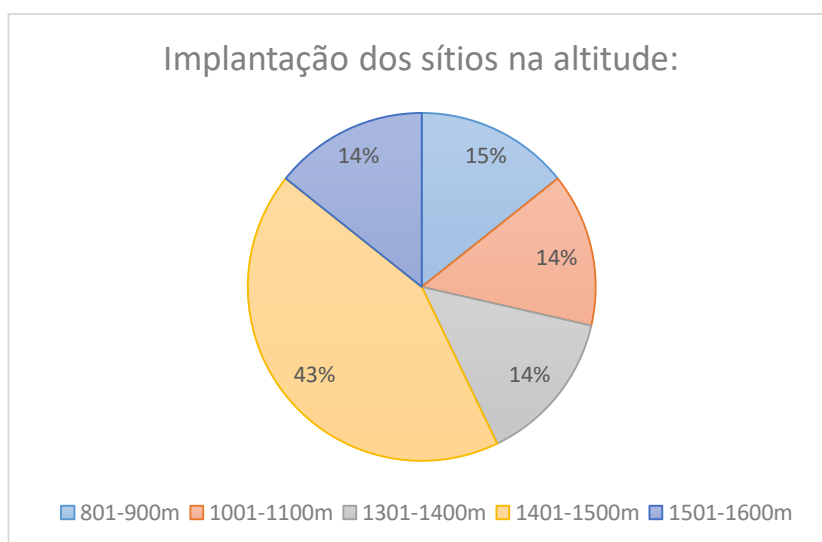


Gráfico 11: Altitudes dos sítios da bacia do Caí-Sinos. Autor: Phellipe de Lima

#### 4.3.2 Os sítios e suas dimensões: abrigos ou grutas?

Segue abaixo a tabela com os dados das dimensões dos sítios da bacia dos rios Caí-Sinos:

Tabela 23: Dimensões dos sítios da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Dimensão abertura (m):	Dimensão altura (m):	Dimensão profundidade (m):	Tipologia do sítio:
Capão dos Ossinhos	-	-	-	-
Vacas Gordas I	15,1	2,4	2	Abrigo sob rocha
Gruta Santa Bárbara	19,5	4,5	12,1	Gruta
Gruta do Lavatudo	31,4	2,9	5,3	Gruta
Invernada do Moleque I	2	2,1	3,5	Gruta
Abrigo Rio dos Altos	3,4	3,2	4,7	Gruta
Celso Cardoso	-	-	-	-

Acerca dos sítios Capão dos Ossinhos e Celso Cardoso, infelizmente não temos informações que remetam às dimensões dos sítios. Temos então um total de 57% (n=4) da amostragem representativa de grutas; 29% de sítios que não puderam ser inferidas as tipologias; e apenas um sítio em abrigo sob rocha.

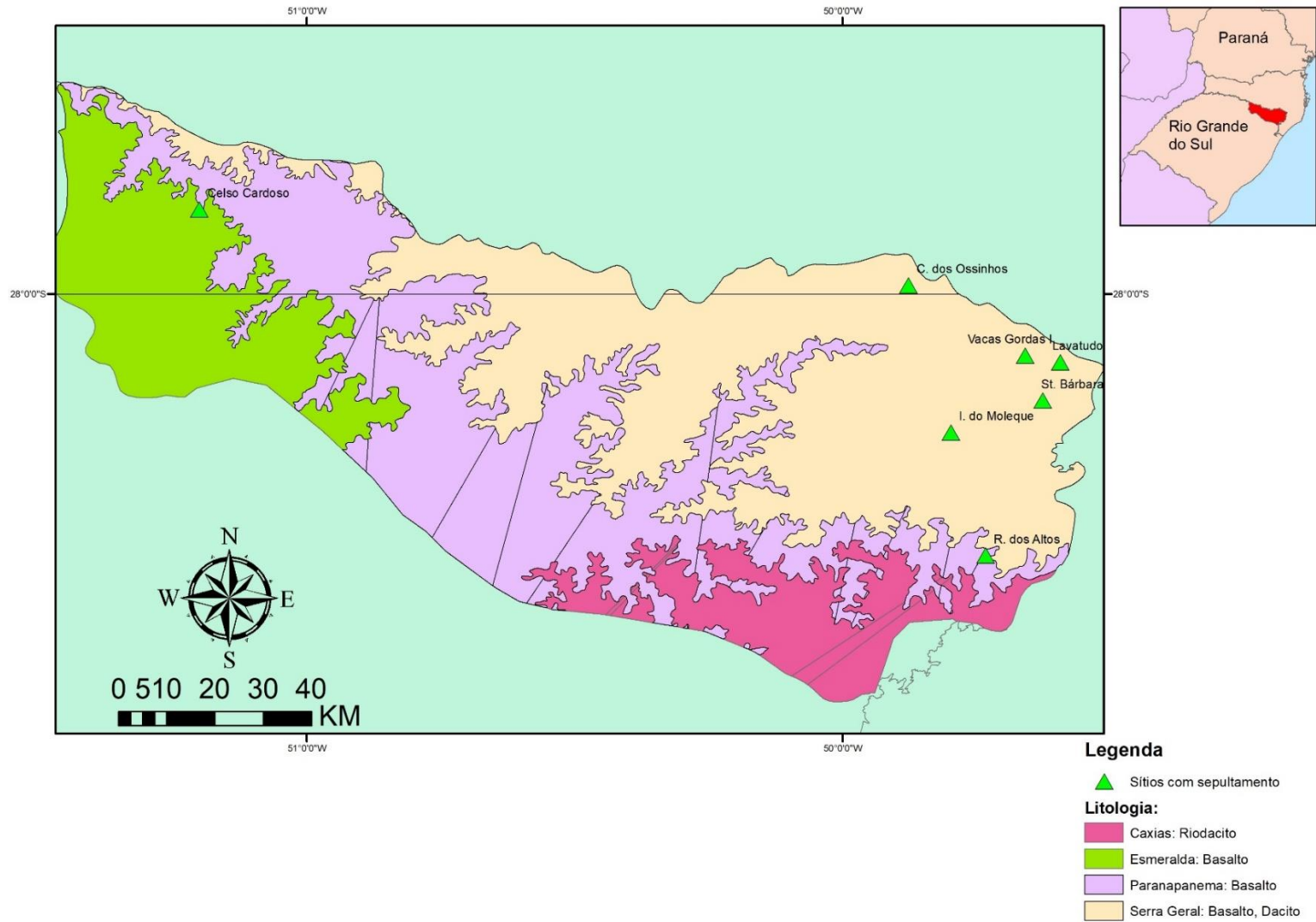
Sobre as dimensões, 29% (n=2) dos casos não são possíveis de se definir se os sítios são pequenos, médios ou grandes. Outros 29% (n=2) são referentes a sítios pequenos (Invernada do Moleque I e Rio dos Altos). Mais 29% (n=2) são referentes a sítios de tamanho médio na bacia (Vacas Gordas I e Santa Bárbara). Um caso (13%) é de um sítio considerado grande: a Gruta do Lavatudo. Coincidentemente, os maiores sítios da bacia hidrográfica (Gruta do Lavatudo e Santa Bárbara) são os sítios onde mais foram encontrados remanescentes ósseos humanos, e portanto, são os sítios com maior potencial arqueológico da região.

#### 4.3.3 Os sítios arqueológicos em relação com a litologia

Através de um mapa confeccionado com o auxílio do banco de dados SH 22 Porto Alegre, foi possível inferir a litologia na qual os sítios estão inseridos. Segue abaixo o mapa e a tabela referente aos dados:

Tabela 24: Litologia dos sítios da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima

<b>Sítio:</b>	<b>Litologia:</b>
<b>Capão dos Ossinhos</b>	Serra Geral: Basalto, dacito
<b>Vacas Gordas I</b>	Serra Geral: Basalto, dacito
<b>Gruta Santa Bárbara</b>	Serra Geral: Basalto, dacito
<b>Gruta do Lavatudo</b>	Serra Geral: Basalto, dacito
<b>Invernada do Moleque I</b>	Serra Geral: Basalto, dacito
<b>Abrigo Rio dos Altos</b>	Paranapanema: Basalto
<b>Celso Cardoso</b>	Esmeralda: Basalto



Mapa 24: Mapa litológico da região da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima



Todos os sítios arqueológicos estão no chamado Grupo Serra Geral, que é um grupo do período Cretáceo Inferior. Esse grupo é caracterizado, segundo o mapa geológico de Santa Catarina<sup>76</sup>, como sendo composto por “basaltos, basalto andesitos, riocitos e riolitos, desfiliação toleítica, com arenitos intertrápicos Botucatu na base e litarenitos e sedimentos vulcanogênicos da porção mediana ao topo da sequência”.

Há algumas diferenças por causa das fácies onde os sítios estão inseridos. No caso da fácies Paranapanema, onde o sítio Rio dos Altos está inserido, ainda segundo o mapa geológico de Santa Catarina, é caracterizado por ser composto de “basaltos microgranulares cinza, alterações nas faces de disjunção vermelho amarronadas, horizontes versiculares espessos preenchidos por quartzo (ametista), zeólitas, carbonatos, celadonita, Cu nativo e barita”.

Já a fácies Esmeralda, conforme o mapa geológico do Rio Grande do Sul, é composta por “derrames basálticos, microgranulares, textura microgranular, predominantemente pretos, comuns vesículas mil a centímetros com opala preta e água, eventual presença de Cu nativo, alteração amarelo ovo (jarosita) característica”.

A partir desses dados é perceptível que o basalto está presente, mesmo que com propriedades diferentes, na litologia de todos os sítios arqueológicos da bacia do rio Pelotas.

#### 4.3.4 Os sítios arqueológicos conforme a hidrografia

Vejamos os dados abaixo acerca dos sítios em relação com fontes de água:

Tabela 25: Dados hidrográficos da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Hierarquia fluvial do sítio:	Direção da hierarquia fluvial:	Margem da hierarquia fluvial:	Rio principal mais próximo:	Direção do rio principal:	Relação entre a hierarquia fluvial e o rio principal:	Forma de água corrente <i>in situ</i> :	Distância da fonte d'água <i>in situ</i> :
Capão dos Ossinhos	Arroio	Nordeste-sudoeste	-	Rio Caronas (primeira ordem)	Nordeste-sudoeste	Tributário	Cascata	In situ
Vacas Gordas I	Arroio	Norte-sul	-	Rio Lavatudo (primeira)	Leste-oeste	Tributário	Cascata	In situ

<sup>76</sup> Disponível em: <http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/17996?show=full>

				ordem)				
<b>Gruta Santa Bárbara</b>	Primeira ordem	Norte-sul	Direita	Arroio Espinilho (primeira ordem)	Norte-sul	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Arroio	In situ
<b>Gruta do Lavatudo</b>	Primeira ordem	Leste-Oeste	Esquerda	Rio Lavatudo (primeira ordem)	Leste-oeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ
<b>Invernada do Moleque I</b>	Primeira ordem	Nordeste-sudoeste	Direita	Rio Rondinha (primeira ordem)	Nordeste-sudoeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	-	-
<b>Abrigo Rio dos Altos</b>	Primeira ordem	Nordeste-sudoeste	Esquerda	Rio Lajeadozinho (primeira ordem)	Nordeste-sudoeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ
<b>Celso Cardoso</b>	Primeira ordem	Sudeste-Noroeste	Esquerda	Arroio do Pinhal (primeira ordem)	Sudeste-Noroeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Arroio	In situ

Através da tabela, alguns gráficos foram produzidos. Segue abaixo os gráficos que tratam das formas de água corrente *in situ*:

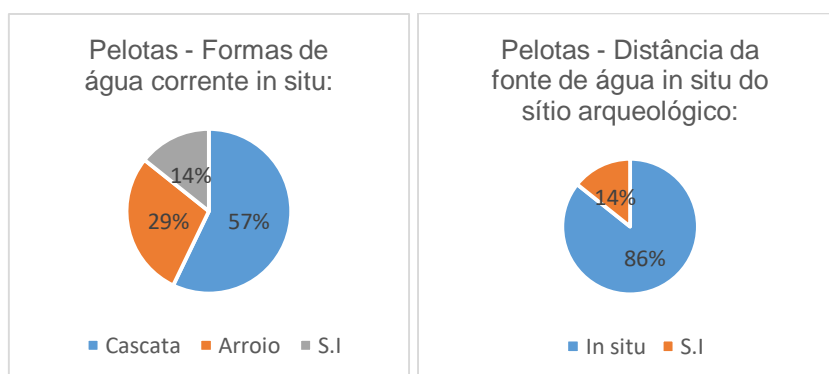


Gráfico 12: À esquerda gráfico sobre a forma de água corre in situ nos sítios da bacia do rio Pelotas; à direita distância destas fontes de água *in situ* dos sítios arqueológicos. Autor:

Phellipe de Lima

Assim como ocorre nas outras bacias hidrográficas, a maioria dos sítios da bacia do rio Pelotas possui algum tipo de forma de água corrente no contexto arqueológico. Em 29% da amostragem, os sítios possuem arroios em seu contexto na paisagem; apenas um sítio (14%) não possui relatos; e a maioria dos sítios, 57% (n=4), possuem uma cascata em frente, do lado ou atrás do sítio arqueológico. Temos então o contexto de água corrente no total de 86% dos sítios da bacia. Dessas formas de água corrente, 14% (n=1) são casos sem informação acerca da distância dessas fontes d'água do sítio,

enquanto a grande maioria, no total de 86%, são de sítios onde as formas de água corrente estão *in situ*.

Abaixo segue os gráficos que tratam da hierarquia fluvial em relação com os sítios arqueológicos:

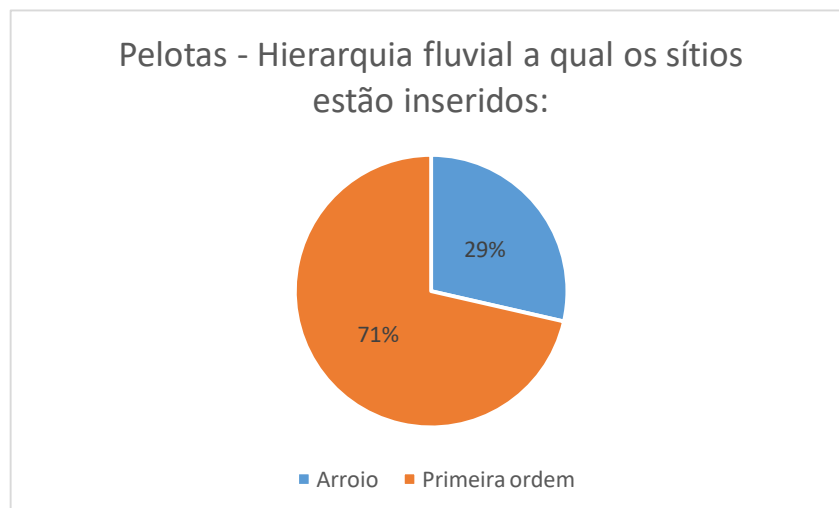


Gráfico 13: Hierarquia fluvial a qual os sítios estão inseridos na bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima

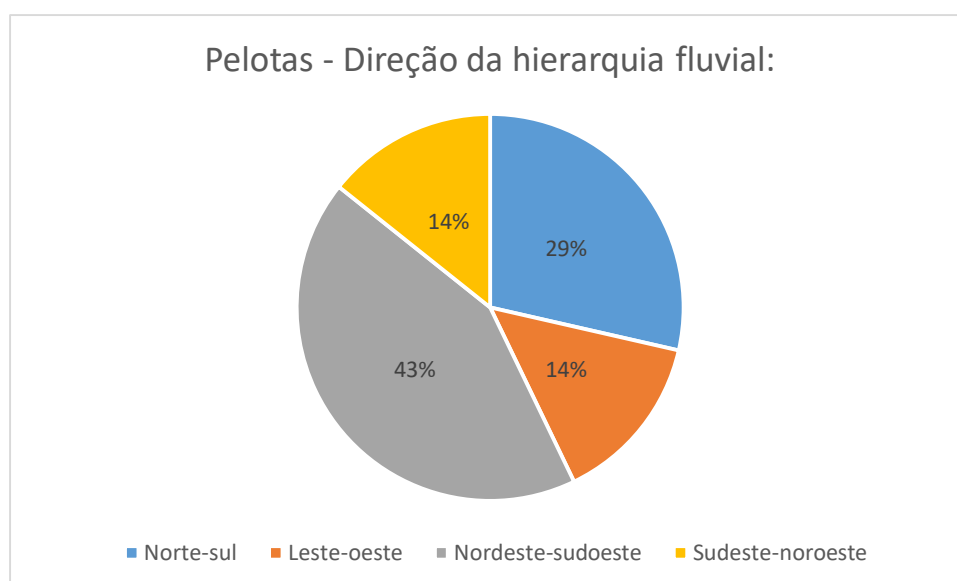
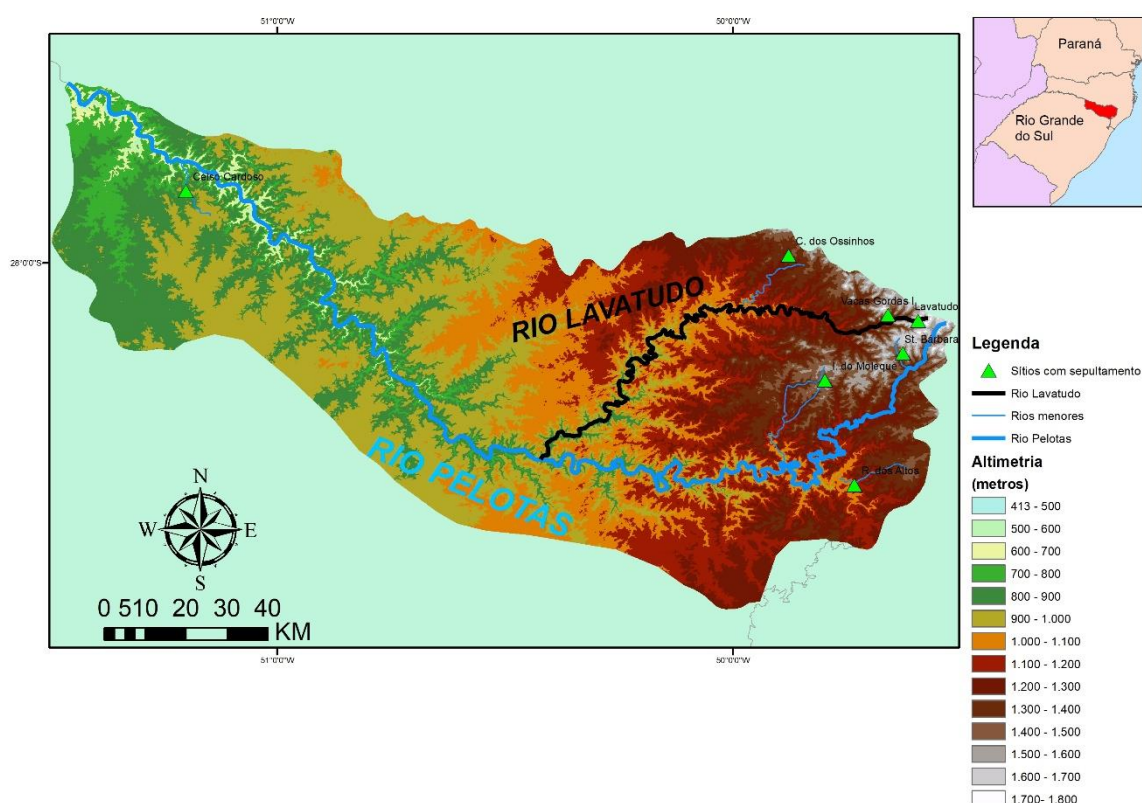


Gráfico 14: Direção da hierarquia fluvial a qual os sítios estão inseridos na bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima

Os sítios ligados a rios de primeira ordem são 71% (n=5) e 29% (n=2) estão em arroios tributários de rios maiores. Desses rios e cursos d'água menores, também há uma certa predominância do eixo leste-oeste na direção desses cursos d'água: 43% (n=3) correm do nordeste em direção ao sudoeste; outros 29% (n=2) possuem uma correnteza de norte a sul; 14% (n=1) são representativos de cursos d'água do leste para o oeste; e 14% (n=1) do

sudeste para noroeste. Acerca dos dois sítios que estão em tributários de rios maiores, Capão dos Ossinhos e Vacas Gordas I, ambos os rios principais são de primeira ordem, Rio Caronas e Rio Lavatudo. Respectivamente, o primeiro rio tem uma direção nordeste-sudoeste, enquanto o segundo corre de leste para o oeste. É importante frisar que o próprio Rio Caronas é tributário do Rio Lavatudo. Ao se considerar apenas os pontos cardeais, a maioria dos casos é de rios que são diretamente orientados do leste para o oeste.

Abaixo segue o mapa para discussão dos possíveis subterritórios da bacia:



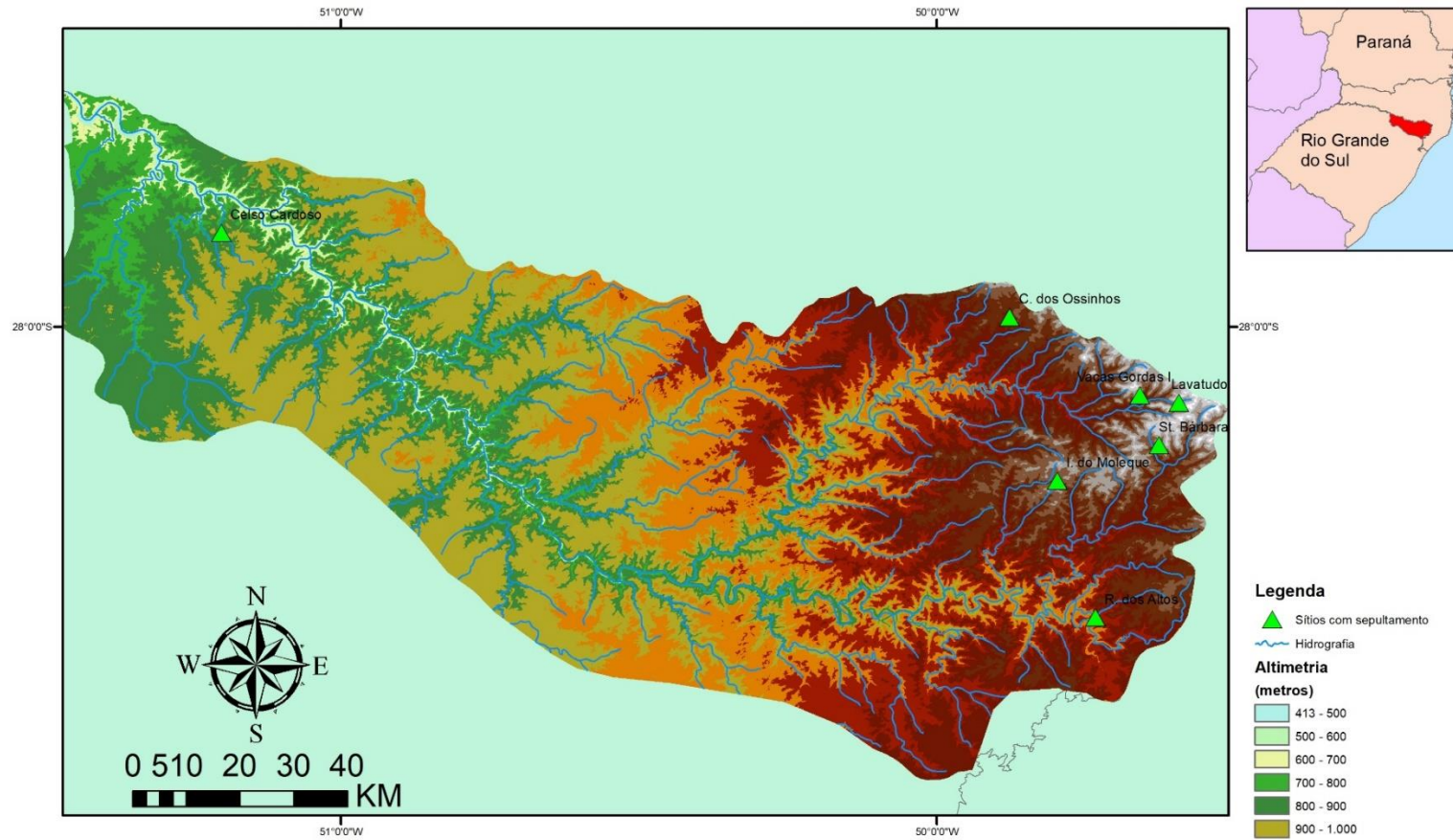
Mapa 25: Sítios da bacia do rio Pelotas em relação com os rios Pelotas e Lavatudo. Autor:

Phellipe de Lima

Há dois agrupamentos, cada qual possui três sítios e está posicionados na região leste da bacia hidrográfica: o primeiro agrupamento na região do Rio Lavatudo, e o segundo no Rio Pelotas, que são dois dos rios mais importantes da bacia. Desses agrupamentos, destaco os sítios Lavatudo e Santa Bárbara, que estão ligeiramente próximos, apesar de conectados a dois rios principais diferentes. Além de serem os maiores sítios da bacia hidrográfica, os cemitérios foram os que mais tiveram número mínimo de indivíduos sepultados. Através da análise da hidrografia e da geografia que os sítios estão inseridos,

interpreto que ambos sejam sítios cemitérios centrais e importantes na bacia hidrográfica, apesar de estarem ligados a rios principais diferentes. E, ao mesmo tempo, ambos estão cercados por sítios cemitérios mais periféricos e relacionados ao mesmo rio principal que cada um está inserido. Esses sítios periféricos são de menor tamanho e menor número de sepultamentos, o que aumenta a possibilidade de se interpretar o sítio Lavatudo e Santa Bárbara como centrais nestes rios principais. Os dados indicam que os sítios Lavatudo e Santa Bárbara são representativos de dois subterritórios diferentes na região da bacia do rio Pelotas, sendo um subterritório na região do Rio Lavatudo, e outro na região do Rio Pelotas, com ambos os subterritórios possuindo sítios principais (Lavatudo e Santa Bárbara, respectivamente), com um maior número de indivíduos, e também rodeados e próximos de sítios mais periféricos, com menos indivíduos sepultados.

Abaixo o mapa com a hidrografia geral da bacia do rio Pelotas:



Mapa 26: Mapa hidrográfico da região da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima

### 4.3.5 Os sítios e os artefatos

Oito sítios foram estudados na área da bacia do rio Pelotas. Um deles não apresenta sinais de artefatos (abrigo Rio dos Altos), dois deles não foram possíveis de se obter informações sobre (Capão dos Ossinhos e Celso Cardoso), 57% dos sítios possuem algum tipo de remanescente artefactual. Segue tabela abaixo com os sítios que possuem relatos de artefatos no registro arqueológico:

Tabela 26: Artefatos dos sítios da bacia do rio Pelotas. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Lítico:	Pontas de flecha:	Cerâmica:	Trançados:	Conchas:	Contas de colar:	Louça:	Fogo:	Macrobotânicos:	Madeira:	Petróglifos:	Fauna:
Vacas Gordas I	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Gruta Santa Bárbara	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Gruta do Lavatudo	Sim	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim
Invernada do Moleque I	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não

Assim como nos casos das bacias do Taquari-Antas e Caí-Sinos, a bacia do rio Pelotas possui apenas quatro sítios cemitérios com relatos de artefatos. Com exceção do sítio Vacas Gordas I, todos os sítios possuem relatos de artefatos líticos. Assim como no caso dos outros sítios arqueológicos das outras bacias, o caso do rio Pelotas também não apresenta relatos de pontas de flecha no contexto dos sítios cemitérios.

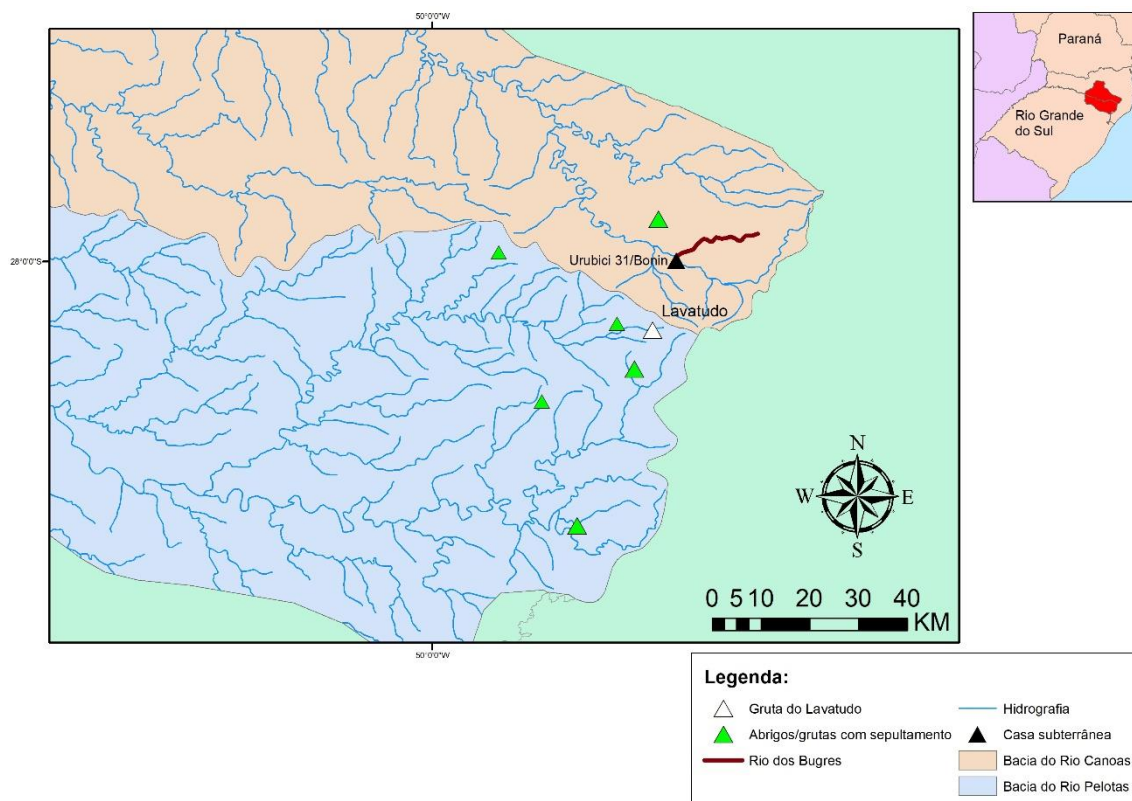
Não foram notados pelos pesquisadores sinais de presença de áreas de combustão ou de fogo, nem remanescentes macrobotânicos ou de madeira no contexto desses jazigos. O caso de petróglifos continua sendo exclusivo do sítio Virador I.

Por ter sido inspecionada recentemente por De Lima e equipe (2017), a Gruta do Lavatudo nos apresenta alguns dados que são inéditos no caso dos sítios da bacia do rio Pelotas e até mesmo do contexto desse tipo de sítio na ocupação Jê do Sul. Dos quatro casos que possuem algum tipo de artefato da

região, a Gruta do Lavatudo é a única que apresenta sinais de conchas, (que não foram identificadas acerca da proveniência ser do litoral ou não), contas de colar em conchas no contexto funerário, e remanescentes faunísticos (que não foram analisados).

Além disso, a Gruta do Lavatudo é o único sítio-cemitério desse tipo, até o momento, que possui um fragmento de louça histórica no seu contexto. Segundo comunicação pessoal de Verônica Wesolowski (2018), há a possibilidade de algumas dessas grutas ou abrigos serem cemitérios do período mais recente e não pré-colonial, e, as pessoas sepultadas nesses sítios poderiam ser vítimas de ataques de bugreiros nas aldeias Jê do Sul. Segundo Lavina (1994, p. 165), na região de Urubici, no ano de 1917, teriam ocorrido dois ataques de bugreiros a aldeias Laklãnõ, sendo um ataque na localidade Nova Fátima e o outro no Rio dos Bugres. No ano de 1918 teria ocorrido outro ataque aos Laklãnõ realizados por bugreiros, também em Urubici, na região citada pelo autor como Povoamento. Através da louça histórica encontrada no sítio Lavatudo, aliada à comunicação de Verônica Wesolowski, levanto a hipótese de que esse sítio possa não ter sido apenas cemitério no período pré-colonial, mas também desses Laklãnõ que foram massacrados pelos bugreiros. É de tremenda importância a realização de datações desses sepultamentos e, de análises osteológicas focadas na busca de traumas violentos, para podermos entender o contexto desse sítio de maneira mais ampla. É notável também que o Rio dos Bugres, localidade de alguns dos massacres na região de Urubici, é próximo da Gruta do Lavatudo, distando aproximadamente 14 km em linha reta do sítio. Segue abaixo o mapa que demonstra os dados em relação com o Rio dos Bugres:





Mapa 27: Relação do sítios de sepultamento em paredões rochosos e o Rio dos Bugres. Autor: Phellipe de Lima

Segue abaixo imagem da louça histórica encontrada na Gruta do Lavatudo:



Figura 38: Fragmento de louça do período histórico proveniente da Gruta do Lavatudo. Foto por: Phellipe de Lima e Marina Di Giusto

Também é importante notar que o sítio Vacas Gordas I, inspecionado por Almeida (2014), Corteletti (2012), Piazza (1966b) e Rohr (1971), é o único caso que temos na bacia do rio Pelotas de um sítio com restos de trançados de fibra vegetal que estava em contexto com um dos esqueletos (Rohr, 1971), e que possui fragmentos de cerâmica, encontrados em um “recanto formado por rochas que desabaram na boca do abrigo” (Almeida, 2014).

Em uma interpretação geral dos dados espaciais da bacia do rio Pelotas, percebi que os sítios com maior número de indivíduos sepultados (Gruta Santa Bárbara e Gruta do Lavatudo), são sítios que estão em uma mesma faixa de altitude, que compreende 1400-1501 m, e também são sítios que tomando a própria bacia hidrográfica como referência, estão em altitudes elevadas. Esse fato se assemelha com os dados da bacia dos rios Taquari-Antas, onde os sítios com maior número de indivíduos (Perau das Cabeças e Gruta do Matemático) também são sítios que estão inseridos nas maiores faixas de altitude de suas respectivas bacias. Acerca das dimensões, os sítios Santa Bárbara e Gruta do Lavatudo são os maiores sítios da bacia. Esse dado contrasta com os dos sítios das outras bacias, pois o Perau das Cabeças é um sítio pequeno, já o sítio Caipora, sítio com maior número de indivíduos da região da bacia dos rios Caí-Sinos, também é pequeno. Os maiores sítios da bacia dos rios Caí-Sinos (Virador I e II) possuem poucos indivíduos, porém

apresentam práticas funerárias mais elaboradas, como áreas de combustão, ossos cremados e arte rupestre.

Em relação com a hidrografia, o contexto da bacia do Rio Pelotas se assemelha com o da bacia dos rios Taquari-Antas acerca da presença de água corrente na paisagem: na região do Rio Pelotas, a maioria, 57% dos sítios possuem cascatas na sua paisagem, 14% possuem arroios e 29% nós não possuímos informações; sendo assim, 71% dos sítios possuem água corrente no contexto de suas paisagens. Sobre a direção das correntes d'água em contexto com os sítios arqueológicos, tomando em consideração apenas os pontos cardeais, 71% dos sítios estão em contexto com cursos d'água que corre do leste para o oeste, enquanto 29% possuem correnteza de norte a sul. Assim como nas outras bacias hidrográficas, os dados da bacia do Rio Pelotas representam a preferência por cursos d'água que correm do leste para o oeste.

#### 4.4 Sítios na região da bacia do rio Canoas

A região da bacia do rio Canoas foi foco do estudo da tese de Corteletti (2012). Nela, o autor fez o levantamento de um total de 40 sítios na região, dentre eles estão sítios superficiais líticos, montículos, galerias subterrâneas, estruturas subterrâneas e, claro, abrigos sob rocha e grutas com sepultamento no número total de dois sítios. Essa região do rio Canoas, que o autor se refere a “setor Canoas”, é descrito como (Corteletti, 2012, p. 250):

É a porção do Vale do Rio Canoas compreendida entre o Rio Cachimbo – na margem esquerda do Rio Canoas e o Arroio Águas Brancas – na margem direita do Rio Canoas. A paisagem mostra um vale largo e plano no rio principal associado a vales encaixados nos afluentes e altitudes que variam de 900 m a 1400 m.

Esses sítios em paredões rochosos foram inspecionados por Almeida (2014), Corteletti (2012) e Rohr (1971). Segue abaixo uma tabela com a lista dos sítios estudados nessa seção, com suas respectivas coordenadas e fontes utilizadas:

Tabela 27: Sítios da bacia do rio Canoas com suas coordenadas e fonte utilizada. Autor:

Phellipe de Lima

Sítio:	X:	Y:	Fonte:
<b>Urubici-6</b>	647185	6898907	Almeida (2014); Corteletti (2012); Rohr (1971)
<b>SC-Urubici-7</b>	639491	6910606	Corteletti (banco de dados pessoal); Rohr (1971)
<b>SC-Bom Retiro-8</b>	-	-	Rohr (1971)

SC-Bom Retiro-15	-	-	Rohr (1971)
------------------	---	---	-------------

#### 4.4.1 Implantação dos sítios conforme a altitude

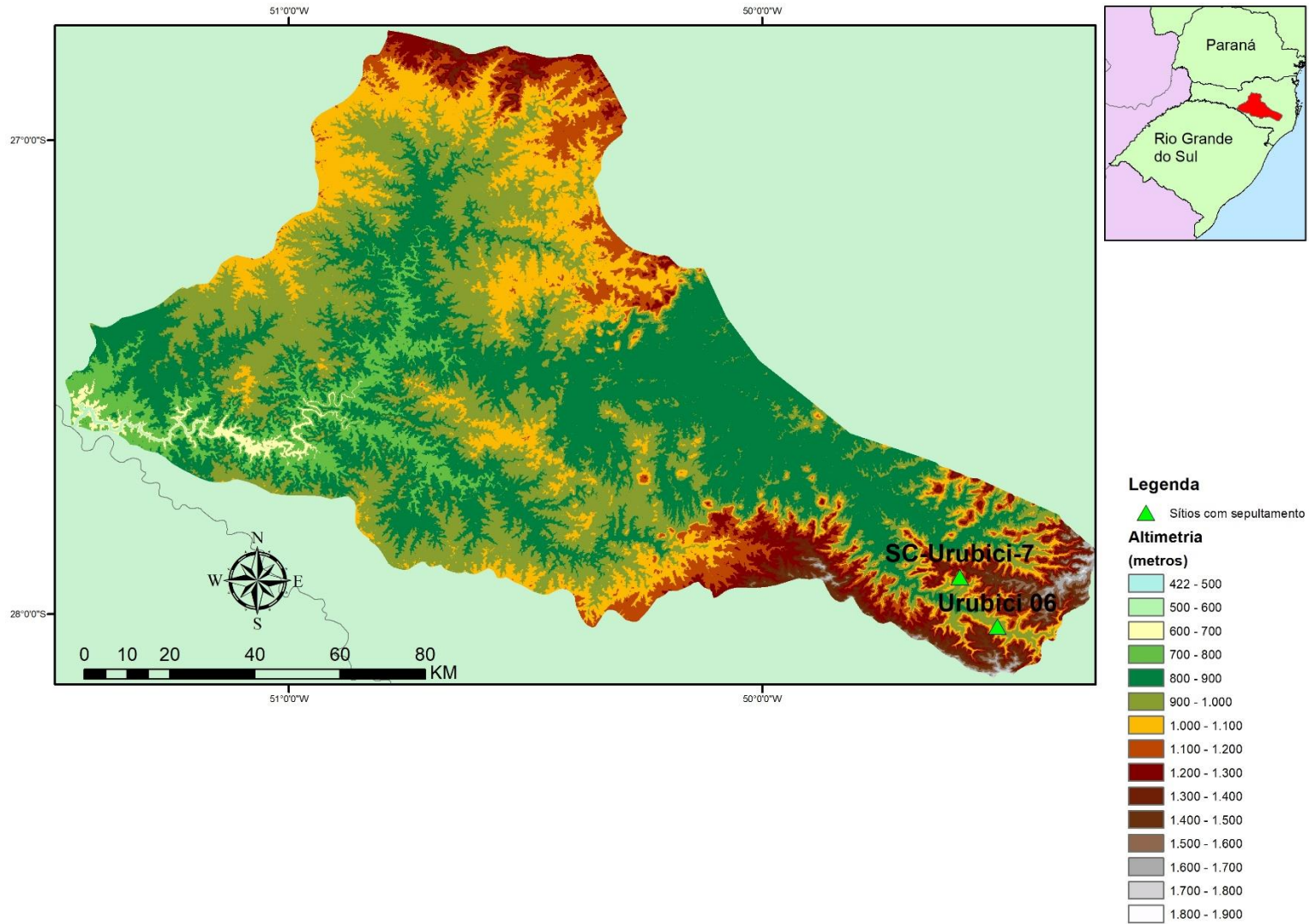
A obtenção da altitude do sítio SC-Urubici-7 foi a partir da coordenada concedida através do banco de dados pessoal de Corteletti e utilização do Google Earth. Acerca dos sítios SC-Bom Retiro-8 e SC-Bom Retiro-15, não há informações das coordenadas ou das altitudes desses sítios nas publicações originais de Rohr (1971), ou nenhuma outra subsequente. Sendo assim, vejamos a tabela abaixo com as altitudes dos sítios:

Tabela 28: Altimetria dos sítios da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Altitude (m):
Urubici-6	965
SC-Urubici-7	961
SC-Bom Retiro-8	-
SC-Bom Retiro-15	-

Excluindo os casos dos sítios sem a informação da altitude, ao fazermos a média dos outros dois sítios, a altitude média a qual os sítios estão inseridos é de 963 m, sendo menor que a média dos sítios da bacia do rio Pelotas, mas maior do que os do Taquari-Antas e Caí-Sinos. Ainda sobre os patamares elevados, assim como a bacia do Taquari-Antas e do Pelotas, os sítios na região da bacia do Canoas também estão nas localidades mais altas da própria bacia, que é a oeste da região, enquanto em direção a leste, onde a altitude da região diminui, não há indícios desse tipo de sítio arqueológico.

Segue abaixo o mapa altimétrico da bacia hidrográfica:



Mapa 28: Mapa altimétrico da região da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima

#### 4.4.2 Os sítios e suas dimensões: abrigos ou grutas?

Infelizmente não constam informações sobre as dimensões do sítio Urubici-6. Vejamos os dados abaixo:

Tabela 29: Dimensões dos sítios da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Dimensão abertura (m):	Dimensão altura (m):	Dimensão profundidade (m):	Tipologia do sítio:
Urubici-6	-	-	-	-
SC-Urubici-7	6	3	4	Gruta
SC-Bom Retiro-8	8	3	3	Gruta
SC-Bom Retiro-15	30	5	3	Abrigo sob rocha

Na região há um total de duas grutas e apenas um abrigo sob rocha.

Acerca das dimensões, há apenas um sítio grande, o SC-Bom Retiro-15, enquanto os sítios SC-Urubici-7 e SC-Bom Retiro-8 são pequenos.

#### 4.4.3 Os sítios arqueológicos em relação com a litologia

Tabela 30: Litologia dos sítios da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Litologia:
Urubici-6	Depósito Aluvionares: Areia, cascalho
SC-Urubici-7	Rio do Rasto: Argilito, Arg Silitico, Silitito
SC-Bom Retiro-8	Diabásio
SC-Bom Retiro-15	Arenito

Pela ausência das coordenadas dos sítios SC-Bom Retiro-8 e SC-Bom Retiro-15, não foi possível obter, com precisão, a litologia nas quais os jazigos estão inseridos conforme o banco de dados SH 22 Porto Alegre. Porém, segundo Rohr (1971, p. 37), o primeiro sítio se encontra em um “paredão de rocha diabásica”, enquanto o segundo em um “paredão de arenito”. Uma vez que o arenito já foi descrito nessa pesquisa, resta aqui descrever o diabásio. Segundo o glossário geológico ilustrado<sup>77</sup>, o diabásio é uma rocha “hipabissal básica de composição basáltica, fanerítica fina, textura ofítica a subofítica, muitas vezes comporções porfíricas, frequentemente em dique e sills,

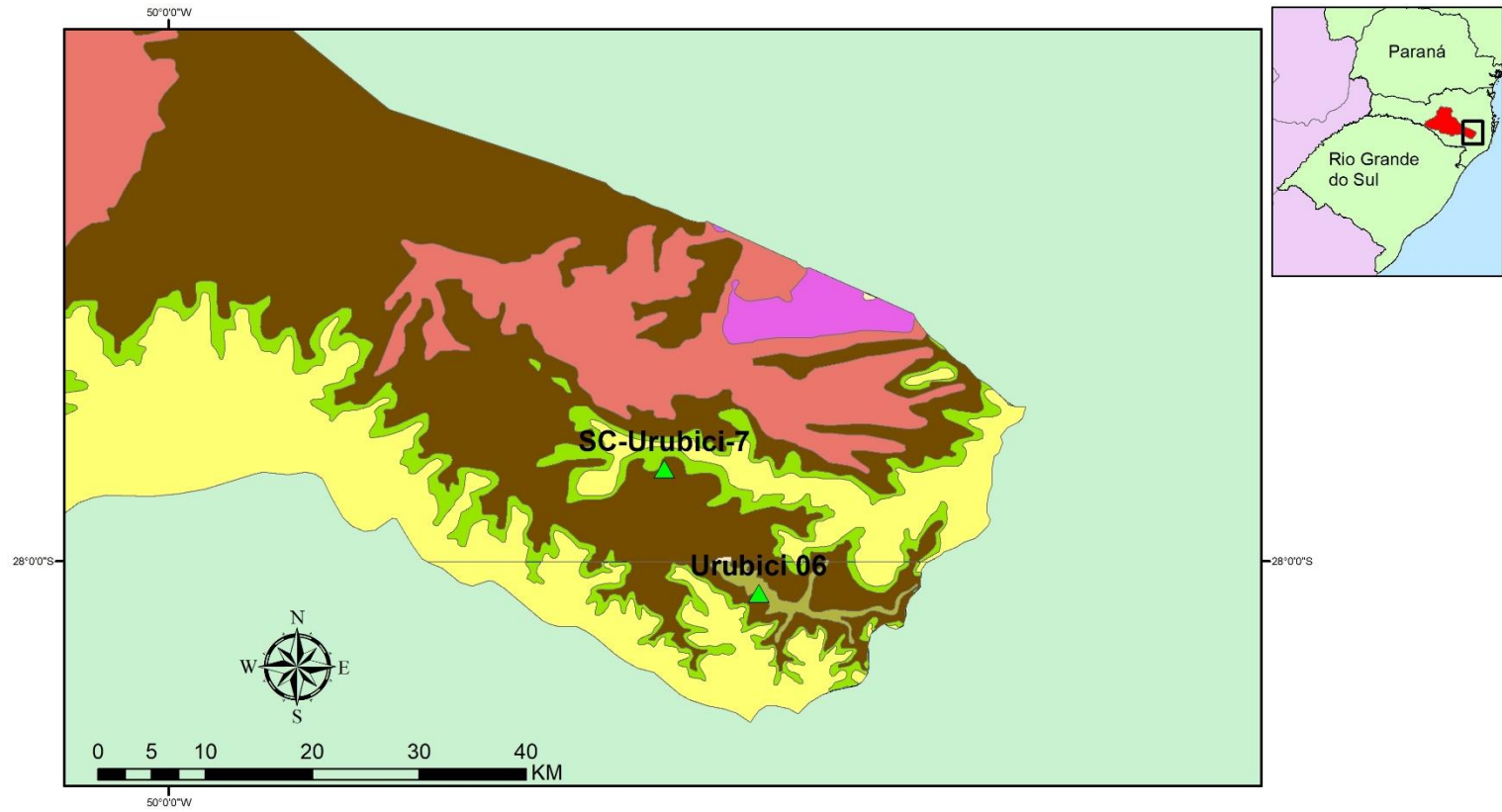
<sup>77</sup> Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/glossario/>

ocorrendo também em porções mais internas de derrames vulcânicos espessos”.

A Formação Rio do Rasto, a qual o sítio SC-Urubici 7 está inserido, é uma formação do período triássico inferior (conforme o mapa geológico de Santa Catarina). É composto por “pelito e arenito com dominância de camadas tabulares ou lenticulares muito estendidas, ambiente lacustre (Mb. Serrinha); siltito tabular, arenito fino tabular ou lenticular, ambiente lacustre, deltaico, eólico e raros depósitos fluviais”. O argilito, ainda conforme o glossário geológico ilustrado, é descrito como uma rocha sedimentar de granulação fina, constituída por “argilas e minerais na fração de silte, maciça, pouco ou não estratificada, no que se diferencia de folhelho que é rocha finamente laminada e geralmente friável”. O siltito, também conforme o glossário, é descrito como sendo uma “rocha sedimentar clássica constituída predominantemente por fragmento de mineral ou rocha muito fino do tamanho silte”.

Os depósitos aluvionares, litologia presente no sítio Urubici-6, é um depósito do período holocênico, descrito como contendo “areias grossas a finas, cascalheiras e sedimentos siltítico-argilosos, em calhas de rios e planícies de inundação”.

Abaixo o mapa com a litologia da região:



**Legenda**

- ▲ Sítios com sepultamento
- Litologia:**
- Botucatu: Quartzito-Arenito
- Serra Geral: Basalto, Dacito
- Serra Alta: Argilito, Folhelho, Siltito
- Teresina: Siltito Argiloso
- Rio do Rasto: Argilito, Argilito Siltico, Siltito

Mapa 29: Mapa litológico da região da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima



#### 4.4.4 Os sítios arqueológicos conforme a hidrografia:

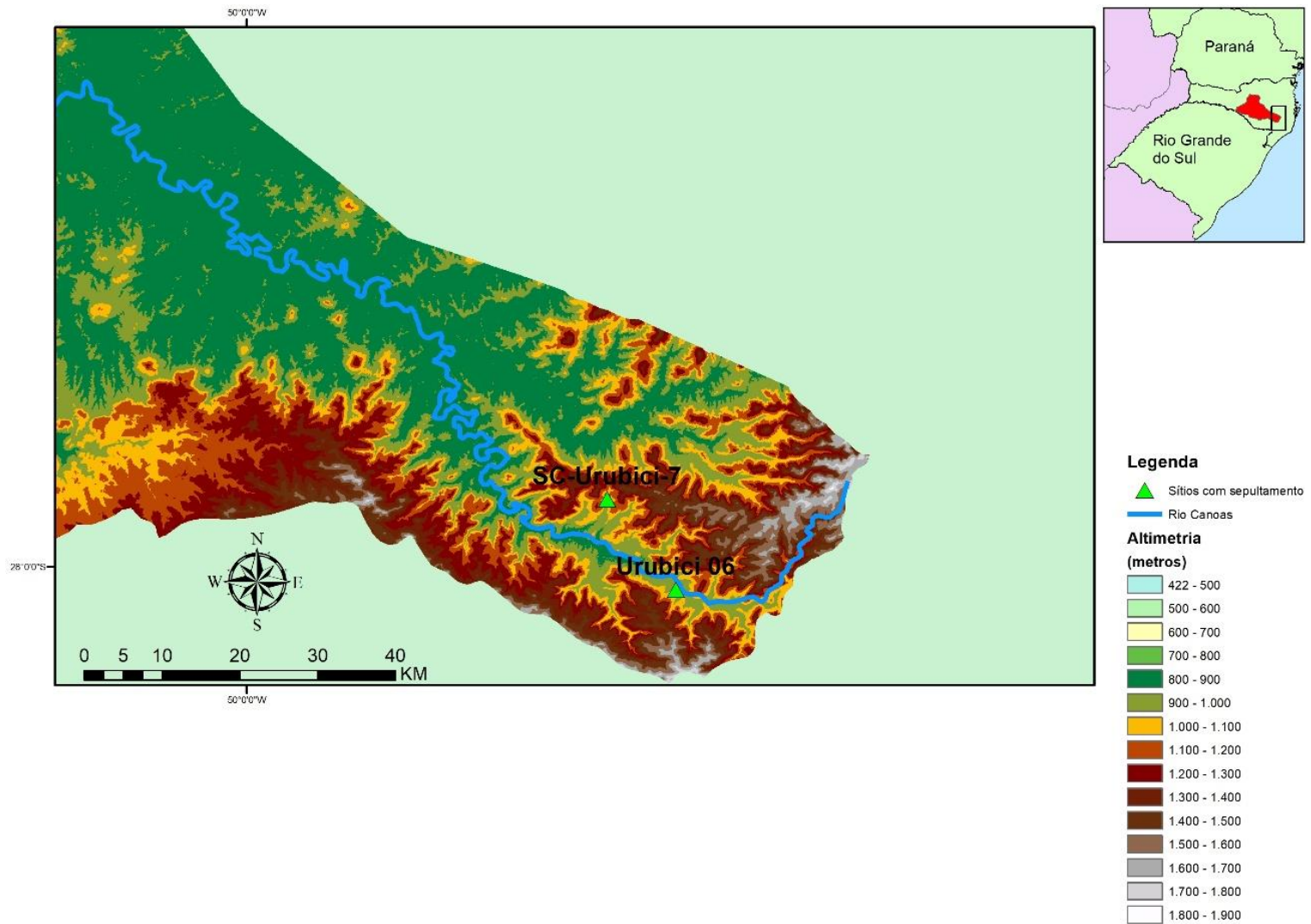
Como dito anteriormente, por não termos as coordenadas dos sítios SC-Bom Retiro-8 e SC-Bom Retiro-15, não será possível definir a hierarquia fluvial, a direção do rio e em qual margem esses sítios estão inseridos. Vejamos os dados abaixo:

Tabela 31: Dados hidrográficos da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima

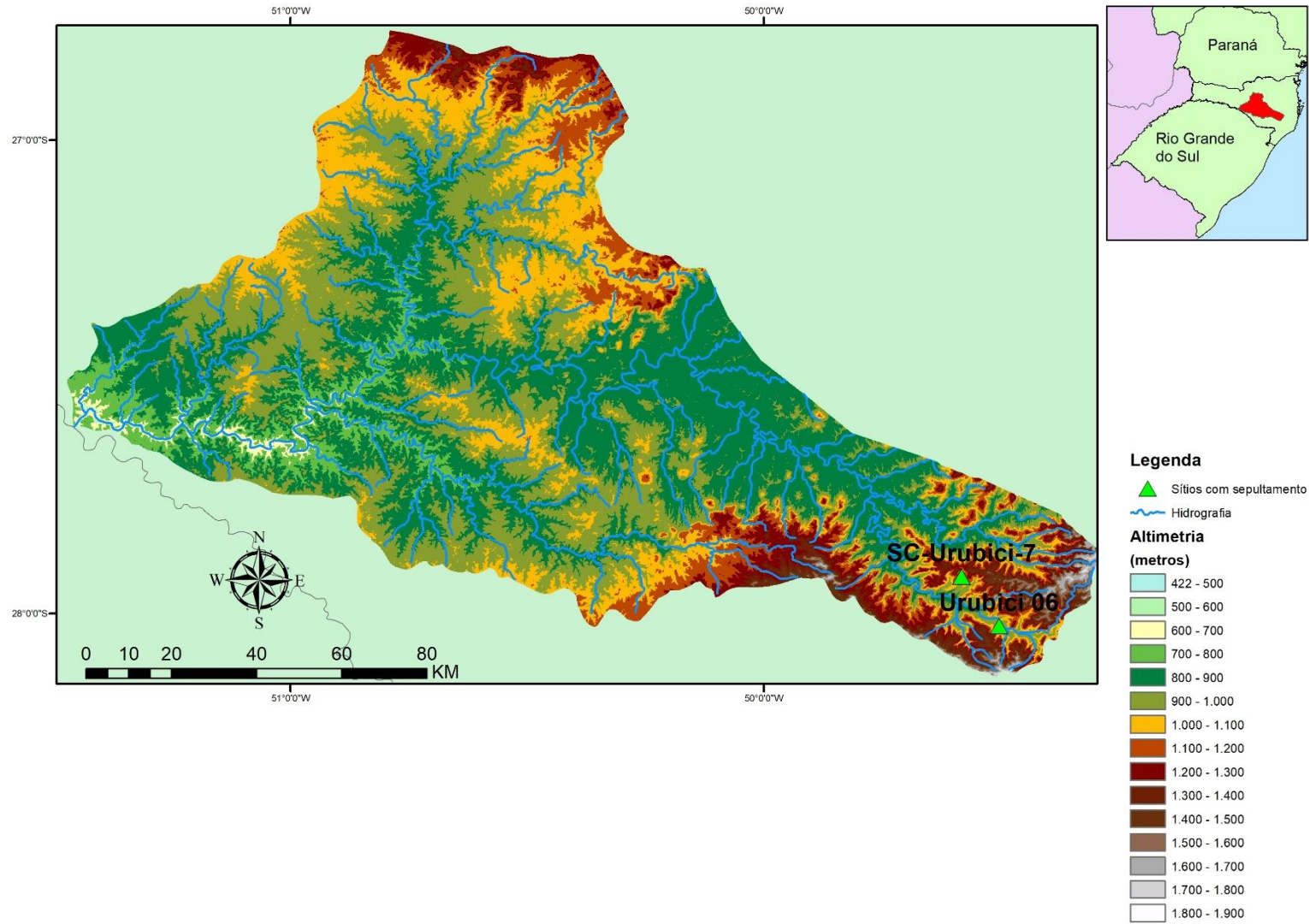
Sítio:	Hierarquia fluvial do sítio:	Direção da hierarquia fluvial:	Margem da hierarquia fluvial:	Rio principal mais próximo:	Direção do rio principal:	Relação entre a hierarquia fluvial e o rio principal:	Forma de água corrente <i>in situ</i> :	Distância da fonte d'água <i>in situ</i> :
Urubici-6	Segunda ordem	Leste-Oeste	Esquerda	Rio Canoas	Leste-Oeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ
SC-Urubici-7	Arroio	Norte-Sul	-	Rio Canoas	Leste-Oeste	Tributário	Cascata	In situ
SC-Bom Retiro-8	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
SC-Bom Retiro-15	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ

Todos os sítios da bacia possuem cascata *in situ* em seu contexto, seguindo o padrão. Ambos os sítios Urubici-6 e SC-Urubici-7 estão relacionados ao Rio Canoas (o principal da bacia), porém de maneiras diferentes: enquanto o primeiro está diretamente ligado, o SC-Urubici-7 está em um tributário do rio Canoas, que corre do leste para o oeste. Já o arroio onde o SC-Urubici-7 está inserido, corre do norte para o sul. É interessante notar também que os sítios SC-Urubici-7 e Urubici 6 estão em margens opostas do rio Canoas, o que pode indicar, assim como no caso das bacias anteriores, que pode haver sítios representando subterritórios diferentes na mesma região.

Segue, nas próximas páginas, o mapa com a discussão de subterritórios e o mapa hidrográfico da bacia, respectivamente:



Mapa 30: Sítios da bacia do rio Canos em relação com o Rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima



Mapa 31: Mapa hidrográfico da região da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima

#### 4.4.5 Os sítios e os artefatos

De todos os quatro sítios da bacia do rio Canoas, apenas dois apresentam sinais de artefatos, conforme tabela abaixo:

Tabela 32: Artefatos dos sítios da bacia do rio Canoas. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Lítico:	Pontas de flecha:	Cerâmica:	Trançados:	Concha:	Contas de colar:	Louça:	Fogo:	Macrobotânicos:	Madeira:	Petróglifos:	Fauna:
SC-Urubici-7	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
SC-Bom Retiro-8	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não

Os sítios SC-Urubici-7 e o SC-Bom Retiro-8 são casos inéditos em relação aos jazigos vistos: possuem relatos de pontas de flecha em seu contexto. A cerâmica encontrada no Bom Retiro-8 seria Jê do Sul. As conchas e contas de colar, aparentemente eram acompanhamentos funerários e não há informações se as conchas são marinhas ou lacustres.

A análise dos sítios da bacia foi prejudicada por não possuir informações completas sobre metade dos casos da bacia. Ainda assim, é notável que aspectos da paisagem e da hidrografia se mantêm como padrão. Os quatro cemitérios da bacia do Rio Canoas possuem cascatas em seu contexto, demonstrando a importância desse aspecto da paisagem para a escolha de lugares específicos para concepção de cemitério, indo ao encontro da mitologia tanto Kaingang quanto Laklãnõ. O fator cascatas, somadas a fendas no paredão rochoso, como dito anteriormente, de acordo com as mitologias Kaingang, enquanto a cascata presentifica as águas diluviais que vêm do topo da serra, que mataram Kamé e Kanhru, as fendas no paredão rochoso que são as grutas e os abrigos, materializam a morada de Kamé e Kanhru após o dilúvio, e também portais de entrada para o mundo dos mortos Kaingang. Enquanto que ao analisar a mitologia Laklãnõ, enquanto as águas da cascata presentificam os *vãjěky*, que saíram da água, as fendas no paredão rochoso identificam os *klědo*, que saíram da montanha.

#### 4.5 Sítios na região da bacia do Itajaí

Abaixo há a tabela com os dezessete sítios conhecidos da região da bacia do Itajaí, com as respectivas fontes utilizadas para esta pesquisa:

Tabela 33: Sítios da bacia do rio Itajaí com suas coordenadas e fonte utilizada. Autor: Phellipe de Lima

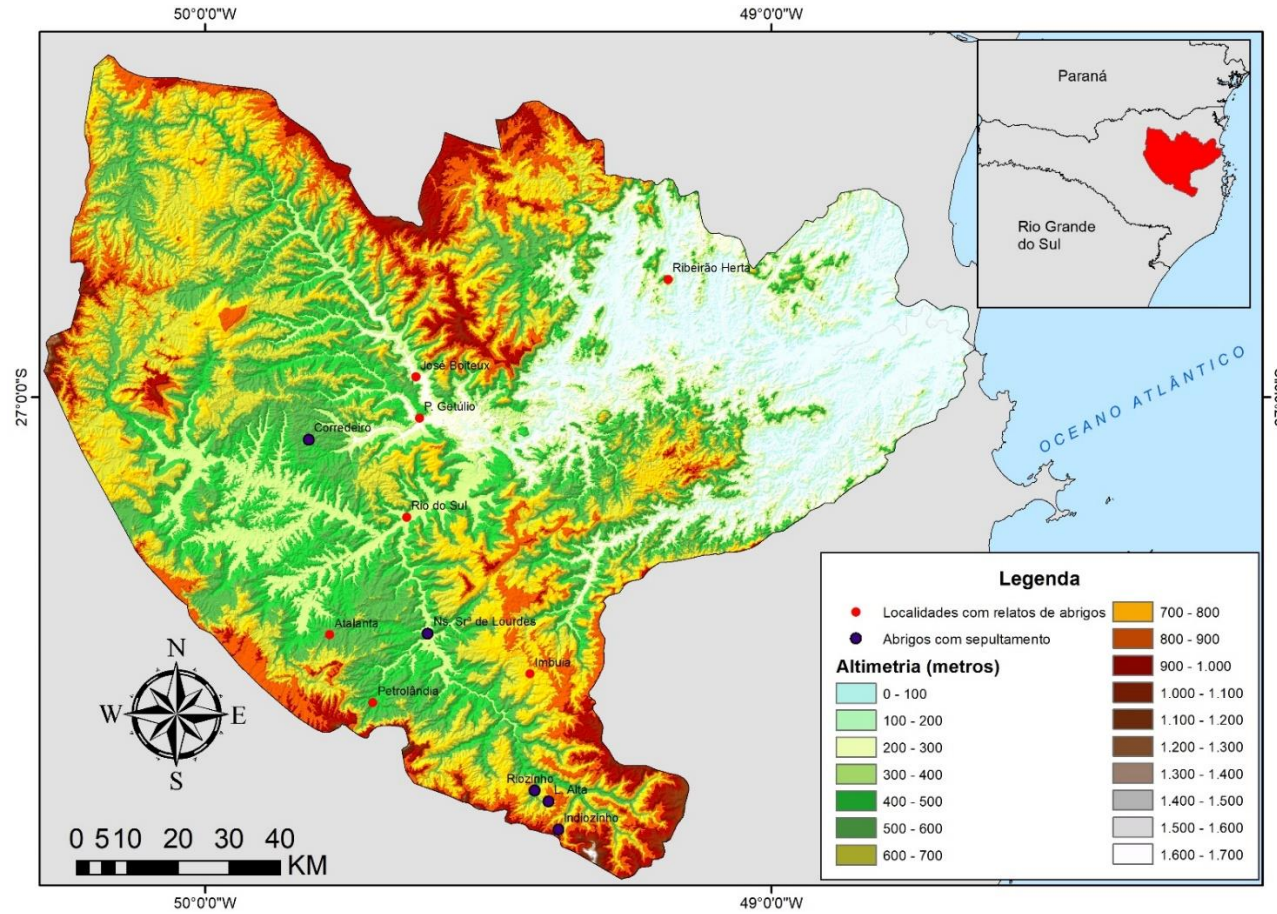
<b>Sítio:</b>	<b>X:</b>	<b>Y:</b>	<b>Fonte:</b>
<b>Ns Sra<sup>a</sup> Lourdes/SC-Ituporanga-1</b>	637716	6966623	Rohr (1971)
<b>Gruta da Paca</b>	-	-	Piazza (1966a)
<b>Gruta do Corredeiro</b>	617331	7004706	Piazza (1966a)
<b>Gruta do Barro Branco</b>	-	-	Piazza (1966a)
<b>Lomba Alta</b>	658356	6933537	Piazza (1966); Reis (2015); Wagner (2002)
<b>Gruta do Ribeirão Herta</b>	-	-	Piazza (1966a)
<b>Abrigo do Riozinho</b>	659984	6928037	Reis (2015); Wagner (2002)
<b>Gruta do Indiozinho</b>	634787	6880038	Wagner (2002)
<b>Gruta do Ribeirão Revólver</b>	-	-	Piazza (1966a)
<b>SC-Petrolândia-1</b>	-	-	Rohr (1971)
<b>SC-Petrolândia-3</b>	-	-	Rohr (1971)
<b>SC-Petrolândia-4</b>	-	-	Rohr (1971)
<b>SC-Petrolândia-10</b>	-	-	Rohr (1971)
<b>SC-Atalanta-1</b>	-	-	Rohr (1971)
<b>SC-Imbuia-1</b>	-	-	Rohr (1971)
<b>Rio do Sul 1</b>	-	-	Rohr (1984)
<b>Alto Jararaca II</b>	-	-	Scherer (2015) <sup>78</sup> ; Reis (2015)

A região da bacia do Itajaí é a que mais temos sítios em paredes rochosos com sepultamento conhecidos, mas é uma das que menos temos coordenadas, pois a maioria dos sítios, que foram registrados pelo Padre Rohr, não foram visitados neste século. Graças aos trabalhos de Reis (2015) e Wagner (2002) podemos contar com algumas poucas coordenadas sobre os sítios. O sítio Gruta Nossa Senhora de Lourdes é o que Rohr (1971) chama de

<sup>78</sup> Scherer (2015 *apud* Reis, 2015).

SC-Ituporanga-1, que foi transformado em santuário católico e hoje é um ponto turístico, com coordenadas disponíveis na internet.

### 4.5.1 Implantação dos sítios conforme altitude



Mapa 32: Mapa altimétrico da bacia do Itajaí. Autor: Phellipe de Lima

Excepcionalmente no caso da bacia do Itajaí, as localidades e municípios com relatos dos sítios foram inseridas no mapa, já que são poucos os sítios que possuímos as coordenadas exatas.

Para a análise da altimetria dos sítios inseridos nessa bacia, contamos apenas com a coordenada de 29% dos sítios: Gruta Nossa Senhora de Lourdes em Ituporanga, Gruta do Corredeiro, sítio Lomba Alta, Abrigo do Riozinho e a Gruta do Indiozinho. Segue abaixo uma tabela com a altimetria dos sítios:

Tabela 34: Dados altimétricos da região da bacia do Itajaí. Autor: Phellipe de Lima

<b>Sítio:</b>	<b>Altitude (m):</b>
<b>Ns Sra<sup>a</sup> Lourdes/SC-Ituporanga-1</b>	468
<b>Gruta da Paca</b>	-
<b>Gruta do Corredeiro</b>	481
<b>Gruta do Barro Branco</b>	-
<b>Lomba Alta</b>	716
<b>Gruta do Ribeirão Herta</b>	-
<b>Abrigo do Riozinho</b>	474
<b>Gruta do Indiozinho</b>	760
<b>Gruta do Ribeirão Revólver</b>	-
<b>SC-Petrolândia-1</b>	-
<b>SC-Petrolândia-3</b>	-
<b>SC-Petrolândia-4</b>	-
<b>SC-Petrolândia-10</b>	-
<b>SC-Atalanta-1</b>	-
<b>SC-Imbuia-1</b>	-
<b>Rio do Sul 1</b>	-
<b>Alto Jararaca II</b>	-

Não possuindo dados sobre a altitude de 71% dos sítios, a média dos outros cinco cemitérios restantes é de 579 metros, sendo maior apenas que a da bacia dos rios Caí-Sinos. Apenas os sítios Indiozinho e Lomba Alta estão realmente em patamares elevados da bacia, enquanto os outros estão em altitude bem mais inferiores.

#### **4.5.2 Os sítios e suas dimensões: abrigos ou grutas?**

Para a discussão sobre as dimensões dos sítios, segue abaixo a tabela:



Tabela 35: Dimensões dos sítios da bacia do rio Itajaí. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Dimensão abertura (m):	Dimensão altura (m):	Dimensão profundidade (m):	Tipologia do sítio:
Ns Sra <sup>a</sup> Lourdes/SC-Ituporanga-1	1,5	-	2	-
Gruta da Paca	47,5	4,5	3	Abrigo sob rocha
Gruta do Corredeiro	10	2	5	Gruta
Gruta do Barro Branco	10	5	5	Gruta
Lomba Alta	80	10	19	Gruta
Gruta do Ribeirão Herta	10	5	5	Gruta
Abrigo do Riozinho	30	2,5	20,5	Gruta
Gruta do Indiozinho	125	-	-	-
Gruta do Ribeirão Revólver	10	2,5	5	Gruta
SC-Petrolândia-1	-	-	-	-
SC-Petrolândia-3	10	2	5	Gruta
SC-Petrolândia-4	5	1	1	Gruta
SC-Petrolândia-10	30	4	5	Gruta
SC-Atalanta-1	-	-	-	-
SC-Imbuia-1	40	6	4	Abrigo sob rocha
Rio do Sul 1	-	-	-	-
Alto Jararaca II	-	-	-	-

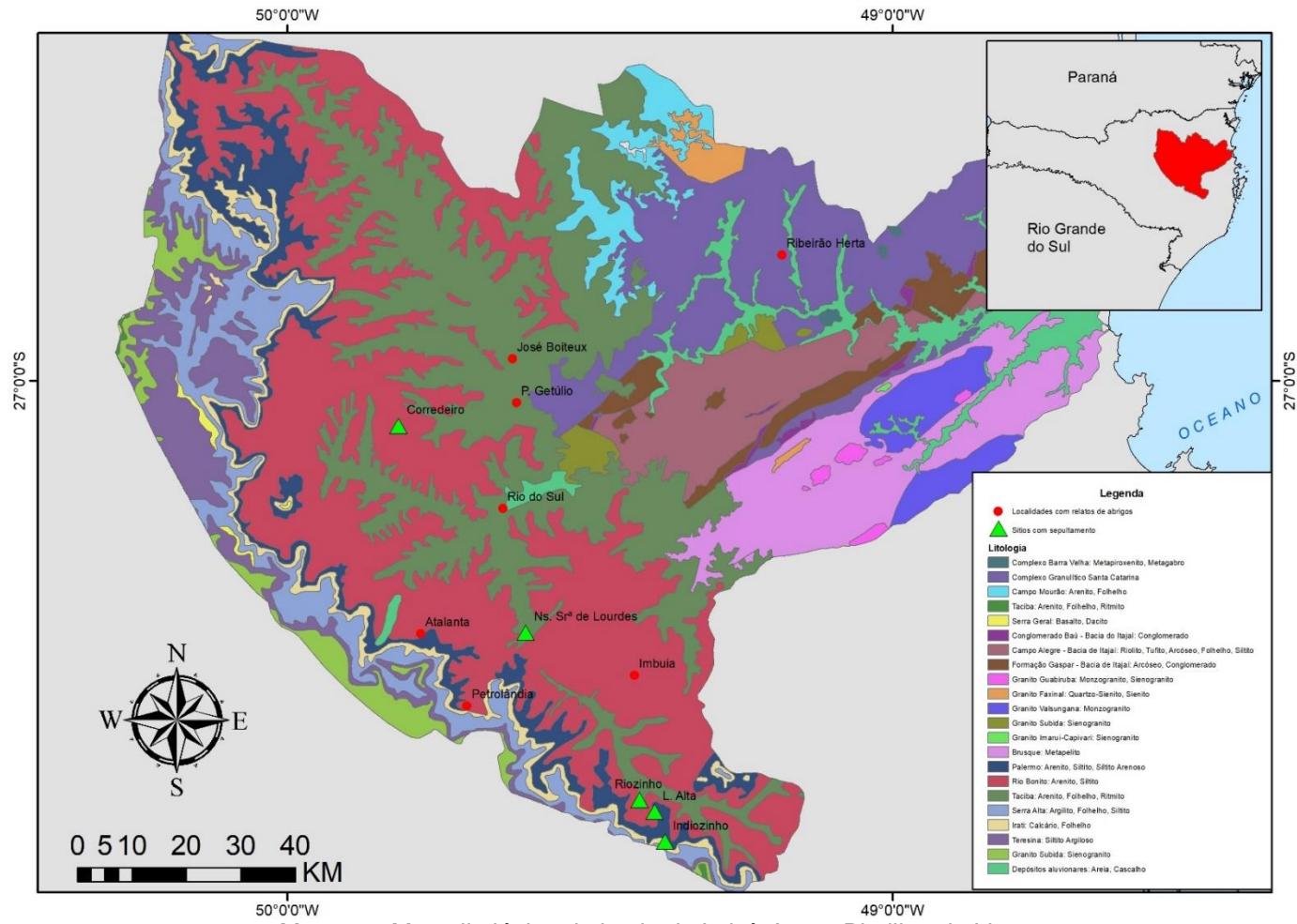
Dos dezessete sítios na bacia do rio Itajaí, 41% deles (n=7) são considerados pequenos: Ns Sr<sup>a</sup> Lourdes, SC-Petrolândia-4, Gruta do Corredeiro, Gruta do Barro Branco, Gruta do Ribeirão Herta, Gruta do Ribeirão Revólver e SC-Petrolândia-3. Outros 17% são considerados médios (n=2): sítio do Riozinho e SC-Petrolândia-10. Dessa amostragem, 24% dos sítios (n=4) são considerados grandes: SC-Imbuia-1, Gruta da Paca, Lomba Alta e Gruta

do Indiozinho. Os outros 24% (n=4) são de sítios que não possuímos informações: SC-Petrolândia-1, SC-Atalanta-1, Rio do Sul 1 e Alto Jararaca II.

Acerca das tipologias, 53% dos sítios (n=9) são grutas; 35% (n=6) são sítios que não possuímos informações suficientes; e apenas 12% (n=2) são referentes a abrigos sob rocha.

#### **4.5.3 Os sítios arqueológicos em relação com a litologia**

Segue abaixo a tabela com os dados litológicos da bacia do rio Itajaí, seguido do mapa com as informações acerca das litologias às quais os sítios estão inseridos:



Mapa 33: Mapa litológico da bacia do Itajaí. Autor: Phellipe de Lima

Conforme o mapa anterior, observe a tabela abaixo com os dados litológicos:

Tabela 36: Litologia dos sítios da bacia do Itajaí. Autor: Phellipe de Lima

<b>Sítio:</b>	<b>Litologia:</b>
<b>Ns Sra<sup>a</sup> Lourdes (SC-Ituporanga-1)</b>	Taciba: Arenito, folhelho, ritmito
<b>Gruta da Paca</b>	-
<b>Gruta do Corredeiro</b>	Rio Bonito: Arenito, silitito
<b>Gruta do Barro Branco</b>	-
<b>Lomba Alta</b>	Rio Bonito: Arenito, silitito
<b>Gruta do Ribeirão Herta</b>	-
<b>Abrigo do Riozinho</b>	Taciba: Arenito, folhelho, ritmito
<b>Gruta do Indiozinho</b>	Irati: Calcário, folhelho
<b>Gruta do Ribeirão Revólver</b>	-
<b>SC-Petrolândia-1</b>	Diabásio
<b>SC-Petrolândia-3</b>	Diabásio
<b>SC-Petrolândia-4</b>	Diabásio
<b>SC-Petrolândia-10</b>	Diabásio
<b>SC-Atalanta-1</b>	-
<b>SC-Imbuia-1</b>	Diabásio
<b>Rio do Sul 1</b>	-
<b>Alto Jararaca II</b>	-

As litologias as quais os sítios estão inseridos são a formação Irati, formação Rio Bonito e formação Taciba, além das litologias descritas como “diabásio”, conforme Rohr (1971).

A formação Irati, do período Permiano, está dentro do grupo Passa Dois, descrito como “sedimentação fluvial a lagunar gradando a plataformal costeiro raso e costa afora”. Segundo o mapa geológico de Santa Catarina, a formação Irati é caracterizada da seguinte forma:

Folhelho, silito e argilito, calcário marga e folhelho betuminoso portador de répteis mesossaurídeos, ambiente marinho de costa afora, deposição por decantação em águas calmas abaixo do nível de ação de ondas; períodos de estratificação da coluna de água com influência de tempestades.

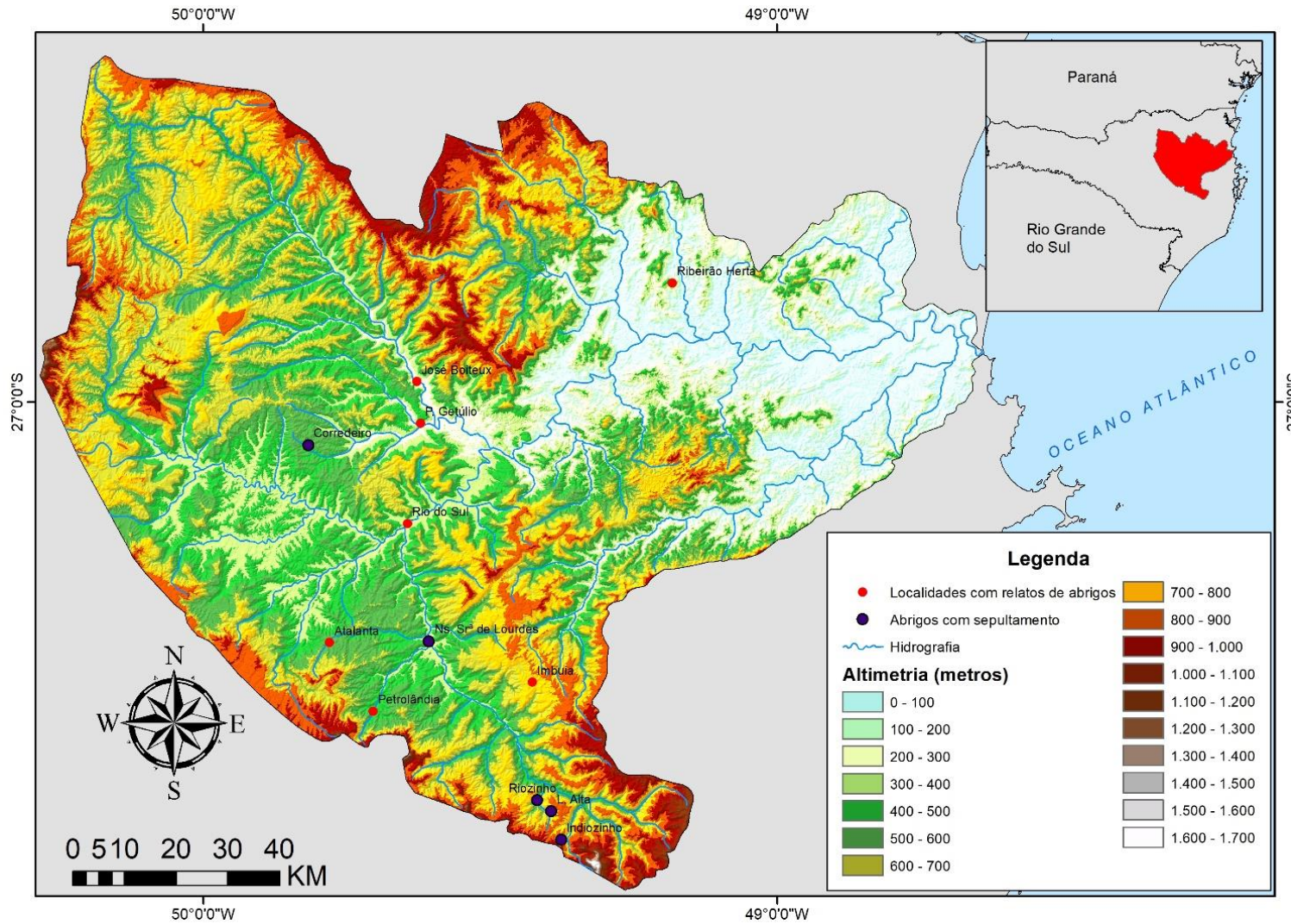
A formação Rio Bonito, também do período Permiano, porém da época do Cisuraliano, está inserido no Grupo Guatá, descrito como “sedimentação plataformar costeira, marinho de costa afora e flúvio-deltáico”, que está inserido no Super Grupo Tubarão. Essa formação é caracterizada, ainda segundo o mapa geológico de Santa Catarina: “arcóseo, siltito, siltito carbonoso e quartzo-arenito, folhelho carbonoso e carvão, *tonstein*, diamictito com matriz carbonosa e margas, ambiente flúvio-deltáico, litorâneo e marinho plataformar”.

A litologia formação Taciba, do período Carbonífero (anterior ao Permiano), está inserida no grupo Itararé, que é descrita como “sedimentação periglacial, subglacial glácio-marinha e glacial”. A formação Taciba é descrita pelo mapa geológico de Santa Catarina como:

Conglomerados polímiticos com matriz arenosa. Arenitos finos a grossos com estratificação cruzada, plano-paralela e maciça, localmente conglomeráticos. Alternância de folhelhos e siltitos com grânulos, seixos e matações pingados. Ambiente deposicional na interface continente-plataforma marinha com influência glacial.

#### **4.5.4 Os sítios conforme a hidrografia**

Abaixo segue o mapa hidrográfico da bacia do Itajaí que é complementado por uma tabela contendo dados a partir dele:



Mapa 34: Mapa hidrográfico da bacia do Itajaí. Autor: Phellipe de Lima

Tabela 37: Dados hidrográficos da bacia do Itajaí. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Hierarquia fluvial do sítio:	Direção da hierarquia fluvial:	Margem da hierarquia fluvial:	Rio principal mais próximo:	Direção do rio principal:	Relação entre a hierarquia fluvial e o rio principal:	Forma de água corrente <i>in situ</i> :	Distância da fonte d'água <i>in situ</i> :
Ns Sra <sup>a</sup> Lourdes/SC-Ituporanga-1	Terceira ordem	Leste-Noroeste	Esquerda	Rio Itajaí do Sul (terceira ordem)	Leste-Noroeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	50m
Gruta da Paca	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
Gruta do Corredeiro	Primeira ordem	Oeste-leste	Esquerda	Rio dos Índios (primeira ordem)	Oeste-leste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ
Gruta do Barro Branco	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
Lomba Alta	Primeira ordem	Sul-Norte	Direita	Arroio Lomba Alta (primeira ordem)	Sul-Norte	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ
Gruta do Ribeirão Herta	-	-	-	-	-	-	Ribeirão	In situ
Abrigo do Riozinho	Primeira ordem	Sul-Norte	Esquerda	Arroio Lomba Alta (primeira ordem)	Sul-Norte	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ
Gruta do Indiozinho	Primeira ordem	Sudeste-Norte	Esquerda	Rio Águas Frias	Sudeste-Norte	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Duas cascatas	In situ
Gruta do Ribeirão Revólver	-	-	-	-	-	-	-	-
SC-Petrolândia-1	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
SC-Petrolândia-3	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
SC-Petrolândia-4	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
SC-Petrolândia-10	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
SC-Atalanta-1	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
SC-Imbuia-1	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
Rio do Sul 1	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
Alto Jararaca II	-	-	-	-	-	-	-	-

Apesar de não termos muitas coordenadas de sítios dessa bacia, principalmente os sítios visitados por Rohr, o próprio Rhor fez questão de descrever a paisagem desses sítios, com foco nas cascatas. Vejamos os gráficos abaixo para discussão dos dados:

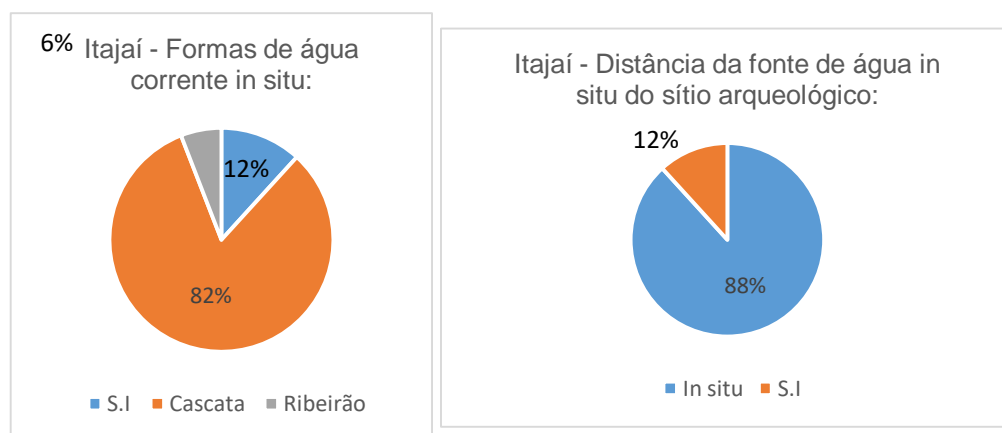


Gráfico 15: À esquerda, formas de água corrente *in situ* nos sítios da bacia do rio Itajaí. À direita, distância destas fontes d'água dos sítios. Autor: Phellipe de Lima

A grande maioria, um total de 82% da amostragem dos sítios, possui uma cascata em seu contexto, 12% da amostragem nós não temos informações e apenas um sítio (6%) possui um ribeirão como forma de água corrente em contexto. Então, é notável que 88% dos sítios possuem uma fonte de água corrente *in situ*, enquanto os outros 12% são representativos de sítios sem informação. Esses dados demonstram o quanto é importante uma cascata ou fonte de água corrente, próxima das fendas nos paredões rochosos para a escolha de lugares para se realizar o sepultamento dos mortos.

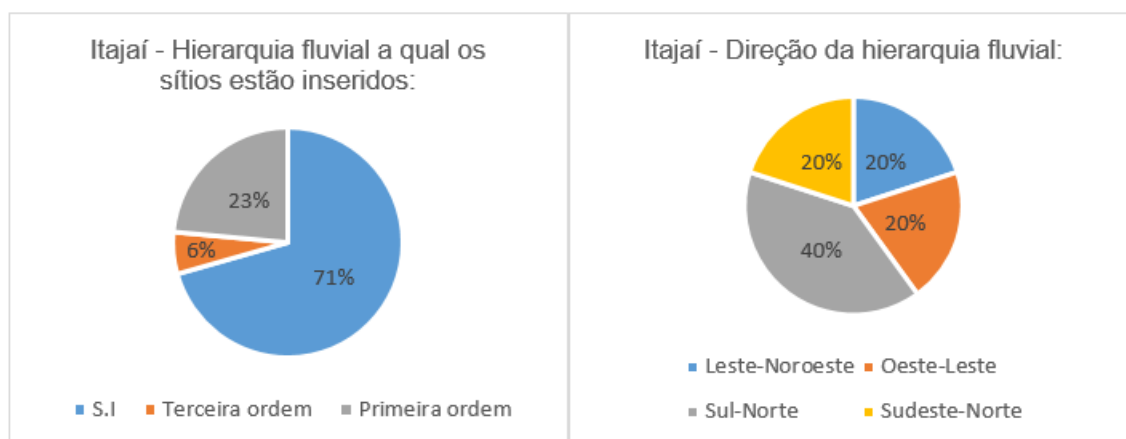
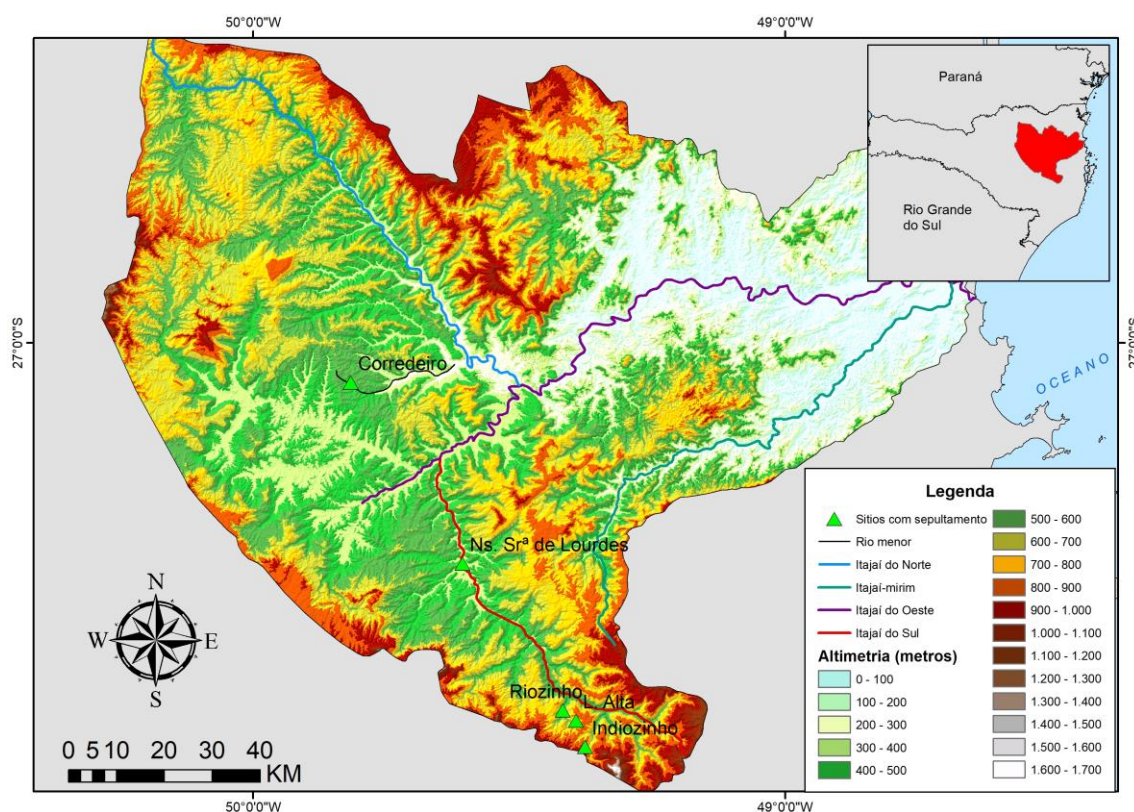


Gráfico 16: À esquerda, hierarquia fluvial que os sítios estão inseridos na bacia do Itajaí. À direita, direção destas hierarquias fluviais. Autor: Phellipe de Lima

Acerca dos dados sobre os rios, o universo da amostragem foi amplamente prejudicado pela falta de coordenadas dos sítios. Setenta e um por cento (71%) da amostragem (n=12) é representativo dos sítios que não possuímos dados sobre a hierarquia fluvial a qual os cemitérios estão inseridos. Apenas 23% (n=2) representam sítios que estão inseridos em rios



menores, de primeira ordem, e apenas 6% representa um sítio que está inserido em um rio de terceira ordem. Em relação às direções, os dados dos sítios que foram possíveis de serem analisados são um pouco mais equilibrados. Quarenta por cento (40%) equivale a cemitérios em rios que correm de sul para norte; 20% refere-se a um sítio que está em um rio que corre do oeste para o leste; outros 20% representam um jazigo com d'água do leste para o noroeste; e os 20% restantes são de um sítio que está em um rio com direção do sudeste para o norte. Vemos então que, no caso da bacia do Itajaí, aparentemente não há uma lógica na escolha das direções dos rios. Porém essa interpretação pode estar equivocada pela deficiência que os dados demonstraram.



Mapa 35: Sítios na bacia do rio Itajaí em relação com os rios principais da bacia. Autor: Phellipe de Lima

#### 4.5.5 Os sítios e os artefatos

Dos dezessete sítios na bacia do Itajaí, dez não possuem relatos de artefatos (Ns. Srª Lourdes, Gruta do Corredeiro, Abrigo do Riozinho, SC-Petrolândia-3, SC-Petrolândia-4, SC-Petrolândia-10, SC-Atalanta-1, SC-Imbuia-1, Rio do Sul 1 e Alto Jararaca II). Segue abaixo tabela com os dados dos sítios que possuem relatos:

Tabela 38: Artefatos dos sítios da bacia do rio Itajaí. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Lítico:	Pontas de flecha:	Cerâmica:	Trançados:	Concha:	Contas de colar:	Louça:	Fogo:	Macrobotânicos:	Madeira:	Petróglifos:	Fauna:
<b>Gruta da Paca</b>	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
<b>Gruta do Barro Branco</b>	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Lomba Alta</b>	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Gruta do Ribeirão Herta</b>	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Gruta do Indiozinho</b>	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
<b>Gruta do Ribeirão Revólver</b>	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
<b>SC-Petrolândia-1</b>	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim

Nenhum dos sítios na bacia do Itajaí possui relatos acerca da presença de fragmentos de cerâmica, louça, sinais de fogões, fogueiras e ossos cremados ou calcinados, além de não existirem relatos de fragmentos macrobotânicos, nem de petróglifos.

Apenas um sítio possui relatos de fragmentos de fauna (SC-Petrolândia-1). Segundo Rohr (1971), no sítio haveriam dentes de mamíferos perfurados.

Só um dos sítios arqueológicos possuem relatos de trançados, em um contexto bastante interessante: o sítio Gruta do Indiozinho. Na inspeção presente de Wagner (2002, p. 65-66), o autor descreve que há relatos de antigos moradores da presença de que haveria “uma cestinha, toda contornada com casca de árvores” e nela haveria remanescentes ósseos humanos de um “indiozinho”. Na inspeção do autor, foram encontradas “cascas de árvores que contornavam a cestinha, fragmentos da mesma já em decomposição e algumas dezenas de ossinhos que foram coletados”.

Outro sítio que possui relatos sobre madeira é o sítio Gruta da Paca, e possui um contexto semelhante ao do sítio Gruta do Indiozinho. Na prospecção

de Piazza (1966a, p. 7), foram encontrados remanescentes ósseos humanos que estavam envoltos em cascas de *Myrocarpus frondosus*<sup>79</sup> Allemão. A informação acerca dos remanescentes ósseos humanos estarem envoltos de cascas vegetais é interessante e importante. As discussões sobre essa prática funerária serão feitas no capítulo 6.

Assim como em outros sítios, as conchas encontradas nos jazigos Lomba Alta e SC-Petrolândia-1 teriam sido utilizadas como adorno funerário, na forma de contas de colar.

Da mesma forma que ocorreu com o estudo espacial da bacia do Rio Canoas, a análise da região da bacia do Rio Itajaí foi prejudicada pela falta de coordenadas de parte dos sítios. Quanto a paisagem e hidrografia, o padrão da forma de água corrente próxima das fendas no paredão rochoso continua: em 71% dos casos da bacia do Rio Itajaí os sítios possuem cascatas em seu contexto e 6% representa um sítio com um ribeirão, o que totaliza 77% dos sítios com a presença do fator água na paisagem. Referente à direção dos cursos d'água, a bacia do Rio Itajaí não segue o padrão leste-oeste que demonstrei anteriormente: 40% dos sítios estão próximos a correntes d'água que correm do sul para o norte, 20% do oeste para o leste, outros 20% do sudeste para o norte, e os últimos 20% são de rios com correntezas do leste para o noroeste.

Acerca da análise geral dos sítios na bacia, este estudo foi prejudicado pela ausência das coordenadas da maioria dos sítios de sepultamento em abrigos ou grutas.

Ainda assim, sobre os dados hidrográficos há algumas considerações a serem feitas. Esses dados são muito interessantes, pois demonstram que mesmo não estando em rios que correm do leste para o oeste, que é o padrão até então demonstrado em outras regiões hidrográficas, ainda é extremamente importante a presença da cascata ou de cursos de água na constituição da paisagem dos sítios. Sendo assim, a mitologia e, principalmente, o mito ancestral continuam presentes nesses sítios, pois as fendas no paredão rochoso continuam presentificando a morada de Kamé e Kanhru e entrada para

---

<sup>79</sup> Conhecido popularmente como cabreúva.

o mundo dos mortos (no caso da mitologia Kaingang), e a descendência dos *klẽdo* (mitologia Laklãnõ); enquanto a água, em forma de cascatas ou correntes d'água, identificam as águas diluviais que mataram Kamé e Kanhru, as águas da morte (na mitologia Kaingang), e a linhagem *vãjẽky* dos Laklãnõ.

#### **4.6 Sítios na região da bacia do Paranapanema**

No estado do Paraná há uma peculiaridade: o uso de abrigos ou grutas está mais associado à arte rupestre do que sepultamentos. Na bibliografia levantada para esta pesquisa, foram encontrados apenas alguns sítios de sepultamento em paredões rochosos que possam ser relacionados à ocupação Jê do Sul: o sítio PR WB 16, também conhecido como Abrigo Tunas, o jazigo Pontão e o Abrigo Serra do Veado. Essa ideia da não utilização de abrigos ou grutas para fins funerários na região do Paraná é aportada através do trabalho de De Souza & Merencio (2013), onde ao retratarem os sítios Jê do Sul localizados no estado do Paraná, os abrigos sob rocha e grutas são citados como sítios que possuíam a cerâmica Jê do Sul ou artes rupestres, não havendo menções acerca de sepultamentos nesses sítios.

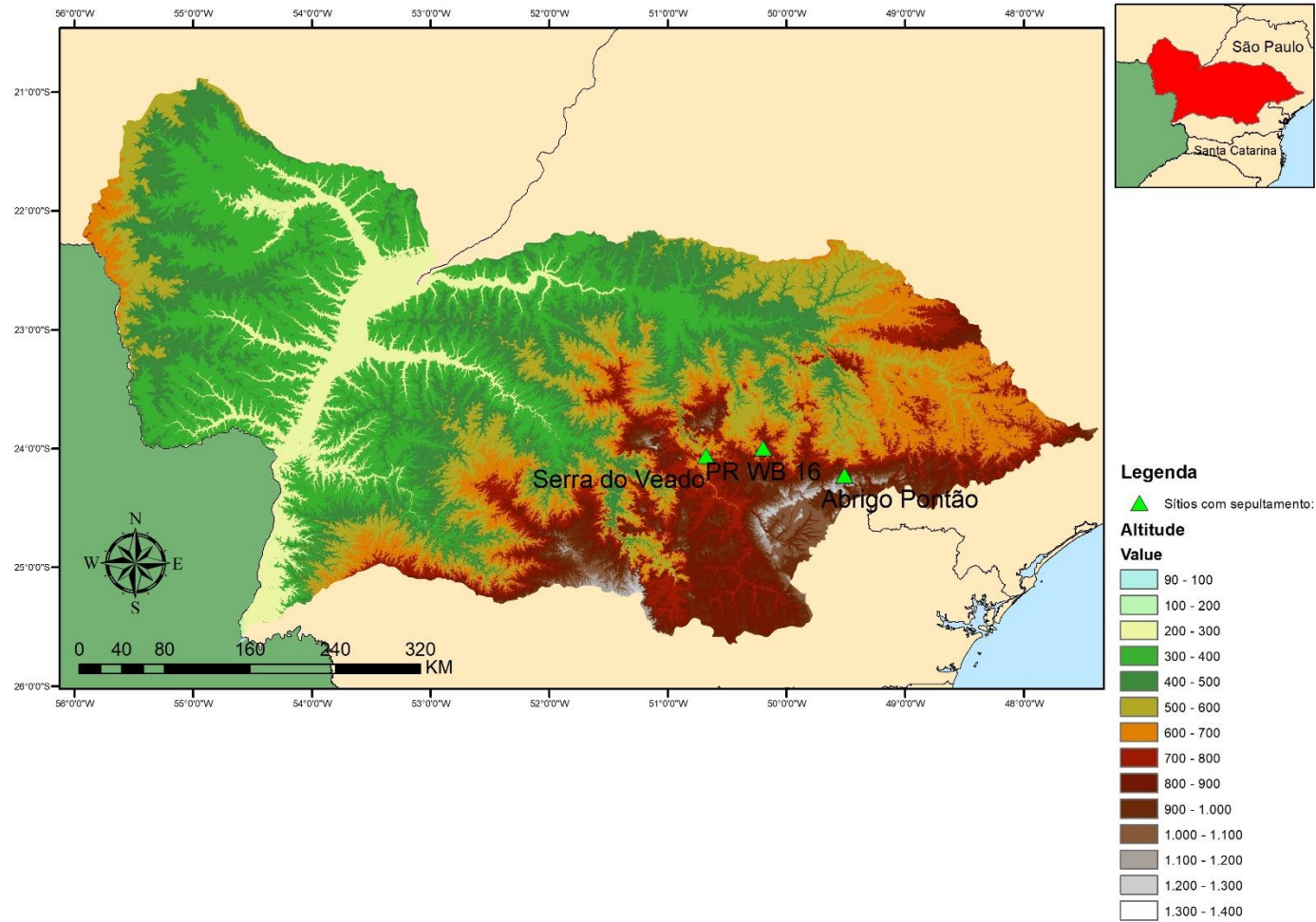
A partir do levantamento de dados das coordenadas dos sítios, poderemos ver a seguir que os sítios PR WB 16, Pontão e Serra do Veado estão situados na bacia hidrográfica do rio Paranapanema, mais especificamente entre as bacias dos rios Tibagi e Itararé. A bacia do rio Itararé é descrita por Pereira e Scroccaro (2010) como tendo uma área de 4.485,40 km<sup>2</sup>, com seu principal afluente sendo o rio Jaguariaíva. Já bacia do rio Tibagi é descrita tendo 24.937,4 km<sup>2</sup>. O rio Tibagi, ainda segundo Pereira e Scroccaro (2010), possui 550 km de extensão com 91 saltos e cachoeiras e possui os rios Taquara, Iapó, São Jerônimo, Congonhas, ribeirão dos apertados, ribeirão Três Bocas como principais afluentes. Segue abaixo tabela com as coordenadas dos sítios a fonte utilizada para a obtenção dos dados:

Tabela 39: Sítios da bacia do Paranapanema com suas coordenadas e fonte utilizada. Autor:  
Phellipe de Lima

<b>Sítio:</b>	<b>X:</b>	<b>Y:</b>	<b>Fonte:</b>
<b>Abrigo Pontão</b>	7319867	650705	Parellada (2005)
<b>PR WB 16</b>	581392	7345787	Chmyz <i>et al</i> (2008)
<b>Serra do Veado</b>	532481	7338839	Fogolari (2013); Spitz (2016)

#### 4.6.1 Implantação dos sítios conforme a altitude

Conforme o mapa abaixo, foi possível criar a tabela que o segue com os dados altimétrico da bacia do rio Paranapanema:



Mapa 36: Mapa altimétrico da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima

Tabela 40: Altimetria dos sítios da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Altitude (m):
<b>Abrigo Pontão</b>	1011
<b>PR WB 16</b>	677
<b>Serra do Veado</b>	648

O mapa de elevação de altitude mostra que apenas o sítio Pontão está em patamares elevados da própria bacia hidrográfica, enquanto os sítios PR WB 16 e Serra do Veado se encontram em patamares mais medianos. Ao olharmos a média da altitude (778 m) e compararmos com as de outras bacias, os sítios da região do Paranapanema estão em altitudes semelhantes às que temos na região da bacia do Taquari-Antas (média de 763 m), ao mesmo tempo que estão em patamares menos elevados do que se compararmos com as bacias do rio Pelotas e Canoas.

#### 4.6.2 Os sítios e suas dimensões: abrigos ou grutas?

Os três sítios arqueológicos desta seção são chamados de abrigos sob rocha pelos autores. Vejamos a tabela abaixo:

Tabela 41: Dimensões dos sítios da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima

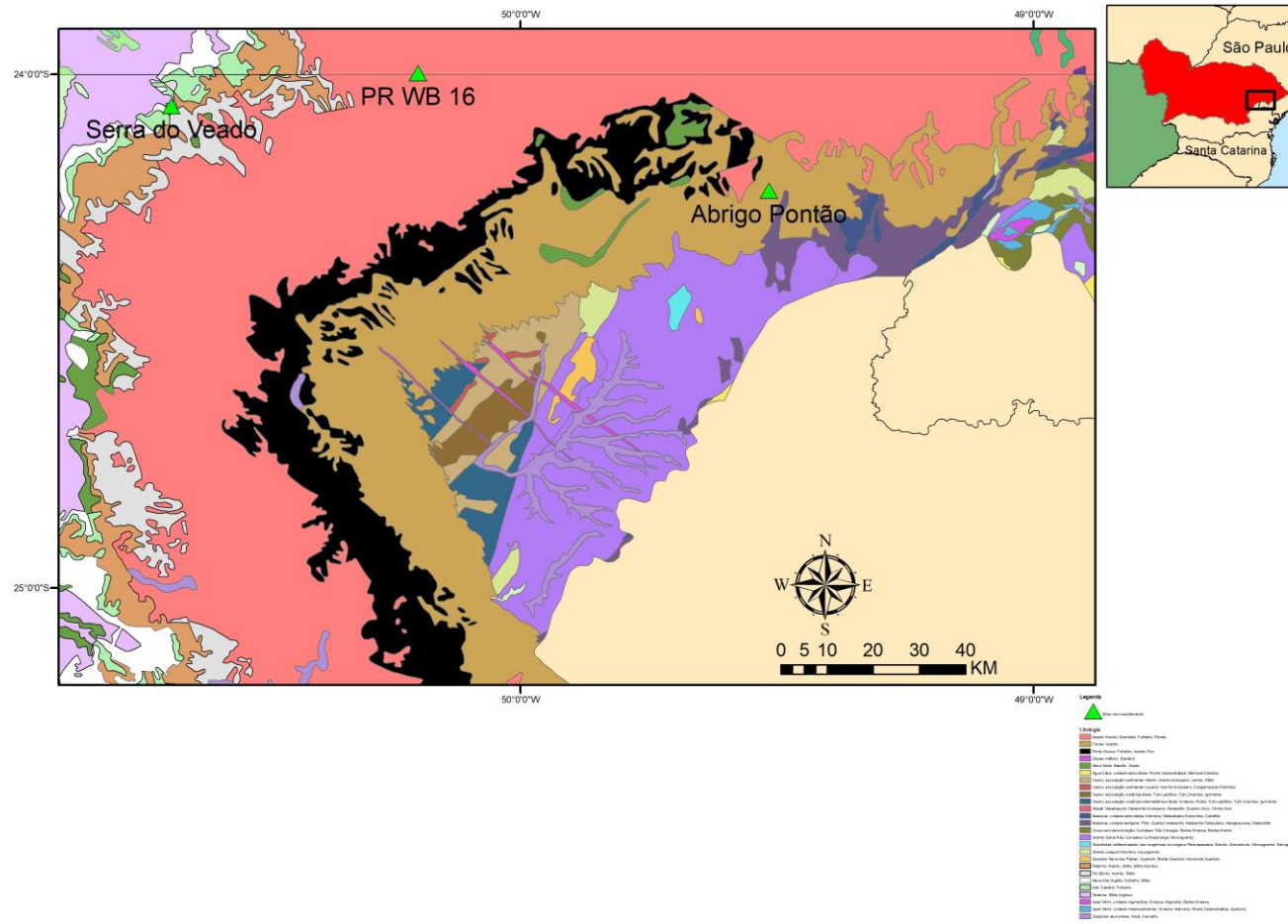
Sítio:	Dimensão abertura (m):	Dimensão altura (m):	Dimensão profundidade (m):	Tipologia do sítio:
<b>Abrigo Pontão</b>	-	-	-	-
<b>PR WB 16</b>	48	6,9	14	Gruta
<b>Serra do Veado</b>	40	-	12	-

Sobre o sítio Pontão, não contamos com dados sobre suas dimensões. O sítio PR WB 16, chamado por Chmyz *et al* (2008) de abrigo Tunas, é uma gruta. Para o sítio Serra do Veado, o dado sobre a altura do sítio arqueológico está ausente, o que nos impossibilita poder definir, com clareza, se o caso é um abrigo ou uma gruta.

Ambos os jazigos PR WB 16 e Serra do Veado são considerados como grandes sítios, pela análise da dimensão de abertura da fenda no paredão rochoso e, apesar de suas grandes dimensões, possuem poucos indivíduos sepultados, porém com práticas funerárias mais elaboradas do que os sítios de menor porte apresentados nesta dissertação.



4.6.3 Os sítios arqueológicos em relação com a litologia



Mapa 37: Mapa litológico de parte da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima

Tabela 42: Litologia dos sítios da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima

<b>Sítio:</b>	<b>Litologia:</b>
<b>Abrigo Pontão</b>	Furnas: Arenito
<b>PR WB 16</b>	Itararé: Arenito, diamictito, folhelho, ritmito
<b>Serra do Veado</b>	Irati: Calcário, folhelho

Conforme os dados apontam, vemos que os sítios estão inseridos em três tipos de litologias diferentes: o sítio Pontão estando em uma área de formação Furnas, o PR WB 16 possuindo litologia do grupo Itararé, e o sítio Serra do Veado é um sítio que está na formação Irati.

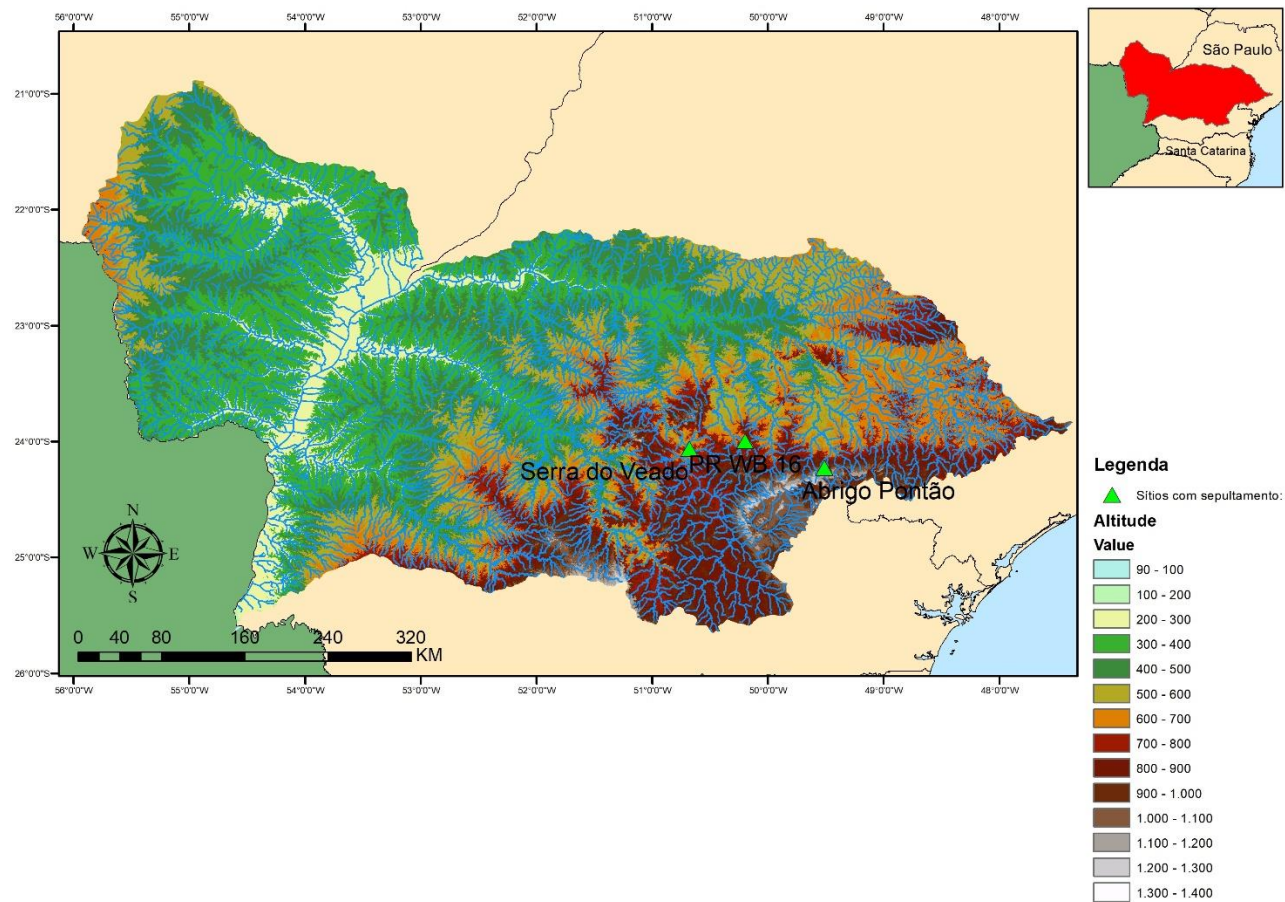
Segundo o Atlas geológico do estado do Paraná (2001), a formação Furnas é pertencente ao grupo Paraná, datado da era devoniana. Tal formação é descrita pelo atlas como “constituída por arenitos médios a grosseiros com estratificações cruzada e horizontal, subordinadamente arenitos conglomeráticos e siltitos esbranquiçados”.

O sítio Serra do Veado está inserido numa área de formação Irati, que pertence ao grupo Passa Dois, da idade do Permiano Superior. A formação Irati, segundo o Atlas geológico do estado do Paraná (2001), é descrita da seguinte forma:

Compreende os membros Taquaral e Assistência. O Membro Taquaral, formado em plataforma rasa, é constituído por argilitos e folhelhos cinzentos com laminação paralela. O Membro Assistência, depositado em bacia restrita, é formado por folhelhos pretos, pirobetuminosos, com intercalações de calcário e laminação paralela.

Por último, o grupo Itararé, onde está inserido o sítio PR WB 16, é um grupo datado do período Permiano Inferior, e sua litologia é descrita como sendo composta por “folhelhos e siltitos cinzentos, arenitos esbranquiçados, diamictitos, ritmitos, arenitos grosseiros avermelhados”.

#### 4.6.4 Os sítios arqueológicos conforme a hidrografia



Mapa 38: Mapa hidrográfico da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima

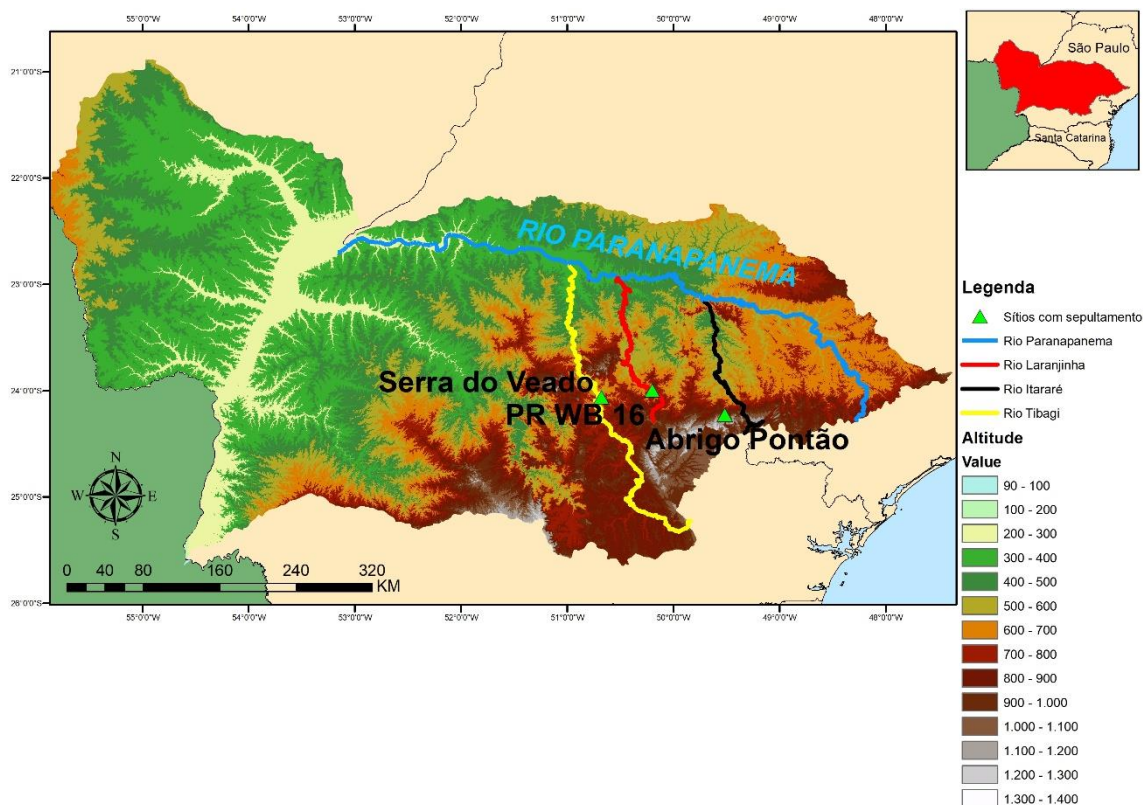
Tabela 43: Hidrografia dos sítios da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Hierarquia fluvial do sítio:	Direção da hierarquia fluvial:	Margem da hierarquia fluvial:	Rio principal mais próximo:	Direção do rio principal:	Relação entre a hierarquia fluvial e o rio principal:	Forma de água corrente <i>in situ</i> :	Distância da fonte d'água <i>in situ</i> :
<b>Abrigo Pontão</b>	Primeira ordem	Sudoeste-Nordeste	Esquerda	Lajeado Grande (Primeira ordem)	Sudoeste-Nordeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	-	-
<b>PR WB 16</b>	Segunda ordem	Sudeste-Noroeste	Direita	Rio Laranjinha (Segunda ordem)	Sudoeste-Nordeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Nascente de córrego	38m
<b>Serra do Veado</b>	Terceira ordem	Sudeste-Noroeste	Direita	Rio Tibagi	Sudoeste-Nordeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ

Diferentemente de muitos sítios apresentados até o momento, todos os da bacia do Paranapanema estão inseridos diretamente em rios de diferentes portes, não arroios. Desses, dois sítios estão inseridos em rios que correm do sudeste para o noroeste, e um jazigo possui uma corrente d'água que corre do sudoeste para o nordeste.

Em relação ao contexto de água corrente, a Serra do Veado está no padrão de cascatas *in situ*, enquanto o PR WB 16 tem uma nascente de córrego muito próximo, para o sítio Pontão não constam informações.

Abaixo o mapa com as coordenadas dos sítios e os rios principais para discussão acerca de territórios e subterritórios:



Mapa 39: Sítios da bacia do rio Paranapanema em relação com os rios principais da bacia.

Autor: Phellipe de Lima

Os três sítios estão próximos, ou inseridos em rios grandes e importantes que são tributários diretos do Rio Paranapanema. Cada um dos jazigos está vinculado a um desses rios de forma separada: o sítio Serra do Veado através do Rio Tibagi; o sítio PR WB 16 com o Rio Laranjinha; e por último o sítio Pontão com o rio Itararé, que pode representar sítios cemitérios de subterritórios diferentes. É interessante o contexto da bacia do Paranapanema, pois temos datações dos sítios Serra do Veado e do PR WB 16, e esses sítios não são contemporâneos. É possível que esses sítios estejam, de certa forma, demonstrando territórios diferentes dentro da própria bacia, mesmo que em períodos cronológicos diferentes.

#### 4.6.5 Os sítios e os artefatos

Para discussão dos artefatos em contexto com os sepultamentos, segue tabela abaixo:

Tabela 44: Artefatos dos sítios da bacia do Paranapanema. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Lítico:	Pontas de flecha:	Cerâmica:	Trançados:	Concha:	Contas de colar:	Louça:	Fogo:	Macrobotânicos:	Madeira:	Petróglifos:	Fauna:
<b>Abrigo Pontão</b>	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim
<b>PR WB 16</b>	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
<b>Serra do Veado</b>	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Não	Sim

Diferentemente das outras bacias hidrográficas, a do Paranapanema é a única, até então, em que todos os sítios de sepultamento em paredões rochosos possuem cerâmica em seu contexto. Apesar dos sítios Pontão e PR WB 16 possuírem camadas que os autores chamam de pré-cerâmica (Chmyz *et al*, 2008; Parellada, 2005), os sepultamentos, segundo esses autores, são relacionados à ocupação Jê do sítio. Para Parellada (2015, p. 49) os sepultamentos Jê seriam de um período pós-colonial.

O sítio Pontão possui artefatos líticos, porém não há relatos de ponta de flecha, possui cerâmica Jê do Sul, e petróglifos que Parellada atesta a possibilidade de serem, nas palavras dela, “associadas a grupos Itararé-Taquara” (Parellada, 2009, p. 16). Consta ainda que vários adornos peitorais relacionados aos sepultamentos seriam de proveniência de fauna.

O sítio PR WB 16 também tem a cerâmica Jê do Sul em seu contexto e os sepultamentos são relacionados então com tal ocupação, apesar dos autores definirem que o sítio teria uma ocupação pré-cerâmica. Para os autores, algumas áreas onde teriam fogões com ossos humanos seriam representativos de certa prática crematória, algo que não há no sítio Pontão. Nesses fogões havia a presença de conchas (sem informações acerca da proveniência dessas conchas) e sementes de coquinho. Foram encontrados nesse sítio tanto lascas quanto pontas de flechas.

No caso do sítio da Serra do Veado, as pontas de flecha apareciam no contexto mortuário próximo aos sepultamentos, em alguns casos próximos ao crânio. Os artefatos líticos, na forma de lascas e microlascas também estavam no contexto dos sepultamentos. Há relatos de conchas, não perfuradas e

perfuradas. Quando perfuradas, serviam de adornos funerários. Não foi informado se as conchas são marinhas. Também há relatos de dentes perfurados, para servirem de adornos.

Em uma análise geral dos sítios da bacia hidrográfica do rio Paranapanema, os sítios estão em altitudes médias no contexto da bacia. Sobre a dimensão dos sítios, os dados demonstram que na bacia do Rio Paranapanema, a preferência de escolha dos protagonistas para conceber seus cemitérios é em grandes fendas nos paredões rochosos, como visto nas dimensões dos sítios Serra do Veado e PR WB 16.

Quanto à hidrografia a qual os cemitérios estão inseridos, não há nos dados uma maioria para afirmar que a preferência pela forma de água corrente *in situ* seja cascatas ou não, porém há indícios que a presença de água corrente *in situ* seja importante, pois em um caso há cascata (Serra do Veado), em outro há a nascente de um córrego (PR WB 16) e, sobre o Abrigo Pontão não há informações acerca do contexto hidrográfico. Ao analisar os dados sobre a direção das correntes d'água *in situ*, o padrão leste-oeste tende a se manter nos sítios Serra do Veado e PR WB 16, já no sítio Pontão a lógica se inverte, estando o sítio próximo a um curso d'água com direção oeste-leste. O fato das fendas nos paredões rochosos aliados ao contexto de cursos d'água *in situ*, assim como nas outras bacias estudadas até então, remetem e fazem alusão à mitologia (que é discutida no capítulo 7), principalmente ao mito fundador dos Kaingang e dos Laklãnõ, os povos Jê do Sul atuais.

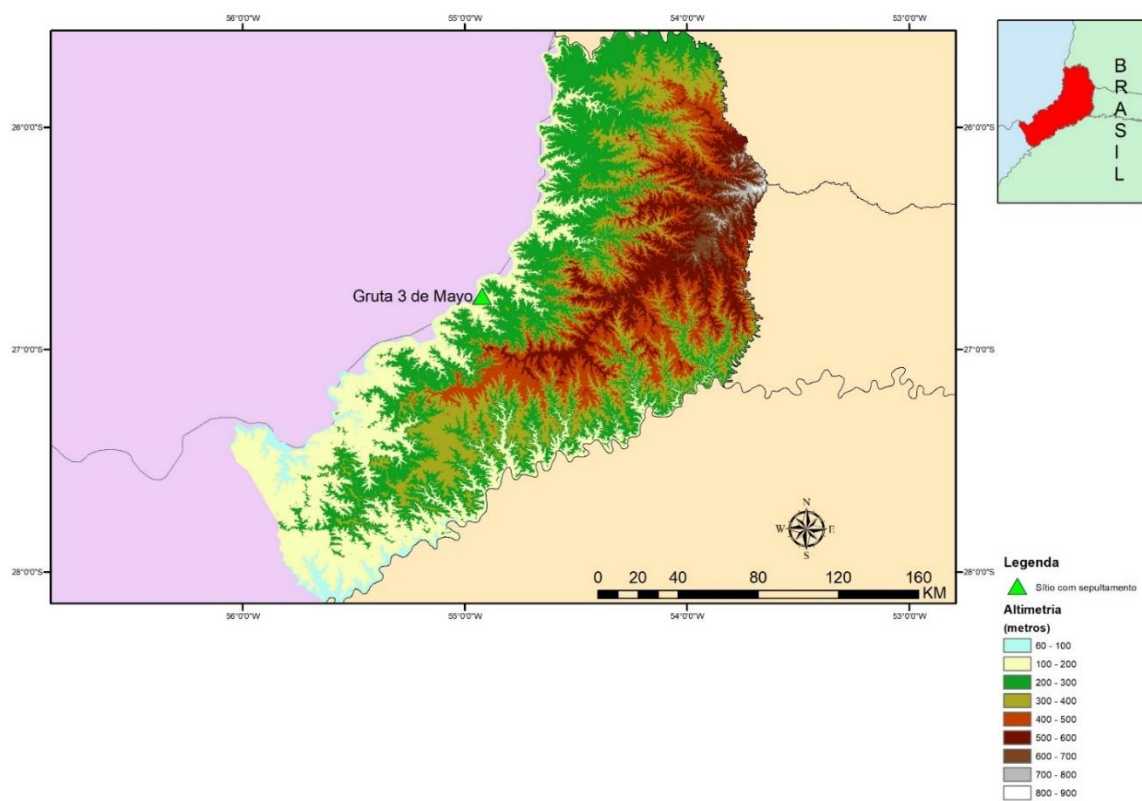
#### 4.7 Um sítio na província de Misiones, Argentina: o caso da gruta 3 de Mayo

Como dito anteriormente, a Gruta 3 de Mayo foi estudada, algumas vezes, por alguns pesquisadores. É um sítio importante por diversos fatores: o único cemitério em gruta ou abrigo na região da Argentina, possui datações e análises isotópicas. Além de ser um sítio que, fundamentalmente, está isolado, tendo uma enorme separação geográfica entre esse sítio e outras grutas e abrigos com sepultamento, como visto no mapa 1.

Tabela 45: Sítio 3 de Mayo com sua coordenada e fonte utilizada. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Fonte:
3 de Mayo	Loponte <i>et al</i> (2016); Rizzo (1968); Rizzo <i>et al</i> (2006)

#### 4.7.1 Implantação do sítio conforme a altitude



Mapa 40: Mapa altimétrico de Misiones (Argentina) . Autor: Phellipe de Lima



Tabela 46: Altimetria da Gruta 3 de Mayo. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Altitude (m):
3 de Mayo	114

Como podemos ver no mapa, a Gruta 3 de Mayo está em uma altitude baixa se comparada a altitude da província de Misiones. Ao compararmos com as altitudes dos sítios estudados até hoje, o caso do sítio na Argentina também é o caso de um sítio em uma baixa altitude.

#### 4.7.2 O sítio e suas dimensões:

Tabela 47: Dimensões do sítio 3 de Mayo. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Dimensão abertura (m):	Dimensão altura (m):	Dimensão profundidade (m):	Tipologia do sítio:
Gruta 3 de Mayo	40	7,5	30	Gruta

Por meio das medidas do sítio arqueológico, podemos perceber que é um sítio grande, conforme a divisão arbitrária que tomei aqui nesta pesquisa. Assim como nos casos dos sítios Virador I e II, Santa Bárbara, Serra do Veado, PR WB 16, Gruta do Lavatudo, por exemplo, o sítio 3 de Mayo é um exemplo de um grande sítio com práticas funerárias mais elaboradas do que em casos de sítios menores.

#### 4.7.3 O sítio arqueológico em relação com a litologia

Por não encontrar um banco de dados semelhante às cartas geológicas do Brasil ao milionésimo para a região da Argentina, esta análise foi dificultada, impossibilitando a criação de um mapa. Porém, através do mapa geológico de Misiones<sup>80</sup>, podemos ver que há duas possibilidades litológicas para a inserção do sítio: a primeira sendo a formação Apóstoles e a segunda sendo o Miembro Solari, pertencente a formação Curuzú Cuatiá.

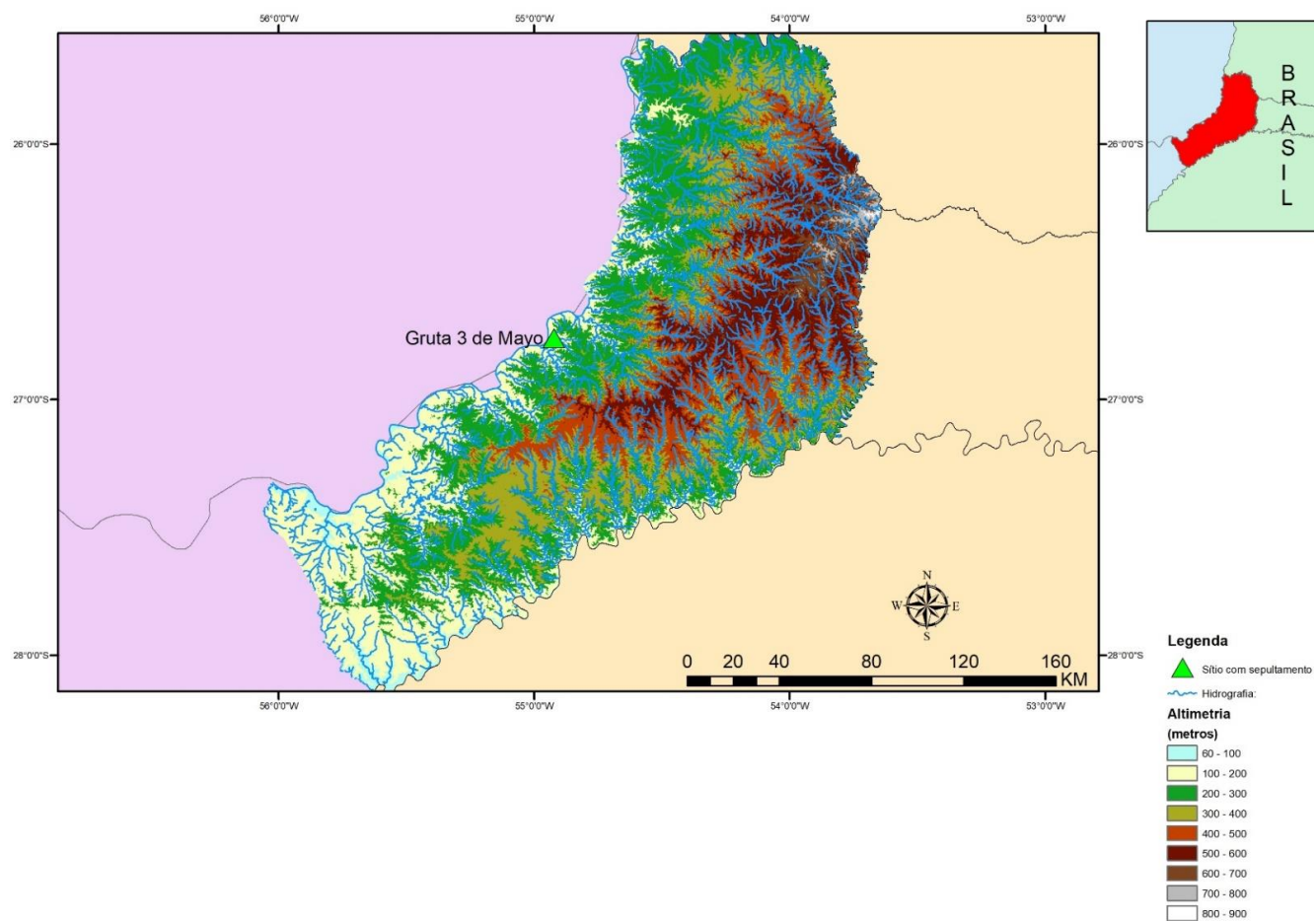
A formação Apóstoles é uma formação continental do período holocênico, sendo caracterizado como “regolitos lateríticos por alteración e

<sup>80</sup> Disponível em: <http://repositorio.segemar.gov.ar/308849217/1510>

intemperización de los basaltos que asumen estados de suelos residuales hasta su degradación em arcillas rojas”.

Já o Miembro Solari é caracterizado por “areniscas cuarzosas, finas a medianas, rosadas a rojizas, con mátriz arciloas según sectores, a veces silicificadas. Se interestratifican con los basaltos según espesores diferentes”.

#### 4.7.4 O sítio arqueológico conforme a hidrografia:



Mapa 41: Mapa hidrográfico de Misiones (Argentina). Autor: Phellipe de Lima

Tabela 48: Dados hidrográficos do sítio 3 de Mayo. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Hierarquia fluvial do sítio:	Direção da hierarquia fluvial:	Margem da hierarquia fluvial:	Rio principal mais próximo:	Direção do rio principal:	Relação entre a hierarquia fluvial e o rio principal:	Forma de água corrente <i>in situ</i> :	Distância da fonte d'água <i>in situ</i> :
<b>3 de Mayo</b>	Terceira ordem	Leste-Oeste	Direita	Arroyo 3 de Mayo (terceira ordem)	Leste-oeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ

Por meio do mapa e da tabela, podemos ver que o sítio 3 de Mayo segue o padrão de possuir uma cascata *in situ*. Assim como grande parte dos sítios estudados nesta dissertação, o jazigo possui relação com um rio que corre do leste para o oeste. Esse rio, chamado Arroyo 3 de Mayo, é um rio grande da bacia hidrográfica, pois possui diversos tributários, sendo um rio de terceira ordem.

#### 4.7.5 O sítio e os artefatos

Tabela 49: Artefatos do sítio 3 de Mayo. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Lítico:	Pontas de flecha:	Cerâmica:	Trançados:	Concha:	Contas de colar:	Louça:	Fogo:	Macrobotânicos:	Madeira:	Petróglifos:	Fauna:
<b>3 de Mayo</b>	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim

Loponte *et al* (2016) indicam que o lítico da gruta 3 de Mayo é relacionado com a ocupação pré-cerâmica do sítio. Desse período, também foram encontrados remanescentes de fauna de *tapirus terrestris*, *Blastocerus dichotomus*, *Myocastor coypus*, *Dasyus novemcintus*, *Mazama* sp., *Tayassu* sp. e peixes.

Na porção representativa Jê do Sul do sítio foram encontrados, ainda segundo Loponte *et al*, os mesmos restos faunísticos, porém com a adição do *Hydrochoerus hydrochaeris* e os mesmos tipos de artefatos líticos, produzidos de basalto e arenito silicificado. Consta também a informação acerca de anzóis de osso.

O resto dos relatos de artefatos se fazem presente em Rizzo (1968) e Rizzo *et al* (2006). O fogo está presente na forma de fogões, formados pelo agrupamento de blocos de basalto, porém não constam informações concretas

acerca dos remanescentes ósseos humanos estarem queimados ou cremados, assim como não há informações sobre queimas dos remanescentes faunísticos.

Como em diversos outros sítios relatados até aqui, as conchas aparecem no contexto funerário, principalmente como adornos, porém não constam informações se as conchas seriam marinhas ou lacustres.

Numa análise espacial geral do sítio 3 de Mayo, o cemitério é de grandes dimensões, similar a alguns dos sítios mais interessantes estudados até então, como os casos do sítio Gruta do Lavatudo, Santa Bárbara, Virador I e II e Serra do Veado. A materialidade no sítio, principalmente o fato de existir a cerâmica e sinais de fogo no contexto arqueológico, remetem aos sítios do período posterior a 1000 A.D.

Como na maioria dos casos de outras bacias estudadas até então, o sítio 3 de Mayo apesar de estar bem longe de outros cemitérios em abrigos e grutas (aproximadamente 500 km do cemitério em paredão rochoso mais próximo), possui o mesmo padrão na paisagem. A Gruta 3 de Mayo também contém uma cascata como marcador na paisagem, e além disso, está em contexto com um curso d'água que corre do leste para o oeste. Então, interpretando conforme as mitologias Jê do Sul: enquanto segundo a cosmologia Laklãnõ a fenda no paredão rochoso identifica a linhagem ancestral dos *klẽdo*, a cascata ou o rio próximo desses sítios presentifica a linhagem *vãjẽky*. Já conforme a cosmologia Kaingang, no sítio 3 de Mayo a cascata e o rio que corre do leste para o oeste materializam as águas diluviais que mataram Kamé e Kanhru, pois são as águas que nascem do topo da serra (na forma de uma cascata) e também são as águas que correm do leste para o oeste. Já a fenda no paredão rochoso é tanto a entrada pro *nügme-numbê*, mundo dos mortos, quanto também o local de morada de Kamé e Kanhru após o dilúvio.

Este capítulo teve como objetivo estudar e analisar os sítios de cemitérios em abrigos e grutas com sepultamentos individualizados por bacias hidrográficas, o próximo capítulo tem o foco na análise dos sítios de uma maneira geral, para entendê-los de maneira macro-espacial.

## Capítulo 5 – Análise macro-espacial dos sítios arqueológicos

Neste capítulo há uma análise geral em macro-escala, de maneira a tratar os dados de todos os sítios em um mesmo universo amostral, não mais separando-os conforme as suas bacias hidrográficas. Focando nos estudos sobre as dimensões dos sítios, a hidrografia e os artefatos, pois as análises sobre as altitudes e as litologias não trouxeram resultados satisfatórios. Segue abaixo tabela com a relação dos sítios e as bacias hidrográficas dos mesmos:

Tabela 50: Sítios arqueológicos citados na pesquisa com suas respectivas bacias hidrográficas.

Autor: Phellipe de Lima

<b>Sítio:</b>	<b>Bacia hidrográfica:</b>
<b>Gruta da Caveira</b>	Taquari-Antas
<b>Gruta do Matemático</b>	Taquari-Antas
<b>Barra do Morais I</b>	Taquari-Antas
<b>RS 67</b>	Taquari-Antas
<b>RS 41</b>	Taquari-Antas
<b>RS 124</b>	Taquari-Antas
<b>RS-A-65</b>	Taquari-Antas
<b>RS-A-49</b>	Taquari-Antas
<b>RS-A-48</b>	Taquari-Antas
<b>RS-A-70</b>	Taquari-Antas
<b>RS-A-50</b>	Taquari-Antas
<b>RS-A-73</b>	Taquari-Antas
<b>RS-A-71</b>	Taquari-Antas
<b>Jaquirana</b>	Taquari-Antas
<b>Perau das Cabeças</b>	Taquari-Antas
<b>RS 39</b>	Caí-Sinos
<b>Sítio Caipora</b>	Caí-Sinos
<b>Virador I</b>	Caí-Sinos
<b>Virador II</b>	Caí-Sinos
<b>Capão dos Ossinhos</b>	Pelotas
<b>Vacas Gordas I</b>	Pelotas
<b>Gruta Santa Bárbara</b>	Pelotas
<b>Gruta do Lavatudo</b>	Pelotas
<b>Invernada do Moleque I</b>	Pelotas
<b>Abrigo Rio dos Altos</b>	Pelotas
<b>Celso Cardoso</b>	Pelotas
<b>Urubici-6</b>	Canoas
<b>SC-Urubici-7</b>	Canoas
<b>SC-Bom Retiro-8</b>	Canoas
<b>SC-Bom Retiro-15</b>	Canoas
<b>Ns Sra<sup>a</sup> Lourdes (SC-Ituporanga-1)</b>	Itajaí

<b>Gruta da Paca</b>	Itajaí
<b>Gruta do Corredeiro</b>	Itajaí
<b>Gruta do Barro Branco</b>	Itajaí
<b>Lomba Alta</b>	Itajaí
<b>Gruta do Ribeirão Herta</b>	Itajaí
<b>Abrigo do Riozinho</b>	Itajaí
<b>Gruta do Indiozinho</b>	Itajaí
<b>Gruta do Ribeirão Revólver</b>	Itajaí
<b>SC-Petrolândia-1</b>	Itajaí
<b>SC-Petrolândia-3</b>	Itajaí
<b>SC-Petrolândia-4</b>	Itajaí
<b>SC-Petrolândia-10</b>	Itajaí
<b>SC-Atalanta-1</b>	Itajaí
<b>SC-Imbuia-1</b>	Itajaí
<b>Rio do Sul 1</b>	Itajaí
<b>Alto Jararaca II</b>	Itajaí
<b>Abrigo Pontão</b>	Paranapanema
<b>PR WB 16</b>	Paranapanema
<b>Serra do Veado</b>	Paranapanema
<b>3 de Mayo</b>	Misiones

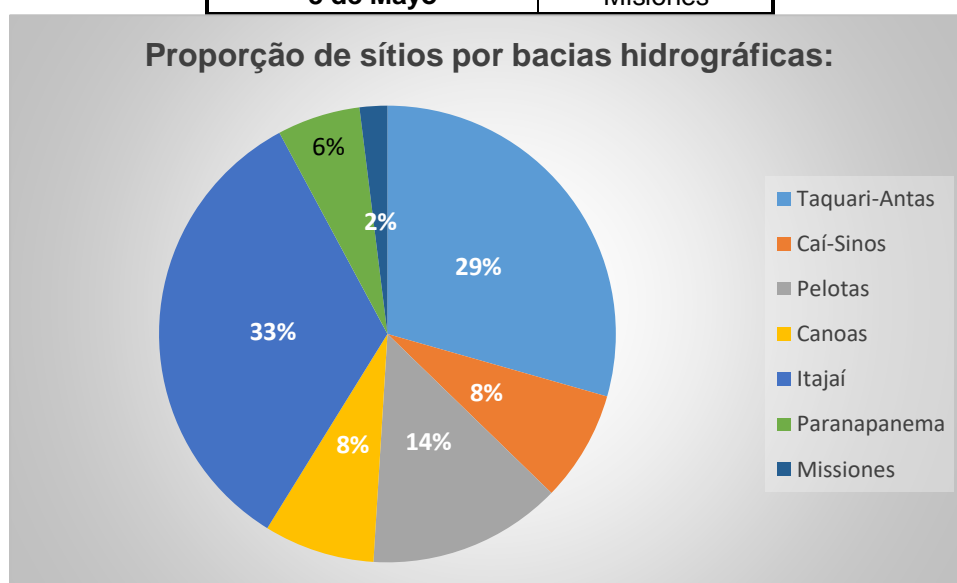


Gráfico 17: Proporção de sítios por bacia hidrográfica. Autor: Phellipe de Lima

A seguinte proporção foi identificada: 33% dos sítios estão na bacia do Itajaí (n=17); 29% na bacia do Taquari-Antas (n=13); 14% na região do rio Pelotas (n=7); quatro na bacia do rio Caí-Sinos (8%); quatro na região do rio Canoas (8%); apenas três na região do Paranapanema (6%); e apenas um na região de Misiones, Argentina (2%). Esses dados apresentam a já citada concentração dos sítios nas regiões da borda oriental do Planalto Meridional e

na região da encosta da serra, principalmente nas partes dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e suas divisas.

### 5.1 Os sítios e suas dimensões em uma análise geral

Segue abaixo a tabela com a dimensão de todos os sítios arqueológicos, para poder iniciar a discussão acerca da tipologia e também da dimensão desses sítios:

Tabela 51: Dimensões dos sítios utilizados nesta pesquisa. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Dimensão abertura (m):	Dimensão altura (m):	Dimensão profundidade (m):	Tipologia S.B.E:
Gruta da Caveira	17	2,3	14	Gruta
Gruta do Matemático	-	-	-	-
Barra do Morais I	-	-	-	-
RS 67	-	-	-	-
RS 41	20	2	10	Gruta
RS 124	20	-	2	-
RS-A-65	50	6	15	Gruta
RS-A-49	10	3,5	3	Abrigo-sob-rocha
RS-A-48	10	1,53	6	Gruta
RS-A-70	15	2,5	4	Gruta
RS-A-50	8,5	1,5	7	Gruta
RS-A-73	8	0,7	3	Gruta
RS-A-71	30	1,5	2	Gruta
Jaquirana	-	-	-	-
Perau das Cabeças	-	-	-	-
RS 39	2	0,7	3,5	Gruta
Sítio Caipora	5,4	2,5	8	Gruta
Virador I	39,7	8,5	10,6	Gruta
Virador II	17,2	3,1	6	Gruta
Capão dos Ossinhos	-	-	-	-
Vacas Gordas I	15,1	2,4	2	Abrigo-sob-rocha
Gruta Santa Bárbara	19,5	4,5	12,1	Gruta
Gruta do Lavatudo	31,4	2,9	5,3	Gruta
Invernada do Moleque I	2	2,1	3,5	Gruta
Abrigo Rio dos Altos	3,4	3,2	4,7	Gruta
Celso	-	-	-	-



<b>Cardoso</b>				
<b>Urubici-6</b>	S.l	S.l	S.l	-
<b>SC-Urubici-7</b>	6	3	4	Gruta
<b>SC-Bom Retiro-8</b>	8	3	3	Gruta
<b>SC-Bom Retiro-15</b>	30	5	3	Abrigo-sob-rocha
<b>Ns Sra<sup>a</sup> Lourdes/ (SC-Ituporanga-1)</b>	1,5	-	2	-
<b>Gruta da Paca</b>	47,5	4,5	3	Abrigo-sob-rocha
<b>Gruta do Corredeiro</b>	10	2	5	Gruta
<b>Gruta do Barro Branco</b>	10	5	5	Gruta
<b>Lomba Alta</b>	80	10	19	Gruta
<b>Gruta do Ribeirão Herta</b>	10	5	5	Gruta
<b>Abrigo do Riozinho</b>	30	2,5	20,5	Gruta
<b>Gruta do Indiozinho</b>	125	S.l		-
<b>Gruta do Ribeirão Revólver</b>	10	2,5	5	Gruta
<b>SC-Petrolândia-1</b>	-	-	-	-
<b>SC-Petrolândia-3</b>	10	2	5	Gruta
<b>SC-Petrolândia-4</b>	5	1	1	Gruta
<b>SC-Petrolândia-10</b>	30	4	5	Gruta
<b>SC-Atalanta-1</b>	-	-	-	-
<b>SC-Imbuia-1</b>	40	6	4	Abrigo-sob-rocha
<b>Rio do Sul 1</b>	-	-	-	-
<b>Alto Jararaca II</b>	-	-	-	-
<b>Abrigo Pontão</b>	-	-	-	-
<b>PR WB 16</b>	48	6,9	14	Gruta
<b>Serra do Veado</b>	40	-	12	-
<b>3 de Mayo</b>	40	7,5	30	Gruta

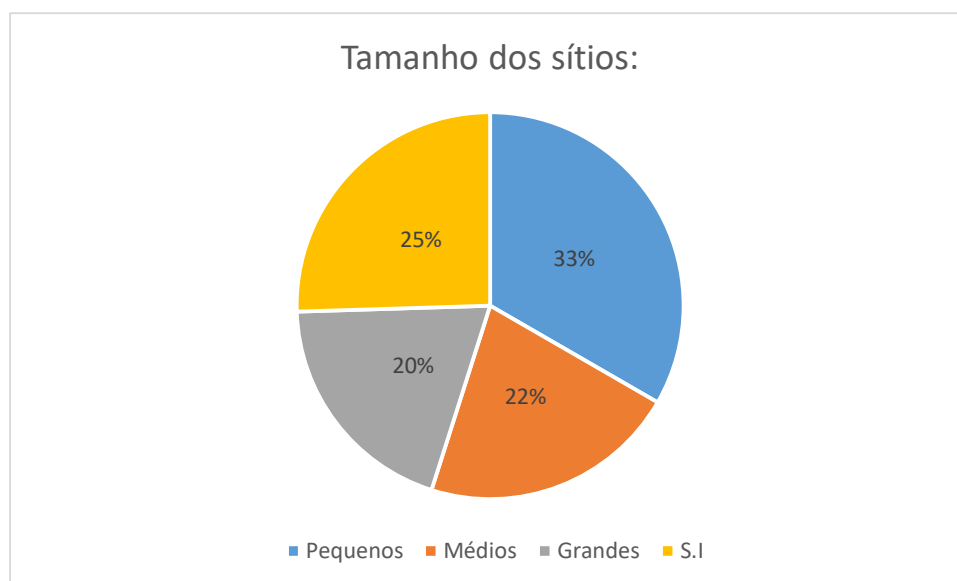


Gráfico 18: Proporção de todos os sítios conforme o tamanho. Autor: Phellipe de Lima

Sobre o tamanho dos sítios há uma certa constância, onde: 20% dos sítios (n=10) são grandes e estão bem dispersos pelas bacias, quatro desses sítios grandes estão na bacia do Itajaí; dois na bacia do Paranapanema; e, nas bacias dos rios Pelotas, Caí-Sinos, Misiones e Taquari-Antas, existe um sítio grande para cada. É interessante o fato de que, alguns dos cemitérios em paredões rochosos mais interessantes (seja por número mínimo de indivíduos, por arte rupestre, cremações ou contextos funerários), são justamente sítios os quais a dimensão da abertura é grande, como nos casos da Gruta 3 de Mayo, Gruta do Lavatudo, Gruta do Indiozinho, Virador I e Serra do Veado, o que indica uma preferência para sítios maiores para práticas funerárias mais elaboradas.

Vinte e dois por cento (22%) da amostragem (n=11) é referente a sítios médios. Cinco deles são da região do Taquari-Antas, dois da bacia do rio Pelotas, um da bacia do Itajaí, um da bacia do Caí-Sinos e um da região do rio Canoas. Dois sítios médios também são muito interessantes: os sítios Santa Bárbara (pela grande quantidade de indivíduos) e o sítio Virador II (tanto pelo contexto de múltiplos sepultamentos quanto por estar próximo do Virador I).

A maioria dos sítios é de pequeno porte (33%, n=17). Desses, a maioria (seis) está na região do Itajaí; seis estão na bacia do Taquari-Antas; dois na bacia do rio Caí-Sinos; dois na bacia do Canoas; e dois na bacia do Pelotas. A maioria desses sítios menores tinha poucos remanescentes ósseos humanos,

com exceção do sítio Caipora, que mesmo sendo um dos menores sítios dentre os 51, possui um número mínimo de 36 indivíduos sepultados no cemitério.

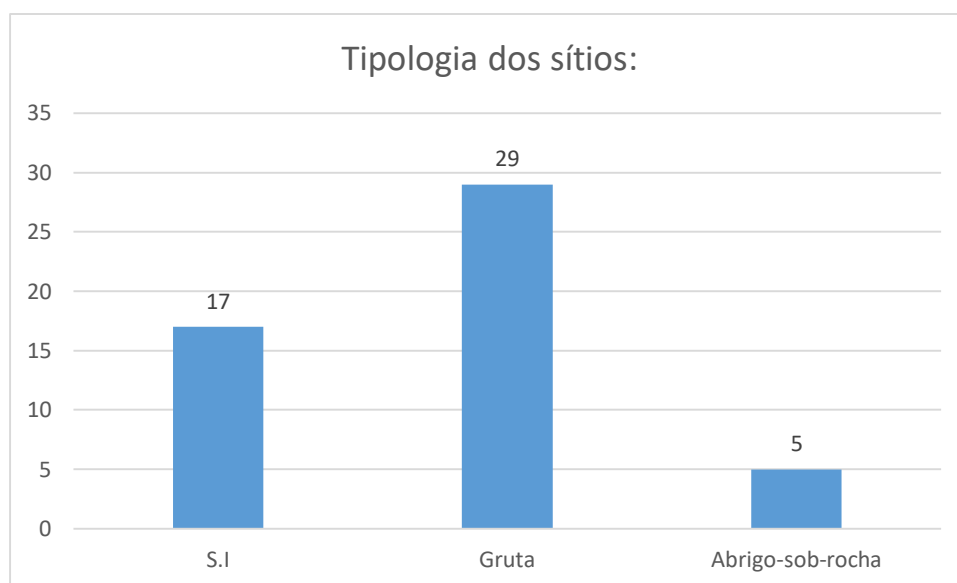


Gráfico 19: Tipologia geral dos sítios. Autor: Phellipe de Lima

A tabela acima indica que mesmo que muitos autores tenham chamado os sítios de abrigos sob rocha, em toda a amostragem só há cinco casos, a grande maioria é de sítios em grutas, e há dezessete casos que não pude definir a tipologia correta pela ausência de dados.

De modo a fazer uma comparação de como nós, arqueólogos e arqueólogas, reconhecemos esses sítios e como eles são em tipologia, conforme estipulação da Sociedade Brasileira de Espeleologia, produzi a tabela que segue:

Tabela 52: Tipologia dos sítios. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Nomenclatura dada pelos autores:	Tipologia do sítio (conforme SBE):
<b>Gruta do Matemático</b>	Gruta	-
<b>Barra do Morais I</b>	Gruta	-
<b>RS 67</b>	Gruta	-
<b>RS 124</b>	Gruta	-
<b>Jaquirana</b>	-	-
<b>Perau das Cabeças</b>	Gruta	-
<b>Capão dos Ossinhos</b>	-	-
<b>Celso Cardoso</b>	-	-
<b>Urubici-6</b>	Abrigo sob rocha ou Gruta	-
<b>Ns Sraª Lourdes (SC-Ituporanga-10)</b>	-	-
<b>Gruta do Indiozinho</b>	-	-
<b>SC-Petrolândia-1</b>	Abrigo sob rocha	-

<b>SC-Atalanta-1</b>	Abrigo sob rocha	-
<b>Rio do Sul 1</b>	Abrigo sob rocha	-
<b>Alto Jararaca II</b>	-	-
<b>Abrigo Pontão</b>	Abrigo sob rocha	-
<b>Serra do Veado</b>	Abrigo sob rocha	-
<b>RS-A-49</b>	Abrigo sob rocha	Abrigo sob rocha
<b>SC-Bom Retiro-15</b>	Abrigo sob rocha	Abrigo sob rocha
<b>SC-Imbuia-1</b>	Abrigo sob rocha	Abrigo sob rocha
<b>Gruta da Paca</b>	Gruta	Abrigo sob rocha
<b>Gruta da Caveira</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>RS 41</b>	Gruta	Gruta
<b>RS-A-65</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>RS-A-48</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>RS-A-70</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>RS-A-50</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>RS-A-73</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>RS-A-71</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>RS 39</b>	Gruta	Gruta
<b>Sítio Caipora</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>Virador I</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>Virador II</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>Vacas Gordas I</b>	Abrigo sob rocha	Abrigo sob rocha
<b>Gruta Santa Bárbara</b>	Abrigo sob rocha ou Gruta	Gruta
<b>Gruta do Lavatudo</b>	Gruta	Gruta
<b>Invernada do Moleque I</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>Abrigo Rio dos Altos</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>SC-Urubici-7</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>SC-Bom Retiro-8</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>Gruta do Corredeiro</b>	Gruta	Gruta
<b>Gruta do Barro Branco</b>	Abrigo sob rocha ou Gruta	Gruta
<b>Lomba Alta</b>	Abrigo sob rocha ou Gruta	Gruta
<b>Gruta do Ribeirão Herta</b>	Gruta	Gruta
<b>Abrigo do Riozinho</b>	Abrigo sob rocha ou Gruta	Gruta
<b>Gruta do Ribeirão Revólver</b>	Gruta	Gruta
<b>SC-Petrolândia-3</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>SC-Petrolândia-4</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>SC-Petrolândia-10</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>PR WB 16</b>	Abrigo sob rocha	Gruta
<b>3 de Mayo</b>	Gruta	Gruta

Há uma certa discrepância de como, na arqueologia, denomina-se os sítios arqueológicos e como são chamados a partir de estudos espeleológicos. Em 33% dos sítios arqueológicos, não pude fazer a comparação dos dados das dimensões; em 21% dos casos, os sítios foram denominados conforme a

tipologia correta; já em 46% dos casos, ao analisar as dimensões descritas pelos próprios autores, a nomenclatura dada era equivocada.

Proponho aqui então que, conforme visto em Frigo (2017), que devem ser chamados de abrigos sob rocha aqueles lugares em que a altura da entrada seja maior que a profundidade do sítio; enquanto uma gruta deve ter uma altura da entrada menor ou igual que o desenvolvimento, respeitando assim as estipulações da S.B.E. Ou podemos aderir a novas nomenclaturas, como Rohr em 1971 chamou os sítios de “sítios de sepultamentos junto a cascatas”, ou como eu preferi utilizar nesta pesquisa, sítios de sepultamentos em paredões rochosos. Dessa forma, acredito que aconteça uma uniformidade sobre esses sítios, e também é uma maneira de criar uma nomenclatura específica, que abrace um contexto em particular, contexto esse que é específico da ocupação Jê do Sul.

## 5.2 Análise espacial dos sítios e sua hidrografia

De início, seguem abaixo a tabela com os dados e o gráfico para dar início às análises:

Tabela 53: Dados hidrográficos dos sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima

Sítio:	Hierarquia fluvial no sítio:	Direção da hierarquia fluvial:	Margem da hierarquia fluvial:	Rio principal mais próximo:	Direção do rio principal:	Relação entre a hierarquia fluvial e o rio principal:	Forma de água corrente <i>in situ</i> :	Distância da fonte d'água <i>in situ</i> :
<b>Gruta da Caveira</b>	-	-	-	-	-		Cascata	15m
<b>Gruta do Matemático</b>	Arroio	Norte-Sul	-	Rio das Antas (segunda ordem)	Leste-Oeste	Tributário	Cascata	-
<b>Barra do Morais I</b>	Terceira ordem	Leste-Oeste	Esquerda	Rio das Antas (terceira ordem)	Leste-Oeste	É o rio o qual o sítio está inserido	Cascata	In situ
<b>RS 67</b>	Arroio	Leste-Oeste	Esquerda	Rio São Marcos (segunda ordem)	Leste-Oeste	Tributário	Cascata	In situ
<b>RS 41</b>	Arroio	Leste-Oeste	Direita	Rio São Marcos (segunda ordem)	Leste-Oeste	Tributário	Cascata	5m
<b>RS 124</b>	Arroio	Oeste-Leste	Esquerda	Lajeado Grande (terceira ordem)	Sudeste-Noroeste	Tributário	Cascata	In situ
<b>RS-A-65</b>	Arroio	Sudeste-Norte	-	Rio das Antas (quarta ordem)	Nordeste-Sudoeste	Tributário	Cascata	In situ
<b>RS-A-49</b>	Arroio	Sudeste-Norte	-	Rio das Antas (quarta ordem)	Nordeste-Sudoeste	Tributário	Cascata	In situ

				ordem)				
<b>RS-A-48</b>	Primeira ordem	Sudeste-Noroeste	Esquerda	Rio Ranchinho	Sudeste-Noroeste	É o rio o qual o sítio está inserido	Erosão por drenagem	-
<b>RS-A-70</b>	Arroio	Norte-Sul	Direita	Rio São Marcos (segunda ordem)	Leste-Oeste	Tributário	Cascata	In situ
<b>RS-A-50</b>	Primeira ordem	Leste-Oeste	Esquerda	Arroio Cafundó	Leste-Oeste	É o rio o qual o sítio está inserido	Cascata	In situ
<b>RS-A-73</b>	Primeira ordem	Leste-Oeste	Esquerda	Arroio Cafundó	Leste-Oeste	É o rio o qual o sítio está inserido	Cascata	In situ
<b>RS-A-71</b>	Arroio	Leste-Oeste	Esquerda	Arroio Cafundó	Leste-Oeste	Tributário	Erosão por drenagem	-
<b>Jaquirana</b>	-	-					-	-
<b>Perau das Cabeças</b>	Arroio	Norte-Sul	-	Rio Quebra Dentes	Nordeste-Sudoeste	Tributário	Cascata	In situ
<b>RS 39</b>	Primeira ordem	Nordeste-Sudoeste	Esquerda	Rio Piaí (primeira ordem)	Nordeste-Sudoeste	É o rio o qual o sítio está inserido	Arroio	<50m
<b>Sítio Caipora</b>	Arroio	Nordeste-Sudoeste	-	Rio dos Sinos (segunda ordem)	Leste-Oeste	Tributário	-	-
<b>Virador I</b>	Arroio	Leste-Oeste	-	Rio Cadeia (terceira ordem)	Nordeste-Sudoeste	Tributário	Arroio	In situ
<b>Virador II</b>	Arroio	Leste-Oeste	-	Rio Cadeia (terceira ordem)	Nordeste-Sudoeste	Tributário	Arroio	In situ
<b>Capão dos Ossinhos</b>	Arroio	Nordeste-sudoeste	-	Rio Caronas (primeira ordem)	Nordeste-sudoeste	Tributário	Cascata	In situ
<b>Vacas Gordas I</b>	Arroio	Norte-sul	-	Rio Lavatudo (primeira ordem)	Leste-oeste	Tributário	Cascata	In situ
<b>Gruta Santa Bárbara</b>	Arroio	Norte-sul	Direita	Arroio Espinilho (primeira ordem)	Norte-sul	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Arroio	In situ
<b>Gruta do Lavatudo</b>	Primeira ordem	Leste-Oeste	Esquerda	Rio Lavatudo (primeira ordem)	Leste-oeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ
<b>Invernada do Moleque I</b>	Primeira ordem	Nordeste-sudoeste	Direita	Rio Rondinha (primeira ordem)	Nordeste-sudoeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	-	-
<b>Abrigo Rio dos Altos</b>	Primeira ordem	Nordeste-sudoeste	Esquerda	Rio Lajeadinho (primeira ordem)	Nordeste-sudoeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ
<b>Celso Cardoso</b>	Primeira ordem	Sudeste-Noroeste	Esquerda	Arroio do Pinhal (primeira ordem)	Sudeste-Noroeste	É o mesmo rio da hierarquia	Arroio	In situ

						fluvial		
<b>Urubici-6</b>	Segunda ordem	Leste-Oeste	Esquerda	Rio Canoas	Leste-Oeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ
<b>SC-Urubici-7</b>	Arroio	Norte-Sul	-	Rio Canoas	Leste-Oeste	Tributário	Cascata	In situ
<b>SC-Bom Retiro-8</b>	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
<b>SC-Bom Retiro-15</b>	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
<b>Ns Sra<sup>a</sup> Lourdes (SC-Ituporanga-1)</b>	Terceira ordem	Leste-Noroeste	Esquerda	Rio Itajaí do Sul (terceira ordem)	Leste-Noroeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	50m
<b>Gruta da Paca</b>	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
<b>Gruta do Corredeiro</b>	Primeira ordem	Oeste-leste	Esquerda	Rio dos Índios (primeira ordem)	Oeste-leste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ
<b>Gruta do Barro Branco</b>	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
<b>Lomba Alta</b>	Primeira ordem	Sul-Norte	Direita	Arroio Lomba Alta (primeira ordem)	Sul-Norte	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ
<b>Gruta do Ribeirão Herta</b>	-	-	-	-	-	-	Ribeirão	In situ
<b>Abrigo do Riozinho</b>	Primeira ordem	Sul-Norte	Esquerda	Arroio Lomba Alta (primeira ordem)	Sul-Norte	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ
<b>Gruta do Indiozinho</b>	Primeira ordem	Sudeste-Norte	Esquerda	Rio Águas Frias	Sudeste-Norte	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Duas cascatas	In situ
<b>Gruta do Ribeirão Revólver</b>	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>SC-Petrolândia-1</b>	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
<b>SC-Petrolândia-3</b>	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
<b>SC-Petrolândia-4</b>	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
<b>SC-Petrolândia-10</b>	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
<b>SC-Atalanta-1</b>	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
<b>SC-Imbuia-1</b>	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
<b>Rio do Sul 1</b>	-	-	-	-	-	-	Cascata	In situ
<b>Alto Jararaca II</b>	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Abrigo Pontão</b>	Primeira ordem	Sudoeste-Nordeste	Esquerda	Lajeado Grande	Sudoeste-Nordeste	É o mesmo rio	-	-

				(Primeira ordem)		da hierarquia fluvial		
<b>PR WB 16</b>	Segunda ordem	Sudeste-Noroeste	Direita	Rio Laranjinha (Segunda ordem)	Sudoeste-Nordeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Nascente de córrego	38m
<b>Serra do Veado</b>	Terceira ordem	Sudeste-Noroeste	Direita	Rio Tibagi	Sudoeste-Nordeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ
<b>3 de Mayo</b>	Terceira ordem	Leste-Oeste	Direita	Arroyo 3 de Mayo (terceira ordem)	Leste-oeste	É o mesmo rio da hierarquia fluvial	Cascata	In situ

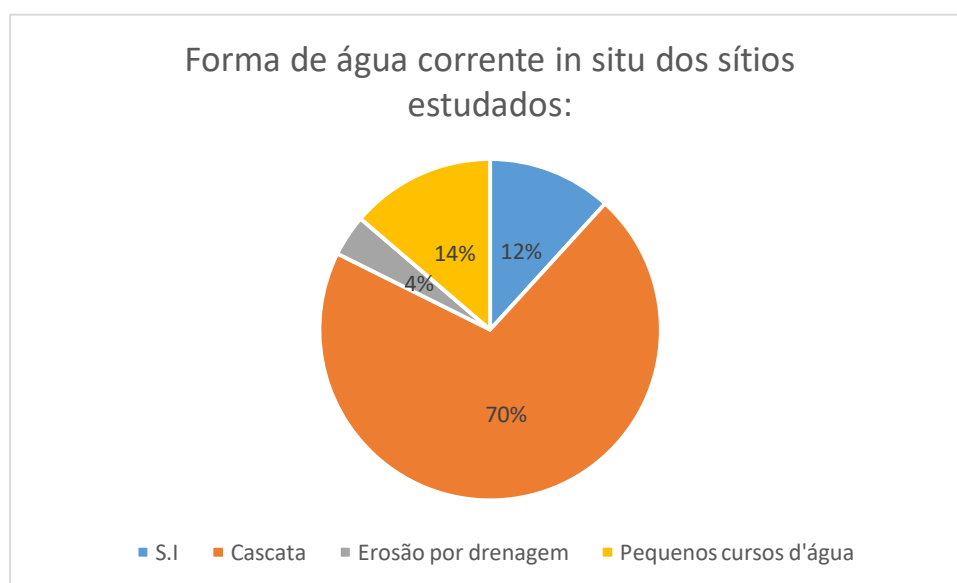


Gráfico 20: Forma de água corrente *in situ* dos 51 sítios. Autor: Phellipe de Lima

A análise dos dados hidrográficos em macro-escala apresenta o traço mais marcante dos sítios de sepultamento em abrigos e grutas: o fato de quase sempre estarem relacionados a alguma forma de água corrente, principalmente cascatas. 70% dos sítios (n=36) possuem em seu contexto cascatas, seja na frente, atrás, do lado ou muito próximo da entrada dos sítios; para 12% dos sítios (n=6) não possuímos informações; em 14% dos casos os sítios estão próximos de pequenos cursos d'água, sejam arroios, rios ou córregos; e em 4% dos casos a forma de água está associada à erosão por drenagem. Ao somarmos todos os tipos de fonte d'água no contexto da paisagem dos sítios, chegamos a um total de 88% da amostragem em relação a algum tipo de fonte d'água em contexto, enquanto 12% são representativos de cemitérios que não há nenhuma informação. Através dessa análise, torna-se lógico que é vital e



necessária a presença de algum tipo de forma de água corrente para a escolha de locais específicos para serem criados os cemitérios.

Abaixo o gráfico que demonstra a importância da fonte d'água estar muito próxima dos sítios arqueológicos:

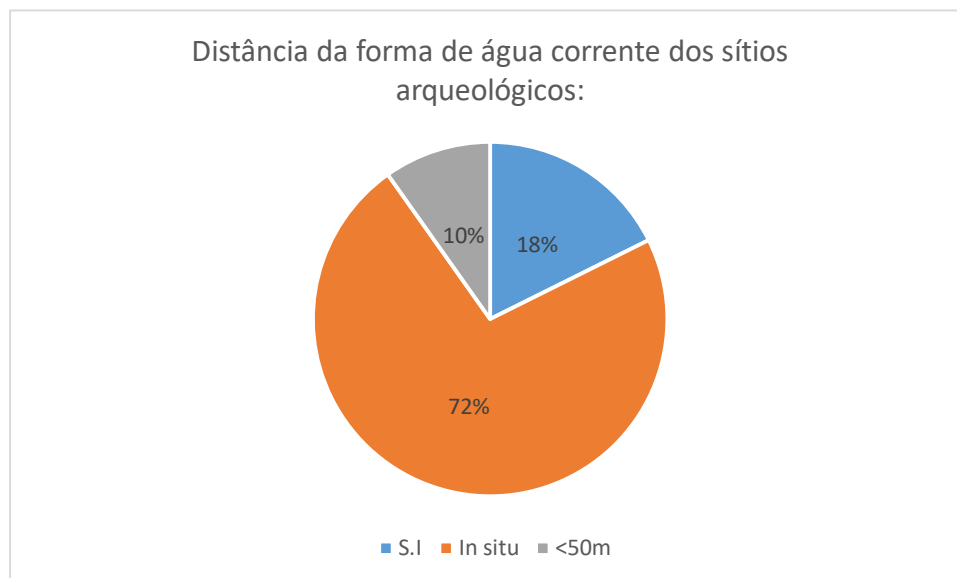


Gráfico 21: Distância da forma de água corrente dos 51 sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima

Da distância dessas formas de água corrente em contexto com os sítios, em 18% não há informações da distância dos cursos d'água para os cemitérios; em 72% dos casos (n=37) as formas de água corrente estão junto dos sítios arqueológicos; 10% dos jazigos possuem formas de água corrente a menos de 50 m. Esses dados enfatizam a importância de as fontes de água estarem próximas das fendas nos paredões rochosos para a escolha dos locais para fins funerários.

Abaixo gráfico que demonstra a preferência por cursos d'água menores para inserção dos cemitérios em paredões rochosos:

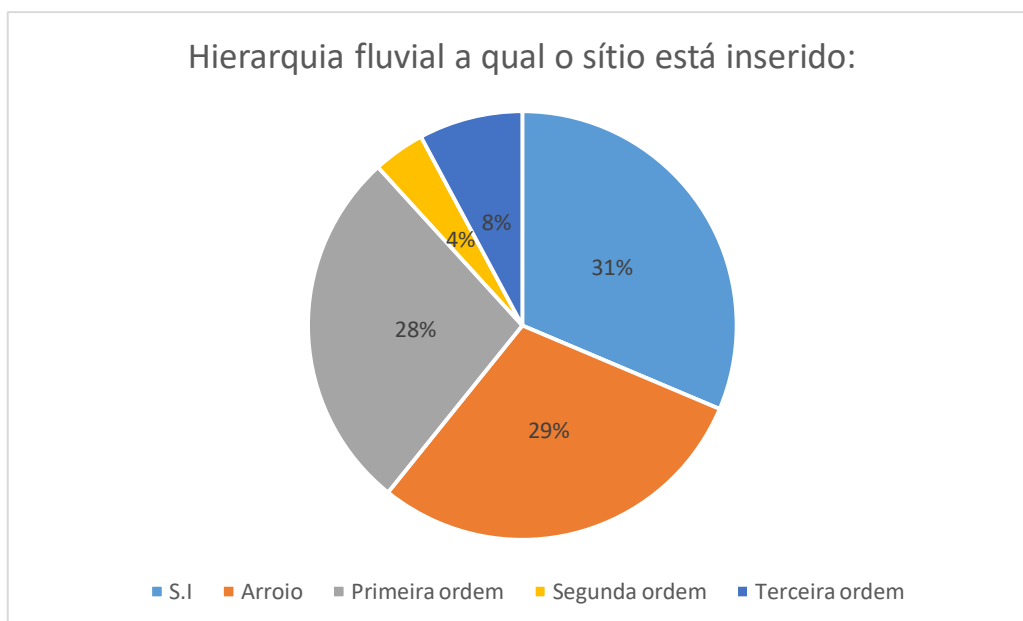


Gráfico 22: Hierarquia fluvial geral a qual os sítios estão inseridos. Autor: Phellipe de Lima

Sobre a hierarquia fluvial na qual os sítios estão inseridos, em 31% dos casos não pude obter esse tipo de informação, pois não haviam coordenadas dos sítios arqueológicos. Dos dados disponíveis, 4% dos sítios ( $n=2$ ) estão em rios de segunda ordem. Apenas 8% ( $n=4$ ) dos sítios estão em rios de terceira ordem, que são rios maiores, mais cheios e de maior importância na bacia hidrográfica. Vinte e nove por cento (29%) dos sítios ( $n=15$ ) estão posicionados em arroios, que são pequenas correntes de água, podendo ser permanentes ou não, mas que, principalmente, são tributários de rios de primeira ordem ou de rios mais importantes na hierarquia fluvial de uma bacia hidrográfica. Os cemitérios em rios de primeira ordem somam 28% da amostra ( $n=14$ ). Somando os sítios em arroios e em primeira ordem, mais da metade (57%) dos jazigos estão em correntes de água que são de menor porte, e que são tributários de rios maiores. Vale destacar que diversos sítios importantes estudados aqui, como os sítios Virador I e II, Caipora, Lavatudo, Matemático e Santa Bárbara, estão justamente posicionados nesses rios de pequeno porte. Esses dados demonstram que, independentemente dos sítios terem mais ou menos indivíduos sepultados, ou com maiores ou menores formas de acompanhamentos funerários, a preferência para escolha dos cemitérios é em rios ou cursos d'água de menor porte. Talvez a motivação para essa escolha esteja relacionada a não desejar ter os cemitérios perto de grandes rios, que poderiam ser mais "chamativos" do que os menores rios e, implantando os

cemitérios em arroios e rios de primeira ordem ou menor porte, poderia representar a necessidade de se “esconder” esses cemitérios.

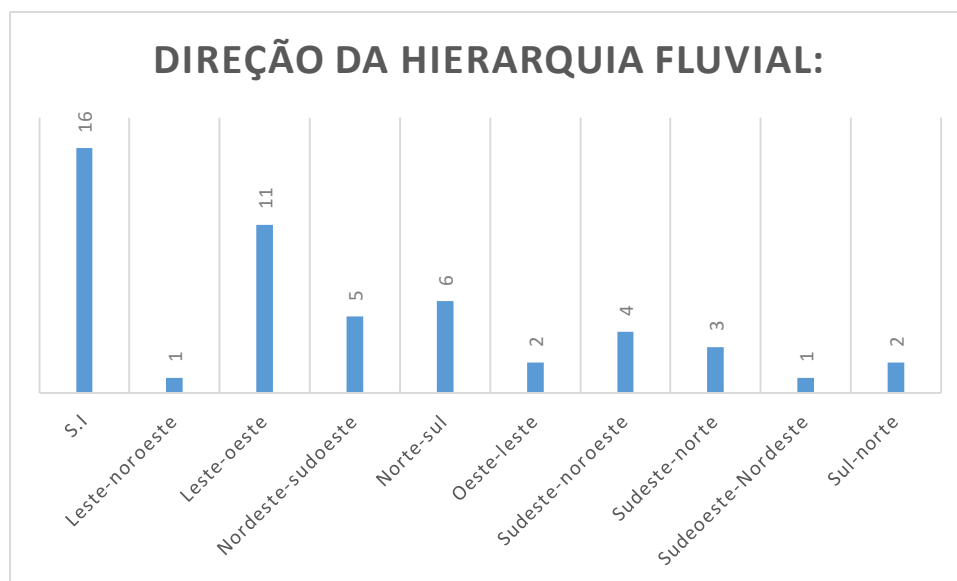


Gráfico 23: Proporção da hierarquia fluvial dos sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima

Sobre a direção da hierarquia fluvial, não temos a informação da maioria dos sítios (31%). A fonte d'água em 21% (n=11) dos sítios corre do leste para o oeste; em 12% (n=6) correm de norte para o sul; 10% (n=5) do nordeste para sudoeste; 8% (n=5) do sudeste para o noroeste; 6% (n=3) do sudeste para o norte; 4% do sul para o norte; outros 4% (n=2) do oeste para o leste; 2% (n=1) do leste para o noroeste; e outros 2% do sudoeste para o nordeste.

Porém ao excluirmos os pontos colaterais e ficarmos apenas com os pontos cardeais, o gráfico fica da seguinte forma abaixo:

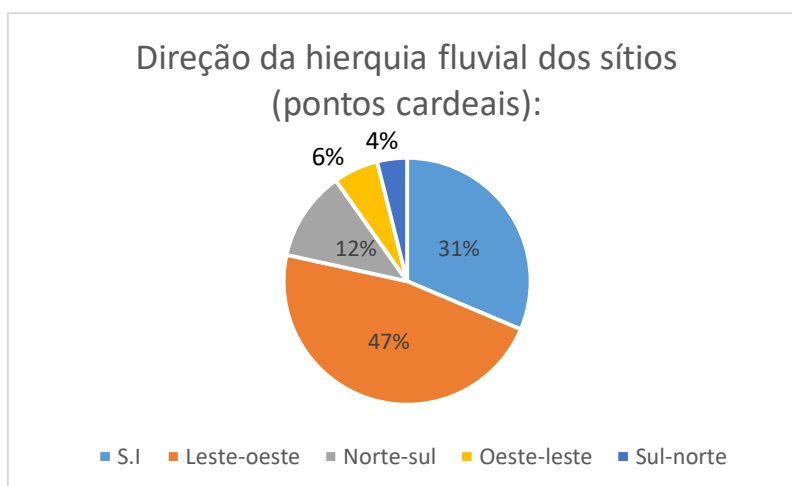


Gráfico 24: Proporção geral da hierarquia fluvial dos sítios conforme os pontos cardeais. Autor: Phellipe de Lima

Conforme os pontos cardeais, a maioria dos sítios (47%) está em hierarquia fluvial que corre do leste para o oeste ( $n=24$ ); em 12% dos sítios ( $n=6$ ) os cursos d'água são do norte para o sul; em 6% ( $n=3$ ) do oeste para o leste; e apenas em 4% ( $n=2$ ) do sul para o norte.

Utilizo como parâmetro os rios principais das bacias os quais os sítios estão ou inseridos. Nessa análise uso apenas os pontos cardeais. Vejamos:

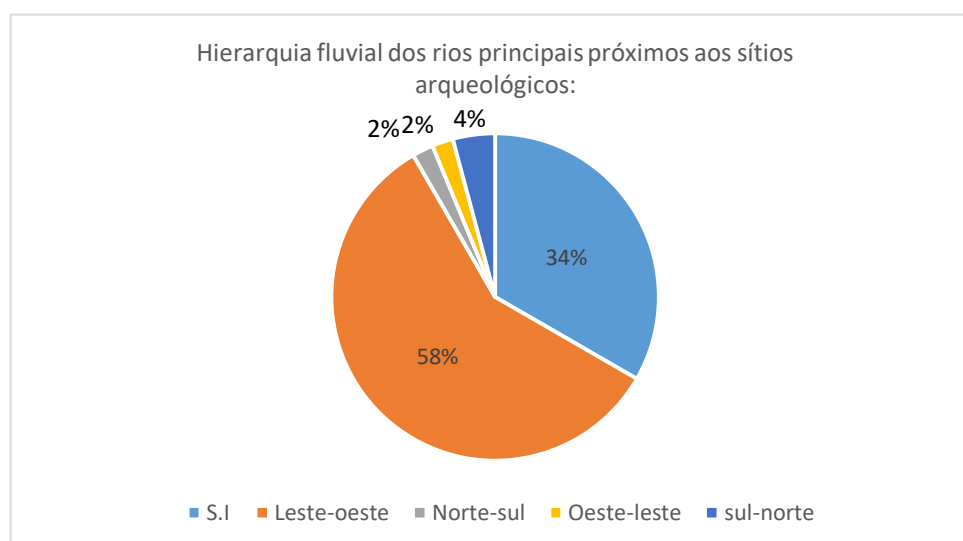


Gráfico 25: Hierarquia fluvial geral dos rios principais próximos aos sítios arqueológicos. Autor: Phellipe de Lima

A grande maioria dos sítios arqueológicos (58%,  $n=28$ ) está relacionada, através de rios afluentes, aos rios maiores e ou principais de suas respectivas bacias hidrográficas, que estão correndo em uma direção leste para oeste; em 34% dos casos não foi possível estipular esse dado; em 4% ( $n=2$ ) as fontes estão correndo do sul para o norte; enquanto 2% ( $n=1$ ) do oeste para o leste; e

2% (n=1) do norte para o sul. Assim como no caso dos rios de menor hierarquia fluvial, também é preferencial, mesmo que os sítios estejam ligados aos rios principais por afluentes, na escolha de rios principais ou maiores na hierarquia fluvial que correm do leste para o oeste.

Como Beber (2004), De Lima (2017) e Rohr (1971) notaram, o contexto da água realmente é importante para a constituição da paisagem desses cemitérios. É muito relevante que 70% desses sítios estão relacionados a cascatas; enquanto 88% dos sítios estão relacionados com formas de água corrente no geral, seja na forma de rios, arroios ou cascatas, o que demonstra a importância do fator água. Ao analisar a distância dessas fontes de água dos sítios, em 72% dos casos a água está *in situ*, estando do lado, atrás ou na frente dos cemitérios; ao somar esses 70% com os sítios que possuem fontes de água corrente a uma distância de até 50 m dos sítios arqueológicos, temos 82% dos sítios com formas de água corrente próximas. Assim como abordado anteriormente e melhor explicado no capítulo 7, só é possível entender esse contexto na paisagem se entendermos a ontologia Jê do Sul. Esses sítios não são apenas fendas em paredões rochosos com cascatas ou rios em contexto, são lugares onde a ancestralidade está presente, que indicam os mitos de origem e o início de suas linhagens; também são lugares que são entradas para o mundo dos mortos.

### **5.3 Os sítios e os artefatos**

Do total de 51 sítios estudados nesta pesquisa, 27 (52%) não possuem nenhum relato de artefatos. Os estudos desta seção serão exclusivamente dos sítios que possuem algum tipo de artefato. Segue abaixo a lista e tabela dos 25 sítios (48%) e seus respectivos relatos de objetos:



<b>Gruta do Indiozinho</b>	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
<b>Gruta do Ribeirão Revólver</b>	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
<b>SC-Petrolândia-1</b>	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
<b>Abrigo Pontão</b>	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim
<b>PR WB 16</b>	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
<b>Serra do Veado</b>	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Não	Sim
<b>3 de Mayo</b>	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim

Do total de 25 sítios, 64% deles possuem relatos de líticos, geralmente na forma de lascas e micro-lascas. Vinte e oito por cento (28%) dos cemitérios possuem sinais de pontas de flecha em seu contexto. Desses 28% (n=7), em 3 casos que há pontas de flecha há também líticos (Gruta do Ribeirão Revólver, PR WB 16 e Serra do Veado).

Sessenta por cento (60%) dos sítios arqueológicos não possuem nenhum relato de fragmentos de cerâmica. Dos 40% restantes (n=10), todos possuem a cerâmica Jê do Sul (sítios Vacas Gordas I, Gruta do Matemático, RS 124, Virador I e II, Pontão, 3 de Mayo, SC-Bom Retiro-8, PR WB 16 e Serra do Veado). Cabe aqui a observação de que apenas a bacia do Paranapanema foi a bacia hidrográfica onde todos os sítios de sepultamento em paredões rochosos possuem relatos de cerâmica Jê do Sul. Assim como constatei, a cerâmica só aparece no contexto funerário dos abrigos e das grutas a partir de 1000 A.D. sendo assim, é provável que os sítios Vacas Gordas I, RS 124, Virador II, SC-Bom Retiro-8 sejam desse período posterior a 1000 A.D. É essencial que haja novas datações, que contemplem esses sítios citados, para entendermos melhor o contexto artefactual desses sítios em relação com as cronologias Jê do Sul.

Apenas 20% dos sítios possuem relatos de trançados (n=5): Perau das Cabeças, Gruta do Indiozinho, Gruta da Caveira, Vacas Gordas I e Gruta do Matemático. Para a Gruta da Caveira, Chmyz (1965) interpreta os restos de trançado de fibra vegetal como sendo utilizado ou em forma de esteira ou de forma para enrolar o corpo do morto. Para o caso da Gruta do Indiozinho,

esses trançados dariam forma a uma cesta, onde estariam depositados os remanescentes de uma criança.

Com relação às conchas, 48% dos sítios (n=12) possuem relatos desse tipo de material em seu contexto. Desses doze sítios, nove têm relatos de contas de colar em formas de conchas: SC-Petrolândia-1, Gruta do Lavatudo, Virador I, 3 de Mayo, SC-Bom Retiro-8, PR WB 16, Serra do Veado, Perau das Cabeças e Gruta da Caveira.

Apenas seis sítios (24%) possuem algum relato da presença de fogo e todos eles, com exceção do sítio Virador II, são datados do período posterior a 1000 A.D.. São os casos dos sítios Virador I e II, Gruta do Matemático, 3 de Mayo, PR WB 16 e Serra do Veado. Para os sítios 3 de Mayo e Gruta do Matemático não há relatos contundentes de ossos queimados ou carbonizados.

Cinco sítios (20%) possuem relatos de vestígios macrobotânicos. Para o caso da Gruta do Matemático, haviam resquícios de sabugos, sementes de porongo e milho. Para o sítio PR WB 16, há relatos de coquinhos, sementes e grãos de milho, todos carbonizados. Para o sítio Serra do Veado também constam informações de sementes carbonizadas, porém sem especificar quais sementes seriam. Para os sítios Virador I e II as sementes seriam de coco jerivá.

Dos 25 sítios, apenas quatro possuem relatos de madeira em contexto. Para os sítios Gruta da Paca e Gruta do Indiozinho, a madeira estava sendo utilizada para envolver os ossos humanos. No primeiro caso, os ossos humanos estavam envoltos em casacas, já no caso do Indiozinho, as cascas de árvores serviriam de contorno para uma cesta. No sítio Matemático apenas constam informações de artefatos em madeira (Miller, 1971). Para o sítio PR WB 16 os artefatos de madeira estariam carbonizados.

Em dez sítios arqueológicos (40%) possuem relatos de resquícios de fauna. O sítio SC-Petrolândia-1 teria dentes de mamíferos perfurados em contexto com contas de colar de conchas (Rohr, 1971). Na Gruta do Lavatudo, segundo De Lima (2017), foram encontrados ossos de fauna que até o presente momento não foram analisados. No sítio 3 de Mayo, para Loponte *et al* (2016), os remanescentes faunísticos seriam resquícios de alimentação, assim como nos sítios Virador I e Virador II (Ribeiro, 1975). Para o sítio Perau



das Cabeças, o único remanescente de fauna seria um metatarso de Veado (Schmitz *et al*, 2005). Para o sítio Serra do Veado é descrita a presença de pequenos ossos de animais em conjunto com alguns sepultamentos e contas de colar feitas de dentes de animais. Já no caso do sítio PR WB 16, os ossos de animais apareceram em fogões, junto de ossos humanos, ou esparsos pelo sítio, carbonizados ou não.

A última análise feita nesta seção é em relação aos petróglifos. Apenas dois sítios possuem esse contexto (8% dos 25 sítios analisados aqui nesta seção) e estão bem distantes entre si: um está na bacia dos rios Caí-Sinos (Virador I) e outro na bacia do Paranapanema (Pontão). Ambos os sítios possuem cerâmica Jê do Sul. Para Silva (2001), o sítio do Virador possui petróglifos que são comparáveis e semelhantes às marcas e decorações que aparecem na cerâmica Jê do Sul, inclusive, segundo os interlocutores do autor, esses grafismos são representativos da metade kanhru dos grupos Kaingang. Já no caso do sítio Pontão, Parellada (2009) atesta a possibilidade desses grafismos serem relacionados aos Jê do Sul, porém não tira nenhuma conclusão concreta.

No próximo capítulo, através de uma metodologia de analogia etnográfica direta, é interpretada a presença da materialidade nos cemitérios em paredões rochosos Jê do Sul, e também aproximo as formas de sepultamento dos sítios 3 de Mayo, Virador I e II, e Serra do Veado com as formas de se sepultar Kaingang e Laklãnõ.

## Capítulo 6 – Interpretando os contextos funerários através de analogias etnográficas

Início este capítulo com uma afirmação de Noelli (1999, p. 291) e que esteve presente em todos os momentos da minha pesquisa:

Afinal, estamos tratando de populações com consideráveis informações linguísticas, biológicas, etnográficas, históricas, geográficas, arqueológicas, e não de povos ou populações antigas que necessitem de malabarismos analógicos para serem estudadas e interpretadas.

Caminhei nessa direção relacionando sempre o contexto arqueológico com as diferentes disciplinas que já falaram sobre os Jê do Sul, numa perspectiva interdisciplinar, que julgo ser de grande importância: ao tratar da arqueologia espacial, por exemplo, utilizei não só de relatos etnográficos, mas de estudos históricos, geográficos e etnohistóricos. Neste capítulo utilizo das etnografias Jê do Sul para realizar uma arqueologia interpretativa, baseada na metodologia de analogias etnográficas diretas, para assim, entender os contextos materiais das grutas e dos abrigos e, dessa forma, creio que, desta maneira, fazer a arqueologia que me propus fazer, seja uma forma que ajude de alguma maneira a entender a história indígena desse contexto arqueológico, e assim como Eremites De Oliveira (2007, p. 95) acredita, essa forma de fazer uma arqueologia multidisciplinar é deveras importante e proveitosa.

Entendo o impacto social que os Jê do Sul sofreram, principalmente com a chegada do colonizador europeu em suas terras (já referidos no capítulo 1) e não penso essas etnias como algo estático, como sendo as mesmas do passado arqueológico, que, com certeza, também não eram estáticas, mas acredito fortemente que, como forma de resistência desses grupos, diversos aspectos, principalmente a ontologia e as cosmologias, são mantidos mesmo em períodos de violência, na forma de resistência contra a opressão ideológica externa. Talvez esse pensamento de populações estáticas na arqueologia (até mesmo de forma inconsciente) tenha impedido algum outro pesquisador ou alguma outra pesquisadora a se propor a entender, estudar e explicar o mesmo tema que abordo nesta dissertação, pois não viam traços suficientes de semelhanças na arqueologia em relação com o presente etnográfico para realizar analogias que julgassem válidas.

Acredito, assim como Neves (2015, p. 15), que a história indígena não está apenas nos objetos, nos artefatos que são tão cobiçados e fetichizados por nós da arqueologia, mas também nas paisagens, com suas montanhas, abrigos, grutas, fendas em paredões rochosos, pequenas e grandes cascatas, nos rios próximos aos sítios, nos “mitos” (de criação ou não), e nos diversos espíritos que vivem no mundo, sejam eles maus, bons, auxiliares ou não, de uma árvore ou de um animal.

A pessoa que se propõe a fazer um estudo etnográfico dentro da arqueologia deve estar atenta a literalmente *tudo*, desde a ideia de uma rocha até o posicionamento do rosto na hora de um sepultamento. E é nessas pequenas nuances que nós, pessoas vinculadas às pesquisas arqueológicas, podemos tirar grande proveito. Como experiência pessoal, desde meados de 2016, ano que resolvi me dedicar aos estudos dos sítios em grutas e abrigos com sepultamento no contexto Jê do Sul, sempre me falaram que não haveria na etnografia traços para entender esse tipo de sítio arqueológico de cemitérios em paredões rochosos, e essa afirmação sempre me foi incômoda e nunca me foi suficiente. Sendo assim, procurei nas etnografias pequenos traços que me dessem respostas, e de forma inicial, na minha monografia (2017) consegui abordar aspectos interpretativos da paisagem através das cosmologias Kaingang, mesmo que de forma incipiente. Neste capítulo, aprofundo minhas interpretações de 2017, por meio do estudo dos artefatos e das práticas funerárias dos sítios, realizando analogias etnográficas com os estudos etnográficos sobre os Kaingang e Laklãnõ.

### **6.1 Os artefatos no contexto funerário**

A presença de outros artefatos além dos ossos humanos aparece em um pouco menos da metade (47%) dos sítios arqueológicos estudados. Através das etnografias Jê do Sul, interpreto essa materialidade dos sítios arqueológicos e dou algumas respostas sobre a importância e o porquê desses objetos estarem no contexto funerário.

Começo pela análise discutindo sobre os trançados de fibra vegetal, encontrados em quatro sítios: Gruta da Caveira, Gruta do Matemático e Perau das Cabeças na bacia dos rios Taquari-Antas; e o sítio Vacas Gordas I, que está na bacia do rio Canoas. Chmyz (1965) avança para a possibilidade dos

restos de trançado vegetal na Gruta da Caveira serem referentes a algum tipo de esteira, que talvez tenha sido utilizada para o transporte do morto, ou algum tipo de material que tenha envolvido o(s) cadáver(es) de alguma forma; Copé (2006) interpreta esse traço de materialidade no contexto da Gruta do Matemático como sendo remanescente de algum tipo de ritual, ou como alguma forma de selar a entrada do sítio; para o Perau das Cabeças, Schmitz *et al* (2005) levantam a hipótese de os mortos terem sido depositados em superfície e envolvidos em esteiras; e Rohr (1971), para o sítio Vacas Gordas I, encontrou fragmentos de corda trançada, que em minha visita ao Colégio Catarinense tive a oportunidade de fotografá-los. Segue abaixo a imagem:



Figura 39: Resto de trançado proveniente do sítio Vacas Gordas, presente no Colégio Catarinense. Foto por: Phellipe de Lima

Em Silva (2001, p. 115-116) há um relato interessante, que está relacionado com o contexto funerário e que é de importância para auxiliar na nossa compreensão dos trançados. Segundo o autor, os *péin* Kaingang, que pertencem a uma categoria cerimonial, relacionados ao ritual do *kiki* (Rosa, 2005; Tommasino, 1995), possuem algumas atividades específicas em relação aos sepultamentos e aos mortos. Além de serem permitidos aos *péin*, tocar e entrar em contato com os mortos, há informações de que os homens devem cavar a sepultura, e as mulheres devem “trançar a mortalha (esteira feita de lasca de taquara)” (Silva, 2001, p. 116), que é um tipo de trançado justamente para recobrir o corpo do morto.

Veiga (2000) relata que ouviu de Kaingang atuais sobre um padrão funerário antigo, que era realizado antes do período do contato. Após o canto

para o morto (que era necessário para situá-lo de sua condição atual), alguns procedimentos eram tomados pelo grupo. Segue abaixo o relato que, além de auxiliar com a compreensão dos trançados, também é de vital importância para interpretar outros traços de materialidade nos cemitérios, principalmente em relação ao *ndupõ*, que seria enterrado junto do morto (Veiga, 2000, p. 158-159):

**Ligam** as mãos do defunto e embrulham-no bastante apertado. Colocam-lhe no pescoço seu **colar**, todos seus pequenos utensílios são embalados numa cesta e no *ndupõ* [cesto de guardar pequenos objetos, como **pontas de flecha**, etc]. **Um grande nó corredio de cipó** é trazido da mata: encaixa-se os joelhos dentro da fivela e passa-se o cipó na nuca; o corpo é atado no meio, na altura do diafragma, por uma segunda corda de cipó: o corpo é bem apertado.



Figura 40: Ilustração de Maniser sobre o transporte de um morto Kaingang. Fonte: Veiga (2000)

É interessante notar, conforme o relato e a ilustração acima, que a posição a qual o morto é levado para o cemitério condiz com as posições genupeitorais e fletidas de alguns sepultamentos, como nos casos dos sítios 3 de Mayo e Serra do Veado.

Outro relato presente em Veiga (2000, p. 165), do Frei Luís de Cimitille, diz respeito ao transporte do morto. Segundo consta, o corpo era carregado por três homens e o cadáver era envolto em um pano e seguro por amarrilhas. Ainda em Veiga (2000, p. 167), há o relato de Geni Râtukó sobre a maneira de carregar o morto no norte do Paraná e consta que os Kaingang teriam um

“negócio” de carregar o morto, e que seria semelhante à ilustração acima de Maniser.

Segundo Serrano (1939, p. 35), para os Kaingang do Rio Grande do Sul, não apenas os “caciques”, mas as pessoas membros do grupo como um todo, seriam sepultados com seu arco e flecha, sua vasilha de barro e chifre de madeira ao seu lado, como forma de honrá-los.

Lavina (1994, p. 65-66) diz, em relação aos sepultamentos Laklãnõ, conforme relato do indígena Vamblé presente em Henry (1964), que o morto era envolvido em um cobertor, sem mais informações sobre o tipo de cobertor, mas que é algo semelhante com os casos Kaingang apresentados acima.

Através desses relatos etnográficos, interpreto, assim como Chmyz, Copé e Schmitz, que esses restos de trançados são resquícios de esteiras, de artefatos auxiliares ao transporte dos mortos para os cemitérios, ou até mesmo de mortalhas ou cobertores que eram utilizados para o ato de envolver o corpo dos sepultados. Essas hipóteses também valem para os casos de Wagner (2002) com a Gruta do Indiozinho, onde haveria uma cesta com ossos humanos, e para Piazza (1966a), que teria encontrado ossos humanos envoltos de cascas de árvore. Brentano & Schmitz (2006), ao estudarem as marcas de corte do sítio Caipora, levantam a hipótese dessas marcas presentes nos sepultados do sítio serem relacionadas a desmembramento ou descarnar para a ajuda no transporte dos ossos humanos para o cemitério, o que aumenta a possibilidade desses trançados serem para a locomoção e transporte dos remanescentes humanos e também permite cogitar que haveria métodos alternativos para o transporte dos mortos para o cemitério. Esse dado de Brentano & Schmitz deve ser levado em consideração em novos estudos com a temática bioarqueológica de abrigos e grutas Jê do Sul, para podermos ter a noção se é uma prática funerária isolada, regional ou comum entre esses grupos Jê do Sul.

Através das etnografias apresentadas anteriormente, há indícios suficientes para supor que a possibilidade de ter existido mais restos de trançados de fibra vegetal em outros sítios em abrigos ou grutas é grande, pois tanto para as práticas funerárias Kaingang, quanto para as práticas Laklãnõ citadas aqui, os protagonistas utilizavam de encordoamentos e trançados de

fibra vegetal, seja para o transporte do morto ou para enterrar seus pertences. Porém como os restos de trançados de fibra vegetal são remanescentes orgânicos, eles tendem a ser menos resistentes a processos tafonômicos, sendo mais suscetíveis ao desaparecimento no contexto arqueológico.

Acerca de outros tipos de materialidade, apesar de serem encontrados em poucos sítios da amostragem, também há na etnografia sugestões para a presença de cerâmica, pontas de flecha, artefatos líticos e as contas de colar. Os artefatos líticos aparecem em 31% (n=16) dos sítios; as pontas de flecha em apenas 14% dos sítios (n=7); há cerâmica em 20% da amostragem (n=10); e as contas de colar e conchas aparecem em 24% (n=12) dos sítios. Segue relato presente em Lavina (1994, p. 65-66) sobre sepultamentos Laklãnõ:

O melhor documento sobre os ritos mortuários dos Xokleng é o depoimento do índio Vamblé, transcrito por Henry (1964). Segundo este, o morto era envolvido em um cobertor, com seu arco e flechas próximos. O encordoamento do arco é cortado e este, juntamente com as flechas, é quebrado e o conjunto é amarrado com os restos do encordoamento. Em um local preparado, são empilhados pedaços de madeira até a altura da cintura de um homem e sobre esta estrutura é depositado o cadáver com seus objetos pessoais. O morto é orientado com a cabeça para oeste e em suas mãos são postas oferendas de mel e carne assada. A seguir o cadáver é recoberto com madeira até a pilha alcançar a altura de um homem, sendo o conjunto escorado com estacas para não desmoronar. Após acender a pira com um bambu incandescente, as pessoas se retiram, voltando um dia depois. Caso o cadáver não esteja completamente cremado, o processo é repetido. Quando os ossos estão calcinados, são recolhidos em um cesto forrado com folhas de xaxim e transportado em uma padiola para o local de enterramento, que consiste em uma área limpa de vegetação com uma cova em seu centro. Os cestos com os restos de cremação são ali depositados e enterrados. Sobre este local o cônjuge sobrevivente constrói um pequeno abrigo.

É importante notar que, através do relato de Lavina, é possível que as sementes e os restos de fauna presentes no contexto funerário, possam representar oferendas de alimentos para auxiliar o morto em sua passagem para o mundo dos mortos.

Também temos um relato funerário importante de Maniser, presente em Veiga (2000, p. 161-162) que segue abaixo:

[...] É sobre este leito que coloca-se com precaução o defunto; até lá, ele tinha ficado deitado a uma certa distância. Lá ele é desembaraçado de suas amarras e estas são jogadas fora da cova. A cova não é suficientemente grande para que se pudesse esticar suas pernas; também o corpo conserva a forma que tinham-lhe dado: ele permanece deitado sobre as costas, os joelhos dobrados, e recoberto por um cobertor (...) perto da cabeça são colocados os utensílios do morto: sua cesta, seu machado, sua garrafa; finca-se dentro da cova suas flechas e seus dois arcos, de tamanhos diferentes; depois

pendura-se num bastão seu chapéu de feltro (dado pelo governo); o ndupõ [cesto], cheio de pequenos objetos, é suspenso sobre uma corda ao alto, acima da cabeça. A cova está enfim completa. [...]

Teschauer (1927, p. 40) conta que os Kaingang colocavam cuias em cima dos montículos para que o morto pudesse beber. Para entender esses artefatos no contexto arqueológico de maneira mais ampla, há algumas considerações que só podem ser explicadas ao se entender as cosmologias e ontologia Jê do Sul. A explicação para a necessidade de se sepultar o morto com seus itens pessoais é explicada tanto em Rosa (2005), quanto em Veiga (2000). Apesar de para os Kaingang a morte significar uma mudança, pois sai-se da aldeia dos vivos para a aldeia dos mortos, há certa apreensão e medo em relação a alma do morto, pois ela sente saudade dos vivos e das pessoas que ama, e sente vontade de levá-los consigo. Segundo Veiga (2000, p. 155) “para que os mortos não venham em busca do que lhes pertence, suas roças eram destruídas, panelas quebradas, animais sacrificados e objetos de uso pessoal enterrados com o morto”. Sendo assim, esse é o motivo para existirem fragmentos de cerâmica, pontas de flecha, contas de colar, entre outros artefatos pessoais no contexto mortuário de abrigos e grutas com sepultamento, para evitar que a alma do morto volte para o mundo dos vivos, a fim de buscar seus pertences.

## 6.2 Formas de sepultamento e analogias etnográficas

Dos 51 sítios arqueológicos estudados, a grande maioria dos casos é de sítios que possuíam ossos humanos esparsos superficialmente, dispersos pela área que compreende o sítio, muitas vezes sem nenhum sinal de conexão anatômica. Apenas em quatro sítios, o que totaliza 8% dos casos, é que puderam ser observados pelos autores, *in situ*, como estavam depositados os mortos. Dois sítios estão na bacia do rio Caí-Sinos (Virador I e Virador II); um sítio está na bacia do rio Paranapanema (Serra do Veado); e um sítio está na bacia do Peperí-Guaçu (3 de Mayo).

Neste capítulo analiso caso por caso, sepultamento por sepultamento e os relaciono com as etnografias Kaingang e Laklãnõ. Etnograficamente possuímos alguns relatos de sepultamentos Kaingang que se assemelham às deposições em abrigos e grutas; acerca dos Laklãnõ, a maioria das informações etnográficas remetem a práticas crematórias.



Sobre aspectos funerários Laklãnõ, consta em Lavina (1994, p. 66) que a cabeça do morto há de estar voltada a oeste. Não consegui achar mais qualquer relato que remeta ao posicionamento dos corpos. Provavelmente não possuímos mais desses tipos de relato, justamente porque a prática funerária Laklãnõ antiga era a cremação dos adultos, seguido do enterramento dos remanescentes cremados em cestos, enquanto as crianças seriam enterradas<sup>81</sup> (Gakran, 2015).

Entre os Kaingang, o quadro é o oposto: possuímos alguns relatos sobre a forma de sepultamento, como os presentes em Becker (1976), Borba (1908), Nimuendajú (1993), Rosa (2005), Teschauer (1927), Veiga (1994, 2000), entre outros.

### **6.2.1 Gruta 3 de Mayo**

Como frisado anteriormente, a Gruta 3 de Mayo é um sítio deveras interessante e já foi descrito em detalhes nos capítulos 2 e 4. Além de ser o único jazigo de sepultamento em paredão rochoso relacionado aos Jê do Sul na região de Misiones e na Argentina, o sítio está quase isolado, pois os sítios de sepultamento em paredões rochosos mais próximos estão a quase 500 km de distância. Segue foto abaixo para demonstrar que, apesar das grandes distâncias, o sítio possui a paisagem característica dos cemitérios em paredões rochosos:

---

<sup>81</sup> Em Urban (1978), um dos trabalhos mais completos sobre os Laklãnõ, não há uma abordagem maior sobre o sepultamento de crianças.



Figura 41: Fotografia da Gruta 3 de Mayo. Fonte: Bauni & Homberg (2015)

Os sepultamentos I9 e M11 do sítio, relatados em Rizzo (1968) e Rizzo *et al* (2006) apresentam dados relevantes. O sepultamento I9 é de uma pessoa adulta do sexo feminino e foi encontrada sentada, com orientação voltada entre o leste e o sudeste; o indivíduo M11 é um indivíduo adulto do sexo masculino e estava em posição decúbito lateral esquerdo (que significa estar deitado com o lado esquerdo encostado na superfície e com a perna levemente flexionada em direção ao peito, lembrando uma posição fetal) e também tinha sua orientação voltada entre os eixos leste e sudeste (Rizzo, 1968; Rizzo *et al*, 2006).

O fato da cabeça estar voltada para o leste remete a sepultamentos Kaingang. Em Rosa (2005), o autor expõe que para os Kaingang a cabeça do morto fica voltada para o leste, enquanto os pés para o oeste. Em Veiga (1994, p. 148) é explicado que os mortos devem ser enterrados com a cabeça voltada para o leste, com o rosto voltado para o oeste, pois o mundo dos mortos *numbê-nügme* se encontra no oeste. Tendo em vista que os Kaingang auxiliam o morto a seguir seu caminho a encontrar o mundo dos mortos, e também a superar as adversidades para chegar até a aldeia dos mortos, na forma de cantos e lamentos (Veiga, 2000), creio que essa forma de se sepultar o morto o auxilia a seguir seu caminho até o mundo dos mortos, pois os pés voltados para o oeste, ou seja, voltado para o caminho do mundo dos mortos, e a cabeça ao leste, formam uma posição anatômica correta para que o morto siga caminho a oeste, assim como o rosto voltado para o oeste auxilia ao morto a ver a direção correta para a aldeia dos mortos.

Sobre o fato dos corpos estarem sentados, decúbito lateral, que remetem a joelhos dobrados, também há analogias etnográficas a serem feitas. Em Metráux (1946, p. 465) o autor expõe que os Kaingang seriam enterrados com os joelhos dobrados; em Veiga (2000, p. 162) há o relato de que, para o morto, ao ser enterrado “o corpo conserva a forma que tinham-lhe dado: ele permanece deitado sobre as costas, os joelhos dobrados [...]”. Serrano também observa esta orientação, conforme explicações do cacique Braga, relatado abaixo (Serrano, 1939, p. 17):

Respecto a la dirección que se daban a los cadáveres, el cacique explicó: levantó del suelo una flecha y después de mirar el sol colocó la flecha en posición perpendicular al suelo y después de verificar la dirección de la sombra, que a esa hora se dirigía de O. a E., arrojó la flecha al suelo en la dirección indicada por la sombra: la punta de la flecha para el lado E. y el pie para el O., e hizo ver que los muertos eran sepultados en aquella dirección, la cabeza para el lado de la punta de la flecha y los pies para el extremo opuesto. Esto sucedía siempre, pero el cacique no supo decir por qué.

Há indícios para interpretar a Gruta 3 de Mayo como um cemitério dos ancestrais diretos dos atuais Kaingang. Primeiramente, a região de Misiones historicamente teve ocupação Kaingang (Ambrosetti, 1895; Laroque, 2007). Além disso, claro, a cerâmica Jê do Sul. Esses fatos somados às descrições dos sepultamentos e da analogia etnográfica acabam tornando-se um leque de possibilidades para interpretar esse sítio como sendo realmente um cemitério dos ancestrais diretos dos Kaingang.

### **6.2.2 Virador I e II**

O Virador I e o sítio Virador II apresentam importância já discutida, principalmente no capítulo 2 e 4, porém merecem uma atenção especial novamente nesta seção. O caso do Virador I é excepcional em todos os sentidos da palavra: tanto pelo fato da arte rupestre, quanto pelos próprios sepultamentos e contexto material. Vejamos imagem abaixo da arte rupestre do sítio Virador I, extraída da tese de Silva (2001) para uma breve discussão:

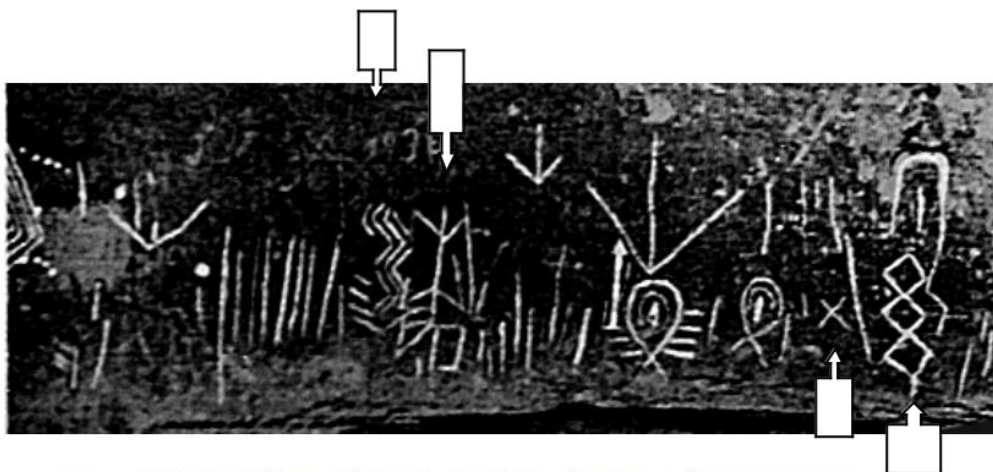


Foto a partir de publicação de autoria de Ribeiro, in Kern *et alii*, 1991:103-133.

Figura 42: Imagem das artes rupestres do sítio Virador I, com a legenda original presente em Silva (2001)

Segundo próprio Silva (2001, p. 260), esses grafismos que possuem a seta branca, foram identificados pelos Kaingang como sendo respectivamente *ra ionior*<sup>82</sup>, *ven katu wendig*<sup>83</sup>, *véin kōpó*<sup>84</sup> e *ra iãnhíá* (já debatido anteriormente na seção 1.4), demonstrando que as marcas são relacionadas à metade Kamé e ou a símbolos que representam a mistura entre as metades clônicas Kaingang.

Nos sepultamentos do sítio Virador I, é importante para esta seção o sepultamento completo encontrado e retirado por Mentz-Ribeiro e sua equipe. Esse indivíduo do sexo feminino estava estendido e em decúbito dorsal, que significa estar deitada com as costas no chão e a frente do corpo voltada para cima, com os braços esticados ao lado das pernas. O rosto estava voltado para sudeste (direção a qual se encontravam os grafismos rupestres do sítio), algo que é próximo ao relatado em Rosa (2005) sobre os Kaingang de Nonoai, que sepultavam com os rostos das pessoas voltadas a leste. Porém, a cabeça dessa pessoa estava posicionada a oeste, enquanto os pés para o leste, o que como vimos anteriormente não seria característico de sepultamentos Kaingang.

Sobre o Virador II, como dito anteriormente, foram encontrados dois fragmentos de cerâmica e não teve nenhum sinal de grafismo rupestre no sítio,

<sup>82</sup> *Ra ionior* é uma das marcas *ra téi* (Kamé) e seriam marcas zigue-zague ou onduladas (Silva, 2001, p.185).

<sup>83</sup> Significa marca da forquilha de dois lados (Silva, 2001, p. 199)

<sup>84</sup> *Véin kōpó* é outra marca *ra téi* e são marcas em cruz ou em forma de x (Silva, 2001, p. 185).

porém em contraste com o Virador I, o Virador II possuía oito sepultamentos divididos em dois grupos (o primeiro composto por cinco indivíduos e o segundo por três), e consta a informação de que todos os sepultamentos teriam a orientação da cabeça voltada para o leste e os pés voltados para o oeste (Ribeiro, 1975, p. 14), direcionamento oposto ao caso do Virador I e que remete aos sepultamentos Kaingang.

No primeiro conjunto de sepultamentos, era o seguinte: um indivíduo feminino jovem; um indivíduo masculino com aproximadamente 60 anos com o rosto voltado a oeste; o terceiro indivíduo era do sexo feminino com aproximadamente 40 anos, com o rosto voltado a sudoeste; um indivíduo infantil; e o último também era um indivíduo feminino.

O segundo conjunto era composto por: um indivíduo infantil com o rosto voltado para sul, voltado para um indivíduo feminino adulto que estava ao seu lado de braços abertos, e que seu rosto também era voltado para o indivíduo infantil. O último também era um indivíduo infantil “abraçado” pelo indivíduo feminino.

Ao compararmos o primeiro agrupamento de sepultamentos do Virador II com o sepultamento feminino do Virador I, uma dualidade está sendo apresentada. Enquanto no Virador I o indivíduo está com a cabeça voltada para o oeste e os pés para o leste (o que é uma prática Laklãnõ, conforme Lavina), em todos os sepultamentos do Virador II essa prática se inverte, estando a cabeça voltada para o leste e os pés voltados para o oeste. Como sabemos, os Kaingang vivem uma vida pautada na dualidade, e essa dualidade está sendo representada nos sítios Virador I e II, na forma de se tratar os sepultamentos de maneiras opostas.

O fato dos sepultamentos múltiplos do Virador II, e até de certa forma todos os sítios estudados aqui com um número mínimo de indivíduos de mais de uma pessoa, necessitam de algumas analogias etnográficas. Não há muitas informações acerca de sepultamentos múltiplos Kaingang, porém há em especial os relatos de Mabilde (Serrano, 1939). Em um desses relatos, Mabilde conta que em alguns túmulos Kaingang, com descrições similares aos montículos funerários, haveriam algumas pessoas sepultadas junto e colocadas lado a lado. O cacique Braga, interlocutor de Mabilde, diz que em

um dos maiores túmulos estariam enterrados 52 homens e em outro 29 homens e duas mulheres, que morreram em decorrência de batalha. Sem estudos bioarqueológicos com o foco em traumas, não é possível estipular se os sepultamentos em paredões rochosos que estudei até aqui são decorrentes de guerras e batalhas ou não, porém aqui está uma possibilidade para que arqueólogos e arqueólogas que se importam com o tema, no futuro, possam responder acerca dessa hipótese.

### **6.2.3 Serra do Veado**

No relatório de levantamento arqueológico da Usina Hidrelétrica Mauá (Fogolari, 2013), não constam informações sobre o posicionamento dos sepultamentos da Serra do Veado em relação aos pontos cardeais, porém ainda é de importância a análise desse sítio. É um jazigo que foi escavado e conta com alguns sepultamentos muito bem preservados e descritos, além do sítio possuir uma data próxima de 1000 A.D., discutida no capítulo 2.

O sepultamento evidenciado na quadrícula N3 da escavação, segundo informações de Fogolari (2013, p. 92), estava em posição fletida com vestígios líticos, conchíferos e apenas uma ponta de projétil. A posição fletida significa uma posição flexionada, então os joelhos dobrados do indivíduo sepultado na posição fletida remetem aos relatos etnográficos de práticas funerárias Kaingang, conforme Metráux (1946) e Veiga (2000).



Figura 43: Sepultamento N3. Fonte: Fogolari (2013)

O sepultamento na quadrícula N5 também estaria em posição fletida, semelhante ao N3, mais uma vez demonstrando similaridade com os relatos etnográficos de transporte dos mortos Kaingang, porém em cima de uma laje, e apresentava uma “grande concha” e também uma ponta de flecha, que estaria ao lado do crânio do morto.



Figura 44: Sepultamento N5. Fonte: Fogolari (2013)

As outras áreas de sepultamento (P4, Q3 e Q4) apresentam materialidade junto dos sepultamentos: líticos, sementes, conchas e principalmente contas de colar e dentes de animais perfurados.



Figura 45: Contas de colar de conchas do sítio Serra do Veado. Fonte: Fogolari (2013)





Figura 46: Contas de colar de restos faunísticos da Serra do Veado. Fonte: Fogolari (2013)

No contexto da Serra do Veado, esses artefatos juntos dos sepultamentos são os já discutidos itens pessoais do morto que devem ser enterrados com o próprio morto, para que não retorne ao mundo dos vivos em busca de seus pertences. Esses itens também devem ser enterrados com o morto a fim de que auxiliie seus espíritos em seus caminhos até chegar à aldeia dos mortos.

De maneira a continuar a entender os contextos dos abrigos e das grutas com sepultamento, o próximo e último capítulo tem como foco debater as paisagens e, principalmente, entendê-las em relação aos humanos e não-humanos, e a única maneira de alcançar esse objetivo é entendendo e respeitando a ontologia e cosmologias Jê do Sul como formas de conhecimento e história indígena.

## Capítulo 7 – Interpretando a paisagem e os lugares conforme as cosmologias Jê do Sul

*“Os Brancos desenham suas palavras porque seu pensamento é cheio de esquecimento. Nós guardamos as palavras dos nossos antepassados dentro de nós há muito tempo e continuamos passando-as para os nossos filhos.”*

Trecho de Davi Kopenawa Yanomami, retirado de Viveiros de Castro (2006)

As interpretações dos sítios arqueológicos foram realizadas através da leitura e entendimento das mitologias, cosmologias e ontologia Kaingang e Laklãnõ. Porém, seguindo o que Carli Caxias Popó (2015), autor Laklãnõ, e Vanessa Watts-Powless (2017), autora indígena explicitam: os mitos não são apenas contos ou lendas, são histórias que aconteceram, são fatos desses povos.

Neste capítulo há um estudo arqueológico pautado na ontologia Jê do Sul. Uma pesquisa pautada no estudo da ontologia Jê do Sul, é estudar o contexto arqueológico através da alteridade ontológica, que consiste em perceber e, acima de tudo, entender que existem diferenças e contrastes entre o que eu, arqueólogo, influenciado pelo mundo ocidental, tenho como real, e o que esses Jê do Sul do passado arqueológico e atuais têm como real, como entendem o mundo (Alberti *et al*, 2011; Alberti, 2016). Eu, antes de entender essas questões e conceitos de alteridade e de outras ontologias, enxergava os sítios de sepultamento em paredões rochosos apenas como fendas, próximas de rios e ou cachoeiras, que era o cemitério dos Jê do Sul no passado, constituídos de diversas formas, sendo uns maiores e outros menores, alguns de basalto, outros de arenito, ou seja, lugares “mortos”, sem vida, sem espíritos, sem agência e sem não-humanos e, creio que muitos arqueólogos e arqueólogas também enxergavam assim, o que acaba por ser uma visão limitada e limitante do verdadeiro contexto arqueológico.

O que desejo neste capítulo é expandir essa nossa visão ocidental, pois acredito que, principalmente, assim como Alberti bem coloca (Alberti *et al*, 2011), uma contribuição crucial da arqueologia, que se preocupa com aspectos

ontológicos, é fazer um convite para pensar as diferenças e, assim, induzir uma mudança de como nós conceitualizamos o passado.

Através de estudos etnográficos e etnológicos, alguns autores entendem que os Kaingang além de serem uma etnia que possuem um modo de vida pautado na dualidade, influenciado diretamente por seus heróis cosmológicos Kamé e Kanhrú, são um povo de cosmologia animista (Almeida, 2004; Veiga, 2000), no qual percebem que as coisas<sup>85</sup> e os não-humanos possuem espírito, como as árvores, os animais e a água (Rosa, 2005, 2017; Veiga, 2000). Não apenas esses não-humanos possuem seus espíritos próprios, como também suas próprias sociedades, e o reflexo disso seria expresso nos animais, como os macacos e pássaros, por exemplo, que têm suas próprias reuniões e diálogos entre si; ou até mesmo os animais possuírem seus próprios líderes espirituais *kujà* e seus espíritos auxiliares *jagrẽ* (Rosa, 2017).

Para os Laklãnõ também há indícios de uma cosmologia animista. Relatos em Hoffman dizem que os Laklãnõ antigos se comunicavam com espíritos (guardiões) dos animais e outros seres do cosmos (Hoffman, 2011). Através de relatos de Metráu, Vieira (2004, p. 22) aponta que os Laklãnõ percebiam o mundo povoado com fantasmas e espíritos das árvores, rochas, montanhas, estrelas, ventos e em animais. Em Gakran (2015, p. 27) consta que os Laklãnõ acreditavam em espíritos que habitavam entre as árvores, nas montanhas, nas cavernas, nos paredões de pedra, nas correntezas d'água, nos ventos, e os animais também teriam seus próprios espíritos.

Cosmologia é o sentido da composição do universo, que é influenciada diretamente pela ontologia, que é a forma de perceber, corporificar, experienciar e, principalmente, ser no mundo. Essa ontologia, como descrita anteriormente, é pautada no animismo, animismo o qual não compartilho da concepção de uma religião primitiva (como o animismo original *tyloriano* e discutido em Bird-David, 2019). O animismo já foi definido de diversas maneiras por diversos autores, porém, a meu modo de entender, é conforme ao que propõe Viveiros de Castro (1996, 2002):

---

<sup>85</sup> Uso *coisa* aqui no sentido Ingoldiano da palavra: agregação de fios vitais, onde o jaguar é uma coisa que possui espírito, uma sociedade própria, linguagem própria, uma biota e um estilo de vida próprio; e o mesmo vale para as árvores, para os rios, as montanhas; possuem vidas independente dos humanos (Ingold, 2012).

[...] As categorias “elementares da vida social” organizam as relações *entre* os humanos e as espécies naturais, definindo assim uma continuidade de tipo sociomórfico entre natureza e cultura, fundada na atribuição de “disposições humanas e características sociais aos seres naturais” (Descola no prelo:99)

[...] O animismo pode ser definido como uma ontologia que postula o caráter social das relações entre as séries humana e não-humana: o intervalo entre natureza e sociedade é ele próprio social.

[...] No modo anímico a distinção “natureza/cultura” é interna ao mundo social, humanos e animais estando imersos no meio sociocósmico (e neste sentido a “natureza” é parte de uma sociedade englobante) [...].

Alguns trabalhos arqueológicos já trataram da questão do animismo na arqueologia. Brown & Emery (2008), ao realizarem um trabalho etnoarqueológico, dizem que ao buscarmos entender ou, até mesmo, achar evidências de uma interação entre humanos e não-humanos, os rastros materiais de negociações cerimoniais são importantes, e como essas negociações geralmente ocorrem em fronteiras dos domínios dos agentes humanos e não-humanos, os rastros materiais marcam fisicamente onde os atores humanos e não-humanos estão interagindo, e creio que os sítios em paredões rochosos apresentam essa dinâmica de interação, e demonstro essa ideia e essas relações nas próximas seções.

Como não tive a possibilidade de fazer um trabalho etnoarqueológico, faço uma pesquisa bibliográfica sobre as etnografias que tratem de aspectos das cosmologias Jê do Sul. Baseado nas metodologias de Vanpool & Newsome (2012)<sup>86</sup>, apontarei como as cosmologias dos Kaingang e dos Laklãnõ se assemelham e tem correlações com o contexto arqueológico Jê do Sul apresentado e assim interpreto os sítios arqueológicos em grutas e abrigos com sepultamento conforme tais cosmologias, pois acredito, assim como Nilsson-Stutz (2010), que se pessoas de diferentes comunidades em uma região específica tratam seus mortos de maneira semelhante. Há nessas comunidades um senso de identidade coletiva compartilhada, que demonstraria sua estruturação através das práticas funerárias em comum. Nas bacias dos rios Taquari-Antas, Caí-Sinos, Pelotas, Canoas, Paranapanema, Itajaí e Misiones, há comunidades de pessoas que possuem uma identidade coletiva

---

<sup>86</sup> As autoras avaliam se uma estrutura ontológica é consistentemente semelhante ao registro arqueológico, usando um método explicitamente interpretativo (Vanpool & Newsome, 2012, p. 2).

que é compartilhada, e essa identidade coletiva está sendo demonstrada justamente nos sítios de cemitérios em grutas e abrigos.

Sendo assim, neste capítulo proponho entender esses sítios arqueológicos através da ontologia animista dos Kaingang e dos Laklãnõ, pois acredito que as grutas e os abrigos com sepultamento são marcadores de interações e negociações entre os humanos e os não-humanos, pois não há apenas coincidência em 100% dos casos serem sítios em fendas em paredes rochosos e que em 88% deles tenham alguma forma de água corrente em contexto, geralmente cascatas. Esses dados demonstram a agência das paisagens, de lugares específicos e também de não-humanos, que habitam e interagem nessas paisagens junto dos Jê do Sul, que estão nas bacias do Taquari-Antas, Caí-Sinos, Pelotas, Canoas, Paranapanema e em Misiones. Há uma identidade em comum que está sendo demonstrada na forma de escolher lugares específicos para se constituir um cemitério, onde seus entes queridos e pessoas que mantinham variados tipos de relações estavam sendo enterrados.

### **7.1 Entendendo os sítios conforme as cosmologias Kaingang**

Conforme Veiga (2000, p. 182), para os Kaingang todas as coisas, os não-humanos, possuem espírito *kóimbég* e, por terem espírito, são vivas, e merecem o devido respeito, revelando um caráter relacional entre humanos e não-humanos e demonstrando uma ontologia animista por parte dos Kaingang. Ainda segundo a autora, a diferença central entre humanos e não-humanos seria por conta do dom da fala que possuem os primeiros.

Traços importantes dessa ontologia anímica são apresentados em Rosa (2017). O xamã *kujà* Jorge Garcia explicita que não só os Kaingang possuem espíritos auxiliares *jagrẽ* (podem ser espíritos animais, da floresta, da água, enfim, diversas formas de não-humanos), mas os animais também (o tatu tem um *jagrẽ* tatu, a onça um *jagrẽ* onça, etc). Além disso, os animais como os tatus, bugios, corujas, gaviões, entre outros, reúnem-se e conversam entre si, com seus debates e conselhos, com os *kujà* deles também presentes. Também há animais com diferentes personalidades: calmos, teimosos, que são maus e bons. Ainda segundo Rosa e o *kujà* Jorge Garcia (Rosa, 2017, p. 383), todos os seres da terra e do universo, como a fauna, flora, formações geológicas, astros, etc possuem seus mestres *tóg*.

Beber (2004) disse em sua tese que a água tem algum contexto mítico, porém que não era possível de se entender; Corteletti (2012, p. 21) aponta que os sepultamentos em abrigos e grutas não são citados pela etnohistória ou etnografia. Porém, através da análise minuciosa da etnografia, há dados relevantes, que permitem entender a agência das paisagens e o porquê, principalmente, em relação aos 88% dos casos, de haver rios ou cachoeiras em contexto com os cemitérios. Esses dados etnográficos que também permitem entender o porquê de se sepultar seus mortos em fendas de paredões rochosos. O que faltou para as pesquisas da arqueologia, até então, para entender tanto esse contexto arqueológico em particular quanto outros, era perceber que os mitos, cosmologias e ontologia indígena são tão importantes quanto a nossa ciência ocidental, e assim, valorizar essas outras ontologias como formas de conhecimento e que, principalmente, essas outras formas de conhecimento influenciam diretamente nas práticas, sejam elas funerárias, sociais, de vivência, de morte, viver no mundo e, principalmente, na realidade e no ser.

Começo a discussão sobre as cosmologias e ontologia Jê do Sul pelos Kaingang. Em relação à constituição cultural dos Kaingang, a dualidade está sempre presente: nos rituais, nas divisões clânicas, nas relações de parentesco e outros aspectos. Essa dualidade é influenciada pela origem do ser Kaingang: Kamé e Kanhru saíram de dentro da terra, de uma serra, e “ainda hoje podem ser vistos os buracos pelos quais subiram” (Nimuendaju, 1986) e teriam morrido em uma grande inundação ou dilúvio (Rosa, 2005; Veiga, 2000). Essas informações iniciais mostram a importância de dois fatores muito importantes nas paisagens dos abrigos e das grutas com sepultamento: tanto a terra, na forma de serra, e “buracos”, fazendo alusão ao início dos heróis, quanto da água, que remete a morte dos heróis míticos

Sobre a dualidade baseada em Kamé e Kanhru, os Kaingang relacionam diversos elementos com um ou o outro herói. Conforme Silva (2002, p. 191), enquanto Kamé é relacionado com o sol, dia, masculino, alto (parte de cima); Kanhru é relacionado com a noite, a lua, feminino, e o baixo (parte de baixo). Kamé e Kanhru também estão relacionados com o leste e o oeste: enquanto Kamé está ligado ao oeste, Kanhru está ligado ao leste (Silva, 2002; Veiga,

2000); porém essa dualidade é invertida no ritual do *kiki*, com o intuito de enganar as almas dos mortos (Silva, 2002; Rosa, 1995, 2005). Outro traço importante da dualidade é que em morte, os da metade kamé iriam para o *fãg kawã (kaikã)* e os da metade kanhru iriam para o *nügme (numbê)* (Almeida, 2004; Rosa, 2005).

Importante para a arqueologia Jê do Sul é ter em mente que, nas cosmologias Kaingang, enquanto o fogo está associado a metade clânica kamé, a água está associada a metade kanhru (Almeida, 2004; Rosa, 2005). Essa constatação me leva a refletir acerca das práticas funerárias Jê do Sul conhecidas arqueologicamente. Por um lado, temos os montículos funerários, que possuem cremações e o fogo possui uma grande parte nesse ritual funerário (já discutido por Ulguim, 2016); por outro lado temos os sítios de sepultamento em paredões rochosos, onde a presença de água, principalmente na forma de cascatas, mostra-se ser de vital importância para a escolha de lugares específicos para a realização e composição de um cemitério. Avento aqui a possibilidade desses cemitérios (tanto os sítios de sepultamento em paredões rochosos quanto os montículos funerários) estarem representando, de certa forma, ancestralidades diferentes (na forma de heróis míticos distintos, diferente da forma de ancestralidade a qual se refere Saldanha, 2008) ou até mesmo divisões clânicas diferentes, ou seja, que há a possibilidade dos sítios em paredões rochosos com água serem relacionados a alguma metade clânica, enquanto os montículos com cremações podem estar representando cemitérios de outra metade clânica.

Conforme Rosa (2005, p. 159), os Kaingang concebem o espaço a partir de três níveis que se sobrepõem e que possuem seus respectivos domínios: nível subterrâneo, também conhecido como embaixo da terra, que possui o domínio *nügme* ou *numbê* (mundo dos mortos); o nível terra e os domínios chamados de “casa”, “espaço limpo” e “floresta virgem”; e o nível mundo do alto, com os domínios “céu”, *fãg kawa* ou *kaikã*. Logicamente como minha pesquisa trata de sítios cemitérios, o *nügme* tem maior destaque, porém todos recebem atenção porque há diversos caminhos e encruzilhadas que ligam todos esses níveis.

Como Rosa (2005) bem constata, o primeiro a relatar o *nügme* e o nível subterrâneo foi Nimuendajú, que nomeia Toldo dos Defuntos. Segundo relatos de Nimuendajú (1986, p. 88), a alma do morto penetra no chão imediatamente ao lado do cadáver, rumo ao Toldo dos Defuntos. Nesse caminho há diversas provações e dificuldades para o espírito do morto suprir, para que no fim, chegue a encontrar seus conhecidos, já mortos, para festejos e danças.

Veiga (1994, p. 148-149) tem informações importantes, que demonstram que as explicações para entendermos melhor o fenômeno arqueológico dos abrigos e grutas com sepultamento estão nas cosmologias Kaingang e Jê do Sul. Ao estudar os Kaingang em Xapecó, a autora relata que os próprios Kaingang dizem que o *numbê* fica abaixo do solo, sendo no interior de um paredão, “um paredão pra baixo”, como um precipício. A autora inclusive relaciona essas informações com o mito de origem Kaingang, pois Kamé e Kanhru, ao morrerem no dilúvio, foram morar no centro da serra, e depois saem da terra para voltar o povoamento. Conforme Veiga (1994, p. 149), segue outra informação importante, relacionando a questão de buracos ou fendas com entradas para o mundo dos mortos:

Se o **Numbê**, a morada dos mortos, fica abaixo da terra (como também diz o mito), faz sentido fazer um buraco no cemitério como uma porta simbólica de acesso do **Numbê** à superfície da terra pela qual os **éngufô** (“nossos antigos”) viriam “para dançar o **Kiki**”.

Brown & Emery (2008) e Taube (2003) apontam que fendas e cavernas são marcos na paisagem que são associados com entradas de inframundos. É inconcebível relacionar os sítios em grutas ou abrigos com sepultamentos Jê do Sul num contexto diferente, principalmente após os relatos de Veiga. Essas fendas nos paredões rochosos, no contexto do Planalto Meridional, que nós arqueólogos e arqueólogas conhecemos como sítios de grutas e abrigos com sepultamento, são fronteiras entre planos e ou mundos e materializam também a conexão entre esses planos, mundos. Na interpretação utilizada para esta pesquisa, essas fendas são sinais na paisagem de interligação ou portais que ligam o mundo dos vivos Kaingang com o *numbê-nügme*, e além disso, essas paisagens são relacionadas com os heróis míticos, tanto na sua morte quanto ressurgimento. Pois, além desses sítios serem esses locais de ligação entre mundos, são lugares onde a ancestralidade mitológica está demarcada: enquanto a fenda, gruta, ou os abrigos rochosos estão é o local de morada e



saída de Kamé e Kanhru para o mundo que os Kaingang conhecem, inclusive dando origem às metades clânicas, as águas das cascatas e dos rios em contexto estão materializando as águas diluviais que os mataram.

Veiga (2000), ao estudar os indígenas da área de Xapecó, refere-se ao *numbê* como uma aldeia que está na direção oeste e que se encontra em outro plano, onde as pessoas vivem da mesma forma que no mundo terreno. Através do relato do *kujà* Antonio Miguel e sua esposa, do Posto Indígena Inhacorá (Veiga, 2000), sabemos que no *numbê* as metades Kamé e Kanhru vivem na mesma aldeia, contrastando com informações dos Kaingang cristãos em Almeida (2004).

Almeida (2004) ao estudar as igrejas cristãs Kaingang, traz algumas ressignificações sobre o *numbê*. Segundo Diogo, rezador kamé, enquanto os mortos vão para o *kaikã-fog kawã* (que está no domínio céu, segundo Rosa), os pecados iriam pro *numbê* (Almeida, 2004, p. 160), transformando totalmente o que antigamente era a distinção clânica entre *kaikã-fog kawã* e *numbê*. Em entrevista de Almeida com Manoel, pastor na Terra Indígena Apucarana, o pastor relaciona o *numbê* com o inferno cristão e que está localizado em um buraco no oeste. Segundo Almeida (2004), ainda constam informações de que o alto, leste, sul, fogo, seco e o *fãg kawã* estão relacionados; assim como o baixo, oeste, norte, lua, água, úmido e o *numbê*.

Segundo as palavras de Rosa (2005, p. 162):

O segundo nível do território xamânico Kaingang é chamado de terra. Trata-se do nível onde se desenrolam as relações sociológicas dos Kaingang. Ele é constituído por três domínios hierarquizados, a “casa”, o “espaço limpo” e a “floresta virgem”. Assim como os Kaingang concebem que a metade *kamé* engloba a metade *kanhru*, no plano cosmológico o domínio “floresta virgem” engloba a “casa” e o “espaço limpo”; por sua vez, no plano sociológico, a “casa” (contemporaneamente, a casa do chefe político, do *cacique*) engloba o “espaço limpo” e a “floresta”.

O domínio “casa” é literalmente a casa, enquanto o domínio “espaço limpo” é onde as aldeias são construídas, tendo o cemitério como fronteira importante<sup>87</sup>; o domínio “floresta virgem” é tudo que não foi transformado pela ação humana. É vital saber que na “floresta virgem” é o domínio dos animais e

---

<sup>87</sup> É importante um estudo de arqueologia espacial futuro que trate do sistema de assentamento na tentativa de compreender estas fronteiras, principalmente as do “espaço limpo”

dos espíritos (ALMEDA, 2004; Rosa, 2005), e nela há diversas fronteiras, porém três dessas fronteiras no plano sociológico são importantes para essa pesquisa: o ‘*krĩn téj*’ que significa montanha e serra; ‘*goj*’, que significa rio; e ‘*krug*’, que significa cachoeira (Rosa, 2005, p. 165). Tomando a relação entre humanos e não-humanos como uma distinção social e não natural (como propõe Viveiros de Castro, 1996, 2002), percebendo nesta dissertação que as montanhas, serras e cachoeiras são fronteiras sociais para os Kaingang, os dados apontam que os sítios em grutas e abrigos, que estão em paredões rochosos, em montanhas ou serras, com a presença de cachoeiras ou rios (em 88% dos sítios estudados na minha dissertação), possuem diversos elementos na paisagem que constituem fronteiras sociais entre os vivos e os mortos.

O terceiro nível do mundo Kaingang é o nível Mundo do Alto, que tem os domínios “céu” e os já citados “*fog kawã*”<sup>88</sup> ou “*kaikã*”. No plano sociológico do domínio céu existem o sol, a lua, as estrelas e os fenômenos astronômicos, enquanto no plano cosmológico do domínio existe a fronteira sol e lua (Almeida, 2004; Rosa, 2005).

Outra questão importante sobre a cosmologia Kaingang diz respeito aos caminhos e encruzilhadas que interligam os três níveis do mundo Kaingang. Esses caminhos e encruzilhadas foram o que me deram a ideia de escrever acerca da paisagem funerária da Gruta do Lavatudo (De Lima, 2017) e que me fizeram querer abordar, em uma escala regional, a paisagem e cosmologia que está relacionada a esses sítios de sepultamentos em fendas nos paredões rochosos.

Rosa (2005, p. 169) diz que existe uma fronteira que está presente nos três níveis do mundo Kaingang (tanto no subterrâneo, quanto na terra e no mundo do alto): a água. Já em Almeida (2004, p. 191), consta a informação de que “o universo da aldeia é mediador entre o universo da mata e o universo da água. Sendo que a água está equacionada com o mundo de baixo e a mata com o mundo do alto”, ou seja, a água está relacionada com o nível subterrâneo e o *nügme-numbê*, enquanto a mata com o *fog kawã-kaikã*.

---

<sup>88</sup> Chamado por Rosa de “*fõgkawé*”.

O relato de Rosa (2005, p. 169) aprofunda o conhecimento sobre as narrativas dos Kaingang e apoia as interpretações arqueológicas:

Nas narrativas mitológicas kaingang, duas qualidades da água são sublinhadas. Conforme a narrativa mitológica dos Kaingang da bacia do Tibagi, do nível mundo do alto vêm as águas da morte, as águas diluviais, as águas que nascem do topo da serra e correm do leste para o oeste. Por sua vez, a partir das narrativas do pã'í mbâng Nonohay dos Kaingang da T.I Iraí (espaço do dialeto Sudoeste), do nível subterrâneo vêm as águas que brotam na terra, as águas terapêuticas frias e quentes que brotam nas fontes, as águas noturnas associadas à lua (Rosa, 1998; Almeida, 2004A).

A maioria dos casos de água corrente em relação aos sítios arqueológicos são de águas que realmente correm do leste para o oeste. Além disso, a grande maioria dos casos (70%) são de sítios que possuem em seu contexto cascatas, que são relacionadas com as chamadas “águas que nascem do topo da serra”. Temos no caso dos abrigos e das grutas com sepultamento essa narrativa mitológica Kaingang, então essas águas que estão em contexto com esses sítios arqueológicos, estão justamente identificando as águas da morte e, principalmente, as águas diluviais que acabaram matando Kamé e Kanhru.

Depois, acerca do domínio “floresta virgem” e dos cemitérios Kaingang antigos (Rosa, 2005, p. 171):

O domínio “floresta virgem” é o espaço paradigmático da atividade xamânica, pois nele se localiza e desenrola-se uma série de atividades dessa instituição social; isto é, trata-se, primeiro, do domínio onde vivem os animais e os seus respectivos donos (*tãn*); segundo, do espaço onde eram construídos os antigos cemitérios kaingang; terceiro, do buraco que dá acesso ao “*nügme*”; [...]  
Em suma, o domínio “floresta virgem” pode ser considerado a fronteira que divide o “mundo-aqui” e o “mundo-outro” [...] Do mesmo modo, é nesse ponto que os níveis verticais do território xamânico Kaingang – subterrâneo, terra e mundo de cima – cruzam-se através, respectivamente, dos domínios horizontais “*nügme*”, “floresta virgem” e “*fãg kawã*”. Portanto, trata-se do espaço “nó” dessa sociedade.

Conforme esses relatos da cosmologia Kaingang, os sítios-cemitérios são similares ao chamado “floresta virgem”, local o qual não foi transformado pelos homens e mulheres, o que explicaria os cemitérios serem “naturais”<sup>89</sup>, diferentemente dos montículos funerários que são construídos. Os sítios estão

---

<sup>89</sup> Ao falar “naturais” não tenho nenhuma intenção em representar a famosa dicotomia “natureza/cultura”.

inicialmente em algumas propriedades que constituem fronteiras do plano sociológico Kaingang entre os humanos e não-humanos, vivos e os mortos: em ‘*krĩn téj*’ (montanhas, serras), relacionadas a ‘*krug*’ (cachoeiras) e ‘*goj*’ (rios) (como vimos nos 70% dos casos estudados há cachoeiras em contexto, em 88% há contexto de cachoeiras ou rios, e devo dar ênfase aos 12% que não possuímos informações, o que representa a possibilidade de mais casos positivos de cachoeiras ou rios na amostragem). As fendas nos paredões rochosos (que por si só já consideram fronteiras sociológicas) são associados aos buracos que dão acesso ao mundo dos mortos *nügme*. A escolha para sepultar os mortos em fendas nos paredões rochosos com a presença de água (principalmente, cascatas) no contexto é manter essa relação de interligação entre os três níveis do mundo Kaingang: o *nũmbe*, que além de ser o mundo dos mortos pode ser relacionado com os espíritos *kanhru*; o nível Terra, onde acontece as relações sociais dos Kaingang vivos; com o Mundo do Alto, que além de ser onde está *Topé*, deus para os Kaingang, é onde estaria o *fãg kawã-kaikã* e as almas dos *kamé*. Também é importante perceber que as grutas e os abrigos com sepultamento, com as cascatas ou rios em seu contexto, fazem alusão aos heróis *Kamé* e *Kanhru*, onde as águas identificam o dilúvio que matou *Kamé* e *Kanhru* e os paredões rochosos o sair dos heróis míticos de dentro da terra para poder repovoar o mundo. Estando então esses sítios materializando todos esses fatores da história mitológica de *Kamé* e *Kanhru*, também identificam o início e o ser Kaingang.

## 7.2 Entendendo os sítios conforme as cosmologias Laklãnõ

As informações desta seção demonstram a ontologia animista dos Laklãnõ e serão baseadas em dois autores Laklãnõ: Gakran (2015) e Popó (2015).

Segundo ambos os autores, os Laklãnõ antigos acreditavam que os espíritos *gyjun*<sup>90</sup> e *kuplëg*<sup>91</sup> habitavam em aspectos da natureza (a natureza é referência central para os Laklãnõ): como as árvores, montanhas, cavernas,

---

<sup>90</sup> Segundo nota de rodapé em Gakran (2015, p. 27) *gyjun* significa “espírito familiar, espírito que dá poderes”.

<sup>91</sup> Também em nota de rodapé presente em Gakran (2015, p. 27) *kuplëg* significa “espírito dos mortos, almas”.

paredões rochosos, na água, nos ventos, trovões, nos animais grandes e pequenos (que também possuíam espíritos que além de controlá-los os protegiam) e nas plantas. Em Popó (2015) vemos que, para os Laklãnõ, a vida humana se conecta com a natureza em uma relação estreita e, segundo Gakran (2015, p. 34), o ser-pessoa e o ser-natureza é um dualismo indissociável. Acerca da morte, é como uma passagem, não como um fim. Após a morte, a vida continuaria na parte superior, onde fica o céu, da mesma forma que era em vida na parte inferior, esperando os entes queridos chegarem (Gakran, 2015).

Diferentemente do estudo sobre a cosmologia Kaingang da seção anterior, tanto em Popó quanto em Gakran não constam muitas informações acerca dos mitos relacionados à água e cavernas. Porém, é interessante para a minha pesquisa as informações sobre o início do ser Laklãnõ. A constituição cultural desse grupo seria baseada em dois grupos primordiais: os *klědo* e os *vājěky*, que teriam dado origem aos Laklãnõ atuais. Os *klědo* teriam saído da montanha e o nome *klědo* significa *klě* “montanha” e *do* “buraco ou gruta”; os *vājěky* teriam saído da água (Gakran, 2015, p. 34).

É interessante ver que através do estudo da cosmologia Laklãnõ, os sítios em abrigos e grutas com a presença de água em seu contexto, são relacionados com a criação dos próprios Laklãnõ, algo que faz alusão tanto aos *klědo*, que saíram da montanha, buraco ou gruta, quanto aos *vājěky*, que teriam saído da água, estando assim esses sítios materializando o início do ser Laklãnõ.

## **Algumas conclusões:**

Após uma longa jornada de revisão bibliográfica e análise de dados disponíveis de 51 sítios arqueológicos, que contou com diversos mapas, tabelas, cosmologias e ontologia Jê do Sul, e, que principalmente, proporcionaram novas hipóteses e interpretações sobre esses cemitérios Jê do Sul, chega o dado momento de conclusão da minha pesquisa. No decorrer do trabalho, foi perceptível o quão importante foi, e é, fazer uma análise em macro-escala e geral dos dados que foram produzidos até hoje.

Apesar de algumas datações serem frágeis em relação ao seu registro e acreditar que devam ser feitas novas datações de novos sítios e, inclusive, de cemitérios que já foram datados, algumas interpretações importantes sobre as datações foram possíveis. Com essa perspectiva de unir os dados para entendê-los em conjunto e de maneira uniforme, pude perceber e fazer algumas considerações acerca das cronologias desses sítios no contexto da arqueologia Jê do Sul. Grande parte das datações de sítios em paredões rochosos com sepultamento antes de 1000 A.D., são de cemitérios que estão localizados na porção oriental do Planalto Meridional e na região da encosta da Serra, mais especificamente nas regiões das bacias dos rios Itajaí, Pelotas, Canoas e Caí-Sinos

Os sítios com datações próximas de 1000 A.D. e após essa data, estão posicionados em direção a oeste, o que demonstra certa dispersão geográfica desses povos Jê do Sul rumo ao ocidente do território, proporcionada por diversos eventos que acometem os Jê do Sul nesse período. Essa dispersão geográfica, ao decorrer do tempo, está sendo acompanhada da dispersão dessa noção de identidade coletiva em comum desses grupos Jê do Sul rumo ao oeste. Tal dispersão de identidade coletiva (termo baseado em Nilsson-Stutz, 2010) está refletida na necessidade de escolha de lugares específicos na paisagem, onde tenham fendas em paredões rochosos e cascatas ou rios em contexto, preferencialmente, para local de sepultamento de seus mortos.

É citado por diversos autores que os grupos falantes Tupi-Guarani teriam chegado em áreas de territórios Jê do Sul por volta de 1000 A.D., principalmente nas áreas das Terras Altas (Bonomo *et al*, 2015; Corteletti, 2012; De Souza *et al*, 2016; Rogge, 2004). Essa dinâmica de contato entre os

Tupi-Guarani e os Jê do Sul apresenta, pelo menos, dois efeitos nos Jê do Sul: enquanto há núcleos de resistência Jê na região das Terras Altas, que acaba por criar tipos de práticas funerárias, fronteiras e marcadores territoriais, como os montículos funerários com cremações (Corteletti, 2012; De Souza *et al*, 2016); e outro ou outros núcleos se dispersaram rumo a oeste do território e consigo levando as práticas funerárias de se sepultar em paredões rochosos, acarretando na dispersão dessa identidade coletiva que está impressa e refletida nestas práticas funerárias.

Outro fator importante que ocorre por volta de 1000 A.D. é o fato de algumas alterações estarem ocorrendo nas práticas funerárias das grutas e dos abrigos e estarem demonstrando o contraste de grupos em fronteira étnica. Os sítios no período após 1000 A.D., começam a apresentar a cerâmica Jê do Sul no contexto funerário (no caso do Virador I, a arte rupestre também pode estar no cemitério por questões de marcador de identidade e demarcando fronteiras étnicas), que são marcadores de identidade que devem estar sendo colocados nos cemitérios em resposta à chegada do próprio Tupi-Guarani nos territórios Jê do Sul. O elemento fogo também surge: em alguns dos sítios há estruturas de combustão com ossos calcinados e em outros casos há ossos calcinados sem tais estruturas. Além disso, a Gruta do Matemático apresentava sepultamentos em aterros alongados, que Corteletti (2012) interpretou como certo tipo de hibridismo. Esses dados apontam que, perto do período de 1000 A.D., por outros fatores, a chegada dos Tupi-Guarani em território Jê do Sul, as práticas funerárias em abrigos ou grutas sofrem transformações, principalmente com a inserção da cerâmica no contexto funerário na forma de acompanhamento mortuário e o início da utilização do fogo no contexto funerário, seja através de ossos cremados, queimados ou áreas de combustão nos sítios. Tais transformações demonstram a perpetuação das práticas funerárias em abrigos ou grutas, mesmo que com influências das *práxis* utilizadas em montículos funerários. Essa perpetuação e dispersão dos sítios rumo a oeste vai contra a hipótese de mudança sociocosmológica de Corteletti, pois mudança, nos termos do autor, implicaria no desuso dos cemitérios em paredões rochosos e, como os dados demonstraram, o que acontece é o contrário, havendo a perpetuação das práticas funerárias em grutas ou abrigos, mesmo que com nuances representadas nos acompanhamentos funerários, de

modo a manter a continuidade cultural dessas práticas funerárias, constituídas na busca por paisagens específicas para a constituição dos cemitérios.

Questões pertinentes sobre as cronologias dos sítios é acerca dos períodos de cisão dos Jê do Sul. A explicação para o fato dos sítios estarem concentrados na região da borda oriental do Planalto Meridional, no período anterior a 1000 A.D., dá-se porque essa prática funerária, em si, é uma prática Jê do Sul oriental. Como atestado por Jolkesky (2010), os Jê do Sul se dividem entre ramo ocidental e oriental por volta de 840 A.D. e, como atestei durante esta pesquisa, essa divisão se dá através de um processo que leva um período considerável de tempo. Conforme demonstrado no mapa 5 da dissertação, enquanto há sítios concentrados na borda oriental do Planalto, há a ausência desse tipo de cemitério rumo ao ocidente da região, que seria então território Jê do Sul ocidental (que seriam os ancestrais dos extintos Ingain e Kimdá) e que não seriam praticantes dessa prática funerária, e, pelos dados percebi que então, essa prática funerária em abrigos e grutas, concentradas na região oriental do Planalto Meridional, é desses Jê do Sul que se tornaram os Jê do Sul orientais, ancestrais diretos dos Kaingang e dos Laklãnõ e por isso que, por exemplo no sítio Virador I, há a arte rupestre que é relacionada diretamente aos Kaingang.

Os sítios em abrigos e grutas só surgem ao ocidente do território no período posterior a 1000 A.D., o que indica que eles foram levados pelos Jê do Sul orientais em um período próximo à chegada dos Tupi-Guarani na região das Terras Altas, o que representa então uma dispersão desses Jê do Sul rumo ao ocidente, influenciado também por esse fator externo. Quase três séculos depois da chegada do Tupi-Guarani, há uma segunda cisão linguística, que conforme Jolkesky (2010), dividiu o Jê do Sul oriental em Kaingang e Laklãnõ. Conforme os dados apontam, a chegada do Tupi-Guarani nas regiões das Terras Altas, região que é território dos Jê do Sul orientais nesse momento, influenciou na demarcação de limites étnicos entre os próprios Jê do Sul orientais, acarretando nessa cisão que deu origem aos Kaingang e os Laklãnõ.

Conforme demonstrado na análise dos 51 sítios arqueológicos, algumas conclusões acerca da espacialidade foram tiradas, tanto em micro-escala, ao estudar os sítios dentro das respectivas bacias hidrográficas e considerando



elas territórios específicos, quanto em macro-escala, ao analisarmos os sítios de maneira universal.

Na bacia do Taquari-Antas, vimos que os quinze sítios estão relacionados de alguma forma com o rio Taquari, um dos principais da região. Além disso, geograficamente eles estão posicionados em porções mais altas da bacia hidrográfica (em uma altitude média de 763 m), na região mais a leste. Os dois sítios mais “interessantes” em contexto arqueológico, a Gruta do Matemático e o Perau das Cabeças, são sítios que, em comparação com os outros, estão nas maiores faixas de altitude. Acerca da composição litológica dos jazigos, 53% estão na fácies Caxias, com composição litológica de Riodacito; 33% estão na fácies Gramado (basalto); 7% tiveram suas composições litológicas chamadas pelos autores de arenito, e outros 7% não possuímos informações. Sobre a tipologia estipulada pela S.B.E, há um total de onze grutas (três casos desse total são equivalentes das três grutas que compõem o Perau das Cabeças), apenas um abrigo (RS-A-49) e cinco sítios sem informações.

Ainda sobre a bacia do Taquari-Antas, é notável que há poucos sítios com artefatos. Há de se destacar que foram encontradas cerâmicas Jê do Sul nos sítios Gruta do Matemático e RS 124; restos de trançados, conchas e contas de colar nos sítios Gruta do Matemático, Gruta da Caveira e Perau das Cabeças. Em relação com a hidrografia a qual os sítios estão inseridos, é notória que a preferência hidrográfica para a inserção desses sítios é em arroios e ou rios de primeira ordem, que, dentro da hierarquia fluvial, são representantes de rios menores. Assumindo apenas os pontos cardeais dessas fontes d'água, esses arroios ou rios estão correndo predominantemente na direção leste-oeste, o que demonstra os relatos mitológicos dos Kaingang. Também é notável que 70% dos sítios possuem uma cascata em seu contexto e, ao somarmos as fontes d'água como os rios, além das cascatas, o número sobe para 88% da amostragem, representando a grande importância e agência desse fator na paisagem para a concepção de um cemitério para os esses Jê do Sul arqueológicos.

Tomando como base a ideia de Tommasino (1995) e Laroque (2006), que os rios menores de uma bacia seriam subterritórios de grupos Kaingang

penso que, no caso da bacia do Taquari-Antas, esses subterritórios estão sendo demonstrados: a Gruta do Matemático e o Perau das Cabeças podem estar refletindo subterritórios diferentes e o reflexo disso está nas próprias práticas funerárias. Enquanto na Gruta do Matemático há bastantes indivíduos, fragmentos de trançados, cerâmica, montículos, contas de colar, conchas e áreas de combustão, no sítio Perau das Cabeças, em comum com a Gruta do Matemático, há apenas o grande número de indivíduos, trançados, contas de colar e conchas. E são dois sítios centrais na região da margem direita do Rio das Antas. O outro subterritório estaria sendo representado pelo conjunto de dez sítios à margem esquerda do Rio das Antas: além de serem mais sítios e que em alguns casos estão espalhados nos mesmos cursos d'água (arroyos ou rios de primeira ordem), há menos indivíduos e menos artefatos em contexto funerário.

Sobre a bacia do Caí-Sinos, há menos sítios – um total de quatro. A altitude média dos jazigos é de 313 m, explicado por estarem na região da encosta da Serra, e não na área do Planalto. É perceptível que a dimensão dos cemitérios não é parâmetro para o sepultamento de maior número de indivíduos ou não. O sítio Caipora, o segundo menor da região, é o que mais apresentou indivíduos sepultados, enquanto os sítios Virador I e II são os maiores e possuem bem menos indivíduos. Em compensação, esses sítios maiores apresentam um contexto de materialidade muito interessante: o Virador I possui grafismos rupestres os quais os próprios Kaingang interpretaram como sendo marcadores clânicos deles (Silva, 2001), cerâmica Jê do Sul, áreas de combustão e ossos queimados. Nota-se também, que a partir das estipulações da S.B.E, todos os sítios são grutas.

Diferentemente do caso da bacia do Taquari-Antas, os sítios possuem arroyos em seu contexto, em vez de cascatas. Ainda assim, o leste-oeste está presente: em todos os quatro sítios a hierarquia fluvial em contexto (excluindo os pontos cardinais) estão correndo do leste para o oeste. Assim como na bacia do Taquari-Antas, a preferência para implementação desses sítios na paisagem é em arroyos e rios de primeira ordem, mantendo a preferência para correntes de água de menor porte. Tendo os rios como delimitadores de territórios e subterritórios, nessa bacia há três subterritórios diferentes, sendo

demonstrados através das práticas funerárias em rios diferentes. O sítio Caipora é o único na região do Rio dos Sinos e possui grande número de indivíduos sepultados, apesar de não apresentar basicamente nenhum acompanhamento funerário. Outro subterritório está sendo representado pelo sítio RS 39, que tem muito mais similaridades com os sítios da margem esquerda do rio das Antas, na bacia do Taquari-Antas. O terceiro subterritório é composto pelos sítios Virador I e II, relacionados com o Rio Caí, com práticas funerárias muito diferentes dos outros sítios relatados da região, tanto acerca das práticas funerárias, quanto o fator arte rupestre e os artefatos em contexto funerário.

Na bacia do rio Pelotas há um total de sete sítios que foram estudados. Desses sítios, quatro são grutas (Grutas Santa Bárbara, Lavatudo, Invernada do Moleque I e Rio dos Altos), um é abrigo sob rocha (Vacas Gordas I) e dois não foram possíveis de serem interpretados acerca de suas tipologias. Os casos da Gruta do Lavatudo e Santa Bárbara são interessantes: ambos os sítios são os maiores da região e, além disso, foram os cemitérios que mais apresentaram número mínimo de indivíduos. A média de altitude desses cemitérios da região é de 1301 m de altitude. Vale constar que os cemitérios estão inseridos no extremo leste da bacia hidrográfica, em patamares muito elevados da região. Sobre a litologia, a maioria da amostragem é composta por basalto.

Em 57% dos sítios da região do rio Pelotas há cascatas em seu contexto, 14% possuem arroios e 29% são de sítios que não possuímos informações, demonstrando a grande importância desse aspecto hídrico na paisagem. Desses casos que o fator fonte d'água próximo do sítio existe, todos os rios e todas as cascatas estão *in situ*. A forma de hierarquia fluvial a qual os sítios estão inseridos segue o padrão até então: a maioria deles estão em arroios ou rios de primeira ordem. Dessa hierarquia fluvial, excluindo os pontos colaterais, 71% são de correntezas d'água que correm predominantemente do leste para o oeste, 29% representam casos que não pude inferir a direção.

Interpreto que, na região do rio Pelotas, há dois agrupamentos bem específicos de sítios-cemitérios em abrigos ou grutas: um agrupamento de três sítios está relacionado com o Rio Lavatudo e um agrupamento de também três

sítios está relacionado com o Rio Pelotas. Em cada um desses agrupamentos, há um sítio que considero central e que estão relativamente próximos: no rio Lavatudo há a Gruta do Lavatudo, enquanto no Rio Pelotas há a Gruta Santa Bárbara. Ambos os sítios, além de serem os maiores da região e estarem em altitudes mais elevadas, também são os que apresentaram um maior número de indivíduos. Conforme os dados apontam, interpreto que ambos foram cemitérios centrais de dois subterritórios diferentes da bacia do rio Pelotas.

Quanto a bacia do rio Canoas não há muitas interpretações a serem feitas, pois há poucos dados acerca dos sítios SC-Bom Retiro-8 e SC-Bom Retiro-15. Porém é importante notar que os quatro sítios da bacia possuem cascatas *in situ*, apresentando o padrão na paisagem até então.

As análises da bacia do Itajaí também foram prejudicadas, pois há coordenadas de apenas cinco dos dezessete sítios. A altitude média de implantação dos sítios é de 579 metros. Temos um total de nove grutas e dois abrigos sob rocha. Sobre os dados hidrográficos, 89% dos sítios possuem alguma fonte d'água em contexto, sendo 83% dos casos cascatas e 6% equivalentes a um ribeirão. Sobre a hierarquia fluvial, a análise foi, completamente, prejudicada: em 71% dos casos não foi possível de estipular esse dado. Vinte e três por cento (23%) dos sítios estão em rios de primeira ordem e apenas 6% em rios de terceira ordem. Da direção dessas hierarquias fluviais, 40% correm do sul para norte, sendo a única bacia hidrográfica a qual não há a predominância do eixo leste-oeste. Ao pensar traços de territorialidade no caso da bacia do Itajaí, interpreto que há a possibilidade dos sítios Riozinho, Lomba Alta e Indiozinho serem referentes a jazigos de um mesmo subterritório, pois estão relacionados a pequenos cursos de rios e arroios à margem esquerda do rio Itajaí do Sul. O caso do Ns<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> de Lourdes acredito também ser um sítio do possível território da região do rio Itajaí do Sul, porém de um subterritório diferente dos demais.

Sobre a bacia do rio Paranapanema, essa bacia aparenta ser uma das mais recentes a terem os sítios de sepultamento em paredões rochosos, fruto de expansão dos Jê do Sul orientais rumo ao ocidente do território. Há três abrigos ou grutas com sepultamento conhecidos. A altitude média desses sítios é de 778 m. Sobre as dimensões, os sítios PR WB 16 e Serra do Veado são

considerados grandes, porém a tipologia foi possível de ser definida apenas no caso do PR WB 16: que é uma gruta. Acerca dos artefatos, é interessante notar que o sítio Pontão é o único além do Virador I que apresentou arte rupestre. Todos os três sítios possuem cerâmica Jê do Sul, o que representa a única bacia hidrográfica em que todos os sítios de sepultamento em paredão rochoso contêm fragmentos de cerâmica.

É notável também que os sítios PR WB 16 e Serra do Veado, como citado anteriormente, possuem datações próximas de 1000 A.D. e, em ambos os casos, há sinais de ossos humanos queimados. Pelo PR WB 16 e Serra do Veado serem sítios do período posterior a 1000 A.D. e o sítio Pontão apresentar arte rupestre e cerâmica Jê do Sul, é muito provável que o sítio também seja desse período posterior a 1000 A.D.

Ao considerar a hidrografia, cada sítio está em uma hierarquia fluvial diferente: o Pontão em um rio de primeira ordem (Rio Itararé); o PR WB 16 em um rio de segunda ordem (Rio Laranjinha) e o Serra do Veado em um rio de terceira ordem (Rio Tibagi). É notável que os três sítios estejam muito próximos a rios principais da bacia e que esses rios possuem ligação direta com o Rio Paranapanema. Além disso, é sabido que o Rio Tibagi, num contexto etnohistórico, é um rio de território Kaingang e que inclusive é o rio o qual Tommasino (1995) relata a divisão territorial dos Kaingang através dos grandes e pequenos rios. Creio que os aspectos da territorialidade, no caso dessa bacia, estão impressos em modos de se constituir o cemitério de forma diferente: enquanto o Pontão possui arte rupestre e cerâmica, os sítios PR WB 16 e Serra do Veado possuem pontas de flecha, cerâmica, contas de colar, área de combustão e ossos queimados.

Os cemitérios PR WB 16 e Serra do Veado estão em rios que estão correndo do leste para o oeste (excluí aqui os pontos colaterais). A Serra do Veado possui uma cascata *in situ*, enquanto o PR WB 16 está a aproximadamente 38 m da nascente de um córrego, o que demonstra que na região também há preferência por fendas em paredões rochosos próximos ou relacionados a fontes de água corrente.

O sítio Gruta 3 de Mayo é o único desse tipo na região de Misiones, na Argentina. Também é o único sítio em uma vasta lacuna geográfica, de quase

500 km para o sítio em paredão rochoso com sepultamento mais próximo e aproximadamente 1000 km entre o sítio e a borda oriental do Planalto Meridional (região dos sítios mais antigos). Apesar das distâncias, importantes aspectos das práticas funerárias e concepção de paisagens para escolha de locais para criação de cemitério continuam, como ter cascata *in situ* e estar relacionado com hierarquia fluvial de direção leste-oeste, o que demonstra que, independentemente das distâncias, as práticas funerárias se assemelhando, demonstrando que a identidade coletiva, refletida nas práticas funerárias, estão difundidas em um grande território geográfico.

No aspecto geral da análise de macro-escala, há algumas importantes considerações a serem feitas. Para evitar um problema de nomenclatura e uniformizarmos arqueologicamente a forma que chamamos esses sítios, eu proponho ou a utilização das normas da Sociedade Brasileira de Espeleologia para identificarmos a tipologia correta dos sítios, ou usarmos uma nova nomenclatura. Como pude demonstrar através das cosmologias, os buracos, fendas e paredões rochosos são importantes na ontologia Jê do Sul. Portanto, de maneira de aproximar esse passado arqueológico do presente etnográfico, proponho começarmos a chamarmos esses sítios de “sítios de sepultamento em paredões rochosos”, pois creio que assim, seria uma das maneiras corretas de chamarmos esses sítios e também de dar a individualidade que esse tipo de jazigo arqueológico necessita, pois apesar de existirem grutas e abrigos com sepultamento em quase todo território brasileiro, esses da região do Planalto Meridional possuem um contexto único e próprio, diretamente ligado com as populações Jê do Sul atuais.

Em aspectos gerais, a maioria dos sítios (41%) estão inseridos no que eu chamo de média altitude (entre 500 e 1000 m de altitude), 31% dos sítios não pude estipular o dado altimétrico. E os sítios em baixa e alta altitude, abaixo de 500 m de altitude e acima de 1000 m, respectivamente, estão num número de 14% cada. Sobre as dimensões, a maioria é de sítios pequenos (33%), 25% da amostragem não foi possível definir o tamanho dos jazigos, 22% são representativos de cemitérios médios e 20% representam sítios grandes.

A hidrografia em macro-escala merece importante destaque. Dos 51 sítios estudados, 70% possuem cascatas e 18% pequenos cursos d'água, totalizando 88% de sítios com fontes d'água em contexto na paisagem, sendo a grande maioria e demonstrando que esse fator é importante para a escolha dos locais para utilização como cemitério. A maioria dos sítios (57%) está em menores hierarquias fluviais, sendo arroios ou rios de primeira ordem e 31% dos sítios não pude identificar a hierarquia fluvial pois faltavam coordenadas. Isso demonstra que, a preferência para a implantação desses sítios, é afastado dos grandes rios, mesmo que conectados a esses de alguma forma. A maior parte dos sítios-cemitérios estão relacionados a hierarquias fluviais que correm do leste para o oeste (47%), seguidos de sítios que não pude identificar por causa da falta de coordenadas (31%), porém como a geografia da região do Planalto Meridional é mais alta ao leste e diminui conforme segue ao oeste, rumo à Depressão Central, é muito provável que esses 31% seguiriam aproximadamente a mesma premissa, aumentando a amostragem dos sítios relacionados ao eixo leste-oeste. Ao analisarmos os rios principais (de maior ordem na hierarquia fluvial) relacionados aos sítios, vemos que 58% desses rios correm do leste para o oeste, enquanto 34% são de casos que não pude inferir a direção, demonstrando que o eixo leste-oeste, mesmo quando ausente nas menores hierarquias fluviais as quais os sítios estão inseridos, está presente nos grandes rios que estão conectados aos sítios de alguma forma ou relativamente perto.

Apesar de apenas 25 sítios (48% da amostragem total) terem algum tipo de artefato em contexto com os sepultamentos, algumas importantes analogias etnográficas foram feitas. De uma maneira geral, foi possível de se fazer analogias relacionadas aos restos de trançados, cerâmica, líticos, pontas de flecha, conchas, contas de colar e a arte rupestre.

Como visto nas etnografias Kaingang e Laklãnõ (Lavina, 1994; Silva, 2001; Veiga, 2000), as práticas funerárias relatadas nas etnografias possuem restos de trançados, seja para usar no auxílio do transporte do morto para o cemitério, seja para ajudar a amarrar os pertences do sepultado para enterrá-los consigo, ou até mesmo na forma do encordoamento dos arcos. Sendo assim, o fato de haver poucos restos de trançados no contexto arqueológico é

relacionável ao fato de como são remanescentes orgânicos, são mais suscetíveis a processos tafonômicos que os façam desaparecer do registro arqueológico. Como os sítios são dos ancestrais Jê do Sul, esses restos de trançados provavelmente faziam parte das práticas funerárias, independentemente da motivação funcional.

Outros artefatos que foram remetidos às analogias etnográficas foram os fragmentos de cerâmica, pontas de flecha e contas de colar. Em diversos relatos de sepultamentos Jê do Sul, conforme Lavina (1994), Rosa (2005), Serrano (1939), Teschauer (1927) e Veiga (2000), há informações sobre os pertences do morto serem enterrados consigo, geralmente porque os vivos têm medo da alma do sepultado voltar para buscar o que lhe pertenceu em vida, ou porque enterrar esses pertences com o morto o ajudaria a chegar até o toldo dos defuntos. Em comum nesses relatos, os pertences seriam cuias, panelas, arcos, flechas e colares. Através da analogia etnográfica é crível relacionar as cuias e panelas com os fragmentos de cerâmica encontrados nos sítios, os arcos e flechas no contexto arqueológico são representados pelas pontas de flecha e talvez pelos restos de trançados e, os colares pelas contas de colar, que geralmente, no contexto arqueológico apresentado, são feitos de conchas.

Um dos maiores objetivos desta dissertação foi alcançado, que era o entender esses sítios de maneira etnográfica e principalmente através das cosmologias Jê do Sul. Pude demonstrar aqui, que os estudos arqueológicos sobre os Jê do Sul, com o enfoque ou com a ajuda dos estudos acerca das cosmologias e da ontologia, tende a ser de grande importância. Até então nenhum autor havia conseguido conectar etnograficamente os sítios de sepultamento em paredões rochosos com os atuais povos Jê do Sul, porém com novas metodologias e teorias isso foi possível.

Uma das minhas perguntas a quais levou a concepção desta pesquisa foi justamente o “por que esse fenômeno arqueológico, em uma grande extensão territorial é baseado em se fazer cemitérios em fendas e buracos em paredões rochosos, montanhas e serras, e quase sempre conectados com a água”? De início, tomando como base tanto as cosmologias Kaingang quanto Laklãnõ, vimos que tanto as montanhas (paredões rochosos) quanto a água possuem uma relação muito estreita com o início das duas etnias: Kamé e



Kanhru, os grandes heróis e ancestrais da dualidade pros Kaingang, que saíram de dentro da terra de uma serra e morreram com as águas diluviais; e enquanto para os Laklãnõ, os *klẽdo* teriam saído de dentro da montanha (com *do* sendo traduzido para buraco ou gruta), e os *vãjẽky* teriam saído da água. Então, em uma análise dos sítios através da história mitológica e cosmologia, estes sítios-cemitérios estão relacionados à ancestralidade desses povos Jê do Sul, ao mito fundador deles, e principalmente ao início do ser dessas etnias.

A resposta para o porquê de duas práticas funerárias, as grutas e os abrigos e os montículos funerários, porém do mesmo povo, também está nas cosmologias e ontologia Jê do Sul. A dualidade Kamé-Kanhru, que é relacionada à dualidade fogo-água também é identificada nas práticas funerárias arqueológicas Jê do Sul. Se por um lado os montículos funerários possuem fortemente a questão da cremação (o fogo, por tanto kamé), por outro os cemitérios em abrigos e grutas possuem a água (kanhru) como fator importante na paisagem, como demonstrei na trajetória da minha pesquisa. Sendo assim, além das hipóteses hierárquica (a qual eu menos acredito ser viável no contexto arqueológico) e cronológica (que acho mais pertinente), acrescento aqui a hipótese clânica: talvez os montículos funerários sejam cemitérios de uma divisão clânica, relacionada com o fogo, desses Jê do Sul sendo demonstrados na arqueologia, enquanto os abrigos e as grutas com sepultamento junto a fontes d'água talvez sejam cemitérios de outra metade clânica, relacionada com a água.

Através dos estudos das cosmologias Kaingang, pude perceber que as fendas nos paredões rochosos, chamados de abrigos sob rocha ou grutas, remetem à entrada do mundo dos mortos *nügme-numbê*. Em Veiga (1994) vimos que o *numbê* fica abaixo do solo, no interior de um paredão rochoso, e que faria sentido para a autora ter buracos no cemitério como porta simbólica para o *numbê*. Em Rosa (2005) vimos que tanto as montanhas e serras *krĩn téj* quanto as cachoeiras *krug* seriam fronteiras sociológicas Kaingang, e através do animismo, sabemos que a divisão humanos e não-humanos é apenas uma fronteira social. Conforme os dados apontam, é notável que esses sítios, essas fendas em paredões rochosos sejam justamente essas fronteiras que limitam o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, ou que essas fendas sejam “portais”

para outros níveis do mundo, em especial no meu caso de estudo, o mundo dos mortos, o que explicaria então a necessidade de se enterrar nesse tipo bem específico de lugar.

Acerca da necessidade de se haver cachoeiras ou fontes de água corrente (como em 88% da amostragem), muito próximas ou *in situ*, também há algumas respostas através das cosmologias. A água é o fator e a fronteira que tem a propriedade de estar presente nos três níveis do mundo Kaingang, em especial, a água em forma de cachoeira *krug* e rios *goj*, são fronteiras sociológicas para os Kaingang (Rosa, 2005); sendo assim, como debatido anteriormente, essas fronteiras sociológicas também demarcam fronteiras entre os vivos e os mortos. Em Almeida (2004) vemos que uma das propriedades mais importantes da água é que ela está equacionada com o mundo de baixo, ou seja, com o próprio *nügme-numbê*, o mundo dos mortos. Em especial, há algumas formas de água que são diretamente equacionadas com a morte. Do nível mundo do alto (algo similar ao céu), vêm as águas da morte, as águas diluviais (que mataram Kamé e Kanhru), as águas que nascem do topo da serra e que correm do leste para o oeste (Rosa, 2005). Eu interpreto essas águas que nascem do topo da serra como as próprias cachoeiras, pois numa perspectiva visual, as águas da cachoeira sempre caem de uma serra, montanha ou de um paredão rochoso, de maior elevação. E como vimos na análise hidrográfica, a maioria das hierarquias fluviais que os sítios estão inseridos (47% dos casos) corre realmente do leste para o oeste. Quanto aos rios principais as quais os sítios estão inseridos, 58% deles correm do leste para o oeste. Como dito anteriormente, muito provavelmente essa proporção aumentaria (com exceção do caso da bacia do Itajaí), pois a geografia do Planalto Meridional em geral é mais alta na região oriental do Planalto, e sua altitude diminui em direção ao oeste, e a maioria dos sítios estão posicionados justamente nessa borda oriental do Planalto.

Creio que através desta minha contribuição nesta pesquisa, fica evidente que os estudos arqueológicos, não apenas dos Jê do Sul, mas da arqueologia brasileira no geral, seria muito mais completa e relacional se começássemos a nos ater e reconhecer a importância das cosmologias e ontologia daqueles na qual o passado arqueológico que estudamos pertence.

De certa forma, consegui aqui demonstrar o que Neves (2015) diz ao declarar que a história indígena não está apenas nos objetos e artefatos, mas também nas paisagens e nos mitos, é verdade e deve ser reconhecido por nós arqueólogos e arqueólogas. E para completar, gostaria de responder a Beber (2004, p. 238): sim, o contexto da água nesses sítios remete a questões míticas! E aqui nesse trabalho busquei demonstrar que podemos sim ter um entendimento acerca dessas questões na arqueologia Jê do Sul, mas para isso, precisamos reconhecer que a ontologia e cosmologias ameríndias são de extrema importância. Ainda há muito que possamos aprender com a arqueologia Jê do Sul, para isso, acredito que novos estudos espaciais e de revisão bibliográfica devem ser feitos, não só com o foco nos abrigos e nas grutas com sepultamento, mas também focando no sistema de assentamento Jê do Sul como um todo. Assim, creio ser o modo de aprimorarmos esses dados com novas teorias e metodologias e, principalmente, devemos trabalhar junto dessas etnias vivas, de maneira relacional, para que nosso trabalho arqueológico seja feito de maneira mais correta e politicamente orientado.

Para finalizar, nunca haverá nenhuma “paleofantasia” na arqueologia, pois devemos respeitar as cosmologias e ontologia ameríndia, das pessoas que são descendentes diretas do contexto arqueológico que estudamos. Pois, repetindo Carli Caxias Popó, autor Laklãnõ, e Vanessa Watts-Powless, autora Mohawk e Anishnaabe: o que é conhecido como “mito” indígena não é apenas mito, são histórias reais, que aconteceram. São fatos.

**Sem mais para o momento, despeço-me.**

## Referências bibliográficas

ALBERTI, Benjamin *et al.* “Worlds otherwise” archaeology, anthropology, and ontological difference. **Current anthropology**, v. 52, n. 6, p. 896-912, 2011.

ALBERTI, Benjamin. Archaeologies of ontology. **Annual review of anthropology**, v. 45, p. 163-179, 2016.

ALMEIDA, Ledson Kurtz de. **Análise antropológica das Igrejas cristãs entre os Kaingang baseada na etnografia, na cosmologia e dualismo**. 2004. 278f. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2004.

ALMEIDA, Luciana Cristina de. **Ocupação pré-colonial no planalto catarinense: os sítios arqueológicos do município de Urubici (SC) sob a perspectiva da geoarqueologia**. 2014. 410f. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2014.

AMBROSETTI, Juan Bautista. **Los indios Kaingangues de San Pedro, Misiones, República Argentina**. Buenos Aires: Libreros y Editores de Poligono, 1895.

ANA. Agência Nacional de Águas. **Dados abertos**. 2019. Disponível em: <http://dadosabertos.ana.gov.br/search>. Acesso em: 07 dez. 2019.

ARAUJO, Astolfo Gomes. A Tradição cerâmica Itararé-Taquara. **Revista de Arqueologia**, v. 20, n. 1, p. 9-38, 2007.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia, Ontologia, Epistemologia: quando a teoria encontra a matéria**. 2017. 326f. Tese para a obtenção de título de livre-docente. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo. 2017

BARTH, Fredrik; POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade. **Seguido do artigo “Os grupos étnicos e suas fronteiras**, p. 185-227, 1998. São Paulo: UNESP, 1998.

BEBER, Marcus Vinícius. **O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé**. 2004. 289f. Tese (Doutorado em História). Instituto Anchietano de Pesquisas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. 2004.

BECKER, Ítala Irene Basile. O índio Kaingáng no Rio Grande do RS. Pesquisas. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas. **Antropologia**, n. 29, 1976.

\_\_\_\_\_. Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas. **Revista de Arqueologia**, v. 8, n. 1, p. 61-74, 1994.

BLEYER, Jorge Clarke. Contribuição para o estudo do troglodyta das cavernas do planalto do Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Florianópolis, publicação incompleta**, v. 1919, p. 471-478, 1918.

\_\_\_\_\_. Investigações sobre o homem pré-histórico, habitante de grutas e abrigos sob as rochas. Sobre o canibalismo aborígine pré-histórico habitante de grutas e abrigos sob rocha'. In: **Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas**. 1928. p. 16-23. Rio de Janeiro. 1928.

BONOMO, Mariano *et al.* A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. **Quaternary International**, v. 356, p. 54-73, 2015.

BORBA, Telemaco. **Actualidade indigena: Paraná--Brazil**. Curitiba: Typ. Impressora Paranaense, 1908.

BRENTANO, Cláudia; Schmitz, Pedro Ignacio. Marcas de corte e patologias em esqueletos de jazigo funerário da Tradição taquara na encosta do planalto. *Pesquisas. Antropologia*, n. 63, p. 289-304, 2006.

\_\_\_\_\_. Remanescentes ósseos humanos da Gruta do Matemático (RS-A-08). **Pesquisas, Antropologia**, IAP-UNISINOS, v. 68, p. 121-131, 2010.

BROCHADO, José Proença. *Pesquisas Arqueológicas no Vale do Ijuí. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Segundo Ano 1966-1967*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 10, p. 33-54, 1969a.

\_\_\_\_\_. *Pesquisas Arqueológicas nos Vales do Ijuí e Jacuí. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Terceiro Ano 1967-1968*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, publicações avulsas. N. 13, p. 31-62, 1969b.

\_\_\_\_\_. *Pesquisas Arqueológicas nos Vales do Jacuí e Ibicuí-Mirim. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quarto Ano 1968-1969*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações avulsas n. 15, p. 11-36, 1971.

BROWN, Linda A.; EMERY, Kitty F. Negotiations with the animate forest: hunting shrines in the Guatemalan Highlands. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 15, n. 4, p. 300, 2008.

BURT, Nicole M. *et al.* **Identification and interpretation of joint disease in paleopathology and forensic anthropology**. Springfield: Charles C Thomas Publisher, 2013.

CARBONERA, Mirian. **A ocupação pré-colonial do alto Rio Uruguai, SC: contatos culturais na Volta do Uvã**. 2014. 322f. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014.

CHIODI, Vitor França Netto. A relação entre o mundo e os narradores do mundo: a cosmologia fractal como alternativa conceitual ao antropocentrismo. **Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**, v. 3, n. 3, 2017.

CHMYZ, Igor. Prospecções arqueológicas no Vale do Rio das Antas, Rio Grande do Sul (Brasil). **Acta Praehistorica V/VII (1961/1963)**, p. 35-52, 1965.

\_\_\_\_\_. Dados parciais sobre a arqueologia do Vale do Rio Paranapanema. **Publicações Avulsas**, v. 6, p. 59-78, 1967.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no Estado do Paraná. **Pesquisas, Antropologia, São Leopoldo**, v. 18, p. 115-125, 1968.

CHMYZ, Igor; SGANZERLA, Eliane Maria; VOLCOV, Jonas Elias. **Arqueologia da área prioritária projeto hidroelétrico Tijuco Alto, Rio Ribeira-São Paulo-Paraná**. Curitiba: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal do Paraná, 1999.

CHMYZ, Igor *et al.* A arqueologia da área da LT 750kV Ivaiporã-Itaberã III, Paraná-São Paulo. **Arqueologia**, v. 20, n. 1, p. 1-305, 2008.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Geomorfologia**. São Paulo: Editora Blucher, 1980.

COPÉ, Silvia Moehlecke. **Les Grands Constructeurs Precoloniaux du Plateau du Sud Brésil: Étude de Paysages Archeologiques à Bom Jesus, RS-Brésil**. 2006. 395f Tese de Doutorado. Tese de Doutorado. Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales. Universidade de Paris I, Panthéon-Sorbonne. 2006.

\_\_\_\_\_. A gênese das paisagens culturais do planalto sul brasileiro. **estudos avançados**, v. 29, n. 83, p. 149-171, 2015.

CORTELETTI, Rafael. **Patrimônio arqueológico de Caxias do Sul**. Porto Alegre: Nova Prova Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. **Projeto arqueológico Alto Canoas-Paraca: um estudo da presença Jê no planalto Catarinense**. 2012. 342f. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

CORTELETTI, Rafael; IRIARTE, José. Recent Advances in the Archaeology of the Southern Proto-Jê People. **Encyclopedia of Global Archaeology**, 2018, c. 1-11.

COSTA, Terezinha de Jesus Thibes Bleyer. Caminhos percorridos pelo dr. Jorge Clarke Bleyer nos campos da medicina tropical e da pré-história brasileira. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 10, n. 1, p. 272-285, 2003.

CPRM – SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. **Mapa Geológico do Estado do Rio Grande do Sul**. 2020. Disponível em: [http://www.cprm.gov.br/publique/media/geologia\\_basica/cartografia\\_regional/mapa\\_rio\\_grande\\_sul.pdf](http://www.cprm.gov.br/publique/media/geologia_basica/cartografia_regional/mapa_rio_grande_sul.pdf). Acesso em: 03 fev. 2020.

DE LIMA, Luiz Phellipe. **Análise osteobiográfica preliminar dos remanescentes ósseos humanos do abrigo-sob-rocha do Lavatudo, Urubici, Santa Catarina**. 2017. 71f Monografia (Bacharelado em Arqueologia). Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.

DE MASI, Marco Aurélio Nadal. Pescadores coletores da costa sul do Brasil. **Pesquisas. Antropologia**, n. 57, p. 3-136, 2001.

\_\_\_\_\_. Aplicações de isótopos estáveis de O, C e N em estudos de sazonalidade, mobilidade e dieta de populações pré-históricas no sul do Brasil. **Revista de Arqueologia**, v. 22, n. 2, p. 55-76, 2009.

DE OLIVEIRA, Jorge Eremites. Cultura material e identidade étnica na arqueologia brasileira: um estudo por ocasião da discussão sobre a tradicionalidade da ocupação Kaiowá da terra indígena Sucuriy. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, p. 95-113, 2007.

DE SOUZA, Jonas Gregorio; MERENCIO, Fabiana Terhaag. A diversidade dos sítios arqueológicos Jê do Sul no Estado do Paraná. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, v. 10, n. 20, 2013.

DE SOUZA, Jonas Gregorio *et al.* The genesis of monuments: Resisting outsiders in the contested landscapes of southern Brazil. **Journal of Anthropological Archaeology**, v. 41, p. 196-212, 2016.

DE SOUZA, Jonas Gregorio. **Pathways to power in the Southern Brazil highlands** – 2017. 404f – Tese (Doutorado em Filosofia na Arqueologia) – University of Exeter, Exeter, 2017.

DIAS, Adriana Schmidt. **Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do rio dos Sinos**. 2003. 401f. Tese (Doutorado em Arqueologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.

DIAS, Adriana Schmidt; NEUBAUER, Fernanda. Um estudo contextual da organização tecnológica do sítio RS-C-61: Adelar Pilger (Rio Grande do Sul, Brasil). **Cazadores Recolectores del Cono Sur: Rev Arqueología**, v. 4, p. 187-206, 2010.

FERNANDES, Ricardo Cid; GÓES, Paulo Roberto Homem de. Kaingang ethnic territories. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 15, n. 2, 2018.

FOGOLARI, Everson Paulo. **Levantamento Arqueológico Sistemático Prospectivo e Salvamento Arqueológico na Usina Hidrelétrica Mauá**. Relatório Final de Pesquisa. Erechim, RS: 2013.

FRIGO, Fernando José Gallo. Variabilidade litológica e formas de abrigos sob rocha-uma discussão geoespeleológica. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA**. 2017. p. 465-475.

GAKRAN, Namblá. **Elementos fundamentais da gramática Laklãnõ**. 2015. 283 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

GIUSTO, Marina Nogueira Di. **Os sambaqueiros e os outros: estresse e estilos de vida na perspectiva da longa duração-o caso do Litoral Sul de Santa Catarina**. 2017. 224f. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2017.

GOSDEN, Chris. What do objects want?. **Journal of archaeological method and theory**, v. 12, n. 3, p. 193-211, 2005.

GOVERNO FEDERAL. **Portal Brasileiro de Dados Abertos**. 2019. Disponível em: <http://dados.gov.br/dataset>. Acesso em: 13 dez. 2019.

HENRY, Jules. **Jungle people: A Kaingáng tribe of the highlands of Brazil**. New York: Vintage Books, 1964.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

IRIARTE, José; MAROZZI, Óscar; GILLAM, J. Christopher. Monumentos funerarios y festejos rituales: complejos de recintos y tumulos Taquara/Itarare en EIDorado, Misiones (Argentina). **Revista de Arqueología Iberoamericana**, v. 6, p. 25-38, 2010.

IZIDRO, Juliane Maria; HAUBERT, Fernanda. **Análise de Remanescentes ósseos de Abrigos Sob-rocha do Rio Grande do Sul, 2003**. Trabalho apresentado na XIIª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, set. 2003.

JOLKESKY, Marcelo Pinho De Valhery. **Reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê Meridional**. 2010. 349f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2010.

KREVER, Maria Luisa B.; HAUBERT, Fabiana. Estudo dos remanescentes humanos do Planalto Sul-rio-grandense: Projeto Vacaria. **Anais da XI Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, 2001.

LAKATOS, Maria Eva; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo. **Revista e Ampliada**. Atlas, 1992.

LAROQUE, Luís Fernando da Silva. Fronteiras geográficas, étnicas e culturais envolvendo os Kaingang e suas lideranças no sul do Brasil—(1889-1930). Instituto Anchieta de Pesquisas. **Pesquisa-Antropologia, São Leopoldo: Unisinos**, n. 64, 2007.



LAVINA, Rodrigo. **Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos**. 1994. 176f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto Anchietano de Pesquisas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. 1994.

LOPONTE, Daniel *et al.* Horticulturists and oxygen ecozones in the tropical and subtropical forests of Southeast South America. **Environmental Archaeology**, v. 22, n. 3, p. 247-267, 2016.

MABILDE, Alfonso. O índio Kaingáng no Século XIX. Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. **Documentos**, v. 2, p. 141-172, 1988.

MACHADO, Juliana Salles. Caminhos e Paradas. Perspectivas sobre o território Laklãnõ (Xokleng). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 27, p. 179-196, 2016.

\_\_\_\_\_. Arqueologias Indígenas, os Laklãnõ Xokleng e os objetos do pensar. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 1, p. 89-119, 2017.

MILLER, Eurico Theófilo. Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul. **Publicações avulsas**, v. 6, p. 15-38, 1967.

\_\_\_\_\_. Pesquisas arqueológicas efetuadas no planalto meridional, Rio Grande do Sul. **MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. PUBLICAÇÕES. AVULSAS**, n. 15, p. 37-70, 1971.

\_\_\_\_\_. Pesquisas arqueológicas em abrigos-sob-rocha no Nordeste do Rio Grande do Sul. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: Resultados Preliminares do Quinto Ano (1969-1970)**, v. 26, p. 11-24, 1974.

MMA. Ministério do Meio Ambiente. **Caderno da Região Hidrográfica do Uruguai**. 2020. Disponível em: [https://www.mma.gov.br/estruturas/161/publicacao/161\\_publicacao03032011023025.pdf](https://www.mma.gov.br/estruturas/161/publicacao/161_publicacao03032011023025.pdf). Acesso em: 20 jan. 2020.

MOTA, Lúcio Tadeu. A denominação Kaingang na literatura antropológica, histórica e lingüística. **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: Ed. UEL, p. 3-16, 2004.

NEVES, Eduardo Góes. Existe algo que se possa chamar de "arqueologia brasileira"? **Estudos avançados**, v. 29, n. 83, p. 07-17, 2015.

NILSSON-STUTZ, Liv. The way we bury our dead: reflections on mortuary ritual, community and identity at the time of the Mesolithic-Neolithic transition. **Documenta praehistorica**, v. 37, p. 33-42, 2010.

NIMUENDAJU, Curt. Os mitos. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Org. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Rio de Janeiro: IPHAN, n. 21, 1986.

\_\_\_\_\_. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guaraní.** Editora Hucitec, 1987.

NIMUENDAJÚ, Curt; GONÇALVEZ, Marco Antonio. **Etnografia e indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará.** Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

NOELLI, Francisco Silva. Os Jê do Brasil meridional e a antiguidade da agricultura: Elementos da linguística, arqueologia e etnografia. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 22, n. 1, p. 13-26, 1996.

\_\_\_\_\_. Repensando os rótulos e a história dos Jê no sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 3, p. 285-302, 1999.

\_\_\_\_\_. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas-1872-2000. **Revista USP**, n. 44, p. 218-269, 1999-2000.

NOELLI, Francisco Silva; SOUZA, Jonas Gregorio de. Novas perspectivas para a cartografia arqueológica Jê no Brasil meridional. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 1, p. 57-84, 2017.

PARELLADA, Cláudia Inês. **Estudo arqueológico no alto do vale do rio Ribeira: área do gasoduto Brasil-Bolívia, trecho X, Paraná. 2005.** 271 f. 2005. (Doutorado em Arqueologia)- Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.

\_\_\_\_\_. Arte rupestre no Paraná. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v4, n.1 p.1-25, jan/jun. 2009.

PEARSON, Michael Parker. **The archaeology of death and burial.** Phoenix Mill, UK: Sutton, 1999.

PEREIRA, Mauri Cesar Barbosa; SCROCCARO, José Luiz. Bacias hidrográficas do Paraná. **Série histórica. Curitiba: SEMA**, 2010.

PESSANHA, Thaíla Santos. **Uma investigação paleoepidemiológica sobre a cárie dentária em perspectiva epidemiológica e microbiológica.** 2015. 110f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2015.

PIAZZA, Walter Fernando. **Memória arqueológica sobre o Vale do Itajaí (Santa Catarina–Brasil).** Mimeo. Acervo do MARQUE/UFSC, 1966a.

\_\_\_\_\_. **As Grutas de São Joaquim e Urubici.** Florianópolis: Imprensa Universitária UFSC, 1966b.

\_\_\_\_\_. Nota preliminar sobre o programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas no Estado de Santa Catarina. **Programa Nacional de**

**Pesquisas Arqueológicas [1965-1966]**. Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém/PA 1967.

\_\_\_\_\_. A área arqueológica dos “Campos de Lages”. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas** Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém/PA 1969.

POPÓ, Carli Caxias. **Cosmologia na visão Xokleng**. 2015. 36f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

PRIPRÁ, Zilda. **A organização social e política Laktlãnõ/Xokleng**. 2015. 39f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

REIS, Lucas Bond. **Para uma história jê meridional na longa duração: o contexto em Alfredo Wagner (SC) e a sua inserção regional**. 2015. 328f. Dissertação (Mestrado em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2015.

RENFREW, Collin; BAHN, Paul. Archaeology: **Theories, Methods and Practice**. Revised & Updated. London: Thames & Hudson. 2016.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. Os Abrigos-sob-rocha do Virador, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista do CEPA**, v. 2, n. 2, 1975.

RIGEO. Repositório Institucional de Geociências – CPRM. **Mapa Geológico do Estado de Santa Catarina**. 2020. Disponível em: <http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/17996?show=full>. Acesso em: 05 fev. 2020.

RIZZO, Antonia. Hallazgos arqueologicos efectuados en un yacimiento en gruta en Tres de Mayo, Provincia de Misiones, Republica Argentina. **Pesquisas, Antropologia**, p. 11-19, 1968.

RIZZO, Antonia *et al.* Ocupación humana holocénica en el noreste de la Mesopotamia: la gruta tres de mayo (Garuhapé, Misiones, Argentina). **Folia Histórica del Nordeste**, n. 16, p. 131-137, 2006.

ROHR, João Alfredo. Os sítios arqueológicos do planalto catarinense, Brasil. **Pesquisas. Série Antropologia São Leopoldo**, n. 24, p. 1-56, 1971.

\_\_\_\_\_. Pesquisas Arqueológicas no município catarinense de Urussanga. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**, p. 11-14, 1982.

\_\_\_\_\_. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia**, v. 16, n. 17, p. 77-168, 1984.

ROGGE, Jairo Henrique. **Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul**. 2004. 241f. Tese (Doutorado em História). Instituto

Anchietano de Pesquisas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. 2004.

ROGGE, Jairo Henrique; SCHMITZ, Pedro Ignácio. Pesquisas Arqueológicas em São Marcos, RS. **Pesquisas, Antropologia**, v. 67, p. 23-132, 2009.

ROSA, Rogério. **A temporalidade Kaingang na espiritualidade do combate**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

\_\_\_\_\_. **"Os kujà são diferentes": um estudo etnológico do complexo xamânico dos Kaingang da terra indígena Votouro**. 2005. 416f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. O Kujà Jorge Kagñag Garcia: O XAMANISMO, A SUA VIDA E O ESTADO DE ESPÍRITO KAINGANG. **Espaço Ameríndio**, v. 11, n. 2, p. 365, 2017.

SALDANHA, João Darcy Moura. A cerâmica arqueológica de um abrigo funerário relacionado à Tradição Taquara: o sítio RS-A-08, Bom Jesus, RS. In: **Cadernos de Resumos do XI Congresso da SAB, Rio de Janeiro**. 2001.

\_\_\_\_\_. Paisagens e sepultamentos nas terras altas do Sul do Brasil. **Revista de Arqueologia**, v. 21, n. 1, 2008.

SANTOS, Glaci Inez Trevisan. **Caracterização geotécnica de riodacito de Santa Catarina**. 1990. 156f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil). Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1990.

SCHERER, Luciane Zanenga; LESSA, Andrea; SALLES, Adilson Dias. Alterações entésicas e mobilidade terrestre em grupos pré-coloniais litorâneos do sul do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 25, p. 21-44, 2015.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Algumas datas de carbono 14 de casas subterrâneas no planalto do Rio Grande do Sul. **Pesquisas, antropologia**, v. 20, p. 163-7, 1969.

\_\_\_\_\_. João Alfredo Rohr: Um jesuíta em tempos de transição. **Pesquisas, Antropologia**, v. 67, p. 9-22, 2009.

\_\_\_\_\_. A Arqueologia do Jê Meridional Uma longa aventura intelectual. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 29, n. 45, p. 7-32, 2016.

SCHMITZ, Pedro Ignácio *et al.* **Pesquisas sobre a Tradição Taquara no nordeste do Rio Grande do Sul**. Documentos, v. 2, p. 5-74, 1988.

\_\_\_\_\_. O projeto Vacaria: casas subterrâneas no planalto rio-grandense. **Pesquisas. Antropologia**, n. 58, p. 11-105, 2002.

\_\_\_\_\_. *et al.* Os índios engenheiros e suas estranhas casas enterradas. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (org.). **Casas Subterrâneas: Anais do I Colóquio Sobre Sítios Construídos**. Santa Maria. Pallotti, 2005.

SEGEMAR. Serviço Geológico Minero Argentino. **Mapa Geológico de la Provincia de Misiones**. 2020. Disponível em: <https://repositorio.segemar.gov.ar/handle/308849217/1510;jsessionid=4389946F7B50150CF76CA178F7213CDA>. Acesso: 05 fev. 2020.

SEMA. Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura. **Bacia Hidrográfica do Rio Taquari-Antas**. 2020. Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/g040-bacia-hidrografica-do-rio-taquari-antas>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SEMA. Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura. **Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos**. 2020. Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/g020-bacia-hidrografica-do-rio-dos-sinos>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SEMA. Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura. **Bacia Hidrográfica do Rio Caí**. 2020. Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/g030-bacia-hidrografica-do-rio-cai>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SERRANO, Antonio. Los Kaingangs de Rio Grande do Sul a mediados del siglo XIX. **Revista del Instituto de Antropología de la Universidad Nacional de Tucumán (Tucumán)**, v. 2, p. 13-35, 1939.

SIGEP – Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos. **Glossário Geológico Ilustrado: litologia**. 2020. Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/glossario/verbete/litologia.htm>. Acesso em: 3 fev. 2020.

SILLIMAN, Stephen. Writing new archaeological narratives: Indigenous North America. **Handbook of postcolonial archaeology**, v. 3, p. 145, 2010.

SILVA, Bruno Labrador Rodrigues da. **Sistema de assentamento proto-Jê meridional no alto Rio Canoas**. 2018. 201f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2018.

SILVA, Sergio Baptista da. **Etnoarqueologia dos Grafismos 'Kaingang': um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais**. 2001. 367f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001

\_\_\_\_\_. Dualismo e cosmologia Kaingang: o xamã e o domínio da floresta. **Horizontes Antropológicos**, v. 8, n. 18, p. 189-209, 2002.

SOUZA, Sheila Mendonça de; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. 'Ossos no chão': para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 8, n. 3, p. 551-566, 2013.

SPINDLER, C. Sepultamentos Humanos no sítio Caipora (RS-S-328). **Comunicação apresentada no IV Encontro do Núcleo Regional Sul da SAB. Criciúma, 2004.**

SPITZ, Alessandra. **Vida após a morte: um estudo sobre os enterramentos pré-históricos no Estado do Paraná para a identificação, gestão e valorização do patrimônio arqueológico.** 2016. 168f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural). IPHAN-RJ, Rio de Janeiro. 2016

TAUBE, Karl. Ancient and Contemporary Maya Conceptions. **The lowland Maya area: three millennia at the human-wildland interface**, p. 461, 2003.

TESCHAUER, Carlos. Data: 1927 Título: Os Caingang ou Coroados no Rio Grande do Sul Detalhes. **Boletim do Museu Nacional**, v. 3, n. 3, p. 37-56, 1927.

TOMMASINO, Kimiye. **A história dos Kaingáng da bacia do Tibagi: uma sociedade Jê meridional em movimento.** 1995. 351f. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1995.

TRIGGER, Bruce G. **A history of archaeological thought.** Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

ULGUIM, Priscilla. O Fogo e a Morte: a cremação como prática funerária ritual. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 14, n. 1, p. 107-130, 2016.

URBAN, Greg. **A model of Shokleng social reality.** 1978. 404f. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculty of the Division of the Social Sciences, University of Chicago, Department of Anthropology. 1978.

VANPOOL, Christine S.; NEWSOME, Elizabeth. The spirit in the material: a case study of animism in the American Southwest. **American Antiquity**, p. 243-262, 2012.

VIEIRA, Edna Elza *et al.* Simbolismo e reelaboração na cultura material dos Xokleng. 2004.

VILLAR, Diego. Uma abordagem crítica do conceito de “etnicidade” na obra de Fredrik Barth. **Mana**, v. 10, n. 1, p. 165-192, 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

\_\_\_\_\_. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. **São Paulo: Cosac & Naify**, v. 11, 2002.

\_\_\_\_\_. A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. **Cadernos de Campo (São Paulo 1991)**, v. 15, n. 14-15, p. 319-338, 2006.

VEIGA, Juracilda. **Organização Social e Cosmovisão Kaingang: uma introdução ao casamento, parentesco e nomeação em uma sociedade Jê meridional**. 1994. 282f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1994

\_\_\_\_\_. **Cosmologia e práticas rituais Kaingang**. 2000. 367. Tese (Doutorado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000.

\_\_\_\_\_. **Aspectos fundamentais da cultura Kaingang**. Editora Curt Nimuendajú, 2006.

WATTS-POWLESS, Vanessa. LUGAR-PENSAMENTO INDÍGENA E AGÊNCIA DE HUMANOS E NÃO-HUMANOS (A PRIMEIRA MULHER E A MULHER CÉU EMBARCAM NUMA TURNÊ PELO MUNDO EUROPEU!). *Espaço Ameríndio*, v. 11, n. 1, p. 250, 2017.

WAGNER, Altair. **Alfredo Wagner: terra, água e índios**. Florianópolis: Fundação Alfredo Wagner, 2002.

WERLANG, Olívia T. Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul. 1981. 132 f. **Monografia (Bacharelado em História)-Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo**, 1981.

WIESEMANN, Ursula. Os dialetos da língua Kaingáng e o Xoklém. **Arquivos de anatomia e Antropologia**, v. 3, p. 199-217, 1978.

WOOD, James W. *et al.* The osteological paradox: problems of inferring prehistoric health from skeletal samples [and comments and reply]. **Current anthropology**, v. 33, n. 4, p. 343-370, 1992.